



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA

ANA PAULA SILVA SANTOS

O LIVRO I DO *PRIMEIRO MITÓGRAFO DO VATICANO*:
ESTUDO INTRODUTÓRIO, TRADUÇÃO E NOTAS.

Salvador – Bahia
2020

ANA PAULA SILVA SANTOS

O LIVRO I DO *PRIMEIRO MITÓGRAFO DO VATICANO*:
ESTUDO INTRODUTÓRIO, TRADUÇÃO E NOTAS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Literatura e Cultura do Instituto de Letras da
Universidade Federal da Bahia para a obtenção do título
de Mestre em Literatura e Cultura.

Orientador:
Prof. Dr. José Amarante Santos Sobrinho

Coorientadora:
Prof.^a. Dr.^a. Tereza Pereira do Carmo

Salvador – Bahia
2020

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Silva Santos, Ana Paula

O Livro I do Primeiro Mitógrafo do Vaticano: estudo
introdutório, tradução e notas / Ana Paula Silva
Santos. -- Salvador, 2020.

163 f.

Orientador: José Amarante Santos Sobrinho.

Coorientador: Tereza Pereira do Carmo.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-graduação em
Literatura e Cultura) -- Universidade Federal da
Bahia, Instituto de Letras, 2020.

1. Mitografia clássica. 2. Mitógrafos do Vaticano.
3. Primeiro Mitógrafo do Vaticano. 4. Tradução. I.
Santos Sobrinho, José Amarante. II. Pereira do Carmo,
Tereza. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Em sessão pública realizada em 15 de Julho de 2020, às 9h, de forma remota, por meio de uma sala virtual na Plataforma Jitsi, através dos encaminhamentos do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, foi examinada a presente dissertação, de autoria de ANA PAULA SILVA SANTOS, que teve como banca examinadora os seguintes membros:

1. Prof^ª. Dr^ª. Luciene Lages Silva (UFS)
Examinador externo ao Programa
2. Prof^ª. Dr^ª. Carla Dameane Pereira de Souza (UFBA)
Examinador interno ao Programa
3. Prof^ª. Dr^ª. Tereza Pereira do Carmo (UFBA)
Primeiro suplente do examinador externo ao Programa
4. Prof. Dr. Renato Ambrósio (UFBA)
Segunda suplente do examinador externo ao Programa
5. Prof^ª. Dr^ª. Rosinês de Jesus Duarte (UFBA)
Primeira suplente do examinador interno ao Programa
6. Prof^ª. Dr^ª. Eliza Mitiyo Morinaka (UFBA)
Segunda suplente do examinador interno ao Programa
7. Prof. Dr. José Amarante Santos Sobrinho (UFBA)
Orientador
8. Prof^ª. Dr^ª. Tereza Pereira do Carmo (UFBA)
Coorientadora

Parecer final:

A mestrand Ana Paula Silva Santos defendeu a dissertação intitulada “O Livro I do Primeiro Mitógrafo do Vaticano: estudo introdutório, tradução e notas”, tendo a banca considerado o trabalho uma contribuição significativa para a área de estudos clássicos no Brasil, destacando-a com o ineditismo da proposta de tradução à língua portuguesa, com anotações, bem como a segurança apresentada durante a defesa e sua abertura à retomada de pontos de seu texto para a versão final.

AGRADECIMENTOS

Neste momento, eu só quero imensamente agradecer a todos:

A Deus por tudo.

À minha mãe, Valdete Moraes, por seu amor incondicional, dedicação e zelo.

Ao meu pai, Alípio Alves, *in memoriam*, que sempre foi uma fonte de inspiração e alegria.

Ao meu querido esposo Wilson Porto, por todo seu amor, paciência e dedicação.

A todos os meus familiares, irmãs (Vanda, Diana, Vanuza, Valdirene), irmãos (Ivan e Valdir), sobrinhos e sobrinhas, pelo apoio incondicional.

Ao meu querido orientador José Amarante, por toda força, gentileza, generosidade, dedicação, paciência e por ter sempre me guiado ao longo dessa jornada.

À minha coorientadora, Tereza Pereira do Carmo, por toda força, dedicação, amizade e por compartilhar seus conhecimentos comigo durante as orientações.

Ao professor Renato Ambrósio, por estar sempre à disposição em sanar nossas dúvidas.

Aos colegas do Núcleo de Antiguidade, Literatura e Performance (NALPE), em especial aos colegas Raul Oliveira e Shirlei Almeida, pela amizade e apoio nos momentos mais difíceis.

Aos meus amigos, em especial a Hilda França, Maurício da Assunção e Sebastião Júnior pela amizade sincera e por me darem forças nessa jornada.

Aos professores da banca examinadora, por dedicarem seu tempo e conhecimento para analisar e contribuir com essa dissertação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa de pesquisa que permitiu a realização deste trabalho, e ao Programa de Pós Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult).

Aos funcionários do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA), em especial a Ricardo, Thiago e Maíra, pela assistência dedicada no apoio às nossas necessidades.

RESUMO:

Como forma de contribuição para o estudo e tradução de obras literárias da Antiguidade tardia e da Idade Média que estão em desenvolvimento na Universidade Federal da Bahia, no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, o presente trabalho consiste em apresentar a primeira proposta de tradução para o português da obra conhecida como *Primeiro Mitógrafo do Vaticano*, Livro I, cujo autor é anônimo. A obra, parte do grupo conhecido como *Mythographi Vaticani*, é uma compilação de mitos clássicos que, durante a Idade Média, foram reinterpretados à luz da filosofia moral cristã. A tradução é acompanhada de notas e de um estudo introdutório em que se aborda sobre o gênero mitográfico e a sobrevivência dos mitos antigos por meio de interpretações (evemerista, física, psicológica e moral), e em que se discute também a tradição manuscrita, a impressa, e as principais fontes utilizadas pelo mitógrafo.

Palavras-chave: Mitógrafos do Vaticano; Primeiro Mitógrafo; Tradução.

ABSTRACT:

In order to contribute to the study and translation of literary works from late Antiquity and the Middle Ages that are under development at the Federal University of Bahia, in the Postgraduate Program in Literature and Culture, the present dissertation consists of presenting the first proposal of translation into Portuguese of the work known as the First Vatican Mythographer, Book I, whose author is anonymous. The work, which is part of the group known as *Mythographi Vaticani*, is a compilation of classic myths that, during the Middle Ages, were reinterpreted in the light of Christian moral philosophy. The translation is accompanied by notes and an introductory study in which is approached the mythographic genre and the survival of ancient myths through interpretations (evemerist, physical, psychological and moral), and which also is discussed the handwritten tradition, the printed tradition, and the main sources used by the mythographer.

Keywords: Vatican mythographers; First Mythographer; Translation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O GÊNERO MITOGRÁFICO E SUAS INTERPRETAÇÕES	15
1.1 Mitologia	15
1.2 Mitografia	20
1.3 Formas de interpretação dos mitos clássicos	28
2. OS MITÓGRAFOS DO VATICANO	39
2.1 <i>Primeiro Mitógrafo do Vaticano</i>	41
2.1.1 As fontes do Primeiro Mitógrafo	42
2.1.2 Tradição manuscrita	44
2.1.3 Tradição impressa	45
2.1.4 Técnicas compositivas do Primeiro Mitógrafo	46
3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA TRADUÇÃO	50
3.1 Tradução propriamente dita	54
<i>MYTHOGRAPHVS VATICANVS</i>	<i>PRIMEIRO MITÓGRAFO DO</i>
<i>PRIMVS – LIBER I</i>	55 <i>VATICANO – LIVRO I</i>
1. <i>Fabula Promethei</i>	56 1. Fábula de Prometeu
2. <i>Fabula Neptuni et Mineruae</i>	57 2. Fábula de Netuno e Minerva
3. <i>Fabula Scyllae</i>	58 3. Fábula de Cila
4. <i>Fabula Terei et Progne<s></i>	59 4. Fábula de Tereu e Procne
5. <i>Fabula Cyclopis et Aci<dis></i>	61 5. Fábula de Ciclope e Ácis
6. <i>Fabula Siluani et Cyparissi</i>	60 6. Fábula de Silvano e Ciparisso
7. <i>Fabula Cereris et</i>	7. Fábula de Ceres
<i>Proserpinae</i>	61 e de Prosépina
8. <i>Fabula Celei et Triptol<emi></i>	62 8. Fábula de Céleo e Triptólemo
9. <i>Fabula Cey<cis> et Alcyone<s></i>	63 9. Fábula de Ceíce e Alcíone
10. <i>Fabula Cereris et Lyciorum</i>	64 10. Fábula de Ceres e dos Lícios
11. <i>Fabula Titanum gigantum</i>	64 11. Fábula dos gigantes Titãs
12. <i><Fabula Tantal></i>	66 12. Fábula de Tântalo

13. <i>Fabula Tityi</i>	67	13. Fábula de Tício	67
14. <i>Fabula Ixionis</i>	67	14. Fábula de Ixíon	68
15. <i>Fabula Circe(s) et Vlixis</i>	68	15. Fábula de Circe e Ulisses	68
16. <i>Fabula Tiresiae</i>	69	16. Fábula de Tirésias	69
17. <i>Fabula Lycaonis</i>	70	17. Fábula de Licáon	70
18. <i>Fabula Io(nis) et Argi</i>	71	18. Fábula de Io e Argo	71
19. <i>Fabula Icari et Erigonis</i>	72	19. Fábula de Ícario e Erígone	73
20. <i>Fabula Iphigeniae et Orestis et Pyladis</i>	74	20. Fábula de Ifigênia, Orestes e Pílades	74
21. <i>Fabula Hippodame(s)</i>	76	21. Fábula de Hipodamia	76
22. <i>Fabula Myrtili, Atrei et Thyestae</i>	77	22. Fábula de Mírtilo, Atreu e Tiestes	77
23. <i>Fabula Phrixi et Helle(s)</i>	78	23. Fábula de Frixo e Hele	79
24. <i>Historia de Pelia et Iasone</i>	80	24. História de Pélias e Jasão	81
25. <i>Fabula Iasonis</i>	82	25. Fábula de Jasão	83
26. <i>Fabula Orithyiae</i>	84	26. Fábula de Oritia	84
27. <i>Fabula Phinei</i>	84	27. Fábula de Fineu	85
28. <i>Historia Leandri et Herus</i>	86	28. História de Leandro e Hero	86
29. <i>Fabula Cleobis et Bitonis</i>	87	29. Fábula de Cléobe e Bíton	87
30. <i>Historia Amulii et Numitoris</i>	88	30. História de Amúlio e Numitor	88
31. <i>Fabula Lynci</i>	90	31. Fábula de Linco	90
32. <i>Fabula Oenopionis</i>	90	32. Fábula de Enópion	90
33. <i>Fabula Orionis</i>	91	33. Fábula de Oríon	91
34. <i>Fabula Amaraci</i>	92	34. Fábula de Amáraco	92
35. <i>Historia Palamedis</i>	92	35. História de Palamedes	93
36. <i>Fabula Achillis</i>	94	36. Fábula de Aquiles	94
37. <i>Fabula Latonae et Astaris</i>	95	37. Fábula de Latona e Astéria	96
38. <i>Fabula Hesperidum</i>	97	38. Fábula das Hespérides	97
39. <i>Fabula At(a)lantes et Hippomene(s)</i>	97	39. Fábula de Atalanta e Hipómenes	98
40. <i>Fabula Heleni</i>	99	40. Fábula de Heleno	99
41. <i>Fabula Andromachae et Molosi</i>	100	41. Fábula de Andrômaca e Molosso	101
42. <i>Fabula Sirenum</i>	101	42. Fábula das Sirenes	102
43. <i>Fabula Veneris et Pasiph(a)e(s)</i>	102	43. Fábula de Vênus e Pasífae	103
44. <i>Fabula Procridis</i>	104	44. Fábula de Prócris	105
45. <i>Fabula Amymone(s) et Palamedis</i>	105	45. Fábula de Amimone e Palamedes	106
46. <i>Fabula Thesei et Hippolyti</i>	106	46. Fábula de Teseu e Hipólito	107
47. <i>Fabula Minois et Tauri et Herculis</i>	108	47. Fábula de Minos, Tauro e Hércules	108
48. <i>Fabula Thesei et Pirithoi et Herculis</i>	109	48. Fábula de Teseu, Pirrítoo e Hércules	109

49. <i>Fabula Herculis et Hylae</i>	111	49. Fábula de Hércules e Hilas	111
50. <i>Fabula Herculis et Alcmena</i>	111	50. Fábula de Hércules e Alcmena	112
51. <i>Fabula Herculis et Nemei leonis</i>	112	51. Fábula de Hércules e o leão de Nemeia	112
52. <i>Fabula Molorchi</i>	113	52. Fábula de Molorco	113
53. <i>Fabula Erycis et Herculis</i>	113	53. Fábula de Érice e Hércules	113
54. <i>Fabula Herculis et Cimini lacus</i>	114	54. Fábula de Hércules e o lago Címino	114
55. <i>Fabula Antaei et Herculis</i>	114	55. Fábula de Anteu e Hércules	114
56. <i>Fabula Herculis et Alcinoi et Harpyiarum</i>	115	56. Fábula de Hércules, Alcino e das Harpias	115
57. <i>Fabula Herculis et Tricerberi</i>	115	57. Fábula de Hércules e de Cérbero com três cabeças	116
58. <i>Fabula Herculis et Dejanirae et Oenei et Centauri</i>	116	58. Fábula de Hércules, Dejanira, Eneu e o Centauro	117
59. <i>Fabula Philoctetis et Herculis</i>	118	59. Fábula de Filoctetes	119
60. <i>Fabula nepotum Herculis</i>	120	60. Fábula dos descendentes de Hércules	120
61. <i>Fabula Pholi et Herculis</i>	120	61. Fábula de Folo e Hércules	121
62. <i>Fabula Hydrae et Herculis</i>	121	62. Fábula da Hidra e Hércules	122
63. <i>Fabula erumnarum Herculis</i>	122	63. Fábula dos trabalhos de Hércules	123
64. <i>Fabula Eurysthei et Herculis</i>	123	64. Fábula de Euristeu e Hércules	123
65. <i>Fabula Busiridis et Herculis</i>	124	65. Fábula de Busíris e Hércules	124
66. <i>Fabula Caci et Herculis</i>	124	66. Fábula de Cacus e Hércules	124
67. <i>Fabula Geryonis et Herculis</i>	125	67. Fábula de Gerião e Hércules	125
68. <i>Fabula Euandri et Herculis</i>	126	68. Fábula de Evandro e Hércules	126
69. <i>Fabula Euandri</i>	127	69. Fábula de Evandro	127
70. <i>Fabula Bellerophontis, qui et Perseus</i>	128	70. Fábula de Belerofonte, que também é Perseu	128
71. <i>Fabula Chimerae et Bellerophontis</i>	129	71. Fábula da Quimera e Belerofonte	129
72. <i>Fabula Persei</i>	130	72. Fábula de Perseu	130
73. <i>Fabula Tarquinii et Lucretiae</i>	131	73. Fábula de Tarquínio e Lúcrecia	132
74. <i>Fabula Hymenaei</i>	133	74. Fábula de Himeneu	134
75. <i>Fabula Orphei et Eurydices</i>	134	75. Fábula de Orfeu e Eurídice	135
76. <i>Fabula Castoris et Pollucis</i>	135	76. Fábula de Castor e Pólux	136
77. <i>Fabula cygni et Ladae</i>	136	77. Fábula do cisne e Leda	136
78. <i>Fabula Apiadis</i>	137	78. Fábula de Ápis	137
79. <i>Fabula Tydei et Polynicis</i>	138	79. Fábula de Tindeu e Polinices	138
80. <i>Fabula Smicronis et Branchi</i>	139	80. Fábula de Esmicro e Branco	139
81. <i>Fabula Salmonei</i>	140	81. Fábula de Salmoneu	140
82. <i>Fabula Aloeï, Oti et Ephialtes</i>	141	82. Fábula de Aloeü, Oto e Efiáltes	141

83. <i>Fabula Caeculi</i>	141	83. Fábula de Caeculus	142
84. <i>Fabula trium Proetidum</i>	142	84. Fábula das três Prétides	143
85. <i>Fabula Pieridum</i>	143	85. Fábula de Piérides	143
86. <i>Fabula Ouistae</i>	144	86. Fábula de Orista	144
87. <i>Fabula Liberi, Sileni et Midae regis et Pactoli fluvii</i>	145	87. Fábula de Liber, Silene, rei Midas e rio Pactolo	145
88. <i>De ortu Pan<is></i>	146	88. Sobre o nascimento de Pã	146
89. <i>Fabula Pan<is></i>	146	89. Fábula de Pã	147
90. <i>Fabula Arachne<s> et Mineruae</i>	147	90. Fábula de Aracne e Minerva	147
91. <i>Fabula Alcestae</i>	148	91. Fábula de Alceste	148
92. <i>Fabula Neptuni et Amyci</i>	149	92. Fábula de Netuno e Âmico	149
93. <i>Fabula Neptuni et Erycis</i>	150	93. Fábula de Netuno e Érice	150
94. <i>Fabula Arion<is> et delphini</i>	150	94. Fábula de Aríon e os golfinhos	150
95. <i><De oraculo columbarum></i>	151	95. Sobre o oráculo das pombas	151
96. <i>Fabula Antiopae, Zethi et Amphion<is></i>	151	96. Fábula de Antíope, Zeto e Anfíão	152
97. <i>Fabula Nyctimone<s></i>	153	97. Fábula de Nictímene	153
98. <i>Fabula Glauci</i>	153	98. Fábula de Glauco	153
99. <i>Fabula Glauci et Veneris</i>	153	99. Fábula de Glauco e Vênus	154
100. <i>Fabula Chelone<s> et Mercurii</i>	154	100. Fábula de Quelone e Mércurio	154

CONSIDERAÇÕES FINAIS **156**

REFERÊNCIAS **158**

INTRODUÇÃO

Os Mitógrafos do Vaticano, assim denominados por Angelo Mai, que descobriu seus volumes compostos durante a Idade Média, tem despertado a atenção de estudiosos, especialmente fora do Brasil, por se tratar de uma compilação de mitos que fornecem fontes da recepção de vários autores da Antiguidade clássica. Esses Mitógrafos do Vaticano, a princípio, foram estudados como tendo uma única entidade autoral, mas, com o tempo, eles passaram a ser tratados individualmente, tornando-se, assim, o Primeiro, o Segundo e o Terceiro Mitógrafos de acordo a sua suposta ordem cronológica¹.

Em 1831, ocorreu a publicação de sua edição *princeps* por Angelo Mai, o então prefeito da Biblioteca do Vaticano. Logo após a edição de Mai, Georgius Bode publicou uma nova edição, em 1834, apontando e revendo alguns equívocos cometidos por Mai pela apressada publicação. Em 1987, ou seja, depois de 153 anos, os Mitógrafos do Vaticano voltaram a ser estudados, agora por Péter Kulcsár, que propôs uma edição crítica do Primeiro e Segundo mitógrafos. A fim de ampliar os estudos sobre esses manuais mitográficos, surgiram também dois estudos franceses em 1995: uma edição crítica do Primeiro Mitógrafo, realizada por Zorzetti e Berlioz; depois uma tradução dos três mitógrafos por Philippe Dain, publicada no mesmo ano. Mais tarde, em 2003, houve também uma segunda edição, por Zorzetti e Berlioz. Em 2008, apareceu mais uma tradução das três obras para o inglês, por Roland Pepin². Finalmente, surge agora, em 2020, a primeira tradução do Livro I do Primeiro Mitógrafo para a língua portuguesa, proposta nesta dissertação, a partir da segunda edição fixada por Zorzetti e Berlioz em 2003³.

Nessa perspectiva, destaca-se a importância desta dissertação que se inscreve em um projeto maior, desenvolvido a partir de uma pesquisa de pós-doutorado, intitulada

¹ Sobre essa separação dos mitógrafos, cf. capítulo dois desta dissertação. Ao longo deste trabalho, nos referiremos à obra do Primeiro Mitógrafo em formato itálico, já que o nome se refere tanto à obra quanto ao autor, que continua anônimo.

² Para mais detalhes sobre essas edições e traduções, cf. o capítulo dois desta dissertação. É oportuno destacar que, embora mencionemos as edições e traduções dos Mitógrafos do Vaticano, isso não significa que o levantamento é exaustivo. Há também inúmeros artigos sobre esses manuais mitográficos que foram publicados desde sua aparição.

³ Em 2020, surge também uma tradução dos 60 primeiros mitos do Segundo Mitógrafo do Vaticano, uma proposta de tradução em nível de mestrado, que esteve sob a responsabilidade de Vitor Campos Mamede de Carvalho, orientada pelo professor José Amarante. A dissertação de mestrado, intitulada “O Segundo Mitógrafo do Vaticano: tradução anotada das narrativas relacionadas a Saturno e seus descendentes”, foi defendida no dia 04 de março de 2020.

As 'Mitologiae' de Fulgêncio. Uma visão dos mitos pagãos na transição da Antiguidade tardia para a Idade Média. Tradução e Análise, realizada na Itália pelo professor José Amarante⁴. O projeto fulgenciano se encontra em desenvolvimento na Universidade Federal da Bahia desde 2015, através do qual estão sendo estudadas e traduzidas todas as obras de *Fabius Planciades Fulgentius*, conhecido em português como Fulgêncio⁵.

Na Universidade Federal da Bahia, registram-se alguns trabalhos voltados ao estudo da mitografia na Antiguidade tardia e Idade Média. Inicialmente, tais estudos se centraram, como mencionado anteriormente, na obra fulgenciana: as *Mitologiae* ou *Mitologiarum libri tres* (“As Mitologias”)⁶, obra que teve sua primeira tradução ao português publicada em 2019 pela Editora da UFBA, por José Amarante; a dissertação de mestrado “A *Exposição dos conteúdos de Virgílio, de Fulgêncio: estudo introdutório e tradução anotada*”, de Raul Oliveira Moreira⁷; e a dissertação de mestrado “A *Expositio sermonum antiquorum* de Fulgêncio, o Mitógrafo: estudo introdutório, tradução e notas”, de Shirlei Patrícia Silva Neves Almeida⁸. Ambos os trabalhos são dissertações em nível de mestrado que foram defendidas em 2018, no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult) da Universidade Federal da Bahia. Neste programa, ainda se encontra em desenvolvimento um trabalho de estudo da última obra atribuída a Fulgêncio. Trata-se da tese de doutorado voltada à tradução da *De aetatibus mundi et hominis*, a ser defendida, em 2020, pelo doutorando Cristóvão José dos Santos Júnior⁹.

O meu interesse pelos Estudos Clássicos começou ainda na graduação em Letras Vernáculas. Na ocasião, destaca-se o cumprimento da disciplina *Introdução ao Estudo da Língua Latina* (LET A12), ministrada pelo professor José Amarante, ao longo do segundo semestre de 2011. Nessa primeira disciplina, houve o contato inicial com

⁴ O projeto foi realizado na Universidade de Siena, sob a concessão de bolsa pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), devido à obtenção do prêmio CAPES de teses – Edição 2014. O trabalho foi desenvolvido sob a orientação da professora Silvia Mattiacci, no período de janeiro a dezembro de 2016.

⁵ As obras fulgencianas são: as *Mythologiae*, *Expositio Sermonum Antiquorum*, *Virgilianae Continentiae*, e a *De Aetatibus Mundi et Homini*.

⁶ As atividades de estudo e tradução dessa obra ao português foram realizadas pelo Professor José Amarante como projeto de pós-doutorado, na Universidade de Siena, em 2016.

⁷ Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26692>.

⁸ Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/27547/1/disserta%C3%A7%C3%A3o-dep%C3%B3sito-ShirleiPSNAAlmeida.pdf>

⁹ O docente Cristóvão José dos Santos Júnior, em 2019, apresentou sua dissertação em nível de mestrado com a tradução lipogramática parcial da obra, que ainda continua sendo seu objeto de pesquisa do doutorado, sob a orientação do professor José Amarante.

alguns aspectos históricos da língua e da literatura latinas e o primeiro contato com a tradução de textos latinos. A partir dessa disciplina, várias outras foram cursadas ao longo dos anos de 2012 a 2015. Posteriormente, no final do segundo semestre de 2015, surgiu a oportunidade de pesquisar na área, com foco no estudo e na tradução das obras de autores tardo-antigos e medievais, o que ocorreu a partir do contato com a obra “As Mitologias”, de Fulgêncio, estudada pelo professor José Amarante. O conhecimento sobre o que estava sendo desenvolvido a respeito de Fulgêncio se deu através de alguns componentes curriculares cursados e por meio de encontros de estudo do grupo de pesquisa NALPE – *Núcleo de Antiguidade, Literatura, Performance e Ensino*, da Universidade Federal da Bahia, do qual faço parte¹⁰.

Dessa maneira, a partir dos estudos fulgencianos, pude conhecer outras obras e autores da Antiguidade ou da Antiguidade tardia considerados menores, como é o caso dos Mitógrafos do Vaticano, que, assim como Fulgêncio, são autores cristãos e que durante a Idade Média fizeram releituras dos mitos clássicos tendo como base a filosofia moral cristã. Assim, em 2015, o professor José Amarante apresentou-me as obras dos três Mitógrafos do Vaticano, autores anônimos que estudavam os mitos e tentavam buscar neles explicações por meio de interpretações históricas, físicas e morais. Nesse sentido, o interesse para a realização da pesquisa em nível de mestrado se direcionou ao estudo introdutório, tradução e notas do Livro I do Primeiro Mitógrafo.

Em vista disso, salientamos a relevância deste trabalho para a língua portuguesa, pois o estudo pode, talvez, evidenciar a recepção e a apropriação da cultura greco-romana, mediante os usos de fontes que podem reverberar a Tradição Clássica, como é o caso do Primeiro Mitógrafo, que cita alguns autores da Antiguidade clássica, como Virgílio, Horácio, Ovídio, Estácio, e fontes anônimas, como Sérvio, Higino e até mesmo Fulgêncio, todos inspiração para a produção de suas narrativas.

Em nossa língua, não há muitos estudos sobre os Mitógrafos do Vaticano, em especial sobre o Primeiro Mitógrafo, e não chegam a abundar estudos nas demais línguas modernas. Por conseguinte, ressalta-se a necessidade desse estudo introdutório,

¹⁰ O meu conhecimento sobre os estudos e tradução de Fulgêncio se deu também pela pesquisa no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que foi iniciada no segundo semestre de 2017, com concessão de bolsa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto do professor José Amarante intitulou-se *A mitologia clássica: transmissão e releituras. Etapa 1: Fontes e fortuna do texto fulgenciano*, cujo plano de trabalho a mim como bolsista era investigar as *Fontes mitográficas e explicativas das Mythologiae de Fulgêncio*. Esse projeto foi desenvolvido na UFBA, sob a orientação do professor Amarante, mas não pude dar continuidade à pesquisa por passar a me dedicar à seleção de mestrado em 2018.

tradução e notas de uma obra que, ao que parece, nunca foi traduzida para a língua portuguesa. Tal necessidade se evidencia também pelo fato de que o trabalho poderá possibilitar ao leitor de língua portuguesa a leitura de uma obra de um outro período e pouco conhecida no Brasil. Nosso trabalho se propôs a apresentar uma tradução do Livro I do Primeiro Mitógrafo. Esperamos que esta dissertação contribua para o crescimento e enriquecimento de traduções de obras na área dos Estudos Clássicos no Brasil e, principalmente, na Universidade Federal da Bahia, tendo em vista a carência no que diz respeito ao estudo de obras da Antiguidade tardia, especialmente de autores ditos menores.

A tradução do Livro I do Primeiro Mitógrafo será a primeira para a língua portuguesa, como já mencionamos, e este trabalho poderá ser considerado relevante por se centrar em estudo de obras para as quais não temos muitas pesquisas sendo desenvolvidas no Brasil ou nas demais línguas modernas. É possível perceber que, não apenas no Brasil, mas principalmente neste país, há um número maior de estudos e de traduções de autores do período Clássico, do Renascimento e até mesmo da recepção da cultura clássica em autores da Idade Moderna. Contudo, no que diz respeito ao período de transição entre a Antiguidade e a Alta Idade Média, notamos que não há muitos estudos, se comparados aos outros períodos mencionados. Assim sendo, o estudo introdutório e a tradução que apresentamos aqui podem vir a representar um ganho considerável, em especial para a área de Estudos Clássicos, uma vez que não dispomos de muitas traduções de autores cristãos e não canônicos da Antiguidade ou da Antiguidade tardia.

Como se trata de uma tradução do Livro I do Primeiro Mitógrafo, é importante destacar que, partindo do pressuposto de que “a tradução envolve três tipos possíveis – intralingual, interlingual e intersemiótica – como definiu Roman Jakobson” (1973 [2003, p. 64]), faz-se necessário intensificar os estudos de análises e traduções, assim como de questões relacionadas à literatura e cultura, através da teoria da tradução. Assim, essa pesquisa foi pensada sob as bases da linha de Estudos da Tradução Cultural e Intersemiótica, em que propomos uma tradução interlingual, ou seja, do latim ao português, tendo como base os estudos contemporâneos da tradução, que concebem a tradução como uma potência transformadora que ressignifica o texto de partida, no nosso caso o texto latino.

Assim, para fins de organização, a disposição dos argumentos desta dissertação foi arquitetada em três capítulos, além desta breve introdução e das considerações finais.

No primeiro capítulo, intitulado “O gênero mitográfico e suas interpretações”, discorremos sobre o funcionamento da Mitologia e da Mitografia na Antiguidade e suas formas de interpretação ao longo do tempo, especialmente no período medieval, em que escrevem os Mitógrafos do Vaticano. Em seguida, ressaltamos a importância da mitologia para os povos da Antiguidade clássica e a relação entre a literatura pagã e o Cristianismo, visto que a Igreja se apropriou dos mitos para propósitos cristãos. Depois, destacamos o papel da mitografia no registro das versões dos mitos. Além do mais, detalhamos as formas de interpretação que contribuíram para a sobrevivência das narrativas mitológicas: a histórico-racionalista ou evemerista, que foi muito utilizada pelos cristãos durante a Idade Média, a física, a psicológica e a moral.

No segundo capítulo, nomeado “Os Mitógrafos do Vaticano”, versamos sobre o que se entende por essa etiqueta de “Mitógrafos do Vaticano”, por meio da explicitação em relação à identificação dos três mitógrafos como uma única persona, num primeiro momento da descoberta da obra, no século XIX, e de sua individualização posteriormente. Tal seção versa também a respeito da natureza de sua obra e da relevância de seu estudo para a compreensão de como se deu a recepção da mitologia clássica após a Antiguidade. Julgamos necessário evidenciar a tradição, ou seja, os principais autores que serviram de fonte para o Primeiro Mitógrafo, explicitando a influência que cada um deles exerceu para a transmissão, recepção e sobrevivência dos mitos clássicos, além de apresentar elementos da vida e obra de cada autor. Ainda nesse capítulo, apresentamos as edições e traduções existentes do *Primeiro Mitógrafo do Vaticano*.

No terceiro capítulo, descrevemos os critérios e escolhas utilizados durante o processo tradutório, os usos das notas explicativas, o processo de escolhas das palavras no momento da tradução e a tradução propriamente dita, acompanhando a edição do texto latino.

Nas “Considerações finais”, destacamos alguns aspectos que foram preponderantes para a constituição do nosso trabalho, de modo a ratificar o que foi proposto na nossa pesquisa, explicitando a respeito dos objetivos do trabalho e sobre como eles se concretizam na estrutura da dissertação. Ademais, além de refletir sobre o processo tradutório dessa obra, sua importância, dos usos de suas fontes como potencializadoras da sobrevivência dos mitos na contemporaneidade, pretendemos destacar o ineditismo não somente da tradução ao português, como também dos estudos sobre a obra no Brasil.

1 O GÊNERO MITOGRÁFICO E SUAS INTERPRETAÇÕES

Antes de estabelecer o papel da transmissão oral do tipo privado, na esfera do lar, e pela voz dos poetas, primeiramente pelo viés oral e depois pela escrita, e ainda o papel da interpretação, após o surgimento e as críticas do discurso filosófico e histórico, Jean-Pierre Vernant se pergunta sobre como, na Grécia Antiga, se conservou e se transmitiu a mitologia daquele povo. Concebe, então, a mitologia como uma:

massa de "saberes" tradicionais, veiculados por certas narrativas, sobre a sociedade do além, as famílias dos deuses, a genealogia de cada um, suas aventuras, seus conflitos ou acordos, seus poderes respectivos, seu domínio e seu modo de ação, suas prerrogativas, as honras que lhes são devidas (VERNANT, 2009, p. 15).

Numa perspectiva linear, poderíamos dizer que o mito se estabelece, se conserva, se transmite e, pela interpretação, sobrevive, sendo esta atividade – a interpretação – um mecanismo que, presente desde a Grécia antiga, se tornará *mutatis mutandis* exponencial na Idade Média, quando o mito pagão – ainda valorizado culturalmente – será reinterpretado pela filosofia moral cristã. Neste capítulo, nos centramos no estabelecimento da mitologia e da mitografia com vistas ao entendimento de suas formas de interpretação, especialmente pelo Primeiro Mitógrafo do Vaticano.

1.1 Mitologia

É de se destacar a força do mito na Antiguidade, e, enquanto elemento de uma cultura milenar, fundadora de um certo modo de funcionamento da cultura Ocidental, não causa estranhamento a sua sobrevivência em nossos dias, seja sob formas de citação direta, como a que se vê com adaptações cinematográficas que não se deixam passar despercebidas¹, seja sob a forma de rastro, em alusões por vezes mais perceptíveis ao

¹ Se não é preciso rememorar a forma como Bertrand Bonello (*Tiresia*, 2003) faz um transexual brasileiro, de nome Tirésias, reviver sua sina num início de século em que o Brasil encabeça a lista de países que mais atacam LGBTQ+, recordemo-nos das inúmeras edições do mito de Hércules no cinema em todo o século XX e início do XXI: *Le fatiche di Ercole* (1958), com o herói interpretado por Steeve Reeves; Alan Steel deu corpo a vários Hércules em toda a década de 60 (*La furia di Ercole*, 1962; *Golia e il cavaliere mascherato*, 1963, traduzido em inglês por *Hercules and the Masked Rider*; *Sansone contro il corsaro nero*, 1964, traduzido em inglês por *Hercules and the Black Pirates*; *Maciste e la regina di Samar*, 1964, traduzido em inglês por *Hercules Against the Moon Men*; *Ercole contro Roma*, 1964; *Sansone e il tesoro degli Incas*, 1964, traduzido em inglês por *Hercules and the Treasure of the Incas*; também de 1964 há o *Ercole, Sansone, Maciste e Ursus gli invincibili*); Reg Park incorporou outros tantos (*Ercole al centro della Terra*, 1961; *Ercole alla conquista di*

estudioso do mundo antigo². Nesse sentido, a permanência das narrativas mitológicas pode desvelar vestígios simbólicos da cultura clássica greco-romana, num jogo de manutenção da tradição literária antiga, que se dá, antes de sua corporificação em movimento nas versões cinematográficas, por meio do longo processo de transmissão textual³.

Embora as narrativas mitológicas tenham se tornado objeto de pesquisa para muitos estudiosos, verifica-se que há uma problemática em torno das concepções de mitologia, mitografia e, conseqüentemente, de mito, pois esta última se correlaciona com a definição dos outros dois termos. Ainda que essa questão seja complexa, por vezes divergentes, há um certo consenso entre os estudiosos da área com relação a essas significações.

Outro grande problema a ser apontado, segundo Cabral (2013, p. 33), está na delimitação de um mito específico, considerando a quantidade de versões, as fontes de diferentes naturezas, em se definir quais aspectos de uma narrativa mitológica, por alguma razão, não devem ser considerados, entre outros elementos que devem ser levados em conta, já que esses podem refletir o modo como aquele povo lidou simbolicamente com elementos de sua cultura. As questões apontadas são difíceis de ter uma resposta precisa, uma vez que as narrativas míticas estão inseridas em um determinado tempo e espaço, serviam a algum propósito e, dependendo de seu contexto, eram adequadas a um público em específico, ou seja, variavam de acordo com o receptor (CABRAL, 2013, p. 33-39).

Atlantide, 1961; *La sfida dei giganti*, 1965); Arnold Schwarzenegger cede sua imagem a um *Hercules in New York*, em 1970; em 1983, é a vez de Lou Ferrigno no filme ítalo-estadunidense *Hércules*; em 1997, numa produção da Disney, Tate Donovan empresta sua voz ao *Hércules* em animação; de 1995 a 1999, Kevin Sorbo trouxe ao cotidiano dos espectadores de séries o *Hercules: The Legendary Journeys*; sob a forma de uma spin-off dessa telessérie, Ryan Gosling foi um *Young Hercules* ainda na década de 90; em 2009, o garoto ucraniano Richard Sandrak incorpora um *Little Hercules* em 3D; em 2014, Kellan Lutz estrela em *The Legend of Hercules*; também em 2014, Dwayne Johnson estrela outro *Hercules*). E possivelmente essa listagem não seja exaustiva.

² Como se vê, por exemplo, em obras em que temas dos mitos da Antiguidade ou referências a eles aparecem de maneira mais velada, como é o caso em *The Village (A vila)*, em português, de 2004, escrito e dirigido por M. Night Shyamalan, que traz aos nossos dias a alegoria da caverna, de Platão.

³ Os termos “transmissão” e “tradição” aqui não são utilizados ingenuamente. Trata-se de duas noções caras aos estudos clássicos, mas compreendidas neste texto como expressões que desconsideram outras forças e outras tensões no longo processo pelo qual a cultura antiga vai se lendo e se reconstruindo pelos séculos. A tradição textual abarca dois procedimentos: a *tradição direta*, que compreende a transmissão via manuscritos e suas cópias e a transmissão por via impressa, como é o caso do Primeiro Mitógrafo do Vaticano, que tem sua obra registrada em manuscrito supérstite e em edições impressas a partir de Angelo Mai, no séc. XIX; e a *tradição indireta*, que se constitui de citações de passagens de um autor por parte de outro. Mesmo os Mitógrafos do Vaticano trazem citações que se configuram como tradição indireta para outros autores (QUETGLAS NICOLAU, 2006, p. 13).

Dessa forma, supondo que os mitos variavam de acordo com seu contexto de produção e apresentação, resulta considerar a seguinte definição:

[...] dentre as características principais do discurso mítico está justamente aquela de não existir em forma definitiva, de uma vez por todas: a sua “existência” é preferivelmente uma existência genérica, uma existência de corpus, algo que resulta do conjunto de suas variantes (BETTINI, 2010, p. 26-27).

Essa é uma dentre as muitas acepções para o vocábulo mito, em que o autor Bettini (2010) assevera que as narrativas não possuem uma forma definitiva, já que apresentam muitas versões, ou seja, não haveria apenas uma versão do mito a ser considerada, pois o feixe de versões é o que faz o mito, que corporifica e pereniza os elementos de seu fluxo diegético. Nas obras mitográficas antigas, ou mesmo nos textos a partir dos quais emergiram essas obras, como os épicos e as tragédias, por vezes uma versão do mito difere de uma outra ou traz novos elementos. Também se vê algo de natureza similar nos compêndios mitográficos interpretativos do final da Antiguidade e na Idade Média, como pode se ver, por exemplo, na comparação entre a versão do mito de Prometeu proposta por Fulgêncio e aquela apresentada pelo Primeiro Mitógrafo do Vaticano⁴. Há elementos que estão registrados na versão fulgenciana – como a explicação etimológica do nome *Prometeu*; uma outra da palavra em latim (*cor*) para ‘fígado’ e também uma para o nome da primeira mulher, Pandora – que não aparecem no Primeiro Mitógrafo. Nesse sentido, verifica-se que, apesar das semelhanças entre as abordagens, cada uma dessas narrativas possui suas particularidades e especificidades.

Para uma melhor compreensão a respeito das narrativas míticas como um conjunto de variantes, é importante recordar que os gregos – cuja mitologia será sincretizada à dos romanos – eram constituídos, antes do ressurgimento da escrita⁵, por uma sociedade oral. Por séculos, eles tiveram suas histórias transmitidas oralmente, haja

⁴ Cf. Mythogr. 1. (1); Fulgêncio (*myth.* 2, 6). Sobre a versão do mito apresentada pelos respectivos autores, é possível notar que o Primeiro Mitógrafo (entre os sécs. IX e XI) utiliza Fulgêncio (segunda metade do séc. V e primeira metade do séc. VI) como fonte para a construção de sua narrativa.

⁵ Sobre o ressurgimento da escrita na Grécia Antiga, veja-se a resenha de Duarte (1998, p. 205-206), ao livro *A Revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências*, de Havelock (1996): “Primeiro, os gregos desenvolveram uma escrita de caráter silábico (baseada na sílabas), conhecida por linear b, que, por estar restrita ao uso de escribas palacianos, desapareceu no séc. XIII a.C. após um turbulento período de revoluções, invasões e catástrofes naturais. Cerca de quatro séculos depois, o empréstimo e a adaptação da escrita fenícia permitiram a invenção do alfabeto. [...] A invenção do alfabeto na Grécia não significou, entretanto, a disseminação instantânea das artes da escrita e da leitura. Ao contrário, o domínio da nova técnica demandou séculos de prática para firmar-se, ao longo dos quais o registro escrito, limitado a poucos especialistas, conviveu com o oral. [...] Esse estado de coisas persistiu pelo menos até o fim do séc. V a.C., quando a alfabetização da população urbana já existia em uma escala considerável, proporcionando condições favoráveis para novas experiências.”

vista que, à medida que se narravam as histórias para o público não só poderia ocorrer a transmissão e repetição desses relatos, como também a alteração, adaptação e criação o tempo todo. Veja-se, pois, o caso da poesia épica de Homero, considerado hoje como um poeta oral. Para corroborar com essa discussão sobre como as narrativas poderiam variar, é pertinente destacar:

O poeta oral é influenciado pela assistência de uma maneira que um escritor (supostamente) não é, instigado a expandir ou a alterar seu canto de acordo com a reação do público e as circunstâncias da apresentação. Essa variação é amplamente atestada na poesia oral no mundo todo. Não haveria duas execuções idênticas. Isso significa que o aedo homérico teria também cantado diferentes canções em cada apresentação, alterando, expandindo e, provavelmente, melhorando o próprio repertório. Ele não teria cantado a *Iliada* a cada vez tal como a conhecemos, nem mesmo seções dela; em todo caso, ela era demasiado longa (quase 15.700 linhas) para uma única apresentação. Uma vez que se supõe também que o poeta compunha durante a apresentação, teríamos de vislumbrar um tipo extremamente fluído de poesia na tradição homérica, consistindo em todo o *corpus* de narrativas épicas relativas à Guerra de Tróia - não apenas aquelas da *Iliada* e da *Odisséia* compostas em plena execução e carentes de qualquer texto estável. Nessa perspectiva, nossos textos da *Iliada* e da *Odisséia* registram apenas uma das muitas apresentações desses épicos⁶ (THOMAS, 2005, p. 47).

Em vista disso, partindo do pressuposto de que a literatura grega era transmitida oralmente, vê-se que a poesia épica variava, assim como as narrativas míticas. Contudo, com o passar dos séculos ressurgem então a escrita. Nos primeiros momentos desse ressurgimento, esse novo modelo não foi muito aceito, pois havia uma parte da sociedade que se mantinha resistente, em uma “[...] forte corrente de aversão pela palavra escrita, mesmo entre os altamente letrados⁷” (THOMAS, 2005, p. 5). No que diz respeito a isso, alude-se a documentos que eram escritos na época, até a metade do século IV a. C, porém não eram considerados como tendo valor legal. A escrita era pouco utilizada, basicamente em alguns contextos específicos e em documentos oficiais, mas ainda assim prevalecia o texto oral como os debates e as votações na assembleia de Atenas. Todavia, com o seu estabelecimento ou pela fixação do texto, que ela acarretava (THOMAS, 2005, p. 63), a escrita passou a ter mais notoriedade.

⁶ Embora o assunto deste trabalho seja a mitologia clássica, sobretudo o gênero mitografia, insta salientar a relação da poesia épica com as narrativas míticas, uma vez que tanto um gênero quanto o outro variava de acordo com seu contexto de produção e recepção, levando em consideração que, no período de elaboração desses textos, conforme dito supra, a sociedade era oral; somente depois de séculos que houve o reaparecimento da escrita.

⁷ A autora Rosalind Thomas (2015, p. 11) nos orienta a pensar em letramentos, já que esta defende que existem vários níveis. Para a autora, devemos pensar que cada leitura exige habilidades completamente diferentes como, por exemplo, a leitura de uma inscrição no vaso e um poema no papiro.

Da mesma forma como ocorreu com a poesia épica homérica, nota-se que os textos de cunho mitológico, difundidos oralmente em primeiro estágio, tiveram também “sua forma e conteúdo” (BRISSEON, 2014, p. 23) registrados por meio da escrita. No entanto, isso não significa que estes não pudessem ser passíveis de alterações ou de mudanças. De fato, mesmo que a escrita estabilize uma versão num momento e lugar e uma outra versão noutra momento e lugar – e assim sucessivamente –, resulta complexa a definição de uma versão única e estável, já que cada versão em si, nos dizeres bettinianos, são parte do feixe de versões que define o mito.

Além da complexa definição de estabelecer uma versão única e estável do mito, por vezes ainda é possível de se ouvir questões em torno de saber se o mito seria “verdade” ou “mentira”; geralmente ouvimos as pessoas se referirem a determinadas histórias como sendo “mito”, ou seja, “isso não é verdade”⁸. Contudo, dada a essa complexibilidade, que perpassa sobre o mito, podemos dizer que essa ideia parece ser a menos importante entre os mitólogos⁹. Assim, essa questão de “história falsa” associada ao mito pode ser pensada por meio da ideia, que foi construída ao longo do tempo, de que as narrativas míticas não falam a “verdade”, elas escondem algo, que não estão tão evidentes, cabendo a nós decifrá-las.

Para Rocha (1996, p. 4), “o mito não é verdadeiro no seu conteúdo manifesto, literal, expresso, dado. No entanto, possui um valor e, mais que isto, uma eficácia na vida social.” Dessa forma, é possível inferir que o mito não se propõe estabelecer-se como “verdade”, mas o que importa é a função que esse desempenha socialmente, enquanto discurso narrativo. Brisson (2010, p. 54), corroborando com essa questão, destaca:

“[...] o mito possui uma eficácia um tanto maior, pelo fato de veicular um saber cuja base é partilhada por todos os membros de uma dada coletividade, o que faz dele um formidável instrumento de persuasão de alcance universal”.

Nesse sentido, o mito pode produzir determinado efeito nas sociedades que ele serve, partilhando um conjunto de saberes entre seus membros, de acordo com os propósitos de cada comunidade. Dessa maneira, após entendermos esse caráter eficaz do mito na vida social da coletividade, voltemos ao valor de “verdade” ou “falsidade” de um mito. Como nos apresenta Brisson (2010, p. 51):

⁸ Cf. ROCHA, 1996, p. 4.

⁹ Cf. CABRAL, 2013, p. 33.

A verdade de um mito depende [...] de sua conformidade com o discurso do filósofo sobre as formas inteligíveis de que participam os entes individuais que são os sujeitos dos mitos, e isso tanto no domínio religioso, ético e político quanto no domínio cosmológico.

Nesse caso, a aceção de “verdade” do mito depende do contexto no qual está inserida, considerando a relação de conformidade entre o proferidor do discurso e os sujeitos. Dessa forma, esses agentes vão poder definir, de acordo com seus objetivos, se o discurso mítico é adequado ou inadequado para uma determinada situação. Além do mais, é importante lembrar que até a própria noção de “verdade” é questionável; o que pode ser “verdadeiro” para uma determinada cultura, para uma outra pode não ser. Assim, a partir disso, podemos perceber que a definição de “verdade” torna-se relativa e bastante problemática.

Em vista disso, atrelando ao discurso mítico essa noção de “verdade” ou “mentira”, vê-se, portanto, que o mito parece possuir uma mensagem que precisa ser desvelada; sendo assim, essas narrativas nos conduzem à interpretação¹⁰. Evidentemente, uma das formas, pois, de se “salvar” os mitos, conforme veremos mais à frente, reside em sua interpretação, uma atividade que ocorre já na Grécia antiga e que se torna essencial na Idade Média. Antes, porém, de adentrarmos nas formas de interpretação dos mitos, observemos o papel da mitografia no registro de suas versões.

1.2 Mitografia

Considerando que o surgimento do mito é indeterminável e que alguns mitos se registram desde tempos remotos e outros se registram mais tardiamente, inclusive já nos primeiros séculos da era cristã, Ruiz de Elvira estabelece o ano de 600 d. C. como *terminus ante quem*, i. e., o limite para o âmbito temporal da mitologia clássica, a partir do que não haveria nenhum registro de qualquer mito antigo que não fosse já conhecido.

Obviamente, a decisão para esse limite cronológico para a mitologia destaca a relação mitologia/mitografia, haja vista o fato de que se refere a seu registro e suas variações em obras mitográficas, em registro escritos que atestam cada um dos mitos, delimitando seu surgimento nessa esfera.

Como nos recorda Vernant:

¹⁰ Cf. ROCHA, 1996, p. 5.

No século V [a. C.] se inicia um trabalho que desde então é sistematicamente continuado e essencialmente toma duas direções. Primeiro, a coleta e a recensão de todas as tradições lendárias orais, próprias de uma cidade ou de um santuário; tal é a tarefa dos cronistas que, à maneira dos atidógrafos no caso de Atenas, pretendem fixar por escrito a história de uma aglomeração urbana e de um povo, desde as origens mais longínquas, remontando aos tempos fabulosos em que os deuses, misturados aos homens, intervêm diretamente nos assuntos destes para fundar cidades e gerar as linhagens das primeiras dinastias reinantes. Assim é possível, a partir da época helenística, a compilação realizada por eruditos que resultará na redação de verdadeiros repertórios mitológicos: *Biblioteca* do Pseudo-Apolodoro, *Fábulas e astronômicas* de Higino, livro IV das *Histórias* de Diodoro, *Metamorfoses* de Antoninus Liberalis, coletânea dos *Mitógrafos do Vaticano* (VERNANT, 2009, p. 18).

Como gênero, a mitografia é constituída no começo do Helenismo, um período caracterizado pela expansão territorial e cultural da civilização grega nas áreas conquistadas, que vão desde o Mar Mediterrâneo até a Ásia Central. É nesta era que surgem as precíguas escolas filosóficas – o Estoicismo, Epicurismo, Ceticismo e Cinismo¹¹. Desde seu surgimento até os tempos atuais, os estudos realizados pelos mitógrafos têm nos legado grandes obras, como a *Biblioteca* de Apolodoro, de data incerta, mas provavelmente escrita entre os sécs. I e II d. C.,¹² um laborioso trabalho de compilação de mitos veiculados na Antiguidade. De acordo com Guidorizzi (1995, p. xxx):

a operação de Apolodoro se insere realmente ao interno de um modelo consolidado, que em seu tempo tinha já assumido a forma de um específico gênero literário com as suas leis e as suas funções: os mitógrafos antigos narram mitos não para lhes interpretar mas para fornecer sínteses eruditas, para recolher lendas antigas e raras ou pelo prazer de fabular [...]¹³.

Contudo, o trabalho desenvolvido pelos mitógrafos foi, por vezes, confundido com a pesquisa antiquaria, porém cada um destes tinha sua função: enquanto os mitógrafos estavam preocupados em recontar, compilar os mitos, aos antiquários

¹¹ O Estoicismo foi uma doutrina filosófica fundada pelo filósofo grego Zénon de Cítio (cerca de 334-261 a. C), esta crença pregava a paz de espírito e a autossuficiência; o Epicurismo foi também uma doutrina criada por Epicuro (341-270 a. C), que preconizava o prazer acima de tudo; o Ceticismo foi fundado por Pirro de Élide (aproximadamente entre 365-265 a. C), que consistia em duvidar de todas as coisas que cercava o ser humano; e o Cinismo foi fundado por Antístenes (446-366 a. C), discípulo de Sócrates. Esta doutrina pregava a virtude como meio de atingir a felicidade (PIACENTE, 2016, p. 46-68).

¹² Guidorizzi (1995).

¹³ *L'operazione di Apollodoro s'inscrive infatti all'interno di un modello consolidato, che ai suoi tempi aveva assunto la forma d'uno specifico genere letterario con le sue leggi e le sue funzioni: i mitografi antichi raccontano miti non per interpretarli ma per fornire sintesi erudite, per raccogliere leggende antiche e rare o per il piacere di favoleggiare [...]*.

interessava recorrer ao texto apenas para explicar os fatos históricos descobertos (GUIDORIZZI, 1995). Assim, os mitógrafos antigos, ao realizarem as compilações dos mitos, também os descreviam, sempre citando fontes antigas, de modo que reforçava a tradição literária.

Esses estudos de textos da antiguidade, que permeiam a mitologia clássica, estão vinculados com o gênero que tinha como princípio fornecer um registro escrito das narrativas de cunho mitológico (id.). Dessa maneira, sua definição pode ser pensada como:

o conjunto de obras literárias que tratam da mitologia; em particular, e por antonomasia, mitografia é o conjunto de obras literárias gregas e latinas (em sentido lato, incluindo textos gregos e latinos de todos os tipos), desde suas origens até o século XII d. C. inclusive, lidando com a mitologia clássica, sistematicamente, ou em alusões ou usos de qualquer tipo ou extensão (RUIZ DE ELVIRA, 1982, p. 7)¹⁴.

Assim, é evidente que estamos diante de uma acepção ampla para o vocábulo “mitografia”, um estudo que envolve todas as obras literárias greco-romanas que foram produzidas desde suas origens até o século XII d. C.¹⁵ A partir da mitologia clássica, estamos, portanto, diante de um dos diversos campos de estudo da filologia clássica.

Nesse sentido, é pertinente destacar também que há uma nova concepção para o termo em seu sentido estrito, ou seja, uma mais moderna que se restringe ao século XIX e XX; nessa nova acepção, ela é vista como “[...] a investigação científica dos mitos [...]”¹⁶.

As primeiras obras consideradas mitográficas por Wendel (1935) foram a *Τραγωδοῦμενα*, de Asclepiades de Trágilo, e “os sucessivos comentários e repertórios sobre os mitos na poesia e na tragédia até os *ὑπομνήματα* de Alexandrino Dídimos no século I a. C.” (ALGANZA ROLDÁN, 2006, p.16)¹⁷.

¹⁴ [...] *el conjunto de las obras literarias que tratan de la mitología; en particular, y por antonomasia, mitografía es el conjunto de las obras literarias griegas y latinas (en sentido amplio, incluyendo textos griegos y latinos de toda índole), desde los orígenes hasta el siglo XII d. C. inclusive, que tratan de la mitología clásica, ya sea en forma sistemática, ya en alusiones o en utilizaciones de cualquier clase o extensión.*

¹⁵ Ruiz de Elvira, para o gênero mitografia, indica como marco temporal o século XII d. C. Segundo nos lembra o autor (1982, p. 10-11), a eleição dessa demarcação cronológica está estritamente correlacionada com a grande influência desse século, pois é nesse período que se encontram “[...] a grande filologia bizantina, os volumes escólios de Eustácio a Homero e as numerosas obras de João Tzetzes [...]” ([...] *a la gran filología bizantina, los voluminosos escólios de Estacio a Homero y las numerosas obras de Tzetzes [...]*) (RUIZ DE ELVIRA, 1982, p. 10-11).

¹⁶ [...] *la investigación científica de las leyendas [...]*” (RUIZ DE ELVIRA, 1982, p. 7).

¹⁷ [...] *los sucesivos comentarios y repertorios sobre mitos en la poesía y la tragedia hasta los ὑπομνήματα del alejandrino Dídimos en el I a. C.*

Em geral, podem considerar-se como os trabalhos de análises as edições comentadas de mitógrafos e trabalhos monográficos mais importantes, especialmente os artigos mitológicos das enciclopédias de Filologia, e como trabalhos de tratados de síntese mitológica, manuais e compêndios, sem, por outro lado, faltar estudos em que se combinem de algum modo, de forma equilibrada e harmônica, e com predomínio de um ou outro, as duas fases do trabalho de investigação sobre os mitos (RUIZ DE ELVIRA, 1966, p. 147)¹⁸.

Dessa forma, é oportuno levar em consideração os manuais mitográficos – como a *Biblioteca*, de Apolodoro, as *Fabulae*, de Higino, e os *Catasterismos* (“Colocado entre as estrelas”) de Eratóstenes – os quais podem ser vistos como um “monumento histórico”¹⁹, uma vez que essas compilações podem combinar elementos de cunho antropológico, mitológico e literário, refletindo a cultura da antiguidade clássica. Esses autores pertencem a uma tradição mitográfica de manuais e de compêndios, que chegam até os dias atuais.

A *Biblioteca*, de Apolodoro, é considerada um dos manuais de mitologia grega mais importante, pois é através desse manual que temos acesso ao conhecimento sistematizado acerca da mitologia clássica, além de sua grande relevância para os estudos que versam sobre ela. Essa obra é atribuída ao gramático ateniense Apolodoro, embora essa atribuição seja rejeitada atualmente, e a referência ao autor da *Biblioteca* se dê pela forma Pseudo-Apolodoro²⁰.

A data de composição da *Biblioteca* é geralmente indicada entre o século I a. C. e III d. C. Essa obra é composta de três livros e um epítome; ela se apresenta em vários manuscritos, mas, muitas vezes, estes são tardios e incompletos, o que acaba por apresentar, em alguns momentos, narrativas interrompidas abruptamente, como podemos ver no texto a respeito das aventuras de Teseu, presente no livro III. Embora a *Biblioteca* apresente, algumas vezes, histórias interrompidas, ela é vasta e pode apresentar narrativas bem mais completas se comparada a outras versões mais antigas de um mesmo mito²¹.

¹⁸ *En general pueden considerarse como trabajos de análisis mitográfico las ediciones comentadas de los mitógrafos y los trabajos monográficos más serios, sobre todo los artículos mitológicos de las enciclopedias Filología; y como trabajos de síntesis mitológica los tratados, manuales y compendios, sin que, por otra parte, falten estudios en que se aúnan de algún modo, ya sea en forma equilibrada y armónica, ya con predominio de una u otra, las dos fases de la labor de investigación sobre los mitos.*

¹⁹ As aspas são nossas.

²⁰ Sobre essa questão a respeito da autoria da *Biblioteca* atribuída ao Apolodoro de Atenas, cf. CABRAL, 2013, p. 15.

²¹ Cf. LAGES, 2012, p. 79-91.

O autor, para a composição de sua *Biblioteca*, recorre a fontes de obras literárias e as segue com muito zelo. Assim, não podemos deixar de reconhecer a importância desse manual cujo autor teria se utilizado de várias fontes das quais hoje não dispomos.

A *Biblioteca* é caracterizada por apresentar um resumo de outras obras dos gêneros épico e dramático gregos. Para esse livro, contamos com duas edições que são consideradas como as de maior relevância: a de Richard Wagner, de 1894, e a de James George Frazer, de 1921, que é vista como uma das edições mais respeitadas, por apresentar um estudo exaustivo e detalhado das narrativas mitológicas.

Além da *Biblioteca*, temos as *fabulae* de Higino, que figura também como um dos manuais mitográficos mais relevantes, uma obra que abarca diversas fontes e dados antigos. No que se refere ao autor, sabemos também muito pouco, apenas seu nome Higino. A informação que temos a respeito da composição de sua obra advém da conjectura de que o *terminus ante quem* seja o ano 207 d. C. Dessa forma, sua data de composição só pode ser inferida, devido ao fato de as fábulas terem sido traduzidas do latim ao grego, como uma “espécie de prólogo”²² de uma obra nomeada de *Hermeneumata Leidensia*, atribuída ao gramático Dosíteo²³.

Atualmente o acesso às *Fabulae* se dão por meio da edição *princeps* de Jacob Micyllus, em 1535, e da edição de Herbert Jennings Rose publicada em 1933. As *Fabulae* não dispõem de nenhum manuscrito que tenha sido completamente conservado, mas sua edição *princeps* teria sido baseada em fragmentos do *codex Frisingensis* e em um palimpsesto do Vaticano. Também quanto ao título da obra há muita discussão em torno de dois nomes que chegaram até nós: presume-se que poderia ser “*Genealogia* de Higino” (*Υγίνου Γενεαλογία*), como registrado na *Hermeneumata Leidensia*²⁴; no entanto, observa-se que, na época atual, a maioria das edições trazem o título de *Fabulae*.

Para além da *Biblioteca* de Apolodoro e das *Fabulae* de Higino, dispomos também dos *Catasterismos* de Eratóstenes (ca. 276 a. C. - ca. 194 a. C.)²⁵. Tal como os dois mitógrafos mencionados anteriormente, pouco sabemos sobre Eratóstenes. Com relação à obra, esta versa sobre narrativas mitológicas – referentes às estrelas e aos

²² Sobre isso, Ruiz de Elvira (1982, p. 27) cita o tradutor anônimo que diz: *según nos disse el proprio traductor en una especie de prologo.*

²³ Cf. RUIZ DE ELVIRA, 1982, p. 27.

²⁴ *Idem*

²⁵ Chama-se catasterismo a transformação de um personagem da mitologia grega em estrela ou constelação.

planetas –, que sobreviveu em um único manuscrito, o códice *Palatinus* 398, conservado desde 1816 em Heidelberg. Além dos *Catasterismos*, há outras obras valiosíssimas neste manuscrito tais como: *Sofrimentos de amor*, de Partênio, e a *Coleção de metamorfoses*, de Antônio Liberal entre outras composições²⁶.

Na transição da Antiguidade para a Idade Média, destacamos o autor *Fabius Planciades Fulgentius*, em português Fábio Planciades Fulgêncio, situado entre a Antiguidade e o Medievo (meados do século V a meados do VI), com suas *Mythologiae*. Fulgêncio é considerado como o principal inspirador de vários alegoristas medievais e modernos (RUIZ DE ELVIRA, 1982, p. 16).

Os denominados Mitógrafos do Vaticano, influenciados por Fulgêncio, compilaram uma coleção de narrativas mitológicas greco-romanas reinterpretadas alegoricamente na Idade Média também à luz da filosofia moral cristã. Essas narrativas foram descobertas em manuscritos e reunidas por Angelo Mai, que, na época de sua descoberta, era prefeito da biblioteca do Vaticano (FRANCO DURÁN, 1997, p. 146), no século XIX.

A obra dos Mitógrafos do Vaticano se registra em três coleções, em que seus autores permanecem anônimos, com exceção da terceira coleção que é atribuída a Alberico. Assim, eles são identificados como: Primeiro Mitógrafo, Segundo Mitógrafo e Terceiro Mitógrafo. A edição *princeps* desses três mitógrafos foi publicada, em 1831, por Mai.

Nos últimos séculos da Idade Média, um manual mitográfico de fôlego é aquele desenvolvido por Giovanni Boccaccio (1350-1360), intitulado de *Genealogia deorum gentilium* (“Genealogia dos deuses pagãos”). O autor produz sua magnânima obra, influenciado pelos autores greco-latinos antigos como Lactâncio Plácido, Cícero, Homero, Ovídio, Virgílio, Macróbio, também Fulgêncio e Alberico. A este último, é atribuído, por alguns estudiosos, a possível autoria da terceira obra dos *Mythographi Vaticani*²⁷, sobre os quais trataremos no capítulo seguinte.

Esse trabalho filológico de Boccaccio é de suma importância não só à sua época como também para autores que surgiriam logo a seguir, a exemplo disso, têm-se os

²⁶ Sobre outros exemplos de obras presentes no manuscrito *Palatinus* 398, cf. RUIZ DE ELVIRA, 1982, p. 28.

²⁷ Essas obras, em um primeiro momento, foram estudadas como tendo uma única entidade autoral, mas por apresentarem características muito peculiares entre si como, por exemplo, o estilo e a extensão das narrativas interpretativas, são atribuídas a autores diferentes, cujas identidades ainda permanecem anônimas, salvo a terceira que é atribuída ao autor Alberico (PEPIN, 2008, p. 5).

autores Pierre Bersuire, conforme veremos mais à frente, com a recompilação de *Ovidius moralizatus* (“Ovídio moralizado”) de 1362 e Coluccio Salutati, com *De laboribus Hercules* (“Sobre os trabalhos de Hércules”) de 1406. Em ambas as obras, vê-se que ambos os autores se apropriam desses estudos como base para produção de suas narrativas.

No final da Idade Média surgem outros manuais, entre eles o *Ovide moralisé*, o *Ovidius moralizatus* e o *Fulgentius metaforalis*. Essas obras foram compostas com o intuito de moralizar os costumes dos leitores da época por meio das “verdades” que se apresentavam nos mitos clássicos.

O *Ovide moralisé* (“Ovídio moralizado”) é um poema constituído de mais de setenta e dois mil versos, cujo autor é anônimo, do início do século XIV. A obra está organizada em quinze livros da mesma forma que as *Metamorfoses* de Ovídio. Quanto à composição de sua obra, o autor além de ter se baseado nas *Metamorfoses*, nas *Heróides* e nos *Fastos* de Ovídio, também considerou outros autores e fontes, como Higino, Sérvio, Estácio entre outros²⁸.

A obra *Ovidius moralizatus* (“Ovídio moralizado”) é uma adaptação das metamorfoses de Ovídio, que foi escrita entre 1348 e 1360 por Pierre Bersuire. Nessa obra, escrita em prosa com aproximadamente cem manuscritos que abrange os séculos XIV e XV, é possível reencontrar os mitos antigos sob a forma de alegorias, atravessados por interpretações evemeristas, morais e espirituais.

O *Fulgentius metaforalis* foi composto pelo franciscano John Ridewall, no século XIV. Nessa obra, o franciscano compõe seu tratado mitológico utilizando diversas fontes, sendo Fulgêncio a sua principal. John Ridewall, em *Fulgentius metaforalis*, apresenta vários capítulos em que as divindades são identificadas a uma virtude ou às vezes a um vício. Dessa forma, Saturno é o deus da Prudência, Júpiter é a Benevolência, Juno é a Memória, Netuno, a Inteligência, Plutão, a Providência. Assim, nesse tratado alegórico, John Ridewall interpreta os mitos antigos sob um viés cristão em que as características das divindades pagãs eram interpretadas no sentido moral (JUAN SEZNEC, 1983, p. 85).

Já do Renascimento registram-se obras de mitógrafos italianos que figuram um lugar importante nos estudos mitográficos, a saber, Lilio Gregorio Giraldi, Vincenzo

²⁸ Sobre outros autores que serviram de base para a composição da obra *Ovide Moralisé*, cf. FRANCO DURÁN (1997, p. 144).

Cartari e Natale Conti, ambos estudiosos do século XVI. Por volta de 1548-1568, esses três autores usufruem de sucessos com seus manuais. A princípio, destaca-se Lilio Gregorio Giraldi (1479-1552), considerado o mais antigo e melhor filólogo entre os três mitógrafos desse período, por ter um notável conhecimento de autores gregos e latinos. Sua obra *De deis gentium varia et multiplex historia* (“Uma história múltipla e variada sobre os deuses pagãos”) propicia muitos elementos que são de suma importância para o entendimento dos mitos antigos, como a etimologia e os epítetos dos deuses, além de rememorar as interpretações alegóricas, vistas como principal elemento para explicar as narrativas míticas (IGLESIAS; ALVAREZ, 1998, p. 91-92).

Vincenzo Cartari é tradutor e comentador da obra *Fastos*, de Ovídio. Cartari entre 1551 e 1558, em Veneza, conhece Francisco Marculini, que o ajuda a fazer parte do círculo dos humanistas venezianos. Uma das principais características desse mitógrafo é a escrita de suas obras em italiano, pois reconhecia que, se suas narrativas fossem escritas em latim, poderia limitar seu público leitor (IGLESIAS; ALVAREZ, 1998, p. 92-93).

O último mitógrafo italiano referente ao século XVI é Natale Conti. Com relação a esse autor, não há muitos dados a respeito de sua vida, quando há, são controversos. Contudo, a esse mitógrafo é atribuída a data de seu tempo de vida e de morte entre 1520 e 1582 em Roma. Conti escreveu a obra denominada *Vniversae historiae sui temporis ab anno MDXLV usque MDLXXXI* (“Os universos históricos de seu tempo do ano 1545 a 1581”) (IGLESIAS; ALVAREZ, 1998, p. 94-95).

Para além dos mitógrafos italianos com seus respectivos manuais mitográficos importantíssimos para os estudos da mitologia clássica, podem-se apontar os dois principais dicionários mitológicos, que gozam de grande prestígio em nossa época, o *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, de Pierre Grimal, cuja primeira edição foi em 1951, e o dicionário de Herbert Hunger, *Lexikon der griechischen und römischen Mythologie*, cuja primeira edição é de 1953 (RUIZ DE ELVIRA, 1996, p. 162-163).

Nesse levantamento não exaustivo da mitografia clássica, evidentemente ficaram de fora certas obras que não fazem parte do gênero mitografia propriamente dito, mas que lhe servem de base, por apresentarem algum conteúdo mitológico, como ocorre nas obras poéticas e em obras em prosa, que, mesmo não tendo seus trabalhos dedicados a temas míticos, muitas vezes apresentam dados mitográficos importantes; é o caso, por exemplo, das obras de Homero e Hesíodo, das tragédias e das *Metamorfoses* de Ovídio (RUIZ DE ELVIRA, 1966, p. 146).

Os estudos realizados pelos mitógrafos ao longo de séculos sobre a mitologia clássica declaram a importância das narrativas míticas tanto para a sociedade greco-romana – sobretudo para a representação de sua cultura –, quanto para os períodos subsequentes na cultura ocidental, haja vista a frequente retomada, conforme vimos, dos mitos antigos, que sobrevivem reinterpretados. Nesse sentido, há uma questão que está sempre em voga: a de como essas narrativas sobreviveram.

Para uma melhor compreensão dessa questão, passaremos agora à seção em que discutimos as formas de interpretações mitológicas, profundamente concatenadas com o respectivo gênero e com a sobrevivência dos mitos pagãos, por meio da apresentação dos tipos de interpretações praticadas, principalmente durante a Idade Média.

1.3 Formas de interpretação dos mitos clássicos

Na Antiguidade clássica, as tentativas de se estudar e de se interpretar os mitos foram diversas, tanto pelos mitógrafos quanto pelos antiquários. Durante essa era surge uma série de interpretações, dentre as quais se destacam a *evemerista*, a *física*, *psicológica* e a *moral*.

Todavia, na Idade Média, com a queda do Império Romano, essas formas de interpretação vão ganhar um considerável destaque, principalmente a *evemerista*, visto que, com o estabelecimento do Cristianismo no império de Carlos Magno, a Igreja Católica passará a ter um papel importante no chamado Sacro Império Romano-Germânico.

O *evemerismo* é uma doutrina difundida pelo historiador grego do século IV-III a. C, Evêmero de Messina, que em sua obra intitulada *Sagrada Escritura* descreve ter conhecido o Templo de Zeus numa visita à ilha de Panchea. De acordo com Evêmero, ele pôde identificar, por meio de uma inscrição, o túmulo de Zeus em Creta. Com essa descoberta do túmulo, Evêmero parece concluir que Zeus foi um rei que viveu em um passado distante e, por ter prestado algum serviço importante à humanidade na época, teria sido divinizado (RUTHVEN, 2010, p. 17).

A *Sagrada Escritura* de Evêmero não sobreviveu, mesmo tendo sido um dos primeiros textos a ser traduzido e difundido para o latim por Enio. Com relação a Evêmero, tudo que se sabe ao seu respeito está evidenciado na obra denominada *História Eclesiástica*, na qual Eusébio tenta reconstruí-la no começo do século IV d. C. No entanto, Lactâncio, por sua vez, conservou alguns de seus fragmentos e da tradução

de Enio, que explicita que os deuses foram homens comuns, mas teriam sido divinizados por seus contemporâneos (JUAN SEZNEC, 1983, p. 20).

Embora essa interpretação evemerista não tenha sido aceita por alguns autores da época, com o advento do Cristianismo, essa teoria adquire importante *status*, sendo a mais difundida pela Igreja católica. Dessa forma, observa-se que essa forma de interpretação desempenhará um papel preponderante, como destaca Sez nec (1983):

[...] o evemerismo vai conhecer, no começo da era cristã, uma extraordinária revalorização. Os apologistas, os Padres mais tarde, se amparam alegremente com a arma oferecida a eles pelos próprios pagãos, e se voltam contra o politeísmo²⁹ (JUAN SEZNEC, 1983, p. 20-21).

De fato, os autores cristãos, ao se apropriarem da mitologia pagã, convertem os mitos em uma espécie de compilação ou “manuais didáticos” para difundir seu legado por meio de reinterpretações. Essa reapropriação do paganismo poderia ser vista como estratégia ou meio para os cristãos firmarem seus interesses através dessa literatura pagã, já que a cultura antiga ainda se fazia muito presente. A respeito desse assunto, BRISSON (2014, p. 228) assevera:

[...] Os apologistas cristãos e os Pais da Igreja tinham, de bom grado, adotado essa interpretação [a evemerista] para usá-la como arma contra o paganismo. Mas é uma arma com dois gumes; porque, se ela rebaixa os deuses ao nível dos mortais, pelo mesmo expediente ela confirma sua existência e os faz entrar na história.

Além disso, por meio desse expediente poderia ser questionada a própria divindade de Cristo, inscrito historicamente. Nesse sentido, os cristãos não podiam simplesmente abandonar a tradição clássica, muito provavelmente porque a cultura clássica era a base da própria cultura escolar, portanto a Igreja adotou os mitos considerados pagãos e lhes deu uma nova roupagem por meio de interpretações físicas, psicológicas e morais, e principalmente históricas, isto é, evemeristas.

No começo da era Cristã, os apologistas e os padres da Igreja se apropriaram dessa nova doutrina de interpretação para rechaçar os pagãos. Assim, é possível observar que vários autores cristãos da época a preconizavam, tais como *Clemente Alexandre*, em *Choratio ad gentes* (P.G. VIII, col. 152); Lactâncio (*Div. Inst.* P.L. VI, col. 190 ss); *Vnde idolum* (1,1) de Fulgêncio; *De idolorum vanitate* de São Cipriano; *De*

²⁹ [...] el evemerismo va a conocer, al comienzo de la era cristiana, una extraordinária revalorización. Los apologistas, los Padres más tarde, se amparan gozosos de esa arma que les ofrecen los propios paganos, y la vuelven en contra del politeísmo.

idolatria de Tertuliano; *De consensu Evangelistarum* e *De Civitate Dei* de Santo Agostinho (JUAN SEZNEC, 1983, p. 20-21).

Será dessa forma, em questionamentos e reinterpretações, que se poderá notar a manutenção da tradição literária antiga em toda a Idade Média. No entanto, é nesse período, i. e., em toda Idade Média, que essa tradição passa a figurar de uma forma diferente, pois como expõe Juan Seznec (1983):

A origem humana dos deuses deixa de ser uma arma contra eles, uma razão para desprezá-los: ela os protege e até lhes concede direitos à sobrevivência; acaba sendo para eles um título de nobreza (JUAN SEZNEC, 1983, p. 20)³⁰.

Assim, na medida em que os cristãos se utilizavam dessa tradição pagã para negar a existência dos deuses, eles acabavam por atestar, ao mesmo tempo, sua existência e sua sobrevivência como homens simples de um passado remoto.

Dessa forma, a interpretação evemerista viria a suscitar, por outro lado, algumas questões (*quando? onde? como? e por quê?*) acerca desses deuses que teriam sido homens em algum um momento no tempo. Em vista disso, como nos apresenta Juan Seznec (1983, p. 20), o evemerismo passa a contribuir na investigação histórica, para tentar identificar quem teria sido esses homens idolatrados, a exemplo disso destaca-se a Crônica de Eusébio, que retrata o deus babilônio Baal como sendo o primeiro rei dos Assírios e que teria reinado durante a guerra entre os Gigantes e os Titãs. De acordo com Juan Seznec (1983, p. 20), essa informação é muito vaga e, além do mais, parece que o intuito de Eusébio, com a Crônica, era mostrar que o povo babilônio veio antes dos pagãos.

Outro importante livro a ser destacado são as *Historiae Adversus Paganos* de Paulo Orósio, que também recorre ao evemerismo para tentar interpretar o passado. Essa obra teve grande repercussão durante a Idade Média chegando a ser muito utilizada no Renascimento.

Contudo, com o evemerismo ligado à história, durante o século VII nas *Etimologias* de Isidoro de Sevilha, observa-se o uso mais interessante dessa forma de

³⁰ *El origen humano de los dioses deja de ser un arma contra ellos, una razón para despreciarlos: el protege, incluso les otorga derechos a la supervivencia; acaba por constituir para ellos un título de nobleza.*

interpretação. Nessa obra, o autor reconta a história do mundo dividida em seis eras³¹. A esse respeito Juan Sez nec (1983) destaca que nas *Etymologiae*:

Sobretudo, ele [Isidoro de Sevilha] encontrava nessas eras primitivas os heróis civilizadores – destruidores de monstros, fundadores de cidades, inventores das artes – de Prometeu. Era para restabelecer a dignidade e a independência dos personagens da fábula: se eles foram os benfeitores da humanidade, sua memória era preservada com todo direito; e, por outro lado, não há razão para subordiná-los aos personagens da História Sagrada, aos patriarcas, aos juizes, aos profetas: eles podem ser colocados no mesmo nível, se não na mesma linhagem. Enquanto ganham um lugar na história, os deuses recuperam um novo prestígio (JUAN SEZNEC, 1983, p. 21).³²

Evidentemente, percebe-se que Isidoro de Sevilha, por meio da interpretação evemerista, revela os deuses antigos como homens que de algum modo prestaram algum serviço à humanidade, seja pela invenção das artes, seja pela fundação de cidades. Assim, o autor não só preserva a memória dos personagens míticos, como também os coloca no mesmo patamar dos personagens da história sagrada, dos patriarcas, dos juizes, e dos profetas, dando-lhes assim a sobrevivência e um lugar na história.

Paralelamente à história pagã, têm-se a história sagrada. Embora elas se cruzem, como nos assevera Juan Sez nec (1983), não devemos subordinar os pagãos aos personagens da História Sagrada. Nesse momento, é oportuno mencionar Adón de Viena, que, em sua *Crônica* das seis eras, se inspira nas *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha. Em sua *Crônica*, é possível observar o atravessamento das duas histórias, a pagã e a sagrada. Adón, após ter falado de Moisés e do Exôdo, destaca os altos feitos da História pagã:

Diz-se que, naqueles tempos, viveu Prometeu, a quem se atribui a modelagem dos homens a partir do barro: na mesma época, seu irmão Atlas era considerado um grande astrólogo; o neto de Atlas, Mercúrio, foi um sábio hábil em muitas artes; por esse motivo, após sua morte, a aberração de seus contemporâneos o colocou entre os deuses [...] (P. L. CXXIII, col. 35 apud JUAN SEZNEC, 1983, p. 21)³³.

³¹ Isidoro de Sevilha divide a história do mundo em seis idades: “da Criação ao Dilúvio; do Dilúvio a Abraão; de Abraão a Davi; de Davi ao cativo da Babilônia; do cativo da Babilônia até o nascimento de Cristo; e a partir deste nascimento” (*de la Creación al Diluvio; del Diluvio a Abraham; de Abraham a David; de David a la Cautividad de Babilonia; de la Cautividad de Babilonia al Nacimiento de Cristo; y a partir de este nacimiento*, JUAN SEZNEC, 1983, p. 21).

³² *Sobre todo, recontraba en esas edades primitivas los héroes civilizadores – destructores de monstruos, fundadores de ciudades, inventores de las artes – desde Prometeo. Era restituir a los personajes de la Fábula su dignidad y su independencia: si han sido los benefactores de la humanidad, su memoria se conserva con todo derecho; y por otra parte no hay motivo para subordinarlos a los personajes de la Historia Sagrada, a los patriarcas, a los jueces, a los profetas: se les puede situar al mismo nivel, cuando no en el mismo linaje. Al mismo tiempo que se ganan un lugar en la historia, los dioses recuperan un prestigio nuevo.*

³³ *Se dice que en aquellos tiempos vivió Prometeo, al que se atribuye el haber moldeado a los hombres con el barro: en esa misma época, su hermano Atlas era considerado un gran astrólogo; el nieto de*

Dessa forma, percebe-se claramente o entrecruzamento do profano e do sagrado. Além do mais, Mercúrio é visto como uma aberração por ter sido divinizado em função de ter sido muito habilidoso nas artes.

Do mesmo modo que Adón de Viena se inspirou em Isidoro de Sevilha para a produção de sua *Crônica*, é relevante mencionar que, em 1160, Pedro Comestor escreveu a *Historia Scholastica*, uma história do povo de Deus que foi difundida em toda a Europa e que teve tradução realizada por Guyart de Moulins em 1297 com o título de *Bible Historiale*.

Em uma série de capítulos curtos e como apêndice de sua *Historia Scholastica*, Pedro Comestor condensa o material mitológico que traz a história pagã e a sagrada tendo por base Isidoro de Sevilha e seu predecessores, Orósio e São Jerônimo. Desse modo, Pedro Comestor reconhece os personagens da história sagrada e os da pagã como sendo homens gênios, conforme os exemplos: Zaratustra, em grego Zoroastro, que inventou a magia e inscreveu as sete artes sobre quatro colunas; Ísis, que ensinou as letras do alfabeto e a escrita aos Egípcios; Minerva, que ensinou várias artes e sobretudo a tecelagem; e Prometeu, que criou os homens. Todos esses poderosos teriam sido guias e mestres da humanidade, de forma que todos seriam veneráveis, assim como os patriarcas (JUAN SEZNEC, 1983, p. 22).

Durante a Idade Média, o livro de Pedro Comestor chegou a ser um manual escolar utilizado na formação do clérigo na ortodoxia evemerista. Além disso, a *Historia Scholastica* serviu posteriormente de base para a construção da *Speculum Historiale* de Vincent Beauvais (ca. 1190-1264). Esses livros, de acordo com Juan Seznec (1983, p. 23), declaram a generosidade da humanidade em converter os gênios da antiguidade em deuses. A respeito disso, podemos mencionar *El Libro del Tesoro* (O Livro do Tesouro) de Brunetto Latini, em que apresenta Mercúrio no mesmo nível que Moisés, Solón, Licurgo, Numa Pompílio e o rei grego Foroneu.

A passagem da Idade Média para o Renascimento, portanto, não é mais vista como ruptura, mas como a continuidade e sobrevivência dos deuses pagãos que se prolongaram ao longo de séculos. É com a icnografia que podemos notar a manutenção da tradição evemerista, em que estabelece uma relação de igualdade entre o profano e o

Atlas, Mercurio, fue un sabio hábil en varias artes; por esta razón, después de su muerte, la aberración de sus contemporâneos le situó entre los dioses [...].

sagrado, como se vê na Capela de Colleoni, em Bérgamo na Itália, obra renascentista que apresenta características do Antigo Testamento e da mitologia como o castigo de Adão e os trabalhos de Hércules (JUAN SEZNEC, 1983, p. 25-34).

Um outro tipo de interpretação é a *física*, uma doutrina associada aos elementos da natureza. Nessa outra forma de interpretar a mitologia, os nomes dos deuses eram relacionados aos elementos astrológicos e astronômicos, que envolviam os planetas, os zodíacos, a geologia e tudo que fosse associado aos elementos do universo. Para os romanos e alexandrinos, as estrelas eram vistas como divindades, diferentemente de nossa época que essas são consideradas corpos celestes. Assim sendo, esses povos da época nomeavam as estrelas baseando-se em cada personalidade divina, logo os deuses da terra agora eram encontrados no céu como Hércules, Júpiter e Marte. Como diz Brisson (2014, p. 231), destronados da terra, os deuses assumiram um lugar no céu.

No final da era pagã, a identificação dos deuses com os astros já estava completa. Conforme Juan Seznec (1983, p. 41), tanto para as constelações quanto para os planetas, o processo de mitologização foi gradual e irregular. Esse processo, para constelações, teve início na época homérica. As estrelas e as constelações não eram mais correlacionadas com os nomes de objetos, de animais, como a balança ou o carneiro, mas com os mitos, como em Homero, que mencionava o poderoso Oríon³⁴.

Ainda nessa linha de pensamento, destaca-se os *Catasterismos*, como vimos anteriormente, em que Eratóstenes (284-204) interpreta o mito dos *Doze Trabalhos de Hércules* tendo como base o calendário do zodíaco. Segundo Juan Seznec (1983, p. 42), Eratóstenes dá uma significação mitológica para as constelações, como os símbolos dos zodíacos, que são relacionados aos heróis míticos, por exemplo, o leão de Nemeia e o touro que raptou Europa.

³⁴ Cf. Homero, *Iliada* (8, 486-488); *Odisseia* (5, 121). Oríon era um gigante caçador, filho de Euríale e de Posídon. Ele tinha uma grande beleza e uma tamanha força, este ousou enfrentar Hera, desposando Side em suas núpcias, assim a deusa o precipitou no Tártaro. Oríon, tendo sido privado de sua esposa, foi para Quios, provavelmente chamado por Enópion para que se livrasse dos animais selvagens que assolavam a ilha. Contudo, chegando lá, Oríon se apaixonou por Mérope, filha de Enópion, mas o pai desta não consentiu a união entre os dois. Em outras versões, diz-se que Oríon embriagado quis violentar Mérope, também em uma outra diz-se que o próprio Enópion que o embriagou. De qualquer maneira, o rei o cegou, enquanto ele dormia. Assim, Oríon dirigiu-se à forja de Hefesto, onde encontrou um menino chamado de Cedálion que pediu-lhe para que o levasse até ao Sol nascente, tendo chegado lá recuperou a visão. Posteriormente Oríon se apaixonou por Aurora e a levou consigo para Dédalos. Todavia, ele foi morto por Ártemis por ter ousado a desafiar-la em um concurso de Dardos ou por ter tentado violentar uma de suas servas. Contudo, em uma outra versão, diz-se que Oríon teria tentado violar a própria Ártemis, a qual o enviou um escorpião que o mordeu no calcanhar. Dessa maneira, a deusa por agradecimento ao escorpião o transformou em uma constelação, tendo Oríon o mesmo destino (GRIMAL, *DMGR*, s.v. *Orion*).

Para os planetas, o processo de mitologização foi mais complexo. Os gregos logo no princípio não os diferenciavam; havia apenas um deles: Vênus. No entanto, mais tarde, eles aprenderam – com os Babilônios – a distinguir os cinco astros errantes e os que formavam as constelações. Dessa forma, os gregos consagraram cada um dos planetas a uma divindade: “cada deus babilônico foi substituído como senhor de um planeta por um deus grego que apresentava alguma semelhança de caráter com ele”³⁵ (JUAN SEZNEC, 1983, p. 42).

Para esse processo, houve duas grandes influências: Zenón e sua escola, que tentava conciliar a filosofia e as antigas crenças, e as religiões orientais, sobretudo o culto persa ao Sol e o culto babilônico aos planetas³⁶. Com essas influências oferecidas nesse processo da mitologização, essa identificação dos deuses com os astros, de fato, garantiu a sobrevivência dessa mitologia pagã. Assim como o evemerismo, a Igreja teve à sua disposição um outro tipo de interpretação, a física, que:

Na medida em que a comunidade cristã estava aberta à cultura profana, não poderia prescindir da astrologia; e houve um duplo motivo que levou os Padres da Igreja a introduzir todos esses estudos na educação cristã: primeiro, a preocupação dos críticos por não serem inferiores aos leigos; então a necessidade de entender bem sua própria religião. Pois, como reconhece Santo Agostinho, para ler as Escrituras e adquirir a ciência das coisas divinas, é necessário conhecer a história natural e a astronomia (JUAN SEZNEC, 1983, p. 46)³⁷.

Claramente, é possível perceber que a Igreja se utilizou de mais uma forma de interpretação. Contudo, a introdução dos estudos profanos na educação cristã pelos Padres não foi fortuita, já que esses foram “obrigados” a aprender a mitologia pagã, para não ser inferiores, e introduzi-la em seus estudos, até mesmo para compreender melhor sua própria religião e assim difundi-la a sua maneira.

Ainda a respeito da interpretação *física*, Alberto Magno, em *De mineralibus* (Sobre os minerais), elucida a origem das pedras por meio do mito de Pirra e Deucalião. Para além dos nomes desses autores, pode-se acrescentar Michel Maier (1568-1622),

³⁵ *Cada dios babilónico fue sustituido como señor de un planeta por un dios griego que presentaba com él alguna semejanza de carácter.*

³⁶ Novamente aqui, percebe-se o entrecruzamento entre sagrado e o profano. A Igreja fixou a data do nascimento de Cristo a 25 de dezembro, que na crença pagã se refere ao nascimento do Sol, pois é a partir dessa data que começa um novo sol (JUAN SEZNEC, 1983, p. 45).

³⁷ *En la medida en que la comunidad cristiana se abría a la cultura profana, no podía prescindir de la astrologia; y habia un doble motivo que impulsaba a los Padres de la Iglesia a introducir todos esos estudios en la educación cristiana: en primer lugar, la preocupación de los cristianos por no ser inferiores a los laicos; a continuación, la necesidad de comprender bien su propia religión. Pues, como san Agustín reconoce, para ler la Escritura y para adquirir la ciencia de las cosas divinas, es preciso conocer la historia natural y la astronomia.*

que continua tendo sua obra como uma das mais importantes nesse tipo de interpretação. A esse autor é atribuída a inventividade e a proposição de uma interpretação tanto dos deuses quanto das crenças e das cerimônias (BRISSON, 2014, p. 270-272).

A mitologia antiga passa a ter mais uma possibilidade de explicação para seus mitos, agora por uma linguagem alquímica, tal como declara Lilio Gregorio Giraldi, sob a posse de um manuscrito de Pselo³⁸ a respeito da arte real no momento em que esteve refugiado no castelo de Mirandola. Conforme Giraldi, ao ler o documento com seu amigo, eles só o interpretavam as *Argonáuticas* por um viés “químico”, em que o *vellus aureum* lembrava as coisas transformadas em ouro. Some-se a isso a seguinte reflexão “[...] Bacon acreditava que os mitos incorporavam verdades naturais, apesar destas últimas ficarem “ocultas” [...] (RUTHVEN, 2010, p. 26). Dessa maneira, Bacon assume que o mito é um lugar recôndito de verdade, que só mostra seu sentido aparente.

Embora na interpretação *física* haja, portanto, a associação e a correlação dos personagens míticos com os elementos da natureza, os estudiosos Adalbert Kuhn e Wilhelm Schwartz criticaram essa forma de interpretar os mitos, muito utilizada na Antiguidade, pois, conforme os estudiosos, essa interpretação consistia em limitar a mitologia à meteorologia (RUTHVEN, 2010, p. 26). Em vista disso, supõe-se que talvez essa teoria seja insuficiente para dar conta da explicação de todas as narrativas mitológicas.

Uma outra forma de interpretação a ser destacada é a *moral*. Na verdade, essa teoria era constituída pela combinação da filosofia e da religião que, por sua vez, tentava buscar nos deuses elementos simbólicos de nossa cultura para que estabelecessem um modelo de virtude, pois nem os humanos nem os deuses deveriam ter vícios. Sendo assim:

De todas essas formas de interpretar os mitos, será a doutrina alegórico³⁹-moral a mais difundida e aceita a partir da Idade Média. Os exegetas cristãos

³⁸ Pselo, nascido no final do reinado de Basílio II (976-1025), foi um autor que tentou conciliar a filosofia e a retórica, que as via como uma maneira de formar um homem completo, sobretudo, acrescentado a essas duas disciplinas a política. Pselo foi um mestre que despertava nos alunos o interesse e o desenvolvimento de interpretações alegóricas tendo como base o neoplatonismo. Esse *magister* teve como discípulo ilustre seu próprio amigo João Ítalo (BRISSON, 2014, p. 200-2001).

³⁹ A palavra “alegoria” é derivada do grego formada por *ἄλλος* (‘outro’) e *ἀγορεύειν* (‘falar’). Esse termo para antigos poderia ser vista como uma figura de linguagem que apresentava um sentido profundo e outro superficial, ou seja, a alegoria servia para explicar algo a partir de uma outra coisa. Contudo, posteriormente a alegoria também será entendida como a prática desenvolvida para descobrir os sentidos ocultos presentes nas narrativas mitológicas. Em relação a sua origem, nada se sabe, no

usam isso em seus comentários sobre a mitologia clássica e alcançaram sua máxima difusão a partir do século XII. A igreja, a princípio, condena o uso da alegoria, mas, com sua rejeição das fábulas pagãs, está continuamente sendo favorecida. O valor literário não é tão importante quanto o ensino moral que pode extrair dos relatos mitológicos, já que está dirigido ao serviço da religião católica. Deste modo, é oferecido uma série de preceitos morais que servem para satisfazer as exigências dos espíritos cristãos e as convenções de sua igreja⁴⁰ (FRANCO DURÁN, 1997, p. 141).

De fato, a Igreja Católica pôde usar o notável legado da cultura clássica antiga, os mitos pagãos, a seu favor. Assim, a partir do momento em que a Igreja molda as narrativas mitológicas para os ensinamentos morais, ela acaba desprezando seu valor literário, de forma que tais narrativas lhe importam *grosso modo* apenas à catequização e à conversão da sociedade pagã ao Cristianismo. Além do mais, a alegoria presente nos mitos possibilitou aos cristãos dominar e manipular as narrativas míticas em prol de suas necessidades.

A mitologia, então, acaba se tornando uma *philosophia moralis* como um meio de difusão das “verdades” cristãs. Para isso, a Igreja, por meio da aplicação do método alegórico aos textos bíblicos, tentava moralizar os mitos pagãos. A respeito disso, é relevante citar os *Moralia* de Gregório Magno, livro composto de alegorias bíblicas, em contraposição as *Mythologiae* de Fulgêncio, com alegorias profanas (BRISSEON, 2014, 233-234).

Na Idade Média, a interpretação moral passou a ser desenvolvida, conforme vimos, inclusive pelo Cristianismo, que potencializou suas exegeses cristãs influenciando diversos autores, como Boccaccio na *Genealogia deorum gentilium* (“Genealogia dos deuses pagãos”), conforme vimos, que acreditava que os pagãos não conseguiam reconhecer o seu Deus verdadeiro. Tal afirmação fora declarada a partir da relação que o autor fez com um trecho da carta aos romanos, presente na Bíblia. Outro

entanto, nota-se que essa prática já era muito utilizada na antiguidade; autores como Anaxágoras (meados do século V) parece ter desenvolvido uma alegoria moral na poesia homérica. Além do mais, Diógenes de Apolônia parece ter encontrado na *Iliada* e na *Odisseia* ensinamento físico. Assim, embora Porfírio na metade do século III d. C atribua a Teágenes de Regio (século VI a. C.) o galardão de inaugurador da alegoria do tipo física e moral nos seus comentários sobre a *Iliada* e a *Odisseia* de Homero, é possível observar que essa prática hermenêutica já era muito empregada pelos antigos (BRISSEON, 2014, p. 59-75).

⁴⁰ *De las todas estas maneras de interpretar los, será la doctrina alegórico-moral la más difundida y aceptada a partir de la Edad Media. Las exégetas cristianos la utilizan en sus comentarios sobre la mitología clásica y llegará a su máxima difusión a partir del siglo XII. La iglesia, en un principio, condena el uso de la alegoria pero, con sus rechazo a las fábulas paganas, la está continuamente favoreciendo. El valor literario no es tan importante como la enseñanza moral que se puede extraer de los relatos mitológicos ya que está dirigida al servicio de la religión católica. De este modo, se ofrecen una serie de preceptos morales que sirven para satisfacer las exigencias de los espíritus cristianos y las convenciones de su iglesia.*

autor que também sofreu influência foi Pierre Bersuire, na obra *Ovidius moralizatus* (“Ovídio moralizado”) no século XIV (RUTHVEN, 2010, p. 39).

Assim, no decorrer da Idade Média se percebe claramente a tentativa da Igreja em “cristianizar” os personagens míticos da literatura pagã. Nesse período, se observam as transformações realizadas pelos clérigos, em que esses muitas vezes interpretavam as figuras míticas dando-lhes um sentido moral, como, por exemplo, na deturpação do sentido de uma imagem com a adição de um texto ou então na conversão de um Cupido em um anjo, e de Minerva na Virgem Maria (JUAN SEZNEC, 1983, p. 92).

Durante o período da Renascença, Marsílio Ficino (1433-1499), gramático, médico e teólogo, foi um dos influentes intelectuais da interpretação moral na Itália. Esse autor, portanto, desempenhou importantes funções, tendo sido tradutor de diversas obras como os *Diálogos* de Platão, as *Enéadas* de Plotino, *Teologia Mítica* e os *Nomes Divinos* do Pseudo-Dionísio e foi, também, tradutor de tratados neoplatônicos (BRISSON, 2014, 273).

Por último a interpretação *psicológica*, provavelmente pertencente ao século XIX. Os principais envolvidos nessa tentativa de interpretar os mitos são Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, Sándor Ferenczi e Paul Del. A princípio temos Sigmund Freud que se apoiou na mitologia com o intuito de explicar sua teoria da Psicanálise a partir do inconsciente da alma do ser humano. Para o psicanalista, os mitos são a manifestação de processos inconscientes, de coisas reprimidas que não podiam ser externalizadas, como as fantasias sexuais armazenadas na mente humana.

Os mitos, segundo Freud, estão atravessados de sexo. Para o psicanalista, “o inconsciente é como uma espécie de celeiro onde a mente consciente armazena fantasias sexuais que prefere desconhecer” (RUTHVEN, 2010, p. 32). Desse modo, sua interpretação do mito de Prometeu é baseada puramente na questão sexual. Conforme o autor, o roubo do fogo por Prometeu corresponde a uma castração simbólica de uma disputa entre Zeus e o titã. Para o pensamento psicanalítico, Prometeu, ao roubar o fogo, castra Zeus, tendo sido ele próprio, ao mesmo tempo, também castrado, a partir do momento em que o deus do trovão lhe impõe um castigo, privando-o de sua liberdade⁴¹.

Carl Gustav Jung, por sua vez, discorda da teoria da projeção de Freud e estabeleceu sua própria teoria composta por dois níveis: o “inconsciente pessoal” e o

⁴¹ Cf. QUINET; HARVAT, 2013, p. 85-106.

“inconsciente coletivo”. Quanto ao segundo nível, que foi empregado para explicar os mitos, Jung determinou o inconsciente coletivo como sendo “arquétipos”, que são imagens produzidas e comuns nos mitos, nos sonhos, na literatura entre outras. De acordo com Jung essas imagens são universais, isto é, semelhantes em toda sociedade do mundo (RUTHVEN, 2010, p. 33).

Embora Jung ofereça uma importante contribuição para a psicologia por meio da estrutura composta pelos dois níveis, não podemos de forma alguma reduzir a mitologia greco-romana tão somente à ideia de “inconsciente coletivo”, pois “se os mitos fossem verdadeiramente universais [...] poderíamos contar cosmogonias e autoctonias iguais no mundo inteiro” (RUTHVEN, 2010, p. 37). Diante disso, observa-se que a teoria de Jung é mais uma importante possibilidade de interpretação da mitologia, considerada a base da cultura clássica, um dos documentos históricos dos povos que viveram em um passado remoto.

As tentativas, como vimos, de se estudar e de se interpretar os mitos foram diversas. Dentre essas formas, destacamos as principais nesse capítulo – a interpretação *evemerista*, a *física*, *psicológica* e a *moral*. Entretanto, essas tentativas teóricas podem ser um tanto exaustivas e “bastante divergentes entre si e apresentam metodologias, objetivos e resultados teóricos com os mais variados graus de eficácia” (ROCHA, 1996, p. 10).

Dada as diversas formas de interpretação, vê-se, portanto, que os mitos sobreviveram. E o mais interessante, é poder perceber que elas “não esgotam o mito”, ou seja, sempre há espaço para uma nova possibilidade de interpretação, como, por exemplo, o famoso mito de Édipo, estudado e interpretado por diferentes vieses, pelos autores Michael Foucault, Freud e Lévi-Strauss⁴².

⁴² Cf. ROCHA, 1996, p. 21-40.

2 OS MITOGRÁFOS DO VATICANO

Em 1831, Angelo Mai, o então prefeito da Biblioteca do Vaticano, publicou uma coleção de mitos clássicos, que foram compostos durante a Idade Média. O prefeito nomeou sua edição de *Mythographi Vaticani*, devido ao fato de seus trabalhos terem sido encontrados em manuscritos na Biblioteca Vaticana (de onde vem o nome pelo qual são reconhecidos). Apontadas inicialmente as três obras como tendo uma unidade autoral, posteriormente, por apresentarem peculiaridades, os Mitógrafos do Vaticano perdem seu status de uma entidade singular, sendo as personas associadas ao Primeiro Mitógrafo e ao Segundo Mitógrafo ainda consideradas desconhecidas; quanto ao Terceiro Mitógrafo, apesar de ainda em discussão, algumas possibilidades de autoria costumam ser consideradas (PEPIN, 2008, p. VII).

Os autores franceses Zorzetti e Berlioz (2003, p. IX) afirmam que, embora Mai pareça ter visto o nome de Higinio para o texto do Primeiro Mitógrafo, em uma subscrição que estava no final livro, essa sugestão parece não ter sido levada a cabo. A autoria do *Segundo Mitógrafo* é, por Mai, atribuída a Lactâncio Plácido; outros sugerem ser Remi d'Auxerre, mas, de acordo com Zorzetti e Berlioz (2003, p. IX), Pierre Courcelle defende que Remi não pode ser um autor da segunda coleção, já que ele é fonte do Primeiro Mitógrafo, e as fábulas do Segundo provém de fontes antigas. Assim, apesar de haver essas tentativas de indentificá-los, as personas do Primeiro e Segundo Mitógrafos permanecem anônimas. Quanto ao Terceiro, alguns autores sugerem ser Alberico de Londres¹.

Assim, conforme Pepin (2008, p. 4), os Mitógrafos do Vaticano, durante a Idade Média, compuseram “manuais de histórias mitológicas que podiam facilitar a leitura e a reapropriação, em diferentes vias, dos poetas clássicos que estavam na base dos cursos gramaticais das escolas”². Esses autores anônimos, portanto, estudavam os mitos e tentavam buscar neles explicações com base na filosofia moral cristã. Era através dessas narrativas mitológicas que esses três estudiosos medievais estavam interessados em

¹ Conforme Zorzetti e Berlioz (2003, p. X), Angelo Mai atribui a obra do Terceiro Mitógrafo a um certo Leontius por causa de Giovanni Brassiano, que o cita por este nome. Contudo, alguns autores, como Petrarca, Boccaccio, Raoul de Presles, acreditam que o Terceiro Mitógrafo tem por nome Alberico de Londres; no entanto, pouco se sabe sobre o autor: apenas o seu nome e o lugar de origem. Além disso, há outros autores que o consideram como Alexandre Neckman ou como um pseudônimo utilizado por Alberico. Embora haja essas tentativas de identificação quanto à autoria do Terceiro Mitógrafo, hoje parece haver um certo consenso em identificá-lo como Alberico.

² “... handbooks of mythological stories that might facilitate reading and reappropriating in various ways the classical poets who formed the basis of the grammar course in schools”.

transmitir os mitos clássicos e ensinar os conhecimentos contidos neles, ajustados aos propósitos do cristianismo.

Para a obra do Primeiro Mitógrafo, contamos com apenas um manuscrito, conforme veremos mais à frente. Essa obra apresenta um total de 233 mitos narrados, dividida em três livros, na versão de Kulcsár 229. As histórias se apresentam de forma ora relativamente breves, ora longas mas sem nenhum propósito mencionado, com exceção de um pequeno grupo de história, como os *Trabalhos de Hércules* e a *Guerra de Troia*. Assim, o compilador do livro I é geralmente visto de uma forma diferente em relação aos outros dois mitógrafos, o Segundo e o Terceiro, por não apresentar um objetivo evidente.

A obra do Segundo Mitógrafo dispõe de 11 manuscritos. A quantidade de mitos narrados no *Segundo Mitógrafo*, cujo autor, conforme vimos, ainda permanece anônimo, é maior com relação ao Primeiro. A edição crítica completa mais recente, proposta por Kulcsár (1987), apresenta 275 narrativas individuais de diferentes extensões; em contrapartida, as edições mais antigas de Angelo Mai e Georgius Bode apresentam 230 narrativas, que foram baseadas somente no manuscrito *Vat. Lat. Reg. 1401*. A apresentação dos mitos nessa coleção é semelhante à do Primeiro Mitógrafo, contudo aqui as histórias parecem estar mais organizadas de forma proposital e sistemática. Além disso, o Segundo Mitógrafo parece apresentar de forma mais recorrente interpretações das histórias narradas. No que diz respeito às fontes, esse mitógrafo parece ter consultado mais fontes do que o Primeiro (PEPIN, 2008, p. 6-7).

Quanto ao Terceiro Mitógrafo, sua obra é preservada em mais de quarenta manuscritos. Essa coleção é considerada a mais interessante, devido ao seu estilo e linguagem, além de possuir uma extensa interpretação alegórica e etmológica dos mitos que ele organizou a partir de diferentes fontes, às vezes conflitantes. O texto possui quinze longas narrativas, inspiradas em obras de autores antigos e tardo-antigos (as *Narrationes*, atribuídas a Lactâncio Plácido; as *Mythologiae*, de Fulgêncio; a *Commentarius ad Aeneidos*, de Sêrvio, entre outras fontes). De acordo com Pepin (2008, p. 8), diferentemente dos outros dois mitógrafos, este terceiro parece demonstrar marcas de sua entidade autoral, como a marca de primeira pessoa que se revela muitas vezes quando esse mitógrafo expressa algum comentário sobre o que está sendo narrado.

Assim, embora o Primeiro Mitógrafo seja visto de uma forma diferente por não possuir um estilo e linguagem como os outros dois mitógrafos, como veremos a seguir, percebemos que há uma tentativa do compilador do Livro I em organizar as narrativas

míticas. Por questão de objetivo dessa dissertação, a partir de agora focaremos apenas no Livro I do *Primeiro Mitógrafo*, mas a quem interessar um conhecimento mais aprofundado dos Mitógrafos do Vaticano podem ser consultados os seguintes autores: Mai (1831); Bode (1834); Kulcsár (1987); Dain (1995); Zorzetti e Berlioz (2003); Pepin (2008).

2.1 *Primeiro Mitógrafo do Vaticano*

A data de composição da obra do *Primeiro Mitógrafo*, conforme Zorzetti e Berlioz (2003, p. XI), costuma ser situada com base nas fontes mais antigas (*terminus post quem*) e mais recentes (*terminus ante quem*) que foram utilizadas pelo compilador. Assim, a fonte mais recente utilizada pelo mitógrafo parece ter sido o *Fabularius* de Remi d'Auxerre, que viveu por volta de 841-908. Segundo Zorzetti e Berlioz (2003, p. XI e XII):

Por outro lado, provavelmente a obra foi usada na *Ecloga* de Theodulus e certamente no Segundo Mitógrafo. Como, nas últimas décadas do século XI, Bernard d'Utrecht usou o Segundo Mitógrafo para ilustrar os mitos apresentados na *Ecloga* de Theodulus, temos certeza de que tanto Theodulus quanto o Segundo Mitógrafo e, a fortiori, o Primeiro Mitógrafo são de antes do final do século XI.³

Dessa forma, o livro do *Primeiro Mitógrafo* deve ser situado entre as últimas décadas do século IX e os finais do século XI. Essa obra, preservada em um único manuscrito (*Vat. Lat. Reg.* 1401), possui um total de 233 mitos narrados, segundo a edição utilizada⁴. Na edição crítica mais recente, de Zorzetti e Berlioz (2003)⁵, a obra está dividida em três livros desiguais em que as *fabulae* são independentes. O primeiro contém 100 narrativas mitológicas, o segundo 101 e o terceiro 32, sendo este último iniciado por uma longa genealogia dos deuses e heróis. Do ponto de vista da extensão, nesses três livros, as histórias narradas ora são relativamente breves, como a fábula *Molorchi* (1, 52), que se registra um pouco mais de duas linhas na edição de referência; ora são relativamente longas, como a *Fabula Tarquini et Lucretiae* (1, 73), que se registra em quarenta e nove linhas na edição. Do ponto de vista do critério de agrupamento temático, parece não haver nenhum propósito específico, com exceção de um pequeno grupo de

³ *D'autre part, il a été utilisé probablement dans l'Ecloga de Théodule et sûrement dans le Deuxième Mythographe. Puisque dans les dernières décennies du XIe siècle Bernard d'Utrecht se servit du Deuxième Mythographe pour illustrer les mythes présentés dans l'Ecloga de Théodule, nous sommes sûrs que tant Théodule que le Deuxième Mythographe et, à plus forte raison, le Premier Mythographe sont antérieurs à la fin du XIe siècle.*

⁴ Segundo Pepin (2008, p. 7), tal manuscrito pertenceu a Cristina, a expatriada rainha da Suécia.

⁵ A primeira edição da obra data de 1995.

histórias relacionadas aos *Trabalhos de Hércules* e à *Guerra de Troia*. Além dessas, há algumas narrativas que estão organizadas por tema, como os mitos que envolvem transformação; outras estão agrupadas por apresentarem os mesmos personagens. Contudo, há outras fábulas que não apresentam nenhuma relação evidente, nesse caso o mitógrafo insere um parágrafo como forma de manter a relação temática entre as narrativas, como veremos mais adiante.

Apesar de citar alguns autores da Antiguidade clássica, como Virgílio, Horácio, Ovídio e Estácio, o Primeiro mitógrafo o faz de maneira não recorrente; há também uma forte dependência de fontes não nomeadas, como Sérvio, Higino e Fulgêncio (PEPIN, 2008, p. 6), conforme veremos a seguir.

2.1.1 As fontes do Primeiro Mitógrafo

O Livro I do Primeiro Mitógrafo, objeto de estudo e tradução nesta dissertação, é composto com base em diferentes fontes e, através de comparações dessas narrativas com outras obras, é possível notar uma forte dependência desses textos em relação a obras que pertenceram à Antiguidade e à Idade Média. Conforme Zorzetti e Berlioz (2003, p. XIII), essas narrativas mantêm uma relação de semelhança com várias obras antigas, pois nelas perpassam algumas citações diretas ou indiretas, como os comentários a Virgílio de Sérvio, os escólios a Estácio, as *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha, a *De astronomia* de Higino, as *Narrationes fabularum Ouidianarum*, e ainda as *Mythologiae* de Fulgêncio, dentre outros. Para os autores franceses, as semelhanças entre as narrativas mitológicas do Primeiro Mitógrafo e essas obras antigas são inquestionáveis, haja vista a predominância de vários extratos presentes nelas que remontam aos autores antigos utilizados pelo mitógrafo, bem como remontam às fontes desses autores, como Sérvio, que teve seu texto copiado, muitas vezes, sem sofrer qualquer tipo de alteração.

Dentre as diferentes fontes empregadas pelo Primeiro Mitógrafo, é pertinente destacar algumas que são consideradas as principais – Sérvio, os escólios a Estácio e as *Narrationes fabularum Ouidianarum*, esta última é atribuída a Lactâncio Plácido – por terem fornecido uma boa quantidade de materiais para a composição de sua obra (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. XII).

Servius Honoratus, em português Sêrvio Honorato, situado como tendo vivido possivelmente no século IV d.C., era um gramático e autor de comentários sobre várias obras antigas. Esse autor figura como um dos maiores intelectuais de seu tempo e, também, figura como um dos personagens da *Saturnalia* de Macrôbio.

Sêrvio escreveu diversas obras, como os breves tratados *De centum metris*, *De finalibus*, *De metris Horatii* e os comentários à *Ars Grammatica* de Donato. Todavia, esse gramático foi autor da obra, considerada magnânima, *In tria Virgilii Opera Expositio*. Nessa obra, Sêrvio produz comentários sobre as três obras de Virgílio, sendo os *Comentarii in Vergilii Aeneidos libros* vistos como um dos textos mais completos do autor (COMPANHOLO, 2008, p. 26-27).

Conforme destaca Stocker (1941 *apud* OLIVEIRA, 2018, p. 28), o texto de Sêrvio chegou até nossa era por meio de três versões distintas: a primeira é um comentário, atribuído a Sêrvio, relativamente breve se comparado aos outros; a segunda foi compilada por Pierre Daniel no XVII e possui o mesmo comentário, porém esse é bem mais extenso, apresentando acréscimos e interpolações de outros copistas, essa versão é atribuída a *Servius auctus* ou *Servius Danielinus*; a terceira é posterior ao século XV e, diferentemente das outras, é um texto que tem um tamanho mediano em relação às outras duas e é vista como uma versão menos confiável.

Os comentários de Sêrvio à *Eneida*, portanto, além de trazer rastros de um laborioso trabalho e estudo filológico, parece indicar que os textos tinham um fim pedagógico: auxiliar o professor com o estudo das obras e dos poetas estudados na escola, que apresentavam um bom uso da língua (COMPANHOLO, 2008, p. 13-14).

O poeta *Publius Papinius Statius*, Públio Papínio Estácio (40-96 d.C), nasceu em Nápoles, mas ainda muito jovem foi para Roma, onde viveu sob o governo do imperador Domiciano. Quanto às suas obras, podemos destacar as *Silvae*, um conjunto de poemas de ocasião⁶; a *Thebaida*, que aborda a disputa do poder de Tebas pelos irmãos Polinices e Eteócles, filhos de Édipo; e a inacabada *Aquileida*, que narra a história de Aquiles, o grande herói da guerra de Troia (CARVALHO, 2018, p. 11, n. 1).

Lactantius Placidus, em português Lactância Plácido (240-320), nasceu na província da Numídia, localizada no norte da África. Ele era um gramático, escolástico e mitógrafo que viveu sob o governo de Dioclesiano, o imperador romano que lhe convidou

⁶ Segundo Leite, o título *Silvae* “indicaria apenas que a obra é composta por versos triviais, sem muita elaboração” (2017, p. 527).

para ser professor de retórica em Nicomédia. Pouco sabemos a respeito da vida de Lactâncio, mas o que sabemos sobre esse gramático advém de sua principal fonte de informação que é Jerônimo, em suas obras *De viris illustribus* e *Chronicon*⁷ (TIGGES JÚNIOR, p. 9). Com relação às obras de Lactâncio, podemos citar algumas *De mortibus persecutorum*, *De ira Dei*, *Divinae Institutiones*, o comentário sobre a *Thebaida* de Estácio, os escólios à *Aquileida*; ainda atribuem ao autor as *Narrationes fabularum Ouidianarum*.

Assim, esses três autores apresentados anteriormente são considerados as fontes principais do Primeiro Mitógrafo, por eles fornecerem uma boa parte de seus textos para o compilador. Ainda com relação às fontes, há algumas que são consideradas perdidas. Assim, no final do século XIX e início do XX, surgem cientistas dispostos a desenvolver uma pesquisa com o objetivo de tentar identificar essas fontes por meio das concordâncias dos textos e as fontes comuns que o compilador usou. Para isso, duas hipóteses foram pensadas: a primeira supõe que “[...] o mitógrafo utilizou diretamente os escritos dos autores”⁸, como Fulgêncio, Higino e Isidoro; e a segunda supõe que “o mitógrafo conseguiu acessar suas próprias fontes”⁹, a de obras perdidas que os estudiosos, com essa investigação laboriosa, tentaram reconstruir através dos autores que as utilizaram (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. XX)¹⁰.

2.1.2 Tradição manuscrita

A obra do Primeiro Mitógrafo se encontra em apenas um único manuscrito, que é o *Vaticanus Latinus Regensis* 1401, o qual apresenta, além da obra a que nos dedicamos aqui, outras composições, conforme se vê no quadro 01:

Quadro 1 – Composição do ms. *Vat. Lat. Reg.* 1401

Fól. 1 ^r -28 ^v	Fábulas do Primeiro Mitógrafo
Fól. 29 ^r -72 ^v	Índice e fábulas do Segundo Mitógrafo
Fól. 73 ^v	Inventário de uma pequena biblioteca
Fól. 47 ^r -81 ^v	Comentário a Pérsio de Cornuto (mutilado)

⁷ Jerônimo viveu entre 340-420 na cidade de Estridão. Ele é o tradutor da obra *Chronicon* de Eusébio de Cesaréia do grego para o latim. Sobre esse autor, cf. TIGGES JÚNIOR, p. 9, n. 1.

⁸ “[...] le mythographe a utilisé directement les écrits de ces auteurs” (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. XX).

⁹ “Selon d’autres le mythographe a pu accéder à leurs sources mêmes” (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. XX).

¹⁰ Para hipóteses sobre a pesquisa de fontes perdidas, vd. Zorzetti e Berlioz (2003, p. XX).

Fól. 82 ^r -101 ^v	<i>Liber Satyrarum Persii non textus sed commentum</i> , isto é, um comentário a Pérsio
Fól. 102 ^r -112 ^v	Fragmento de um texto médico
Fól. 113 (reto e verso)	Reutilizado como uma folha de proteção e encontrado apenas no inventário de Teoli, contém um fragmento da <i>Historia de Anthioco rege Apolloni</i> .

Fonte: Adaptado de Zorzetti e Berlioz (2003, p. XLVI)

2.1.3 Tradição impressa

A primeira edição impressa do Primeiro Mitógrafo, *Classicorum auctorum e Vaticanis codicibus editorum volumina III*, teve sua publicação em 1831, em Roma, por Angelo Mai, prefeito da Biblioteca do Vaticano. Em 1834, após três anos, surgiu uma nova edição das fábulas mitológicas, a de *Georgius Henricus Bode*, sob o título de *Scriptores rerum mythicarum Latini Tres Romae nuper reperti*, que foi publicada em Celle. Bode publica essa edição baseada na edição *princeps*, da qual corrige alguns problemas, decorrentes da apressada edição de Mai. A partir dessa edição, em 1968, houve uma reimpresão dessa mesma obra em Hildesheim.

As edições de Mai e de Bode sofreram críticas, principalmente por Rossbach que considerou a primeira fraca e a segunda como um texto insuficiente, embora cada uma tenha contribuído muito para as demais incursões nas obras dos Mitógrafos. Em 1885, Rossbach pôde consultar o manuscrito e comparar alguns equívocos cometidos por Mai. Em 1947, Elliott e Elder prometeram uma edição dos Mitógrafos do Vaticano, mas a tarefa não foi levada a cabo (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. XLIX).

Anos depois surgem mais duas edições críticas: a de Péter Kulcsár e a de Névio Zorzetti. A de Kulcsár, no *Corpus Christianorum*, Série latina, 91C, foi publicada em Turnhout, em 1987. Nessa edição, intitulada *Mythographi Vaticani I et II*, só são publicados os mitos do Primeiro e do Segundo Mitógrafos. A outra, de Névio Zorzetti, foi publicada em 1988¹¹, em Trieste, e, em edição mais recente, tem tradução de Jacques Berlioz, em 1995, reeditada em 2003.

Para além das edições críticas mencionadas anteriormente, há de se destacar também mais duas traduções dos Mitógrafos do Vaticano, uma francesa e outra inglesa. Para o francês, temos a tradução comentada de Philippe Dain, e revisada por François Kerlouegan. Essa tradução do Primeiro Mitógrafo foi publicada em Paris, em 1995.

¹¹ VD. Zorzetti, N. *La Costruzione medievale della mitologia classica*. Studi sul testo e le fonti dei Mitografi Vaticani I e II. 1. Fabularius A [Premier Mythographe], Trieste, 1988.

Quanto aos outros dois livros, o Segundo e o Terceiro mitógrafos, esses foram publicados também, porém em datas distintas, respectivamente 2000 e 2005. Para o inglês, temos a tradução de toda obra, realizada por Roland Pepin. Sob o título de *The Vatican Mythographers*, foi publicada em Forham University Press, Nova York, em 2008.

2.1.4 Técnicas compositivas do Primeiro Mitógrafo

No Livro I, o *Primeiro Mitógrafo* narra vários mitos, que possuem diversas extensões. O mitógrafo parece não estar preocupado apenas em interpretar o mito, mas em registrar as narrativas como forma de preservá-las. As narrativas mitológicas do Livro I – às vezes relatadas de maneira sucinta e direta, outras vezes com arranjos mais completos – costumam conter duas partes estruturais: uma narração e uma espécie de conclusão¹². Contudo, por vezes encontramos apenas a narrativa, ou a narrativa seguida de explicação. A fórmula compositiva se completa com o uso da técnica de colagem e o recurso à etimologia.

Na fábula *Fabula Busiridis et Herculis*, podemos observar um exemplo de uma das técnicas de composição do mitógrafo, que é a narração, como veremos a seguir:

Busiris rex fuit Aegypti, qui cum susceptos hospites immolaret, ab Hercule interemptus est, cum etiam eum uoluisset occidere. (fab. 1, 65)

Busíris era o rei do Egito que matava os hóspedes que recebia. Quando ele tentou também matar Hércules, este o matou.

Nessa fábula, podemos perceber que o mitógrafo apenas narra a história de Busíris e de Hércules. Além disso, ele relata de forma breve, ocupando o texto um pouco mais de uma linha. Nesse exemplo, o mitógrafo não parece estar preocupado em interpretar a narrativa, mas apenas em retratar quem foi Busíris, o que ele fazia com seus hóspedes e sua tentativa de matar Hércules.

Uma outra técnica também muito utilizada pelo Primeiro Mitógrafo é a narração seguida de explicação. Como exemplo, podemos citar a *Fabula Cereris et Proserpinae*, que se apresenta um pouco mais extensa, detalhada e completa do que o mito citado anteriormente. No que tange à estrutura, podemos notar que há uma tentativa do Primeiro Mitógrafo em explicar o mito, conforme se vê:

I Ceres cum raptam a Plutone Proserpinam filiam diu quaesisset, tandem aliquando eam esse apud inferos comperit, quia a Plutone, siue Orco, fratre

¹² Sobre essa estrutura mais completa que as narrativas apresentam, cf. Amarante (2019, p.72).

Iouis rapta fuerat. 2 Pro qua re cum Iouis implorasset auxilium, ille respondit posse eam reuerti, si nihil apud inferos gustasset. 3 Illa autem Punici mali in Elysio grana gustauerat, quam rem Ascalaphus, Stygis filius, prodidit; inde Proserpina ad [ad] superos remeare non potuit. 4 Sane Ceres postea meruisse dicitur, ut Proserpina sex esset cum matre mensibus, sex cum marito. 5 Quod ideo fingitur quia Proserpina ipsa est et luna, quae toto anno sex mensibus crescit, sex deficit — scilicet per singulos menses quindenis diebus —, ut crescens apud superos et deficiens apud inferos uideatur. (fab. 1, 7).

1 Como Ceres tinha procurado por muito tempo sua filha Prosérpina, raptada por Plutão, finalmente foi informada que ela estava no mundo inferior, porque tinha sido raptada por Plutão, ou Orco, irmão de Júpiter. 2 Como ela tinha implorado o auxílio de Júpiter em favor desta situação, este respondeu que Prosérpina poderia voltar se ela não tivesse provado nada dentro dos infernos. 3 Mas ela tinha comido sementes de romã no Elísio, e quanto a isso Ascálafo, filho de Estige, a denunciou; a partir daí, Prosérpina não pôde voltar ao mundo superior. 4 Diz-se que, depois, Ceres verdadeiramente conseguiu que Prosérpina ficasse com a mãe por seis meses, e os demais com o marido. 5 Por esse motivo é que assim se representa: porque Prosérpina é a própria lua, que todo ano cresce por seis meses, eclipsa-se por seis meses — a saber, quinze dias durante todos os meses —, quando crescente seria vista dentro do mundo superior e decrescente dentro do mundo inferior.

Esse texto mítico apresenta duas partes: a narração, encontrada nos itens de 1-4, em que o autor relata o rapto de Prosérpina e a procura incessante da mãe Ceres por sua filha; e uma espécie de conclusão, que aparece no item 5, estabelecendo uma explicação de que Prosérpina é a lua crescente e decrescente. Como já mencionado, as narrativas do autor apresentam formas variadas, podendo apresentar ou não estruturas mais completas. Além do mais, é possível perceber que o Primeiro Mitógrafo faz uso, não aleatório, de advérbios e expressões explicativas, como *quod ideo*, *nam*, os quais, por vezes, remetem a um tom didático, parecendo elementos de uma estrutura retórica pedagógica, ao explicar e interpretar o mito¹³ (AMARANTE, 2019, p. 45).

Quanto ao uso da técnica de colagem, temos várias narrativas míticas que apresentam esse recurso, como a *Fabula Lycaonis*, que veremos a seguir¹⁴. Dessa forma, o Primeiro Mitógrafo compõe seus mitos por meio da colagem de textos de diferentes fontes:

1 Iuppiter, humani sceleris impatiens, simulata hominis specie ad Lycaonem regem Arcadiae uenit, qui sibi quasi mortali praeparans mortem humana membra deuoranda ei apposuit. 2 Quae postquam Iuppiter sensit, non eum penitus interemit, sed, ne supplicii amitteret sensum, lupi eum in formam conuertit; qui et adhuc mores in rabie et nomen Lycaonis in appellatione seruat. 3 Idem Lycaon habuerat filiam Callisto; quam cum uitiasset Iuppiter, Iuno eam

¹³ Quanto à estrutura dos mitos, podemos notar que o estilo do Primeiro Mitógrafo é bem parecido com o fulgenciano, principalmente, no que diz respeito à tentativa de explicar as narrativas, mas isso se deve ao fato de que Fulgêncio é uma das fontes do Primeiro Mitógrafo. Em vários momentos, contudo, Fulgêncio é mais datalista na narrativa e na explicação.

¹⁴ Para outras fábulas que fazem uso da técnica, cf. *fabs.* 10, 11, 12, 15, 20, 23, 24, 48, 58, 63, 66, 83, 87, 89.

in ursam conuertit; et postea Iuppiter miseratus in signum transtulit caeleste. (fab. 1, 17).

1 Júpiter, impaciente com a crueldade do homem, tomou uma aparência humana e foi até Licáon, rei da Arcádia. Este último, se preparando para matar o homem que ele acreditava ser um mortal, serviu-lhe membros humanos para comer. 2 Depois que Júpiter percebeu isso, não o destruiu completamente, mas, para não perder a consciência de sua tortura, ele lhe deu a aparência de um lobo; que até agora não só conserva seu caráter na violência, como também o nome de Licáon pelo qual é chamado. 3 O mesmo Licáon tivera uma filha por nome Calisto; como Júpiter a violou, Juno a transformou em uma urso; e depois Júpiter, por compaixão, a transformou em uma constelação.

Para essa narrativa, o mitógrafo compõe como uma espécie de “mosaico”¹⁵, em que ele utiliza partes dos textos de suas fontes. A primeira e a segunda partes (1-2) do mito o compilador retirou das *Narrationes fabularum Ouidianarum*; a terceira (3) foi retirada das *Geórgicas* de Sêrvio¹⁶. Essa forma de composição utilizada pelo Primeiro Mitógrafo é muito recorrente no Livro I, sendo, por vezes, bem explícita. Por vezes, o Mitógrafo é autoconsciente de seu processo compositivo e da importância de seu registro para a permanência dos mitos, como se vê na declaração registrada após uma série – quase exaustiva – de narrativas de diversos trabalhos de Hércules:

Aliae quaedam, praeter has quae hic continentur, fabulae de Hercule finguntur.
Existem outras fábulas apresentadas sobre Hércules, **além destas que são conservadas aqui** (fab. 1, 63).

Quae tamen praedictae fabulae ideo hic non plene scribuntur, quia raro inueniuntur.

Contudo, essas fábulas mencionadas **não são contadas aqui por completo**, porque raramente as encontramos.

O autor, portanto, utiliza diferentes partes de textos de suas fontes para compor sua própria narrativa, sendo que, às vezes, o faz sem apresentar nenhuma alteração, outras vezes realiza acréscimos, de forma a estabelecer uma relação de continuidade entre as narrativas míticas, como podemos verificar na *Fabula Orithyiae* (cf. fab. 1, 26), em que o mitógrafo acrescenta o último parágrafo para manter uma relação temática entre a narrativa que ele acabou de contar com o mito seguinte, *Fabula Phinei* (cf. fab. 1, 27).

Contudo, muitas vezes, essa forma de colagem para compor os mitos acaba causando algumas confusões, como na *Fabula Caci et Herculis*. O mitógrafo faz a junção de duas

¹⁵ Sobre o fato de a obra do *Primeiro Mitógrafo* parecer uma “colagem”, cf. Bruno Rochette, « Ph. DAIN, Mythographe du Vatican I », Kernos [En ligne], 10 | 1997, 340-343. Disponível em: <http://kernos.revues.org/680>.

¹⁶ Cf. *Narrationes fabularum Ouidianarum* (1, 6); Sêrvio (*georg.* 1, 138).

narrativas diferentes, uma que se refere ao personagem *Cacus* (Caco) e outra a *Aeacus* (Éaco). Essa confusão, portanto, é feita por conta de os personagens terem os nomes muito próximos no que diz respeito à escrita.

Quanto ao uso da etimologia, podemos citar novamente a *Fabula Caci et Herculis*, em que o nome *Cacus* é explicado por meio da etimologia da palavra grega *κακόν*, em latim *malum*, vejamos:

1 Cacus filius Vulcani fuit, ignem ore uomens, qui uicina omnia populabat(ur); quem Hercules occidit. 2 Secundum ueritatem fuit Euandri seruus pessimus et fur et ideo cacus dicitur, quod graece malum sonat; ignem ore uomere dicitur, quia agros igne uastabat.

3 Cacus Iouis, cum in arbore fici formicas — id est myrmicas — uidisset, optauit tot sibi socios euenire et statim formicae in homines uersae sunt. 4 Sed hoc fabula est; nam, ut (Erat)osthenes dicit, Myrmidonae dicti sunt a rege Myrmidono. (fab. 1, 66)

1 Caco era o filho de Vulcano que, lançando fogo pela boca, devastou toda a população vizinha; Hércules o matou. 2 Segundo a verdade, ele era um péssimo servo de Evandro e um ladrão; e é por isso que se chama *Cacus*, em grego quer dizer *mal*. Diz-se que ele lançava fogo pela boca, porque devastou os campos com fogo.

3 Como Caco, filho de Júpiter, tinha visto formigas na figueira, isto é, *myrmicas*, desejou ter para si tantos companheiros que as formigas imediatamente se transformaram em homens. 4 Mas isso é uma fábula; Na verdade, como diz Eratótenes, eles são chamados de Mirmídonos por causa do rei *Myrmidon*.

Como observado nesse texto, o mitógrafo parece nos oferecer uma interpretação do mito por meio da etimologia da palavra *Cacus* (em grego *κακόν*, ‘mal’), que é relacionada com o adjetivo latino *malum*. Além do mais, é possível destacar também uma alegoria moral presente nessa fábula, em que o autor parece propor uma origem do nome do personagem como forma de explicar seu caráter.

Como nessa história, há vários outros mitos que são narrados e explicados por meio da etimologia da palavra, como o mito *Prometheus*¹⁷. Contudo, é oportuno mencionar que em outras narrativas retratadas pelo autor, há uma supressão dos nomes gregos. Como o mitógrafo utiliza Sêrvio para a composição de sua narrativa, em alguns momentos ele faz algumas alterações em sua versão¹⁸, em outros ele mantém o texto do mesmo modo que retirou da fonte. Todavia, o mitógrafo retira todas as palavras gregas encontradas na versão de Sêrvio e talvez isso ocorra em uma grande parte das narrativas que ele compôs, tendo como base Sêrvio.

¹⁷ Cf. *fab. 1, 1*.

¹⁸ Cf. *fab. 1, 60*. Nessa fábula, o mitógrafo acrescenta o advérbio *multipliciter*.

3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA TRADUÇÃO

A prática tradutória é um processo que vem acontecendo desde os primórdios de nossa cultura ocidental. Esse trabalho já era realizado pelos povos romanos, sendo a *Septuaginta* a primeira tradução (III a. C. – I a. C.) de que temos conhecimento, realizada do hebraico ao grego. Outra obra em destaque é a tradução da *Odisseia* por Lívio Andronico, do grego ao latim, considerada a primeira obra literária traduzida em versos saturninos. Nessa perspectiva, infere-se que essa prática tradutória do latim ao grego era um exercício constante no Ocidente, não porque os romanos tinham necessidade de traduzir para ampliar o conhecimento cultural, já que a sociedade era bilíngue, mas o interesse estava calcado no “aprimoramento da perícia retórica” (SERÉS, 1997, *apud* FURLAN, 2001, 21).

Assim como a prática tradutória se fazia presente naquela cultura, a discussão acerca da tradução também já existia, sendo Marco Túlio Cícero (106-43 a. C) considerado o principal teórico e tradutor do período clássico a refletir sobre a arte e a tarefa de traduzir. Cícero nos legou dois possíveis tipos de tradutores, o orador e o intérprete¹. Dessa forma, a discussão acerca das concepções de práticas e de objetivos tradutórios já existia entre os povos antigos e permanece até nossa era. Essa discussão em torno da tradução está relacionada com o conceito de *equivalência*, em que a teoria tradicional preconiza que o tradutor, ao traduzir uma obra, deve apreender as supostas características “essenciais” do “original”.

Contudo, Gentzler (2009, p. 99) sugere que a noção de equivalência entre o texto de partida e o texto de chegada deve ser negada, pois, conforme ele nos aponta, não é possível estabelecer níveis de igualdade entre as línguas, uma vez que elas pertencem a culturas e contextos históricos distintos. Ademais, Rodrigues (2000, p. 107) corrobora, salientado que a tradução não pode estar exclusivamente ligada à Linguística, porque a prática tradutória não só envolve fatores linguísticos, mas também os extralinguísticos, isto é, os fatores culturais, históricos, políticos e ideológicos.

A teoria da tradução contemporânea surgiu no intuito de contrapor algumas ideias arraigadas da teoria tradicional e logocêntrica que concebe a tradução como uma prática

¹ Cícero concebe dois tipos de tradutor: o orador que não traduz palavra por palavra (*uerbum pro uerbo*), mas mantém o gênero, “conservando os mesmos pensamentos e suas formas e figuras, com palavras adequadas ao costume romano”; e o intérprete, aquele que traduz palavra por palavra, chegando a reproduzir “as ideias contidas no original, figuras e a mesma ordem” (FURLAN, 2001, p. 17).

dessacralizadora, vista como algo que irá destruir a “essência” do texto “original”. Todavia, Walter Benjamin, em seu ensaio *A tarefa do tradutor* [1915-1921], destaca que: “a tarefa do tradutor é redimir, na própria, a pura língua, exilada na estrangeira, libertar a língua do cativo da obra por meio da recriação [*Umdichtung*]”. Nesse sentido, a tradução se inscreve como uma forma de recriação, um processo pelo qual o tradutor opera sobre o texto de partida. É, portanto, uma tradução que nada deve ao original, já que é um novo texto e, ao mesmo tempo, um *suplemento* do texto de partida. Assim, a tarefa do tradutor é dar vida e sobrevivência ao texto, uma vez que ele é seu agente de transformação.

Além do mais, a tradução pode ser vista como uma suplementação, algo que podemos adicionar ao texto de partida, mas não necessário, pois, pressupõe-se que o texto está completo. Logo, é possível pensar no suplemento como algo extra que é acrescentado ao texto de partida como meio de ampliá-lo (RODRIGUES, 2000 p. 208).

Dessa forma, optamos por uma tradução do Livro I do Primeiro Mitógrafo, levando em consideração a teoria contemporânea da tradução que preconiza a desconstrução de algumas ideias preestabelecidas que durante muito tempo foram vistas como regime de verdades. Durante o processo, nos foram oportunas algumas estratégias tradutórias, conforme veremos, e o uso de notas explicativas, a fim de proporcionar um texto de chegada mais compreensível ao leitor.

Dentre as estratégias utilizadas, podemos mencionar que algumas vezes acolhemos uma tradução “*estrangeirizada*”, em que mantivemos algumas palavras na própria língua do texto de partida, como na *Fabula Iphigeniae et Orestis et Pyladis* a seguir:

7 Et cum his occiso[s] Thoante simulacrum sustulit, absconditum fasce lignorum — unde et fascellis dicitur, non tantum a face cum qua pingitur —, et Ariciam detulit. (fab. 1, 20).

7 E com a ajuda destes, Ifigênia matou Toante e levou a estátua de Diana para Arícia, escondida em um feixe de madeira (*fasces*), por essa razão, é dito também *fascellis*, que não vem somente da tocha com a qual é representada.

Nesse mito, optamos por não traduzir o vocábulo *fascellis*, que serve de epíteto a Diana (Diana Facelina, do nome *fasces*, ‘feixe’). Sobre isso, Venuti (2002, p. 130-131) destaca que a tradução “*estrangeirizada*” pode ser uma forma de resistência contra as desigualdades culturais. Além disso, o leitor, ao se deparar com a tradução, percebe a estranheza da língua e que o texto pode refletir diferentes culturas. Assim, a partir do

momento que optamos por não traduzi-la, essa palavra preserva o “*estraneirismo*” da obra que pode refletir a cultura do texto de partida².

Um outro exemplo a ser destacado é a *Fabula Thesei et Hippolyti*:

“7 *Sed Diana Hippolytum reuocatum ab inferis nymphe commendauit Egeriae et eum **Virbium**, quasi bis uir[i]um, iussit uocari. (fab. 1, 46).*

“7 Mas Diana, tendo retornado Hipólito dos infernos, confiou à ninfa Egéria e ordenou que o nomeasse de Virbius, como se fosse homem duas vezes”.

Essa palavra latina *Virbius* foi mantida na tradução. Ela é formada pelo substantivo *vir* (‘homem’) mais o numeral *bis* (‘duas vezes’) que faz referência a uma suposta ressurreição de Hipólito, definida como “o que foi morto duas vezes”³.

Sem dúvida, outras vezes é possível que se eleja uma tradução “*domesticadora*”, observada principalmente com certas construções latinas que representam visões de mundo e certos padrões de compreensão que poderiam soar estranhas ao nosso leitor contemporâneo. Vejamos, por exemplo, com o uso do verbo casar-se para se referir ao homem e à mulher, na *Fabula Terei et Progne(s)*:

*ITereus rex Thracum fuit, qui cum Pandionis, Athenarum regis, **filiam Prognem nomine duxisset uxorem** et post aliquantum tempus ab ea rogaretur sibi Philomelam sororem uidendam accersiret, profectus Athenas, dum abducit puellam, eam uitiauit in itinere et ei linguam, ne facinus indicaret, abscidit. (fab. 1, 4).*

1 Tereu foi o rei da Trácia, **que tinha se casado com a filha de Pandião**, rei de Atenas, de nome Procne. Depois de algum tempo, ela pediu-lhe que fosse buscar sua irmã Filomela para vê-la. Tendo partido para Atenas, enquanto levava a garota à força, ele a violentou e cortou sua língua na viagem, para que Filomena não revelasse seu crime.

Nesse mito, a construção sintática *duxisset uxorem*, formada pelo predicador verbal *ducere* (‘conduzir’, ‘levar’) e pelo substantivo *uxor* (‘esposa’), poderia representar, para uma pessoa que faz parte da cultura dessa língua, uma visão de mundo que prefere para o homem a ideia da condução da esposa ao casamento (*ducere uxorem*), ao passo que, para a mulher, prefere o verbo *nubere* (‘casar-se’). Assim, dizer que “(Tereu) tinha conduzido por esposa”, é uma construção absolutamente normal para o povo latino. Contudo, para nossa cultura, a tradução literal dessa estrutura pode causar um certo estranhamento ao leitor. A respeito disso, Venuti (2002, p. 129) assevera que a tradução

² Sobre essa estratégia tradutória empregada, cf. *fab.* 1, 11; 19; 27; 38; 56; 57; 66.

³ Sobre isso, cf. (GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Virbio*).

tende a domesticar “textos estrangeiros, inscrevendo neles valores linguísticos e culturais inteligíveis para comunidades domésticas específicas”. Nesse sentido, embora entendamos que o texto latino traz a visão de uma sociedade patriarcal, em que ao homem se delegava toda a autoridade e por família se entendia o conjunto de elementos situados sob o poder do *pater familias*, optamos por traduzir *duxisset uxorem* por “(Tereu) tinha se casado”, assumindo as formas únicas que nossas sociedades contemporâneas utilizam para a ação de casar, tanto ao homem quanto à mulher. Se certo tipo de domesticação, por um lado, pode subverter ordens de valores consagrados no texto de partida, por outro, pode demonstrar uma reconfiguração na compreensão desses valores nas sociedades para as quais se traduz. Em nota, essas particularidades culturais são destacadas, de forma a não negar ao leitor esses elementos sensíveis das camadas culturais.

Houve casos também em que o texto de partida, por estar corrompido, nos dificultou traduzir determinadas estruturas como se vê na *Fabula Titanum gigantum*: “*I Titanas — gigantes —Terra, id est Ceres, irata ob sui †ad nisas tantali† derisione⟨m⟩ genuit ex se contra Saturnum [...]⁴*. Com relação à estrutura *†ad nisas tantali†*, optamos por não traduzi-lá, assim o texto ficou com uma lacuna, mas não houve prejuízo no entendimento do mito.

I Titanas — gigantes —Terra, id est Ceres, irata ob sui †ad nisas tantali† derisione⟨m⟩ genuit ex se contra Saturnum et postea contra Iouem, sed et ad omnes deos expellendos, in eius ultionem [...]. (fab. 1, 11)

1 A Terra, que é Ceres, irada por ter sido zombada (...), gerou os Titãs, os gigantes, para se opor contra Saturno e depois contra Júpiter, bem como para rechaçar todos os deuses, para se vingar.

Durante o processo tradutório, conforme já sinalizamos, produzimos também notas explicativas para orientar o leitor sobre algum tema ou conteúdo que não ficou tão evidente no texto. Essas notas explicativas mencionadas foram baseadas na edição de referência de Jacques Berlioz e na tradução de Philippe Dain. Diferentemente de Berlioz, que apresenta as notas um pouco mais sucintas, Dain apresenta um estudo um pouco mais exaustivo com relação às notas.

Assim, ao longo da prática tradutória, foi possível perceber que traduzir não é uma tarefa simples, mas cabe a nós, tradutores, tomar o texto como ponto de partida para recriar um novo texto. Nas palavras de Agamben (2009), só é possível compreender o presente na

⁴ “1 A Terra, que é Ceres, irada por ter sido zombada (...), gerou os Titãs, os gigantes, para se opor contra Saturno [...]” (*fab. 1, 11*).

medida em que se conhece o passado. O tradutor, portanto, deve conhecer o passado para ressignificar o presente, por meio de sua tradução carregada de sua historicidade, pois, como nos lembra Derrida (1978, *apud* Rodrigues, 2000, p. 214), “a tradução não é a vida nem a morte do texto, mas a continuação de sua existência”. E é por meio deste trabalho que aqui se apresenta que a obra do Primeiro Mitógrafo do Vaticano amplia seus contornos em outra língua: agora, pela primeira vez, em português.

3.1 *A tradução propriamente dita*

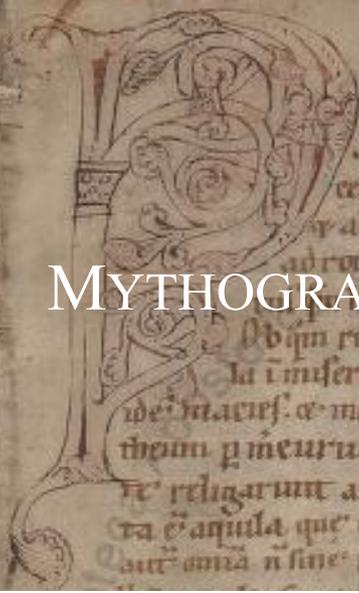
Na sequência, pensando na tradução como um ato de recriação e de transformação, apresentamos nossa tradução do *Primeiro Mitógrafo*, acompanhada do texto de partida latino em que traduzimos os 100 mitos, narrados no Livro I, que agora continuam sua sobrevida em português. Sendo assim, nossa coleção de mitos, como mencionado anteriormente, foi produzida com base na edição crítica de Jacques Berlioz. Além disso, mobilizamos outras traduções, como a de Philippe Dain, que contribuiu de forma significativa para o enriquecimento de nossas notas explicativas, bem como para as notas que se referem às fontes utilizados pelo mitógrafo para a composição de suas narrativas mitológicas.

MYTHOGRAPHVS VATICANVS PRIMVS
LIBER I

PRIMEIRO MITÓGRAFO DO VATICANO
LIVRO I

ROMOTHE

post factos ase
homines dicit
auxilio minue
celum ascendisse
adhibita facula



Ob qm re uati du duo ma
la i miserunt tps febres
ide maues. & morbos. Hinc
them p meuruim i caucaso mon
te religarunt ad saxu. & adhibi
ta e aquila que cor a' a' elere. Her
aut amia n sine rone finant.

hanc pueri e' in prudentissim
Vno q' p'iuul astloga assyrius indica
uit. qm resident i caucaso monte ni
mia cura ephendat. H' aut aquila
cor ei elere ad i' nima sollicitudo
hendat. Et hoc q' p prudentia fee
duce incuro q' prudentia e' q' om
is e' ad spem d' religat. H' aut
p'ccra ratione fulminu te homi
sab inducauit. Vn celestem igne
di' re fura. Ha q' d' arte ab eae
monstrata supn ignis oliu elere
bat. Q' mortalib; p'fuit donec
bi co nsi e'. Nam postea malo ho
muni ulu m'p'uar' u'f'us e'. Sic
no lectum e'. Nullu hastilio
a'co igni erust' e'. cu oit' fuis.
tunc e' q' d' n'ur' capto ab h'atis
nummib; maeb; hominib; di
y' unuss; fabula p'p
n'ur' d' n'ur' e'

Q' u' p' r' v' y' s' 7' d' i' p' r' e
ra de athenaru noie. p'ende
rent placant d'ns ut ei noie
appellarent qui mun' meli
d'ns obtulissent. Te y' p' r' y' y'
peulso litore ceru' animal
bellis apu' pduxit. Hinc uia
uactata hasta oliu' erant.
insigne. Vn ex minue noie
q' g'ce. atis d' atheno' dicta e'

u' x' b' s' f' d' n' i' s' t' a
scylle due fuerunt una
forei 7' eridos filia. Quae ex
amaret celue ds maris du
pe amaret aetree zeu' n'p'
ut illa u'ra fonte ma' se
scylla solebat abluere. infe
rit iuuenis. Inque
eu' descendit et puella
media p' r' i' n' f' e' r' a' t' a'
la fuit nysi megarensiu re
gio filia. Com' q' d' u' d' u' e
tas ia atheniensib; pugna; et
mynos p'p' filii and' r' o' g' e' i' n'
teritum que athenienses
7' megarenses dolo necuunt
d' n'ur' e' a scilla nysi filia
que in hosti poss; place com'
pur' pura; par' am' absisa
ei obtulit q' n'f'us tra habu
erat p'lect' d' ut r' adu' r' e' g' n' o'
poaret. q' d' u' illa habuiss;
traera. Postea 7' scylla aminoe
remp'ra dolore in aue' n' u'
sa e' l' r' n' y' s' u' s' e' o' u' a' n' e' u' s' d' o' e'
miseratioe maui' r' u' i' t' e' t'



1401. Reg.

CÓDICE VATICANVS LATINVS REGINENSIS 1401

1. Fabula Promethei

1 *Prometheus post factos a se homines dicitur auxilio Mineruae caelum ascendisse et, adhibita facula, ad rotam solis ignem furatus, quem hominibus indicavit.* 2 *Ob quam rem irati dii duo mala inmiserunt terris, febres, id est macies, et morbos.* 3 *Ipsium etiam Prometheum per Mercurium in Caucaso monte religarunt ad saxum et adhibita est aquila, quae cor eius exederet.* 4 *Haec autem omnia non sine ratione finguntur.* 5 *Nam Prometheus uir prudentissimus fuit; unde et primus astrologiam Assyriis indicavit, quam residens in Caucaso monte nimia cura comprehenderat.* 6 *Dicitur autem aquila cor eius edere; quod est nimia sollicitudo, qua ille affec[ul]tus siderum omnes motus deprehenderat.* 7 *Et hoc quia per prudentiam fecit, duce Mercurio, qui prudentiae et rationis deus est, ad saxum dicitur religatus.* 8 *Deprehendit praeterea rationem fulminum et hominibus indicavit, unde caelestem ignem dicitur esse furatus; nam quadam arte ab eodem monstrata supernus ignis olim eliciebatur.* 9 *Qui mortalibus profuit donec bene eo usi sunt; nam postea malo hominum usu in perniciem uersus est, sicut in Liuio lectum est de Tullio Hostilio, qui eo igni exustus est cum omnibus suis.* 10 *Hinc est quod igne rapto ab iratis numinibus morbus hominibus dicitur immissus.*

1. Fábula de Prometeu⁵

1 Diz-se que Prometeu, depois de ter criado os homens⁶, com o auxílio de Minerva ascendeu ao céu e, tendo usado uma tocha, roubou o fogo junto à roda do sol, o qual ele revelou aos homens. 2 Diante disso, irados, os deuses enviaram dois males ao mundo: as febres, isto é, a secura, e as doenças⁷. 3 E também, por intermédio de Mercúrio, ligaram o próprio Prometeu a uma pedra no monte Cáucaso e foi empregada uma águia, que comeria o seu coração. 4 Ora, essas

⁵ Esta narrativa apresenta trechos muito próximos da versão de Sérvio (vd. *Serv. buc.* 6, 42), havendo alguns desprezados ou, segundo Zorzetti e Berlioz (2003, p. 2), desconhecidos provavelmente pelo compilador ou ainda a versão utilizada por ele era já corrompida. Cf. *Mythogr.* 2 (82-83); *Mythogr.* 3 (10, 9-10) e Fulgêncio (*myth.* 2, 6).

⁶ Na *Teogonia* de Hesíodo não aparece essa versão do mito sobre Prometeu ter criado os homens, no entanto, esse dado está presente no *Protágoras* de Platão (321c).

⁷ Dada a influência de Horácio (*carm.* 1, 3, 29: *macies et noua februm / terris incubuit cohors*) no trecho de Sérvio, é possível mesmo que a versão utilizada pelo autor estivesse corrompida (*febres, id est macies, et morbos*). Conforme os editores franceses apresentam, a versão de Sérvio deveria trazer *febres et macies id est morbos*, segundo G. Thilo, ou *feminas et morbos*, numa alusão ao mito de Pandora, segundo F. Pizzorno Bitto (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 2, n. 3).

coisas não são inventadas sem razão. 5 De fato, Prometeu foi um homem sagaz; por essa razão foi⁸ o primeiro a revelar aos assírios a astrologia, que ele, permanecendo no Monte Cáucaso, tinha compreendido com bastante zelo. 6 Diz-se que a águia come o seu coração, pelo fato de que muito grande é a sua inquietação, consumido pela qual ele tinha percebido todos os movimentos dos astros. 7 E porque fez isso por sagacidade, guiado por Mercúrio, que é o deus da prudência e da razão, diz-se que foi atado a uma pedra. 8 Além disso, ele percebeu a natureza dos raios e revelou aos homens, daí diz-se que o fogo divino foi roubado; de fato o fogo vindo de cima naquele momento era obtido por certo processo demonstrado por ele. Este fogo foi útil aos mortais, até o momento em que foram bem empregados; de fato, depois, com o mau uso que fizeram os homens, converteu-se em destruição, assim como se lê em Lívio sobre Túlio Hostílio, que foi queimado por aquele fogo juntamente com toda sua família⁹. A partir desse momento, por causa da ira dos deuses com o fogo roubado, se diz que a doença foi apresentada aos homens.

2. *Fabula Neptuni et Mineruae*

1 *Cum Neptunus et Minerua de Athenarum nomine contenderent, placuit diis ut eius nomine appellarentur, qui munus melius mortalibus obtulisse[n]t.* 2 *Tunc Neptunus percusso litore equum, animal bellis aptum, produxit; Minerua iactata hastam oliuam creavit, quae res est melior comprobata et pacis insigne.* 3 *Vnde ex Mineruae nomine, quae graece Attis dicitur, Athenae dicta est urbs.*

⁸ Da versão de Sérvio, o compilador omitiu uma parte do texto em que aparecem palavras gregas: *unde etiam Prometheus dictus est (ἀπὸ τῆς) προμηθεΐας*, “daí também Prometeu foi chamado de previdência”). Mais à frente, também se omitirá a palavra grega θυμοβόρος (“o que come o coração”).

⁹ Em Lívio (1, 31, 7), citado também por Sérvio, lê-se que Túlio Hostílio teria sido, junto com sua família, atingido por um raio, por não ter sido cuidadoso com a reverência aos deuses: *sed non rite initum aut curatum id sacrum esse, nec solum nullam ei oblatam caelestium speciem sed ira Iovis sollicitati prava religione fulmine ictum cum domo conflagrasset* (“o fato é que ele cometeu algum erro ao preparar ou ao celebrar o rito e então não apenas não conseguiu qualquer visão divina, mas suscitou também a ira de Júpiter, que, irritado pela profanação do culto, incinerou com um raio o rei e o seu palácio”).

2. Fábula de Netuno e Minerva¹⁰

1 Como Netuno e Minerva disputassem sobre o nome de Atenas, agradou aos deuses que a cidade fosse chamada a partir do nome daquele que tivesse oferecido o melhor presente aos mortais¹¹. 2 Então Netuno, tendo golpeado a costa marítima, criou o cavalo, um animal apto às guerras; Minerva, tendo arremessado a sua lança, criou a oliveira, que foi confirmada como uma coisa melhor e como um sinal de paz. 3 Desde então, a cidade foi chamada Atenas, a partir do nome de Minerva, que em grego se diz *Attis*.¹²

3. *Fabula Scyllae*

1 *Scyllae duae fuerunt. 2 Vna Phorci et Cretæidos filia, quam cum amaret Glaucus, deus marinus, dum ipse amaretur a Circe et eam contemneret, illa irata fontem, in quo se Scylla solebat abluere, infecit uenenis; in quem cum descendisset puella, media parte in feras commutata est.*

3 *Altero uero Scylla fuit Nisi, Megarensium regis, filia; contra quos dum deuictis iam Atheniensibus pugnaret Minos propter filii Androgei interitum, quem Athenienses et Megarenses dolo necauerant, amatus est a Scylla, Nisi filia. 4 Quae ut hosti posset placere, comam purpuream parenti abscisam ei obtulit, quam Nisus ita habuerat consecratam, ut tamdiu regno potiretur, quamdiu illam habuisset intactam. 5 Postea et Scylla, a Minoe contempta, dolore in auem conuersa est et Nisus extinctus deorum miseratione in auis mutatus est formam; quae aues hodie flagrant inter se magna discordia.*

3. Fábula de Cila¹³

1 Havia duas Cilas. 2 Uma, a filha de Fórcis e de Cráteis¹⁴. Já que Glauco, o deus marinho, amasse esta, enquanto ele próprio fosse amado por Circe e a

¹⁰ Cf. Sérvio (*georg.* 1, 12, 6-10); *Mythogr.* 2 (142, 2-8).

¹¹ A edição de Kulcsár acolhe a lição do manuscrito *R* (*diis*), seguida também por Basile (2013); a conjectura *mortalibus* é proposta por Sérvio.

¹² Em relação à base de Sérvio, o compilador adicionou a terceira parte, certamente para elucidar a motivação da origem do nome da cidade de Atenas. Sobre a forma *Attis* utilizada em lugar de *Athena*, veja-se Zorzetti e Berlioz (2003, p. 3, n. 7). Em Sérvio (*buc.* 2, 24): *licet Athenae primo Actis dictae sint*.

¹³ A base desta narrativa é Sérvio (*buc.* 6, 74). Cf. *Mythogr.* 2 (146 e 196) e Fulgêncio (*myth.* 2, 9).

desprezasse, ela irada, impregnou com veneno a fonte na qual Cila costumava se banhar. Quando a jovem teria se submergido naquela fonte, meia parte de seu corpo foi transformada em feras selvagens.

3 A outra Cila foi realmente a filha de Niso, rei dos Megarenses. Enquanto contra este povo Minos lutaria – já tendo vencido os atenienses –, por causa da destruição de seu filho Androgeu, a quem os Atenienses e Mangarenses tinham matado por conta de um estratagema¹⁵, ele foi amado por Cila, filha de Niso. 4 Esta, para que pudesse agradar ao inimigo, ofereceu a Minos a cabeleira púrpura retirada de seu pai, a qual Niso conservava dedicada aos deuses, pois, desde que ele o mantivesse intacto, dominaria o reino por muito tempo. 5 Em seguida, não somente Cila, desprezada por Minos, foi transformada em pássaro por causa de sua dor, como também Niso, destruído, por piedade dos deuses, teve a sua forma mudada em um pássaro; estas aves hoje ardem entre si em grande discórdia.

4. *Fabula Terei et Progne<s>*

1 Tereus rex Thracum fuit, qui cum Pandionis, Athenarum regis, filiam Prognem nomine duxisset uxorem et post aliquantum tempus ab ea rogaretur sibi Philomelam sororem uidentam accersiret, profectus Athenas, dum abducit puellam, eam uitiauit in itinere et ei linguam, ne facinus indicaret, abscidit. 2 Illa tamen rem, in ueste suo cruore descriptam,

¹⁴ Conforme Zorzetti e Berlioz (2003, p. 3, n. 9), a tradição grega deu o nome *Crataeis* (Κράταις), no entanto, na tradição manuscrita de Sêrvio e no manuscrito do Mitógrafo, a forma aparece alterada em *Cretaeis*. Cráteis aparece também na *Odisseia* como uma deusa marinha e mãe de Cila, um monstro marinho, que devorou seis companheiros da nau de Odisseu. Em outras versões, Cila é considerada filha de Fórcis e de Hécate, uma deusa que estava associada a bruxarias. Quanto a Fórcis (Φόρχυς), consta ter sido um deus marinho da ilha de Ítaca, localizada no mar jônico. Na *Odisseia*, Fórcis aparece como o ancião da baía de Ítaca. Mas, em certas fontes, ele é visto também como o rei antigo da Sardenha e da Córsega e que teria morrido afogado após uma batalha naval contra Atlante. Com isso, seus amigos o teriam endeusado e o teriam concebido como uma divindade do mar. Sobre isso, cf. Grimal (*DMGR*, s. v. *Fórcis*).

¹⁵ Androgeu era filho do rei Minos com Pasífae. Ele foi um atleta que obteve destaque nas competições olímpicas em Atenas, mas perdeu a luta e sua vida ao enfrentar o touro de Maratona a pedido de Egeu, descontente juntamente com os atenienses devido à invencibilidade de Androgeu nas competições. O rei de Creta, ao saber da morte de seu filho, iniciou uma guerra contra os Megarenses e os Atenienses. Ao dominar Mégara, seguiu sua luta contra Atenas, luta essa que só terminaria com um acordo firmado entre Atenas e Minos, tendo este exigido que todos os anos fossem enviados sete moças e sete rapazes sem armas para alimentar o Minotauro, filho de Pasífae. Mais tarde, Atenas seria livre deste acordo por Teseu, filho de Egeu e responsável pela captura do touro de Maratona.

misit sorori; qua cognita Progne Ityn filium interemit et patri epulandum apposuit. 3 Postea omnes in aues mutati sunt: Tereus in upupam, Itys in phassam, Progne in hirundinem, Philomela in lusciniam.

4. Fabula de Tereu et Procne¹⁶

1 Tereu foi o rei da Trácia, ele tinha se casado com a filha de Pandião, rei de Atenas, de nome Procne¹⁷. Depois de algum tempo, ela lhe pediu que fosse buscar sua irmã Filomela para vê-la. Tendo partido para Atenas, enquanto levava a garota à força, ele a violentou e cortou sua língua na viagem, para que Filomela não revelasse seu crime. 2 Contudo, ela denunciou o acontecimento para sua irmã, escrito com seu sangue em um pedaço de pano. Tendo conhecimento do que havia ocorrido, Procne matou seu próprio filho Itys e o serviu como refeição para o pai dele. 3 Posteriormente, todos foram transformados em aves: Tereu em poupa, Itys em faisão, Procne em andorinha, Filomela em rouxinol¹⁸.

5. Fabula Cyclopis et Acin<dis>

1 Cyclops dicitur nympham amasse Galateam; quae cum Acin quendam pastorem <amaret> et Polyphemum sperneret, ille iratus Acin necavit. 2 Qui postea Galatae miseratione in fontem mutatus est, qui hodieque †acinea† Acilius dicitur.

¹⁶ Cf. Sérvio (*buc.* 6, 78); Mythogr. 2 (261).

¹⁷ No latim, o verbo ‘casar’ se expressa de forma diferente tanto ao homem quanto à mulher. Na construção sintática *duxisset uxorem*, formada pelo predicador verbal *ducere* (‘conduzir’, ‘levar’, ‘apossar-se’) e pelo substantivo *uxor* (esposa), é preferível ao homem a ideia de conduzir a esposa ao casamento (*duxisset uxorem*), para a mulher, é preferível o verbo *nubere* (‘casar-se’, ‘cobrir-se com o véu’). Assim, é possível observar que essa particularidade pertence a cultura latina, mas, na nossa tradução (*duxisset uxorem* – (‘Teseu) tinha se casado’), assumimos as formas únicas que nossa sociedade utiliza para ação de casar, tanto para o homem quanto para a mulher

¹⁸ Em outras versões do mito, as metamorfoses atribuídas às figuras femininas, *Progne* e *Philomela*, são diferentes. Conforme Dain (1995, p. 5), nos autores gregos não há mudança, Filomela transformou-se em andorinha e Procne em rouxinol. Contudo, é atribuída aos autores latinos a mudança em relação à transformação dessas duas mulheres. Esses autores parecem acreditar que Procne transformou-se em andorinha e Filomena em rouxinol, não o contrário como trazem os gregos, pois a etimologia deste último nome é associado ao canto (DAIN, 1995, p. 5).

5. Fábula de Ciclope e Ácis¹⁹

1 Diz-se que o Ciclope amou a ninfa Galateia; mas, como ela amava um certo pastor chamado Ácis e desprezava Polifemo, ele irado matou Ácis. 2 Este, mais tarde, por piedade de Galateia, foi transformado em fonte, que ainda hoje se diz fonte de Acílio²⁰.

6. *Fabula Siluani et Cyparissi*

1 *Silvanus deus est siluarum.* 2 *Hic amavit puerum, Cyparissum nomine, qui habebat mansuetissimam ceruam; hanc cum Silvanus nescius occidisset, puer extinctus est dolore.* 3 *Quem amator deus in cypressum arborem nominis eius conuertit, quam pro solacio portare dicitur.*

6. Fábula de Silvano e Ciparisso²¹

1 Silvano é o deus das florestas. 2 Esse amou um jovem, por nome Ciparisso, que tinha uma corça muito mansa; já que não sabendo disso Silvano a matou, o jovem foi destruído pela dor. 3 O deus que o amava o transformou na árvore do seu nome: o cipreste; diz-se que ele a traz consigo para se consolar.

7. *Fabula Cereris et Proserpinae*

1 *Ceres cum raptam a Plutone Proserpinam filiam diu quaesisset, tandem aliquando eam esse apud inferos comperit, quia a Plutone, siue Orco, fratre Iouis rapta fuerat.* 2 *Pro qua re cum Iouis implorasset auxilium, ille respondit posse eam reuerti, si nihil apud inferos*

¹⁹ Cf. Sérvio (*buc.* 9, 39); Mythogr. 2 (201, 2-6).

²⁰ A palavra *acinea* está presente na cópia de Sérvio, de acordo com Zorzetti e Berlioz (2003, p. 5). Possivelmente essa versão utilizada pelo autor já estava corrompida. Alguns textos literários relacionam o nome *acinea* com o da fonte siciliana, relativo ao mito de Ácis, já outros fazem associação com o rio próximo ao Etna. Embora não haja um consenso entre alguns autores, assim como Dain (1995, p. 7), optamos por traduzir a palavra *acinea*, levando em consideração o seguinte excerto no final do texto de Sérvio (*buc.* 9, 39): *qui hodieque acinea Acilius dicitur ab illius nominis derivatione* (“que ainda hoje se diz fonte de Acílio por derivação do nome dele”).

²¹ Cf. Sérvio (*georg.* 1. 20); Mythogr. 2 (205).

gustasset. 3 Illa autem Punici mali in Elysio grana gustauerat, quam rem Ascalaphus, Stygis filius, prodidit; inde Proserpina ad [ad] superos remeare non potuit. 4 Sane Ceres postea meruisse dicitur, ut Proserpina sex esset cum matre mensibus, sex cum marito. 5 Quod ideo fingitur quia Proserpina ipsa est et luna, quae toto anno sex mensibus crescit, sex deficit — scilicet per singulos menses quindenis diebus —, ut crescens apud superos et deficiens apud inferos uideatur.

7. Fábula de Ceres e de Prosérpina²²

1 Como Ceres tinha procurado por muito tempo sua filha Prosérpina, raptada por Plutão, finalmente foi informada que ela estava no mundo inferior, porque tinha sido raptada por Plutão, ou Orco, irmão de Júpter²³. 2 Como ela tinha implorado o auxílio de Júpter em favor desta situação, este respondeu que Prosérpina poderia voltar se por acaso não tivesse provado nada dentro dos infernos. 3 Mas ela tinha comido sementes de romã no Elísio, e quanto a isso Ascálafo, filho de Estige, a denunciou; a partir daí, Prosérpina não pôde voltar ao mundo superior. 4 Diz-se que, depois, Ceres verdadeiramente conseguiu que Prosérpina ficasse com a mãe por seis meses, e os demais seis com o marido. Por esse motivo é que assim se representa: porque Prosérpina é a própria lua, que todo ano cresce por seis meses, eclipsa-se por seis meses — a saber, quinze dias durante todos os meses —, quando crescente é vista dentro do mundo superior e decrescente dentro do mundo inferior.

8. Fabula Celei et Triptolēmi

1 Eleusin ciuitas est Atticae prouinciae, haud longe ab Athenis. 2 In qua cum regnaret Ceus et Cererem, quaerentem filiam, liberalissime suscepisset hospitio, illa pro remuneratione ostendit ei omne genus agriculturae. 3 Filium etiam ei Triptoleum recens natum per noctem igne fouit, per diem diuino lacte nutriuit et eum alatis serpentibus superpositum per totum orbem misit ad usum frumentorum hominibus indicandum.

²² Cf. Sérvio (*geogr.* 1, 39); Mythogr. 1 (111); Mythogr. 2 (23 e 122); Fulgêncio (*myth.* 1, 10-11).

²³ Se para os gregos Plutão (Πλούτων) é a divindade infernal que habita o submundo, para os romanos têm-se *Orcus*, o deus da morte que aos poucos se “helenizou”, que é outro vocábulo para denominar o Plutão grego (DAIN, 1995, p. 7). Além do mais, temos o Tânato grego (Θάνατος), o deus da morte que aparece na *Iliada* (11, 241: 14, 231) como sendo o irmão do deus do Sono (GRIMAL, DMGR, s. v. Tânato).

8. Fábula de Céleo e Triptólemo²⁴

1 Elêusis é uma cidade na província da Ática, não muito distante de Atenas. 2 Como Céleo reinou naquela região e, com generosíssima hospitalidade, tinha acolhido Ceres, que estava à procura de sua filha, ela – como forma de recompensa – lhe mostrou toda a espécie de agricultura. 3 Ceres ainda aqueceu com fogo durante a noite o filho recém-nascido de Triptólemo, e durante o dia nutriu-o com leite divino; além disso, ela o pôs sobre serpentes aladas e o enviou por toda a terra para mostrar aos seres humanos a utilidade dos cereais.

9. *Fabula Cey<ci>s et Alcyone<s>*

1 *Ceyx, filius Luciferi, habuit uxorem Alcyonem.* 2 *A qua cum prohibitus isset ad consulendum Apollinem de statu regni sui, naufragio periit; cuius corpus cum ad uxorem Alcyonem fuisset delatum, illa se praecipitavit in pelagus.* 3 *Postea miseratione Thetidis et Luciferi conuersi sunt ambo in aues marinas, quae alcyones uocantur.* 4 *Istae autem aues nidos faciunt in mari media hieme, quibus diebus tanta est tranquillitas, ut penitus in mari nihil possit moueri; inde et dies ipsi Alcyonia nominantur.*

9. Fábula de Ceíce e Alcíone²⁵

1 Ceíce, filho de Lucifer²⁶, tomou Alcíone por esposa. 2 Como tinha sido proibido pela esposa de consultar Apolo sobre o estado de seu reino, ele morreu em um naufrágio; como o seu corpo tinha sido levado pela corrente até Alcíone, sua esposa, ela se precipitou ao mar. 3 Depois, por compaixão de Tétis e de LúCIFER, ambos foram transformados em aves marinhas, as quais são chamadas Alcíones. 4 Estas aves também fazem ninhos no mar no meio do inverno; no decorrer dos dias, a tranquilidade é tamanha que nada pode ser movido no fundo do mar; desde então, os próprios dias são denominados de Alcíone.

²⁴ Cf. Sérvio (*georg.* 1, 163); *Mythogr.* 2 (118-119).

²⁵ Cf. Sérvio (*georg.* 1, 399); *Mythogr.* 2 (202).

²⁶ A palavra latina *Lucifer* (ἑωσφόρος ou φώσφορος) significa “estrela da manhã”, é o nome dado à estrela da manhã que traz a luz do dia.

10. Fabula Cereris et Lyciorum

1 Cum Ceres filiam suam Proserpinam quaereret, ad releuandam sitim accessit ad quendam fontem. 2 Tunc Lycii rustici, a potu eam prohibentes, aquam pedibus conturbauerunt suis; et dum contra eam turpem sonum emittere<n>t, illa irata eos in <ranas conuertit, quae nunc quoque ad illius soni imitationem coaxant. 3 Postea Lycum regem> Scythiae, qui Triptoleum occidere uoluerat, in lyncem feram conuertit.

10. Fábula de Ceres e dos Lícios²⁷

1 Como Ceres procurava sua filha Prosérpina²⁸, para aliviar sua sede, ela se aproximou de uma fonte. 2 Então, os camponeses Lícios, impedindo-a de beber, perturbaram a água com os pés; enquanto, contra ela, proferiram um som desagradável, esta irada os transformou em rãs, que agora coaxam do mesmo modo a imitação do som deles. 3 Posteriormente, Ceres transformou em um lince selvagem o rei Linco dos Citas, que quiseram assassinar Triptólemo.

11. Fabula Titanum gigantum

1 Titanas — gigantes — Terra, id est Ceres, irata ob sui *†ad nisas tantali† derisione<m>* genuit ex se contra Saturnum et postea contra Iouem, sed et ad omnes deos expellendos, in eius ultionem. 2 Qui montium supra montes aggestu et congerie in caelum uoluerunt ascendere et deos inde propellere. 3 Ad quos oppugnandos Iuppiter omnes deos conuocauit et uenerunt inter ceteros Liber pater, Vulcanus, Satyri, Sileni, asellis uecti. 4 Quorum uidelicet asinorum exterritorum nimio confuso clamore, gigantibus inaudito, hostes Titanas territi fug[i]ere, 5 quamuis antea et ipsi dii a Typhoei gigantis aspectu perterriti in diuersa monstra et animalia transformati aufugissent. 6 Iuppiter autem auxilio aquilae,

²⁷ Cf. Sérvio (georg. I, 378); Mythogr. 1 (31 e 184); Mythogr. 2 (117, 2-7).

²⁸ Essa fábula parece estar confusa, não há uma história ordenada, já que possivelmente o compilador combinou essa versão do mito com mais duas fábulas, uma do mesmo mitógrafo (31) e outra do Segundo Mitógrafo (cf. Mythogr. 2, 117). Acredita-se que a confusão se deu por conta dos vocábulos *Lyncus* e *Lycus*, o primeiro diz respeito ao rei da Cítia que foi transformado em lince selvagem, por tentar assassinar Triptólemo, já o segundo se refere aos camponeses da Lícia, uma região localizada na Ásia Menor, que foram transformados em rãs por emitirem um som desagradável (DAIN, 1995, p. 9).

quae fulmina sibi portans ministrabat, eos deuicit et in Aetna conclusit absque uno Titane, id est Sole.

11. Fábula dos gigantes Titãs²⁹

1 A Terra, que é Ceres, irada por ter sido zombada (...), gerou os Titãs – os gigantes –, para se opor contra Saturno e depois contra Júpiter, bem como para rechaçar todos os deuses, para se vingar³⁰. 2 Estes quiseram subir ao céu com a acumulação e empilhamento de montanhas sobre montanhas e de lá expulsar os deuses. 3 Para impedi-los de atacar, Júpiter convocou todos os deuses, e vieram, entre todos os outros, o divino Líber, Vulcano, os Sátiros e os Silenos, montados em pequenos burros. 4 Evidentemente que, com o barulho confuso e desmedido

²⁹ O compilador apresenta a história a respeito da guerra dos gigantes contra Júpiter (Zeus). Para uma melhor compreensão desta batalha, é oportuno recordar que Urano e Gaia tiveram muitos filhos, mas estes eram enterrados pelo próprio pai, pois não queria que eles nascessem. Todavia, Saturno (Cronos) era um de seus filhos e, revoltado por ver sua mãe sofrer, tramou com Gaia uma vingança contra o próprio pai. Assim, o titã astuto ceifou o pênis do pai e assumiu o trono. Posteriormente, Cronos se uniu a Reia, sua irmã, e gerou filhos, entre eles Zeus. E da mesma forma que Urano impedia os filhos de nascerem, Cronos fazia o mesmo, então quando os filhos nasciam ele os engolia. Entretanto, quando seu filho mais novo nasceu, Reia o escondeu e deu ao seu esposo uma pedra enrolada em um pano no lugar do filho. Assim, Zeus cresceu e assumiu o poder do pai, aliando-se com os Ciclopes e os Centimanos na luta contra Cronos. Além da luta de Zeus contra o pai, há uma que necessita ser destacada, a Titanomaquia, em que Tífon, filho de Gaia e Tártaro, tentou tomar o seu poder, porém ele não obteve êxito em seu intento. Dessa maneira, Zeus acabou vencendo a guerra e se estabelecendo como o deus supremo, não mais havendo o mito de sucessão (Hesíodo, *Teogonia*). Em relação à história apresentada pelo compilador, embora seja bem elaborada, parece não ter uma fonte conhecida. Conforme Zorzetti e Berlioz (2003, p. 7, n. 25), há elementos que possivelmente partiram de autores, como Sêrvio (*Aen.* 6, 580: 1); de Virgílio (*georg.* 1, 278-283: 2); de Ovídio (*fast.* 5, 35-40); de Higino (*astr.* 2, 23, 3: 3-4); *Narrationes fabularum Ouidianarum* (5, 10: 5); e mais uma vez de Sêrvio (*Aen.* 1, 394, e *Aen.* 6, 580: 6).

³⁰ Cf. Sêrvio (*Aen.* 6, 565 *ex terra*). O compilador alterou as palavras *Titanes et Gigantes* da versão de Sêrvio para *Titanas gigantes*, e utilizou o termo *gigas* para se referir ao assunto abordado nas fábulas de 11-14 do livro I. Além disso, a oração *id est Ceres* é uma inserção do próprio compilador, vd. fab. 1 (12, 4). Em relação ao texto, observa-se que a fonte é desconhecida, pois a narrativa apresenta muitas alterações. Contudo, conforme Zorzetti e Berlioz (2003, p. 7, n. 28), podemos supor que a base para a construção de sua história está presente na *Teogonia* de Hesíodo, v. 154. Aqui há um trecho da narrativa corrompido, embora Bode o tenha restaurado para *irata ob sui atque Tantali derisionem* (“irada com a zombaria contra ela e Tântalo”), que optamos por não traduzir. A respeito do mito, Dain (1995, p. 10, n. 3) assevera que não devemos entender a expressão *genuit ex se* como tautologia, pois nesta forma, recorrente dos Mitógrafos do Vaticano I e II, mesmo que seja usada de modo reflexivo, o sujeito é bem marcado, ou seja, pressupõe que o masculino sempre engendra o feminino, fazendo com que ocorra o nascimento de forma patogênica. Entretanto, segundo o autor, parece haver uma contradição, que ele chama de “falha mitológica”, pois a Terra nasceu sem a ajuda de elemento masculino.

desses jumentos espantados, desconhecidos pelos gigantes, os Titãs inimigos fugiram aterrorizados, 5 embora anteriormente também os próprios deuses, apavorados com a aparência do gigante Tífon, tivessem fugido transformados em vários monstros e animais. 6 Ora, Júpiter, com o auxílio da águia, que usava em si portando o raio, os derrotou e os enclausurou no Etna, exceto um titã, o Sol³¹.

12. <Fabula Tantali>

1 Tantalus, pater Pelopis, gigas, uolens probare diuinitatem deorum Pelopem filium suum eis ad epulandum posuit. 2 Vnde pro hac feritate damnatus est, ut in Eridano stans flumine siti pereat fameque laborans poma, quae sunt in praefati fluminis ripa, uide<a> ne<c> contingat. 3 Postea dii petente Tantalo cum uoluisse<n> filium eius reuocare ab inferis, Ceres, quae in conuiuio ceteris diis abstinentibus sola brachium Pelopis consumpserat, eburneum brachium ei restituit. 4 Quod ideo fingitur, quia Ceres ipsa est terra, quae uniuersa corpora consumit, ossa tamen reseruans.

12. Fábula de Tântalo³²

1 Tântalo, pai de Pélops, era um gigante que, querendo provar a natureza divina dos deuses, serviu a eles o seu filho Pélops como refeição³³. 2 Daí, por esta barbárie, ele foi condenado, para que, estando de pé no rio Erídano, morresse de sede e, observando as árvores frutíferas, as quais estavam nas margens do rio, morresse de fome, sem poder tocá-las.³⁴ 3 Posteriormente, como os deuses, com o consentimento de Tântalo, quiseram retirar o filho dele dos infernos, Ceres, que estava no banquete com o restante dos deuses que se abstiveram, e só havia comido um braço de Pélops, deu-lhe um braço de marfim. 4 Por essa razão,

³¹ Nesta narrativa, é relatado que todos os Titãs foram derrotados e presos por Júpiter no Etna, com a exceção de um, que foi o Sol, mas quem foi preso, de fato, foi o gigante Encéiade, vd. Horácio (*carm.* 3, 4, 76) e Virgílio (*Aen.* 3, 578), cf. Zorzetti e Berlioz (2003, p. 7, n. 30).

³² O compilador construiu a narrativa encaixando partes de textos de outros autores (*Serv. georg.* 3, 7; e *Aen.* 6, 603). Vd. tb. *Mythogr.* 2 (124) e *Fulgêncio (myth.* 2, 15).

³³ Segundo Zorzetti e Berlioz (2003, p. 8), a palavra *Gigas* é uma adição feita por Remi d'Auxerre.

³⁴ O Erídano (*Ἠριδανός*) é um rio mítico, filho de Urano e Terra. Embora haja divergências em relação a sua situação geográfica, ele é geralmente situado no Ocidente. Esse rio é referenciado no mito de Hércules e na narrativa dos Argonautas. Com uma melhor delimitação geográfica, o rio Erídano passou a ser identificado com o Pó ou com o Reno (GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Eridano*).

representa-se isto: porque Ceres é a própria terra, que consome todos os corpos, conservando somente os ossos.

13. *Fabula Tityi*

1 *Tityus unus fuit gigantum.* 2 *Qui uolens cum Latona concumbere sagittis Apollinis et Dianae interfectus est et ita damnatus est apud inferos, ut duo uultures ei appositi et sibi succedentes iecur illius comedant, semper ad rediuiam renascens poenam.*

13. Fábula de Tício

1 Tício era um dos gigantes. 2 Como ele queria se deitar com Latona, foi morto pelas flechas de Apolo e Diana e foi condenado a viver nos infernos, de forma que, dois abutres colocados junto a si e avançando contra si, devorariam seu fígado, que sempre renasceria, em vista de um castigo renovado³⁵.

14. *Fabula Ixionis*

1 *Ixion gigas uolens concumbere cum Iunone, opposita ei est nubes, cum qua concubuit.* 2 *Et cum inde iactaret se quasi de concubitu Iunonis, hac lege damnatus est, ut rotam serpentibus innexam semper contra montem apud inferos uoluat.*

³⁵ Diana e Apolo eram filhos de Latona com Júpiter. De acordo com Zorzetti e Berlioz (2003, p. 8), o personagem de Diana não aparece na maioria das fontes no que diz respeito a essa parte da narrativa, a não ser em Píndaro (*pyth.* 4, 90), em Pausanias (3, 18, 15 e 10, 11, 1) e em Apolodoro (1, 4, 1). Para os autores franceses, essa pode ser uma adição feita por Remi d' Auxerre. Em relação à construção da narrativa, o compilador parece ter se baseado em Sérvio (*Aen.* 6, 595). Quanto ao número de abutres, o autor Virgílio faz menção a apenas um: *Immanis vultur* (*Aen.* 6, 597). Entretanto, diferentemente de Virgílio, Sérvio destaca que podemos encontrar dois abutres em Homero (*Od.* 11, 578) e que a palavra utilizada para se referir à ave no singular pode ter um valor genérico ou coletivo. Por essa razão, é possível observar que, em algumas versões do mito, os autores comentam sobre dois abutres. Quanto à variação do número em um ou dois, isso vai depender da versão da narrativa a ser seguida, como exemplo podemos notar na versão do Mythogr. 2 (126), que tem como fonte Sérvio para sua composição, essa relata apenas um abutre; já em outras versões do mito podemos observar a alusão a dois, como acontece na *Odisseia*.

14. Fábula de Ixíon³⁶

1 O gigante Ixíon, querendo dormir com Juno, a ele foi apresentada uma nuvem, com a qual se deitou³⁷. 2 E como, em seguida, se gabou de ter dormido com Juno, ele foi condenado com esta ordem: giraria eternamente em uma roda enlaçada por serpentes defronte a uma montanha nos infernos³⁸.

15. *Fabula Circe<s> et Vlixis*

1 *Circe, Solis filia, in insula Maeonia sedens, delatos ad se in feras mutabat.* 2 *Ad hanc forte delatus Vlixes, Eurylochum cum uiginti et duobus sociis misit, quos ab humana specie commutauit; sed Eurylochus inde fugit et Vlixis nuntiauit.* 3 *Is solus ad eam proficiscebatur, cui in itinere Mercurius remedium dedit monstrauitque quomodo Circen deciperet.* 4 *Qui postquam ad eam uenit, ab ea poculo accepto Mercurii remedium miscuit et eduxit ensem eique minatus est, ut sibi socios restitueret.* 5 *Tunc Circe sensit sine uoluntate deorum non hoc factum esse fideque data socios ei restituit.* 6 *Ipse uero cum ea concubuit et Telegonum ex ea procreauit.* 7 *Cuius manu postea occisus occubuit.*

15. Fábula de Circe e Ulisses³⁹

1 Circe, filha do Sol, que habitava na ilha Meônia, transformava em feras aqueles que dela se aproximavam⁴⁰. 2 Ulisses desembarcou nas terras desta por acaso e

³⁶ Esta narrativa parece ter partido da versão de Sêrvio (*Aen.* 6, 601), porém há um detalhe indispensável que não é mencionado pelo compilador: a nuvem que foi apresentada a Ixíon tinha a aparência de Juno. Cf. Lactâncio (*theb.* 4-539); Mythogr. 1 (159, 6-8) e Fulgêncio (*myth.* 2, 14).

³⁷ O vocábulo *Gigas* é uma adição feita por Remi d'Auxerre (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 8).

³⁸ No mito, há uma confusão com a punição de Sísifo, pois ao invés de Ixíon estar preso à roda, ele acaba girando-a ao longo de uma montanha no submundo, como podemos observar também na versão apresentada pelo Mythogr. 2 (128). Sobre isso, cf. Zorzetti; Berlioz (2003, p. 9, n. 38).

³⁹ Conforme destacam Zorzetti e Berlioz (2003, p. 9), esta narrativa apresenta trechos dos comentários a Estácio de Lactâncio Plácido (*theb.* 4, 550), que, por sua vez, se baseou em Higino (*fab.* 125, 8-10). Além disso, acredita-se que o compilador tenha adicionado a respeito do assassinato de Ulisses “Cuius manu postea occisus occubuit” (posteriormente, Ulisses atingido morreu na mão de seu filho), baseando-se em Horácio (*carm.* 3, 29, 8).

⁴⁰ A palavra “Meônia” apresenta algumas variações: a expressão *in insula Maeonia* é encontrada apenas nesta narrativa e em Lactâncio (*theb.* 4, 450). A ilha aparece em Homero chamada de “Eeia” (*od.* 10, 135), como também em Apolodoro (*bibl.* 1, 9, 24). Em Higino, registra-se *Aenarium insulam* (*fab.* 125) (DAIN, 1995, p. 13, n. 1).

enviou-lhe Euríloco com vinte e dois homens, os quais ela mudou completamente sua forma humana; mas Euríloco escapou de lá e trouxe a notícia a Ulisses⁴¹. 3 Este partia sozinho em direção a ela, quando, no caminho, Mercúrio lhe deu um filtro e mostrou-lhe como poderia enganar Circe. 4 Depois que ele chegou até ela, misturou o filtro receitado de Mercúrio com a bebida que ela lhe dera e puxou a espada e a ameaçou para que devolvesse seus companheiros. 5 Então Circe percebeu que isso não poderia ser feito sem a vontade dos deuses e, tendo dado sua palavra, devolveu-lhe seus companheiros. 6 Na verdade, o próprio Ulisses com ela se deitou, e a partir dela gerou Telégono. 7 Posteriormente, Ulisses morreu atingido pela mão de seu filho⁴².

16. *Fabula Tiresiae*

1 Tiresias dum iret per siluam, uidit duos serpentes coire; quos cum uirga percussisset, in feminam mutatus est. 2 Post octo annos dum uideret eos similiter concumbentes et eos rursus percuteret, in pristinam restitutus est naturam. 3 Et cum inter Iouem et Iunonem lis esset, in quo sexu maior esset uoluptas libidinis, adhibitus est iste iudex, qui utrumque sexum fuerat expertus et inter<ro>gatus dixit femineam uoluptatem triplo maiorem esse uirili. 4 Pro qua re Iuno irata priuauit eum oculis, quasi gratiosum in Iouem et iniuriosum in se; pro qua iniuria cum obcaecatus esset, Iuppiter futurorum <ei> praebuit praescientiam.

16. Fabula de Tirésias⁴³

1 Enquanto Tirésias estava passando pela floresta, viu duas cobras copulando, tendo golpeado-as com uma vara, foi transformado em uma mulher⁴⁴. 2 Depois de oito anos, enquanto Tirésias as viu acasalando semelhantemente e as golpeou

⁴¹ Zorzetti e Berlioz (2003, p. 9) conservaram o nome que remonta à fonte. E no manuscrito encontra-se *Eurilogus*.

⁴² Telégono (*Τηλέγονος*) era filho de Circe com Ulisses. Ele tinha sido criado na ilha de sua mãe, porém, quando se tornou adulto, teve conhecimento sobre quem era seu pai. Em vista disso, Telégono resolveu ir a Ítaca para conhecê-lo, mas, assim que chegou à região, começou a se apossar do gado do rei. Ulisses, defendendo seus bens, foi ferido por Telégono na batalha. Contudo, ele não sabia que tinha ferido o próprio pai e, quando o reconheceu, sentiu muito por seu crime (GRIMAL, DMGR, s. v. *Telégono*).

⁴³ O compilador provavelmente transpôs diferentes episódios dessa narrativa que se fazem presentes em Fulgêncio (cf. *myth.* 2, 5), no comentário a Estácio de Lactância Plácido (*theb.* 2, 5). Cf. tb. Higino (*fab.* 75); *Narrationes fabularum Ovidianarum* (3, 4); e Ovídio (*met.* 3, 316).

⁴⁴ Cf. Ovídio (*met.* 3, 324: *uiridi silva*).

novamente, ele foi restituído ao seu antigo estado natural⁴⁵. 3 E como houve uma discussão entre Júpiter e Juno para saber em qual sexo seria maior a satisfação do desejo, Tirésias foi convocado para ser o juiz, porque tinha experimentado ambos os sexos, e o interrogado respondeu que o prazer feminino era três vezes maior que o masculino. 4 Por causa disso, Juno, irada, o privou das vistas, considerando que a resposta foi complacente a Júpiter e injusto a ela; como Tirésias ficou cego por aquela ofensa, Júpiter lhe deu o dom de prever o futuro⁴⁶.

17. Fabula Lycaonis

1 *Iuppiter, humani sceleris impatiens, simulata hominis specie ad Lycaonem regem Arcadiae uenit, qui sibi quasi mortali praeparans mortem humana membra deuoranda ei apposuit.* 2 *Quae postquam Iuppiter sensit, non eum penitus interemit, sed, ne supplicii amitteret sensum, lupi eum in formam conuertit; qui et adhuc mores in rabie et nomen Lycaonis in appellatione seruat.*

3 *Idem Lycaon habuerat filiam Callisto; quam cum uitiasset Iuppiter, Iuno eam in ursam conuertit; et postea Iuppiter miseratus in signum transtulit caeleste.*

17. Fábula de Licáon⁴⁷

1 Júpiter, impaciente com a crueldade do homem, tomou uma aparência humana e foi até Licáon, rei da Arcádia. Este último, se preparando para matar o homem que ele acreditava ser um mortal, serviu-lhe membros humanos para comer. 2 Depois que Júpiter percebeu isso, não o destruiu completamente, mas, para não perder a consciência de sua tortura, ele lhe deu a aparência de um lobo, que até agora não

⁴⁵ Cf. Ovídio (*met.* 3, 326-327: *septem egerat autumnos octauo rursus*, 'vivera por sete outonos, no oitavo voltou'). Nas *Narrationes fabularum Ouidianarum* (1, 1): *proximo uere*; em Fulgêncio (1, 1): *post temporis seriem*; já Higino e Lactâncio omitem este detalhe, conforme Zorzetti e Berlioz (2003, p. 9)

⁴⁶ Em relação à ira de Juno, cf. Fulgêncio (*myth.* 2, 5), Higino (*fab.* 75), Apolodoro (3, 6, 7) e o Segundo mitógrafo (106, 10). Nessa narrativa, Tirésias revela que o prazer da mulher é três vezes maior que o do homem. Dain (1995, p. 14) supõe haver um conceito eterno de mulher que parece ter sido proveniente de uma Eva, pecadora, imagem que possivelmente que se manteve durante toda a história da tradição e manutenção do Cristianismo.

⁴⁷ O compilador retirou a primeira parte da obra *Narrationes fabularum Ouidianarum* (1, 6). Em relação à segunda parte, esta foi retirada de Sérvio (*georg.* 1, 138).

só conserva seu caráter na violência, como também o nome de Licáon pelo qual é chamado⁴⁸.

3 O mesmo Licáon tivera uma filha por nome Calisto; como Júpiter a violou, Juno a transformou em uma urso; e depois Júpiter, por compaixão, a transformou em uma constelação⁴⁹.

18. *Fabula Io<nis> et Argi*

1 *Io, Inachi regis — uel amnis — filia, cum aequales specie sua praecederet, a Ioue adamata est, qui admotis precibus desiderium expleuit; et, ne puella Iunonis iram procideret, a compressore in uaccam transfigurata est. 2 Cuius cum Iuno fallaciam deprehendisset, petiit uaccam a Ioue uelut munus sibi dari, eo quod speciosior esset ceteris armentis, quae in Peloponeso cernuntur; Iuppiter uero, ne si negasset proderet puellam, tradidit. 3 At Iuno, ne pellex eius amplius Ioue potiretur, Argum, centum ocul[u]os habentem, ei custodem praefecit, quem Mercurius iussu Iouis interemit. 4 Iuno Argum, quia ob custodiam sibi mortu<u>s est, in pauonem transformauit et receptum in suam tutelam pennis insignibus <quibus> amissa lumina <indicaret> exornauit. 5 Io cum Furiis exagitata orbem terrarum percurrisset, nouissime in Aegyptum delata est; ibi placata Iunone a Ioue pristinam formam recepit atque nominabatur Isis.*

18. Fábula de Io e Argo⁵⁰

1 Como Io, filha do rei Ínaco — ou do rio — precedeu as meninas de sua idade por sua bela aparência, ela foi amada por Júpiter⁵¹. Este, aproximando por meio de

⁴⁸ O nome Licáon parece estar relacionado com o termo grego *λύκος* ('lobo'). Conforme Dain (1995, p. 15) citando Pierre Grimal, esta versão do mito, em que Licáon é transformado em um lobo, parece estar relacionada a sacrifícios que os humanos realizavam em homenagem a Zeus, na Arcádia. Acredita-se que nesse lugar um humano foi sacrificado e teve suas entranhas devoradas pelos participantes durante a imolação. Estes, ao comerem, eram transformados em lobos, que permaneciam por oito anos nessa forma. Se, durante esse tempo, não comessem carne humana, eles teriam sua forma natural reconstituída. Além disso, Dain (1995) afirma que um médico do século VII d. C., Paul d' Echine, utilizou a palavra *λυχάων* (Licáon) no sentido de *λυχάωνθρωπος* ('lobo-homem'), que se refere a uma doença em que o paciente pensa estar transformado em um lobo, evocando a noção de lobisomem, um homem mau e que vaga à noite. É importante destacar que, neste mito, Licáon é representado como tendo a força brutal por cometer tamanha selvageria, apresentando assim a mesma característica presente no animal em que é transformado, lobo. Cf. Ovídio (*met.* 1, 198).

⁴⁹ Júpiter teria transformado Calisto na constelação do Norte conhecida como Ursa Maior. Cf. Virgílio (*georg.* 1, 138).

⁵⁰ Cf. *Narrationes fabularum Ouidianarum* (1, 19; 13, 14).

súplicas, satisfez seu desejo; e, para impedir que a jovem escapasse da ira de Juno, após violá-la, ele a transformou em uma novilha. 2 Como Juno tinha percebido o estratagema deste, ela pediu para Júpiter lhe dar a novilha como presente, que fosse a mais bonita de todos os rebanhos que podiam ser vistos no Peloponeso. Realmente Júpiter, para não revelar a jovem, caso recusasse, deu-a a ela. 3 Ainda Juno, para que Júpiter não possuísse mais sua amante, ordenou que Argo, que tem cem olhos, se encarregasse da vigilância daquela⁵². Mercúrio, por ordem de Júpiter, o matou. 4 Juno transformou Argo em um pavão, porque ele foi morto a serviço dela, e depois levou-o sob sua proteção e o adornou com sinais em suas penas, que revelava a perda de seus olhos. 5 Como Io viajou por toda a terra, perseguida pelas Fúrias, finalmente foi vista no Egito; nesse lugar, com Juno apaziguada, Io retornou a seu aspecto primitivo, a partir de Júpiter, e era chamada Ísis⁵³.

19. *Fabula Icari et Erigonis*

1 Icarus, pater Erigonis, cum acceptum a Libero patre uinum mortalibus indicaret, occisus est a rusticis, qui, cum plus aequo potassent ebriati, se uenenum accepisse crediderant. 2 Huius canis est reuersus ad Erigonem filiam, quae, cum eius comitata uestigia peruenisset ad patris cadauer, laqueo uitam finiuit. 3 Haec deorum miseratione inter astra relata est, quam uirginem uocant; canis quoque ille inter sidera collocatus. 4 Sed post aliquantum tempus Atheniensibus mor[i]bus immissus est talis, ut eorum uirgines quodam furore compellerentur ad laqueum responditque oraculum sedari posse illam pestilentiam, si Erigonis et Icari cadauera require[i]rentur. 5 Quae cum diu quaesita nusquam inuenirentur, ad ostendendam suam deuotionem Athenienses, ut et in alieno ea querere uiderentur elemento, suspenderunt de arboribus funem, ad quem se tenentes homines huc atque illuc agitabantur, ut quasi et per aerem illorum cadauera quaerere uiderentur. 6 Sed

⁵¹ Ínaco é (*Ἰναχος*) um deus-rio que se localiza na Argólida (GRIMAL, DMGR, s.v. *Ínaco*). Segundo Dain (1995, p. 16), há uma forma corrompida *Ianis* depois de *Inachi regis* ('rei de Ínaco') no manuscrito que não pode ser explicada. No entanto, Bode a corrige para *uel Iasi* ('ou Íaso'), o que justifica por vezes algumas versões do mito apresentarem Io ora como filha de Íaso, ora como de Ínaco.

⁵² Argo é (*Ἄργος*) proveniente do primeiro Argos, filho de Zeus e Níobe. Este Argo geralmente é mais conhecido por Argos, sua forma latinizada (GRIMAL, DMGR, s.v. *Argo*).

⁵³ Em relação à passagem *nominabatur Isis* ('ela era chamada Isis') da narrativa mitológica, Bode (*Notae Criticae* in *Mythogr.*, 1, 18, p. 10) propõe a seguinte alteração: *nominabatur* para *nominata est* ('foi chamada') (DAIN, 1995, p. 17).

cum inde plerique caderent, inuentum est, ut formas ad oris sui similitudinem facerent et eas pro se suspensas mouerent; unde oscilla dicta sunt ab eo, quod in his [s]cillerentur — id est mouerentur — ora.

19. Fábula de Ícario e de Erígone⁵⁴

1 Como Icário, pai de Erígone, mandou aos homens o vinho recebido pelo divino Liber, foi morto pelos camponeses, que, embriagados por terem bebido mais do que deveriam, pensaram que haviam se envenenado⁵⁵. 2 O cão deste voltou para sua filha Erígone, que, como havia seguido seus passos e chegado até o cadáver de seu pai, acabou com sua própria vida com nó corredio. 3 Por misericórdia dos deuses, ela foi posta entre as constelações, sendo chamada de Virgem; aquele cão também foi colocado entre as estrelas⁵⁶. 4 Mas, depois de bastante tempo, foi enviada uma doença aos atenienses, de tal maneira que suas virgens, tomadas por uma espécie de furor, fossem obrigadas a se suicidarem; e o oráculo respondeu que essa pestilência poderia ser apaziguada, se encontrassem os corpos de Erígone e de Icário. 5 Como eles, tendo procurado durante muito tempo, em nenhuma parte encontraram, ou, então, os Atenieses, para mostrar sua devoção e ver que ainda os procuravam em outro elemento, penduraram uma corda nas árvores, os homens posicionados se movimentaram para um lado e para outro, como se estivessem procurando no ar os cadáveres daqueles em questão. 6 Mas, como a maioria caiu de lá, foi imaginado que eles fizessem moldes semelhante a cada rosto e os movimentassem depois de estarem suspensos; por esse motivo, foram

⁵⁴ Cf. Sêrvio (*georg.* 2, 389). Icário (*Ιχάριος*) foi o primeiro herói ateniense com este nome, ele era pai de Erígone. Diz-se que ele foi o que divulgou a videira na Grécia na época em que Pandíon era o rei de Atenas. Este é diferente de Ícaro (*Ιχάρως*), filho de Dédalo e de uma escrava de Minos que tinha por nome Náucrante (GRIMAL, DMGR, s.v *Icário* e *Ícaro*).

⁵⁵ *Liber* é uma divindade latina, cuja persona posteriormente foi associada ao deus Baco.

⁵⁶ Conforme nos apresenta Dain (1995, p. 17), o mitógrafo recupera um comentário que está presente em Sêrvio (*Virg. georg.*, 2, 389). Entretanto, neste texto há uma substituição do *deorum uoluntate* ('pela vontade dos deuses') por *deorum miseratione* ('pela misericórdia dos deuses'). Além disso, é possível perceber que em Higino ocorre *deorum uoluntate*, da mesma forma que está presente no mitógrafo (*Mythogr.* 2, 79, 19). Dain (1995, p. 17) aponta que esta mudança parece ter uma importância, já que nos remete ao Cristianismo, ao 'pantocrator' (*Παντοκράτωρ*) como um ser onipotente.

denominados de *oscilla*, porque são rostos que oscilam entre eles, isto é, estão em movimento⁵⁷.

20. *Fabula Iphigeniae et Orestis et Pyladis*

1 *Graeci dum irent contra Troiam et ad insulam quae Aulide uocabatur uenissent, Agamemnon rex uolens se sagittis exercere uidit ceruam Dianae, quam eius ignorans esse interfecit. 2 Ventis autem contrariis ibi diu detenti, ex oraculo Apollinis responsum est Agamemnonio sanguine uentos esse placandos. 3 Tunc Vlixes — ut erat astutissimus — in patriam reuersus filiam Agamemnonis Iphigeniam simulans nuptias secum adduxit. 4 Adducta autem cum iam in eo esset ut immolaretur, Minerua miserta circumstantium oculis nubem opposuit et pro eadem ceruam, ut dicitur, apposuit. 5 Illa autem translata ad Tauricam regionem Scytharum regi Thoanti tradita est. 6 Sacerdosque facta Dictynnae Dianae, dum, secundum statutam consuetudinem, umano sanguine et maxime hospitum numen placaret, agnouit fratrem Orestem, qui accepto oraculo carendi furoris causa cum amico fidissimo Pylade Colchos petierat. 7 Et cum his occiso[s] Thoante simulacrum sustulit, absconditum fasce lignorum — unde et fascellis dicitur, non tantum a face cum qua pingitur —, et Ariciam detulit.*

20. Fábula de Ifigênia, Orestes e Pílades⁵⁸

1 Enquanto os Gregos marchavam contra Troia e chegaram a uma ilha que se chamava Aulis, o rei Agamêmnon, querendo treinar arco e flecha e tendo visto a

⁵⁷ A esse trecho, Dain (1995, p. 18) cita o dicionário etimológico de Ernout-Meillet para elucidar a dificuldade em traduzir o jogo de palavras entre as palavras *oscilla* ('rostos') e *ora* ('pequena imagem que ficava suspensa nas árvores para serem movimentadas pelo vento'). Dessa maneira, observamos que o vocábulo *oscilla* é diminutivo de *os* e que este parece estar de acordo com a narrativa a partir de sua definição. Todavia, a forma verbal *[s]cillerentur* aparece em dicionários com o significado apenas de 'mover', por conta disso especula-se se teria sido criada apenas para explicitar o oscilador, como destaca Ernout-Meillet, op. cit., s.v. *cillo et oscillum (apud Dain, 1995, p. 18).

⁵⁸ De acordo com Zorzetti e Berlioz (2003, p. 12), a primeira parte é uma retomada de uma glosa de Remi d'Auxerre a Boécio (*cons.* 4, metr. 7, 4). A segunda parte pertence a Sêrvio (*Aen.* 2, 116). Além disso, Remi também se utilizou dos excertos de Sêrvio, mas se descuidou no final, porém o compilador se encarregou de copiar palavra por palavra.

corça de Diana, sem saber disso a matou⁵⁹. 2 Mas os Gregos foram retidos neste lugar por muito tempo por ventos contrários, e o oráculo de Apolo respondeu que os ventos deveriam ser aplacados com o sangue de Agamêmnon. 3 Então Ulisses, que era muito astuto, retornou para sua pátria e trouxe consigo Ifigênia, filha de Agamêmnon, com o pretexto de que ela deveria se casar⁶⁰. 4 Como ela havia sido conduzida até esse lugar, para que fosse imolada, Minerva, compadecida de sua situação, colocou uma nuvem diante dos olhos daqueles que estavam ali e, como é dito, colocou uma corça no lugar dela⁶¹. 5 Ifigênia foi levada para a Táurida, região dos Citas, e foi entregue ao rei Toante⁶². 6 E tornou-se a sacerdotisa de Diana Dictina⁶³. Enquanto, segundo o costume estabelecido, ela apaziguava a divindade com sangue humano e, sobretudo, com estrangeiro, ela reconheceu seu irmão Orestes, que, tendo consultado o oráculo, tinha posto fim no furor e venceu a Cólquida na companhia de seu mais fiel amigo, Pílates. 7 E com a ajuda destes, Ifigênia matou Toante e levou a estátua de Diana para Arícia, escondida em um feixe de madeira (*fascis*). Por essa razão, se diz também *fascellis*, que não vem somente da tocha com a qual é representada⁶⁴.

⁵⁹ Há uma alteração da palavra *insula* feita por Remi (Cf. Sérvio, *Aen.* 4, 426). Na narrativa, *Aulis* localiza-se na Beócia, na Europa. Sobre *Aulis*, Sérvio (*Aen.* 4, 426) registra que: *Aulis insula est in Aegeo mari, in qua coniurarunt Graeci se non ante reversuros ad patriam, quam Troia caperentur* (“*Aulis* é uma ilha no mar Egeu, na qual os gregos juraram não voltar para sua pátria, até terem tomado Tróia”).

⁶⁰ Nessa parte, conforme destaca Zorzetti e Berlioz (2003, p. 12), há um seguinte acréscimo de Remi: *ni erat astutissimus* (“se não me engano era muito astuto”).

⁶¹ Esse texto apresenta uma confusão entre Diana (em grego Ártemis) e Minerva (Atena), talvez seja pela influência na adição das palavras *miserta circumstantium oculis nubem opposuit* (“compadecida de sua situação, colocou uma nuvem diante dos olhos daqueles que estavam ali”). Esse acréscimo foi feito por Remi (cf. Ovídio, *met.* 12, 32: *nubem culis obiecit*), (Zorzetti e Berlioz, 2003). Em relação à confusão dos nomes Diana-Minerva, para Dain (1995) a presença de Minerva na narrativa é inapropriada. Contudo, isso parece ser um deslize do autor e de outros mitógrafos que tiveram Sérvio (2, 116) como base para sua narrativa: *numinis misericordia* (“misericórdia da divindade”); também cf. Higino (*fab.* 261) e o Mitógrafo do Vaticano (2, 245, 8).

⁶² Há mais uma adição feita por Remi, desta vez é a palavra *Scytiarum* (‘dos Citas’) (cf. *Mela*, 2,11).

⁶³ O vocábulo *Dictynne* (‘a caçadora’) é um dos epítetos para se referir a Diana, que teve sua corça assassinada por Agamêmnon, após isso este teve sua filha Efigênia consagrada a deusa.

⁶⁴ Arícia é uma cidade do Lácio em Roma. Nesta região, havia um templo de Diana Dictina em que a deusa era cultuada, parecido com o culto de Táuris, uma vez que ela apreciava os sacrifícios humanos (GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Diana*).

21. Fabula Hippodame<s>

1 Hippodame filia fuit Oenomai, regis Elidis et Pesarum; hic equos habuit uelocissimos, utpote uentorum flatu creatos. 2 Qui procos filiae multos necauit, sub hac condicione prouocatos ad curule certamen, ut aut <uictus> traderet filiam, aut uictos necaret. 3 Postea, cum Pelopem amasset, Hippodamia corrupit Myrtilum, aurigam patris, primi coitus pactione. 4 Qui factis cereis axibus, cum uictore Pelope a puella promissum posceret praemium, ab eius praecipitatus est marito in mare, cui nomen imposuit; nam ab eo Myrte[t]um dicitur pelagus.

21. Fábulas de Hipodamia⁶⁵

1 Hipodamia era filha de Enómao, rei da Élide e de Pisa⁶⁶. Este tinha cavalos muito velozes, porque foram criados pelo sopro dos ventos. 2 Ele matou muitos pretendentes de sua filha, desafiados à corrida de carros sob a seguinte condição: ou daria sua filha, caso eles o vencessem, ou os mataria se os vencesse⁶⁷. 3 Posteriormente, como Hipodamia se apaixonou por Pélops, ela subornou Mírtilo, o cocheiro de seu pai, tendo prometido que ele seria o primeiro a se unir a ela. 4 Este, tendo feito as rodas do carro com ceras⁶⁸, com a vitória de Pélops, exigiu a recompensa prometida pela jovem. Mas, em favor de sua esposa, Pélops o jogou ao mar, que levou seu nome; na verdade, por causa dele, o mar é chamado mar de Mírtilo⁶⁹.

⁶⁵ Essa narrativa pertence a uma parte do comentário de Sérvio (cf. *georg.* 3, 7). Mas falta uma parte em que Sérvio elucida a respeito dos nomes gregos terminados em η, que geralmente se transformam em ‘ia’ como é o caso do nome Hipodamia (Ἰπποδάμεια ou Ἰπποδάμη).

⁶⁶ Pisa (Πῖσα, -ης) é uma cidade antiga na Élide, em latim *Pisa*, -ae no singular feminino que é diferente da cidade italiana Pisa (*Pisae*, -arum) localizada na Etrúria, hoje conhecida como Toscana. Em Sérvio, já havia essa confusão com a cidade italiana por causa do uso da palavra no plural.

⁶⁷ O mitógrafo não utilizou a palavra *uictus* entre *aut et traderet filiam* que aparece em Sérvio. Com a ausência desta palavra poderíamos pensar que o pai de Hipodamia matou os vencidos.

⁶⁸ De acordo com Dain (1995, p. 20), Sérvio utilizou a palavra *axibus*, seguido pelo mitógrafo, mas este vocábulo não poderia ter seu significado de eixo, pois mesmo parado não poderia suportar o peso da carruagem. Contudo, poderia ter seu significado derivado de tudo que serve para conectar a roda ao eixo.

⁶⁹ Mírtilo é o nome dado para se referir ao mar de Mirto, que banha a costa sul da Ática.

22. Fabula Myrtili, Atrei et Thyestae

1 Mercurius, aegre ferens a Pelope Myrtilum, filium suum, in mare praecipitatum spoliatumque uitae lege, repperit uindictam, qua consolaretur orbis orbem. 2 Nam Pelopis filiis, Atreo et Thyestae, tantum discordiae iniecit, ut germanitatis iura disrumperent. 3 Cum igitur alternis uicibus regnum regerent et sciret Thyestes regnum penes eum fataliter mansurum, qui arietem aurei uelleris haberet — quem tum Atreus regnum ingressus custodiebat —, corrumpens Europam, fratris sui uxorem, eum ad se transferri posse sperabat. 4 Quod ille postquam didicit, eum cum duobus filiis suis expulit et postea simulata gratia ad eum misit eique ad se uocatos filios suos interemptos apposuit epulandos; eique post epulas filiorum capita signum conuiuui ostendit feralis. 5 In cuius rei ultionem cum Thyestes consulta de oraculis posceret, responsum est per eum certam uenire uindictam, qui ex ipso et filia Pelopia natus esset. 6 Vnde ille cito amplexus filiae inuadit, ex qua natus est puer, quem illa in siluas propter conscientiam incestus abiecit; hic caprae uberibus nutritus ex eadem re Aegisthus nomen accepit. 7 Atreum uero in uindictam patris, cum adoleuisset, occidit. 8 Idem et Agamemnonem, cum Clytemnestram uxorem eius adulterasset, occidit. 9 Qui postea ab Oreste, filio Agamemnonis, cum ea quam adulterauerat occisus est.

22. Fábulas de Mírtilo, Atreu e Tiestes⁷⁰

1 Mercúrio, suportando com dificuldade que seu filho Mírtilo havia sido jogado ao mar e privado de seu direito de vida por Pélops, encontrou uma maneira de se vingar de modo que consolaria sua perda. 2 De fato, Mercúrio causou tanta discórdia nos filhos de Pélops, Atreu e Tiestes, de tal maneira que destruíram seus laços de fraternidade. 3 Eles, portanto, governaram o reino um após o outro⁷¹. Como Tiestes sabia fatalmente que o reino estaria nas mãos daquele que possuiria o carneiro com o velo de ouro (Atreu então o protegeu, sendo o primeiro a reinar), corrompeu Aérope, esposa de seu irmão, e esperava poder transferí-lo para si⁷². 4

⁷⁰ Essa narrativa apresenta trecho dos comentários a Estácio de Lactância Plácido (vd. *theb.* 4, 306). Além disso, o compilador alterou a ordem cronológica da narrativa (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 13).

⁷¹ O nome presente no texto não é Europa (*Εὐρώπη*), mas Aérope (*Ἀερόπη*). Possivelmente a versão de Lactância Plácido, utilizada pelo autor, já estivesse com o nome alterado.

⁷² O velo de ouro ou velocino era uma lã dourada de um carneiro alado que auxiliou na fuga dos filhos de Atamante, Hele e Frixo. Aqui parece haver uma relação entre o vocábulo ‘cabra’, em grego *αἴγος*, e o nome de Egisto (*Αἰγισθος*).

Depois que Atreu teve conhecimento disso, o afastou com seus dois filhos; depois, fingindo reconciliação, mandou-o voltar e, tendo convocado seus filhos para junto de si, matou-os e serviu-lhe como comida; depois de terminada a refeição, ele mostrou as cabeças de seus filhos como prova do banquete fatal. 5 Para se vingar do rei por causa desse ato, Tiestes consultou os oráculos, e obteve como resposta que a vingança certa viria por meio dele, que nasceria a partir do próprio e de sua filha Pelopeia. 6 Por esse motivo, ele se lançou sobre sua filha, a abraçando rapidamente e, a partir dela, deu à luz a um menino que, por causa de sua consciência de incesto, abandonou na floresta. Este, alimentado pelos peitos de uma cabra, recebeu o nome Egisto por causa da ação dela. 7 Quando este se tornou adulto, matou Atreu para se vingar de seu pai. 8 O mesmo Egisto também matou Agamêmnon, depois de cometer adultério com Clitemnestra, a esposa dele. 9 Posteriormente Egisto foi morto por Orestes, filho de Agamêmnon, e com ele foi morta Clitemnestra, com quem tinha cometido adultério⁷³.

23. *Fabula Phruxi et Helle<s>*

1 Phrixus et Helles, frater et soror, Athamantis regis et Neobolis filii fuerunt. 2 Hii insania a Libero abiecti cum in silua errarent, Neobola mater eorum dicitur uenisse et arietem uellere aureo insignitum exhibuisse, in quo praedictos filios suos iussit ascendere et in Colchos ad regem Oetam transire[t] ibique arietem immolare. 3 Vel aliter. 4 Cum Neobole, quae et Nubes, insania Liberi patris concita siluam peteret, ne larem mariti repeteret, filiis suis Phrixo et Hellae Athamas nouercam nomine Ino superduxit. 5 Quae nouercali odio pueris exitium machinans, matronas petiit ut frumenta serenda corrumperent; quo facto fames innata est. 6 Cum ad Apollinem consultum ciuitas misisset, Ino eum, qui missus fuit, corrupit, ut referret oraculo dictum filios Nubis immolandos; nam et ipsa dixit eos frumenta incendisse. 7 Pater, timens populi inuidiam, filios suos arbitrio nouercae commisit, sed occulte illis remedium dedit. 8 Nam Phrixum mortis suae ignarum submisit, ut arietem aureum uellus habentem adduceret; qui Iunonis nut<u> ammonitus ut cum sorore fugeret, [et] confestim se cum ea morti subtraxit. 9 Deinde cum arieti adhaerentes mare supernatarent, Helles puella in mare cecidit et nomen ponto dedit; nam ex illa

⁷³ As narrativas do *Primeiro Mitógrafo*, às vezes, se tornam repetitivas, devido ao seu método compositivo em que o compilador junta partes de textos de diversos autores sobre um mesmo mito transformando-o em uma única versão, como se vê nessa fábula com a repetição da informação do adultério cometido por Clitemnestra; mais adiante veremos outro exemplo, na fábula 83, dessa repetição de informação. Na nossa tradução, procuramos não intervir nas repetições apresentadas no texto do mitógrafo, já que mantivemos seu estilo.

Hellespontum dicitur. 10 Phrixus, ad Colchos delatus, arietem inunolauit et uellus aureum Martis templo dedicauit, quod draco custodiebat informis. 11 Oeta rex Phrixum libens recepit filiam que uxorem dedit. 12 Et cum ex ea liberos accepisset, ueritus est Oeta ne se a regno deiceret — quod ei responsum ex <prodi>giis fuerat — aduena, Aeoli progenie<s>. 13 <Et cum> mortem caueret, Phrixum interfecit. 14 At filii eius ratem ascenderunt, ut ad auum Athalantem transirent; hos naufragos Aeson excepit. 15 Postea Iason Colchos profectus est pro uellere aureo tollendo et draconem occidit et uellus sustulit.

23. Fabula de Frixo e Hele⁷⁴

1 Frixo e Hele, irmão e irmã, eram filhos do rei Atamante e Neobola⁷⁵. 2 Como eles vagavam pela floresta, abalados pela loucura de Liber, diz-se que sua mãe Neobola veio e mostrou-lhes um notável carneiro com velo de ouro⁷⁶. Ela ordenou que os filhos subissem no animal, fossem para Cólquida, até o reino de Eetes, e lá sacrificassem o carneiro⁷⁷. 3 Ou melhor dizendo. 4 Como Neobola, que também é Nubes, perturbada pela loucura do divino Liber, foi para floresta para não voltar à casa de seu marido, Átamas deu uma madrasta, por nome Ino, aos seus filhos

⁷⁴ As partes 1 e 4-10 foram retiradas de um escólio a Estácio (*achill.* 1, 65), já as passagens 2 e 11-14) são comentários a Estácio por Lactânio Plácido (*theb.* 2, 28) que se baseou em Higino (*fab.* 3) para a construção de sua narrativa. E o final parece ser um resumo da fábula do Primeiro Mitógrafo (cf. 1, 25).

⁷⁵ A palavra Neobola, em grego *Νεφέλη* (Néfele), tem o significado de nuvem. Conforme Grimal, esse nome é muito utilizado pelas heroínas como, por exemplo, a esposa de Átamas, mãe de Frixo e Hele. Além disso, Néfele com seu sentido de nuvem é utilizada muitas vezes em narrativas mitológicas, como podemos observar no mito de Íxion (cf., *Mythogr.* 1, 14). Nessa narrativa, uma nuvem foi apresentada a Íxion com a aparência de Juno com a qual ele se deitou; dessa união nasceram os centauros (cf. GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Néfele*). Outra questão importante a ser destacada, é que o mitógrafo para evitar uma confusão entre os nomes Neobola com Neobule (*Νεβούλη*), filha de Lincambo, que foi negada em casamento a Arquíloco (cf. Horácio, *od.* 3, 12, 5), ele apresenta uma outra versão do mito, enfatizando (4) que se trata de: 4 *Cum Neobole, quae et Nubes, insania Liberi patris concita siluam peteret, ne larem mariti repeteret, filiis suis Phrixo et Hellae Athamas nouercam nomine Ino superduxit.* (3 Ou melhor dizendo. 4 Como Neobola, que também é Nubes, perturbada pela loucura do divino Liber, foi para floresta para não voltar à casa de seu marido, Átamas deu uma madrasta, por nome Ino, aos seus filhos Frixo e Hele). Assim, a partir desse trecho da narrativa, observamos que o mitógrafo parece impedir a possibilidade de confusão entre os nomes.

⁷⁶ Em algumas versões dessa narrativa, conta-se que Atamante quis sacrificar os filhos Frixo e Hele, por indicação de sua segunda esposa, Ino. Contudo, os deuses não permitiram tal atrocidade e a estes filhos enviaram um carneiro alado com uma pele de ouro para que eles fugissem (cf. GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Frixo*).

⁷⁷ *Colchos* está localizado na costa leste do mar Ponto Euxino, em latim *Ponticum mare* (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 14, n. 64).

Frixo e Hele. 5 Essa, com seu ódio de madrasta, tendo maquinado a destruição dos garotos, pediu para que as mulheres destruíssem os grãos de trigo que seriam semeados; com essa ação, surgiu a fome. 6 Como a cidade enviou um consultor até Apolo, Ino o corrompeu, para que o enviado informasse que o oráculo disse que os filhos de Nubes fossem sacrificados; de fato, ela própria disse que eles tinham incendiado os grãos de trigo. 7 O pai, temendo o ódio do povo, confiou seus filhos ao poder de decisão da madrasta, mas secretamente lhes deu uma maneira de escapar. 8 De fato, enviou Frixo, que não sabia de sua morte, para que fosse em busca de um carneiro com um velo de ouro para ter em sua posse; ele foi aconselhado por Juno para que fugisse com sua irmã, e com ela se livrou da morte. 9 Depois, enquanto eles estavam ligados ao carneiro e passavam sobre o mar, a jovem Hele caiu e se afogou. Ela deu o nome ao alto mar; de fato, por causa dela, diz-se Helesponto. 10 Frixo, transportado para Cólquida, sacrificou o carneiro e dedicou o velo de ouro ao templo de Marte, que era protegido por um dragão horrível. 11 O rei Eetes recebeu Frixo, com bom gosto, e deu-lhe sua filha como esposa⁷⁸. 12 E como Frixo teve filhos a partir dela, Eetes temeu ser expulso de seu trono, pois havia sido respondido por um oráculo que seria banido por um estrangeiro, descendente de Éolo. 13 E como temia a morte, ele matou Frixo. 14 Mas os filhos de Frixo embarcaram no navio, para se transportarem até seu avô Atalante⁷⁹; eles naufragaram e foram retirados por Éson⁸⁰. 15 Posteriormente, Jasão partiu para a Cólquida para apreender o velo de ouro, tendo matado o dragão e levado o velo.

24. *Historia de Pelia et Iasone*

1 *Pelias — uel Peleus —: rex Pelopontium, cuius frater erat Iason; quique Iason filium nomine Iasonem habuit.* 2 *Igitur praedictus Peleas filium fratris timuit ob uirtutem sui ac probitatem, ne se deiceret de regno, et ob hanc causam eum ad Colchos misit,* 3 *ut inde detulisset pellem auream, in qua Iouis in caelum ascendit; putauit enim causam ipsi esse mortis.* 4 *Argos autem quidam fecit nauim, a suo nomine quae dicta est Argo, a qua dicti*

⁷⁸ O nome *Oeta* (monte Eta) está alterado, na verdade é *Aeetes* (Eetes), em grego *Αἰήτης*. O mitógrafo parece fazer uma confusão entre os dois nomes.

⁷⁹ O nome *Athala* ou *Atalante* (Atalante) está alterado, na verdade é *Athamas* (Átamas).

⁸⁰ Com relação a Frixo (*Φρίξος*) e seus filhos, esta versão parece apresentar uma reformulação trágica do mito que foi narrada por Higino (cf. *fab.* 3), pois, em outras variantes, conta-se que Frixo teria morrido por conta da velhice, e que seus filhos teriam retornado e tomado seu reino por direito (cf. GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Frixo*).

sunt Argonautae Iason et socii eius. 5 Tiphys uero eius gubernator erat, quando nauigantes Colchos in uia peruenerunt Troiam. 6 Quos Laomedon, rex Troiae, in portum ire non permisit. 7 Deinde reuersi sunt, dicentes ea quae sibi Laomedon rex Troiae fecit. 8 Qua ex causa Peleas et Hercules Troiam uenerunt; ex quibus expugnata est et Laomedon intefectus.

24. História de Pélias e Jasão⁸¹

1 Pélias — ou Pélio —, era o rei do Peloponeso cujo irmão era Éson⁸². Este também tinha um filho por nome Jasão⁸³. 2 Pélias, então predizendo, temeu que o filho de seu irmão o derrubasse do trono, por causa de sua virtude e moral. Por esse motivo, ele o enviou à Cólquida, 3 para trazer de volta o velo de ouro, no qual Júpiter subiu ao céu⁸⁴; certamente imaginando que conseguiria o motivo para a

⁸¹ A fonte deste texto é desconhecida, porém é possível que seja um comentário para Virgílio, este comentário parece que é o mesmo utilizado pelo compilador em suas outras narrativas (cf. 1, 84; 1, 86; 1, 88; 1, 96; 2, 74; 2, 75; 2, 77). Além do mais, de acordo com Zorzetti e Berlioz (2003, p. 16), podemos encontrar essa mesma narrativa nas *Bucólicas* no *cod. Leidensis Vossianus F 79* (cf. *buc.* 4, 34). Ainda para a composição, o comentarista medieval de Virgílio utilizou os três primeiros capítulos de Dares. No que se refere às partes de 1-4, estas partiram do primeiro capítulo de Dares, exceto o seguinte trecho: *putauit enim causam ipsi esse mortis et de a qua dicti sunt Argonautae Iason et socii eius* (certamente imaginando que conseguiria o motivo para a morte dele e, depois, pelo qual os Argonautas, Jasão e companheiros dele são denominados). Já as passagens 6-8 foram utilizados integralmente dos capítulos dois e três de Dares. No que diz respeito à parte 5, este foi retirado de Sérvio (cf. *buc.* 4, 34), mas o trecho *quando nauigantes Colchos in uia peruenerunt Troiam* (enquanto navegavam para a Cólquida chegaram a Tróia) foi incluído para ligar as duas partes da narrativa. Além disso, o *gubernator erat* da parte 5 está presente na versão de Sérvio (cf. *buc.* 4, 34), mas registrado de forma diferente (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p.16).

⁸² O nome *Peleus* já estava alterado em *Pelias* (Πελιάς) quando o compilador o encontrou, então ele fez uma variante. No entanto, *Peleu* (Πηλεύς) foi o rei da Ftia, na Tessália, e pai de Aquiles, assim parece não ter nenhuma relação com o Peloponeso. Além do mais, a palavra *Pelopontium* (Peloponesos), no *Cod. Leidensis Pelopentium*, é uma alteração corrompida que remete à fonte. Conforme a tradição nos apresenta, Pélias teria permanecido em Iolcos, na Tessália, porém no começo da história de Dares, ele aparece como rei do Peloponeso: *Pelias rex in Peloponeso* (Pélias rei no Peloponeso) (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 133). Quanto a Éson, filho de Creteu e de Tiro, era tio-avô de Ulisses. Ele era irmão de Pélias e pai de Jasão (GRIMAL, DMGR, s. v. Éson).

⁸³ A narrativa apresenta uma alteração que retoma à fonte. A respeito disso, observamos que o irmão de Pélias é Éson diferentemente de Jasão. Na verdade, Éson (Αἴσων) é seu meio irmão e pai de Jasão (Ιάσων). Contudo, essa confusão dos copistas talvez seja pelo fato de os nomes Éson e Jasão serem tão próximos na escrita grega.

⁸⁴ Assim como Dain (1995, p. 44), apesar de o mitógrafo ter utilizado a palavra *pellis* (pele) em seu texto, optamos por traduzi-la por *uellus* ('velo'), já que estes dois vocábulos parecem ter sentidos tão próximos. Outro aspecto a ser destacado é o uso da palavra *Iuppiter* (Júpiter) sob a

morte dele. 4 Um certo Argos construiu um navio que, por causa de seu nome, foi chamado Argo, pelo qual os Argonautas, Jasão e seus companheiros, são denominados. 5 Na verdade, Tífis era o piloto dele, enquanto navegavam para a Cólquida chegaram a Tróia. 6 Mas Laomedonte, rei de Troia, não deixou que eles desembarcassem no porto. 7 Então eles haviam voltado e disseram o que Laomedonte, rei de Troia, fez com eles. Por essa razão, Pélias e Hércules chegaram a Troia; a cidade foi tomada de assalto e Laomedonte foi morto⁸⁵.

25. *Fabula Iasonis*

1 Iason cum responso Apollinis Colchos peteret ad rapiendum uellus aureum, quod Phrixus Mar[i]lti dicauerat, eo obtentu ut tauros, qui apud Colchos erant indomabiles, primum sub iuga mitteret, 2 Medea, summa ueneficarum, pulchritudinem eius mirata, egit suo ueneficio, ut tauros subiugaret et peruigilem draconem occideret. 3 Quo occiso eiusdem dentes seuit iunctis tauris Vulcani igne[m] efflantibus, unde <nati armati sunt, qui primum fecerunt impetum in Iasonem frustra, postea> mutuis <se> uulneribus conciderunt. 4 Has autem ei condiciones Aetes rex proposuerat, cui Apollo responderat tamdiu eum regnaturum, quamdiu illud uellus fuisset in templo. 5 Iason aureo uellere potitus postea Medeam uxorem habuit. 6 Sed cum induceret pellicem, nomine Glaucen, filiam Creontis, Medea dedit tunicam pellici suae infectam uenenis et allio; quam cum indueret, coepit cremari incendio. 7 Tunc Medea animum Iasonis contra se saeuientis non sustinens alato serpente aufugit.

forma do nominativo *Iouis*. De acordo com Dain (1995, p. 44), embora essa forma seja rara, ela não é singular, pois há outros registros em que esta forma aparece. Além do mais, Bode chama a atenção de que não há registro desse fato que o mitógrafo relatou por outros autores. Possivelmente, esta passagem *in qua Iouis in caelum ascendit* (“no qual Júpiter subiu ao céu”) foi uma adição do compilador. É possível que tenha havido uma leitura inadequada de *iuuenis* por *Iouis*, o que nos remete a narrativa precedente de *Phruxi et Helle<s>*, em que Frixo voa no velo de ouro. Com isso, o texto pode estabelecer uma relação de continuidade entre as duas narrativas.

⁸⁵ Nesse excerto, o mitógrafo confunde os nomes *Pelias* (Pélias) e *Peleus* (Peleu) mais uma vez. Na verdade, não foi Pélias que esteve na expedição dos Argonautas, mas sim Peleu e seu irmão Télamon (cf. Hygin. *fab.* 14, 32).

25. Fábula de Jasão⁸⁶

1 Jasão, após a resposta do oráculo de Apolo, foi à Cólquida para apreender o velo de ouro, que Frixo havia consagrado a Marte, como pretexto seu de colocar sob o jugo dos touros, que estavam na Cólquida e eram indomáveis⁸⁷. 2 Medeia, a maior de todas as feiticeiras, ficou admirada por sua beleza e garantiu, por meio de seu filtro envenenador, que Jasão subjugassem os touros e matassem o dragão que nunca dormia. 3 Depois de matar o dragão, Jasão semeou os dentes dele, atrelando aos touros de Vulcano que soltavam fogo⁸⁸. Daí nasceram os homens armados, que primeiramente se lançaram contra Jasão, atacando-o sem motivo, e depois, sucumbiram-se mutuamente golpeados. 4 Ora, o rei de Aetes lhe impôs estas condições, porque Apolo respondeu-lhe que governaria enquanto aquele velo permanecesse no templo. 5 Jasão, tendo a posse do velo de ouro, tomou Medeia por esposa. 6 Mas como ele seduziu uma rival, por nome Glauce, filha de Creonte, Medeia deu-lhe uma túnica para sua concubina, impregnada de veneno e de alho⁸⁹; esta quando vestiu, começou a pegar fogo. 7 Depois disso, Medeia, não suportando lidar com a ira de Jasão contra ela, fugiu em uma serpente alada⁹⁰.

⁸⁶ Para a reconstituição dessa história de Jasão, o compilador uniu um escólio de Horácio (*epod.* 3, 12) a uma passagem de Sêrvio (*georg.* 2, 140).

⁸⁷ Frixo, era filho de Atamante e de Néfele, era irmão de Hele. Diz-se que seu pai, aconselhado por sua esposa, tentou sacrificar seus dois filhos.

⁸⁸ Sobre essas fontes citadas anteriormente, é possível observar que ambas não mencionam Vulcano. Assim, é provável que o compilador tenha tido acesso a outras fontes (cf. *fab.* 1, 24; 1, 84; 1, 86; 1, 88; 1, 96; 2, 74; 2, 75; 2, 77). Segundo Zorzetti e Berlioz (2003, p. 133), essas informações acerca do escólio das *Geórgicas* (2, 140) foram encontradas no cod. *Leidensis Vossianus* F 79.

⁸⁹ Conforme nos orienta Dain (1995, p. 25), a Glauce referida neste mito, também conhecida por Creúsa, é a filha de Creonte, rei de Corinto, não de Creonte, rei de Tebas, irmão de Jocasta e tio de Antígona. Com relação à referência do alho presente na narrativa, podemos ficar até um pouco espantados, já que na nossa cultura o alho é símbolo de mau-olhado, diferentemente da narrativa em que o alho aparece como parte da magia feita por Medeia. A respeito disso, Dain (1995, p. 25) nota que o compilador respeita o comentário de Sêrvio (*georg.* 2, 140). Além disso, destaca outras fontes para a explicação do uso do alho. Sobre essa contradição, cf. em Dain, nota 3 do *Mythogr.* 1 (25).

⁹⁰ No texto, Medeia fugiu em uma serpente alada (*serpens alata*), mas ela teria fugido em uma carruagem puxada por dragões alados, presente dado por seu avô, o Sol. Em Ovídio (*met.* 7, 350) aparece *pennatis serpentibus* ou *uipereis pennis* (*met.* 8, 391), ambas podem ser traduzidas por “serpentes aladas”. Em Higino também aparece *iunctis draconibus* (“depois de reunir seus dragões”), ela deixa Atenas, não Corinto (DAIN, 2003 p. 25).

26. Fabula Orithyiae

1 Orithyia — Erectes, regis Atheniensium, filia et Penthesileae, uirgo pulcherrima, ab Aquilone uento adamata est et nupta ex ipso duos filios habuit, Zetum et Calain, pennatos iuuenes. 2 Qui inter Argonautas cum Iasone fuerunt et a Phineo Harpyias fugauere.

26. Fábula de Oritia⁹¹

1 Oritia, filha de Erecteu, rei dos Atenenses, e de Pentesileia, era uma virgem muito bonita, que foi amada pelo vento Aquilão com quem se uniu⁹² e teve dois filhos, Zetes e Cálais, jovens com asas, 2 que estiveram entre os Argonautas com Jasão e expulsaram as Harpias para longe de Fineu⁹³.

27. Fabula Phinei

1 Phineus rex fuit Arcadiae; hic suis liberis superduxit nouercam, cuius instinctu eos caecauit, ob quam rem irati dii ei oculos sustulerunt et adhibuerunt Harpyias. 2 Quae cum ei diu cibos arriperent, Iasonem, cum Argonautis propter uellus aureum Colchos petentem,

⁹¹ A fonte desta narrativa é desconhecida, mas podemos perceber que a base para sua composição é parecida com a de Sêrvio e a de Ovídio. A primeira parte dessa narrativa (1) é bem próxima aos escólios de Sêrvio (*georg.* 4, 462), no entanto, em sua versão, não aparece o nome da mãe de Oritia. Além disso, Sêrvio utiliza Bóreas, nome grego (*βορέας*), ao invés do nome latino *Aquilo* (Aquilão) como apresentada na versão do Primeiro Mitógrafo. A respeito disso, provavelmente o compilador se baseou em *Seruius auctus* (*georg.* 4, 462). O mitógrafo parece utilizar também Ovídio (*met.* 6, 675 ss.) para a mudança do nome Aquilão; cf. também as *Narrationes Fabularum Ouidianarum* (6, 8). Em relação à segunda parte do mito (2), esta pode ser vista como um adiantamento do que virá na próxima fábula (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 17).

⁹² Sobre as alterações feitas nos nomes *Erectes* (Erecteu) e *Penthesileae* (Pentesileia), em *Seruius auctus Erectei et Praxiotelis filia*, conforme Zorzetti e Berlioz (2003, p. 17), não é possível afirmar se estas contidas no manuscrito, de fato, aludem à fonte ou à tradição manuscrita do mitógrafo. Contudo, percebemos que há uma confusão entre Penteseleia (*Πενθεσιλεία*), uma Amazona, e Praxíteia (*Πραξιθέα*), esposa de Erectheus e mãe de Oritia (cf. *Apollod. bibl.* 3, 15, 1). No que diz respeito a Aquilão (*βορέας*), este é um deus do vento do norte que vive na Trácia.

⁹³ O compilador seguiu Sêrvio na escrita da palavra *Zethus* por *Zetes*, para evitar confusão entre os nomes *Zetus* (*Ζήθος*), irmão de Anfíon (*Ἀμφίων*) e filhos de Zeus e Antíope, e Zeta, filho de Bóreas e Oritia. Sobre as Harpias, estas eram figuras aladas que roubavam a comida de Fineu e que foram expulsas por Zetes e Cálais. De acordo com Grimal, esta narrativa possui muitas variações em relação ao motivo pelo qual Fineu ficou cego. Em uma dentre as diversas variantes, conta-se que Fineu teria sido privado de sua vista por revelar aos homens os desígnios dos deuses (cf. GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Anfion* e *Fineu*).

suscepit hospitio, cui et ductorem dedit. 3 Hoc ergo beneficio illecti Argonautae Zetum et Calain, filios Boreae et Orithyiae, alatos iuuenes, ad pellendas Harpyias miserunt. 4 Quas cum strictis gladiis persequerentur pulsas de Arcadia, peruenerunt ad insulas, quae appellabantur Plotae, et, cum ulterius uellent tendere, ab Iride moniti ut desisterent a Iouis canibus, suos conuerterunt uolatus; quorum conuersio, id est strophe, nomen insulis dedit. 5 Vt autem canes Iouis dicerentur, haec ratio <est> quia ipsae Furiae dicuntur; unde et auari finguntur Furias pati, qui abstinent partis. 6 Sane apud inferos Furiae dicuntur et canes, apud superos Dirae et aues, in medio uero Harpyiae dicuntur; unde duplex in his inuenitur effigies.

27. Fábulas de Fineu⁹⁴

1 Fineu era o rei da Arcádia⁹⁵; este, ao se casar novamente, deu aos seus filhos uma madrasta e, por instigação desta, os cegou. Por isso os deuses, furiosos, tiraram seus olhos e convocaram as Harpias. 2 Como elas o privaram de suas refeições por muito tempo, ele recebeu Jasão – que estava perto da Cólquida com os Argonautas em busca do velo de ouro – com hospitalidade, e deu-lhe um guia. 3 Encantados pelo benefício prestado, os Argonautas enviaram Zetes e Cálais – filhos de Bóreas e Oritia – jovens com asas, para caçar as Harpias⁹⁶. Com espadas desembainhadas, eles as perseguiram e as expulsaram da Arcádia, e chegaram às ilhas chamadas *Plotae*⁹⁷. Mas, enquanto elas tentavam ir mais longe, foram advertidas por Íris para que parassem de perseguir as cadelas de Júpiter, e mudaram a direção de seus voos; desta inversão, que é Estrófades, se deu o nome às ilhas. 5 Mas como eram chamadas de cadelas de Júpiter, a razão é que estas são chamadas de Fúrias⁹⁸; daí

⁹⁴ Cf. Sérvio (*Aen.* 3, 209).

⁹⁵ Como vimos na narrativa anterior (*Fabula Orithyiae*), os jovens, Zetes e Cálais, eram filhos de Oritia e Aquilão, o que remetia à versão de Lactânio. Entretanto, neste texto, o mitógrafo retoma o nome grego Bóreas (*βορέας*), presente na versão de Sérvio (cf. *Aen.* 3, 209).

⁹⁶ Sobre o nome Zetes, vide a nota da narrativa anterior (*fab.* 26).

⁹⁷ A palavra latina *Plotae*, em grego *Πλωταί*, se refere às “ilhas flutuantes”, que deriva do verbo *Πλεῖν* ‘flutuar’, ‘navegar’. Essas ilhas estão localizadas entre o Peloponeso e a ilha de Zante no mar Jônico. Após as Harpias serem perseguidas e mudarem a direção de seus voos, ou seja, Estrófades (*Στροφάδια*) que remete a *στροφή* (estrofe) ‘ação de virar’ e *στρέφω* (strephe) ‘virar’, as ilhas *Plotae* receberam esse nome Estrófades, mas hoje são conhecidas como Strofadia e Strivali (DAIN, 1995, p. 27).

⁹⁸ Segundo Dain (1995, p. 27, n. 5), é comum a confusão entre os poetas latinos no que se refere aos Harpias e Fúrias. Assim, usada no plural (*Furiae*) ‘fúria’, ‘raiva’, a palavra é empregada para as Fúrias que também são chamadas de *Dirae*, pois esse termo deriva da forma verbal *Furo*, *-is*, *-ere*, que significa ‘estar fora de si’, ‘estar furioso’, o que nos remete ao cachorro e à raiva canina.

os avarentos permitirem ser representados também pelas Fúrias, porque se abstêm de coisas adquiridas⁹⁹. 6 Sem dúvida, eles são chamados de Fúrias e de cães do mundo inferior, e de presságio de mau agouro e de aves no mundo superior; certamente as Harpias são vistas no meio; por isso, que o duplo aspecto destas é imaginado de maneira diferente¹⁰⁰.

28. *Historia Leandri et Herus*

1 *Sestios et Abidon urbes uicinae erant et interfluentis maris arto diuisae; una earum celebris extitit per Leandrum, pulcherrimum iuuenem, altera per [C]heron pulcherrimam mulierem. 2 Quibus absentibus amor imis concaluit mentibus; iuuenis autem impatiens ignis omni modo quaerebat premendae uirginis copiam, sed nullo ad Heron terra[m] aditu inuento, simul calore et audacia impulsus, se ponto tradidit sicque natando singulas noctes puellam adiit, oblato ex aduerso turris lumine puellae studio, quo nocturnum iter ad eam dirigere posset. 3 Quadam uero nocte cum acrius solito imminens uentus faculam extingueret, errando et inscius quo cursum teneret nando interiit. 4 Cuius corpus dum postero die eiectum <in> litore fluctibus Hero uidisset, dolore instincta culmi[mi]ne cecidit. 5 Sic cum quo sortita fuit partem mundanae uoluptatis, cum eo et pertulit damnum mortiferae acerbitatis.*

28. História de Leandro e Hero¹⁰¹

1 Sesto e Abidos eram cidades vizinhas e que estavam separadas pelo estreito do mar fluindo entre elas; uma dessas cidades tornou-se mais conhecida por causa de Leandro, um jovem muito bonito, a outra por causa de Hero, uma mulher muito bonita¹⁰². 2 Com a distância destes, o amor abrasou completamente nas

⁹⁹ Ao se basear na versão de Sêrvio, o compilador fez cortes na narrativa. Por conta disso, há alguns pontos que não são esclarecidos no texto.

¹⁰⁰ As Fúrias também são caracterizadas como *Dirae*, este termo é utilizado por Virgílio (cf. *Aen*, 12, 845)

¹⁰¹ A fonte desta narrativa é desconhecida. Essa história foi difundida na Idade Média por meio da obra de Ovídio (cf. *her.* 18 e 19).

¹⁰² Leandro morava na cidade de Abidos, localizada em Mysia, e Heros em Sesto na Trácia, ambas as cidades sob as margens do Helesponto (hoje Dardanelos). Com relação às alterações de seus nomes, não é possível determinar se as que estão expostas no manuscrito aludem à fonte ou à tradição manuscrita do mitógrafo.

profundezas dos seus corações; mas o jovem, não suportando a paixão, buscava de todas as maneiras a possibilidade de possuir a jovem. Entretanto, não encontrando um acesso por terra para chegar a Hero, impulsionado pelo calor da paixão e ao mesmo tempo pela ousadia, ele confiou no mar e assim foi, nadando, todas as noites para encontrar a jovem, com a dedicação da amada que ascendia uma tocha para que ele pudesse vir ao seu encontro durante a noite. 3 Mas uma noite, quando um vento que havia sido mais violento do que o habitual apagou a chama, ele se perdeu e, sem saber qual direção tomar, se afogou. 4 No dia seguinte, Hero viu o corpo dele encalhado nas margens da praia. Impulsionada pela dor, ela se suicidou do alto da torre¹⁰³. 5 Então, com aquele de quem foi companheira nos prazeres mundanos, com ele sofreu a perda mortal e as calamidades do destino¹⁰⁴.

29. *Fabula Cleobis et Bitonis*

1 *Cum mos esset Argiuam sacerdotem iunctis bubus ire ad templa Iunonis et sollemni die boues non inuenirentur — pestilentia enim, quae per Atticam transierat, uniuersa consumpserat —, duo sacerdotis filii Cleobis et Bito matrem subeuntes iugo ad templa duxere. 2 Tum Iuno probans eorum religionem obtulit matri ut quod uellet posceret filiis; illa pia responsione ait ut quod sciret dea utile mortalibus ipsa praestaret. 3 Altero itaque die sacerdotis iuuenes reperti sunt mortui; ex quo probatum est nihil esse morte praestantius.*

29. Fábula Cléobe e Bíton¹⁰⁵

1 Como era costume a sacerdotisa de Argos ir ao templo de Juno em uma carruagem atrelada de bois e no dia da cerimônia não se encontravam bois —

¹⁰³ O Primeiro Mitógrafo acolhe apenas o vocábulo *culmine cecedit*, diferentemente de Sérvio, segundo o qual ela se *praecipitarit e turri* (“jogou do alto da torre”; cf. *georg.* 3, 258). Provavelmente o topo da torre a que se faz referência seja o alto local em que Hero ascendia a tocha. Assim, tendo em vista essas variantes para descrever essa parte da narrativa, como apresentada na fonte, optamos por traduzir *culmi[mi]ne* por “alto da torre”.

¹⁰⁴ Em relação a essa parte (5) sobre os prazeres mundanos, é possível que seja uma interpretação cristã do mitógrafo, pois ela não aparece em Sérvio.

¹⁰⁵ Cf. Sérvio (*georg.* 3, 532) e *Mythogr.* 2 (84).

certamente uma peste que passou pela Ática havia destruído tudo —¹⁰⁶, os dois filhos da sacerdotisa, Cléobe e Bíton, se colocaram sob o jugo e conduziram a mãe até o templo¹⁰⁷. 2 Então, tendo apreciado o sentimento religioso deles, Juno ofereceu à mãe o consentimento para que ela pedisse o que quisesse para os filhos. Ela disse, com resposta piedosa, para que a deusa desse o que ela própria julgasse ser útil aos mortais. 3 Dessa maneira, no dia seguinte, os filhos da sacerdotisa foram encontrados mortos; a partir disso, foi provado que não havia nada melhor que a morte.

30. *Historia Amulii et Numitoris*

1 Amulius et Numitor fratres fuerunt; Amulius fratrem imperio pepulit et filium eius necavit, filiam uero Iliam Vestae sacerdotem fecit, ut spem sobolis aufereret, a qua se puniri posse cognouerat. 2 Hanc, ut multi dicunt, Mars compressit, unde nati sunt Remus et Romus, quos cum matre Amulius praecipitari iussit in Tiberim. 3 Tum, ut quidam dicunt, Iliam sibi Anien fecit uxorem, ut alii Amnen; pueri uero expositi ad uicinam ripam sunt. 4 Hos Faustus repperit pastor, cuius uxor erat nuper meretrix Acca Larentia, quae susceptos aluit pueros. 5 Hi postea auum suum Numitorem occiso Amulio in regno reuocarunt. 6 Quibus dum cum patre angustum Albae uideretur imperium, recesserunt et captatis a uiguriis urbem condiderunt. 7 Sed Remus prior sex uultures uidit, Romus postea duodecim; quae res bellum creauit, in quo extinctus est Remus. 8 Et a Romi nomine Romani appellati; ut autem pro Romo Romulus diceretur, blandimenti genere factum est, quod gaudet diminutione. 9 Quod a lupa dicuntur alti, fabulosum figmentum est ad celandam auctorum Romani generis turpitudinem. 10 Nec incongrue fictum est; nam et meretrices lupas uocamus — unde et lupanaria — et constat hoc animal esse in tutela Martis.

30. História de Amúlio e Numitor¹⁰⁸

1 Amúlio e Numitor eram irmãos; Amúlio expulsou seu irmão do império e matou seu filho. Além disso, ele fez de sua filha Ília uma sacerdotisa de Vesta, para privá-

¹⁰⁶ Há uma confusão na narrativa que remonta a Sêrvio, pois a história se passa em Argos, não na Ática.

¹⁰⁷ Sobre o nome da sacerdotisa, mãe de *Cleobis* e *Biton*, encontramos *Cydippe* em *Seruius auctus* (1, 1) e *Cydippus*, em Higinio (*fab.* 254).

¹⁰⁸ Cf. Sêrvio (*Aen.* 1, 273); *Mythogr.* 2 (131, 2-23).

la da esperança de ter uma linhagem, pois sabia que poderia ser punido por algum descendente¹⁰⁹. 2 Como muitos dizem, Marte a violou, daí nasceram Remo e Romo, os quais Amúlio ordenou que fossem lançados no Tibre com sua mãe. 3 Então, como dizem alguns, Ânio tomou Ília para si como sua esposa, como dizem outros, o Rio¹¹⁰. Quanto às crianças, elas foram abandonadas junto a uma margem de um rio próximo. 4 O pastor Fausto os encontrou; a esposa deste há pouco tempo havia sido a meretriz Aca Larência, esta alimentou as crianças, que foram amparadas. 5 Posteriormente, eles mataram Amúlio e chamaram seu avô Numitor para governar o reino. 6 O império de Alba parecia muito pequeno para ser compartilhado com o avô, de forma que eles se retiraram e, tomados pelos augúrios, fundaram uma cidade¹¹¹. 7 Remo primeiro viu seis abutres, mas depois Romo viu doze, assim essa situação gerou uma guerra, na qual Remo foi morto. 8 E a partir do nome de Romo eles foram chamados romanos; na verdade, se o nome de Rômulo era dito Romo, este foi criado para gerar prazeres, por que o romano se alegra com diminutivo. 9 Quanto ao fato de que eles foram alimentados por uma loba, foi uma fabula inventada para esconder a vergonhosa situação dos fundadores da raça romana. 10 Tudo isso não foi imaginado sem razão; na verdade, não só chamamos lobas as meretrizes – daí também lupanária – como também este animal consta estar seguro sob a proteção de Marte¹¹².

¹⁰⁹ A partir desse trecho, observamos que o mitógrafo segue a versão de Sérvio, mas com uma pequena alteração, que é a omissão do predicador verbal *possum* ('poder'), retirando uma ideia de possibilidade de castigo e dando a ideia de afirmação.

¹¹⁰ A palavra *amnen* que aparece na narrativa se refere ao Tibre. Podemos perceber isso a partir da passagem de Sérvio em que aparece: *ut ali inter quos Horatius, Tiberis: unde ait "uxorius amnis"* ("para outros, entre eles Horácio, era o Tibre: por isso que se diz 'o rio que tem esposa'", cf. *Aen.* 1, 273; *carm.* 1, 2, 19;). Assim, é possível perceber que *amnem* talvez seja uma alteração feita pelo mitógrafo a partir da palavra *amnis*, que retoma a fonte. Cf. Horácio (*od.* 1, 2, 20).

¹¹¹ Assim como Dain (1995, p. 30, n. 3), optamos por traduzir *cum patre* por "com o avô", já que poderia haver uma confusão com o pai Marte e Fausto, este último pai adotivo de Rômulo e Remo. É possível perceber também que, conforme Dain (1995, p.30, n. 3) nos apresenta, esse uso *cum patre* já se encontra em um manuscrito tardio do XV século no texto de Sérvio. Além disso, o Segundo Mitógrafo do Vaticano também utiliza Sérvio como base para suas narrativas, porém com uma alteração no uso de *cum patre* para *cum auo* ("com o avô", cf. *Mythogr.* 2, 131, 14). Também em uma edição de Sérvio, em 1887, de Thilo e Hagen, há uma mudança na forma *cum patre* para *cum eo* ("com aquele"). Esses editores utilizam o pronome anafórico *is* (ele, aquele), na forma *eo* de ablativo, masculino, singular, para retomar o vocábulo *Numitor*, que está presente na oração anterior (cf. FARIA, DELP, s.v. *pater*).

¹¹² Sobre essa narrativa, George Dumézil (1974 *apud* Dain, 1995, p. 31, n. 5), um importante filólogo francês, destaca que essa história sobre Rômulo e Remo também se encontra entre os indo-iranianos.

31. Fabula Lynxi

1 *Lyncus rex Scythiae fuit; qui missum a Cere Triptoleum ut omnibus frumenta ministrare, susceptum hospitio, ut in se tanta gloria migraret, interimere cogitavit. 2 Ob quam rem irata Ceres eum convertit lyncem, feram varii coloris, ut ipse variae mentis extiterat.*

31. Fabula de Linceo¹¹³

1 Linceo era o rei da Cítia que recebeu com hospitalidade Triptólemo, que foi enviado por Ceres para que mostrasse aos homens a utilidade dos cereais, mas, a fim de que levasse tal glória para si, pensou em matá-lo. 2 Por causa disso, a irada Ceres, o transformou em um Linceu, um animal de diversas cores, para que o próprio parecesse com diferentes disposições de espírito.

32. Fabula Oenopionis

1 *Oenopion rex cum liberos non haberet, a Iove, Mercurio Neptunoque — quos hospitio susceperat — hortantibus ut ab his aliquid postularet, petiit ut sibi concederent liberos. 2 Illi, intra corium immolati sibi bouis urina facta, praeceperunt ut obrutum terra completis maternis mensibus solueretur. 3 Quo facto inuentus est puer; cui nomen ab urina impositum est, ut Orion diceretur. 4 Qui postea factus, dum uellet cum Diana concumbere, ut Horatius dicit, eius sagittis occisus est, ut Lucanus, immisso scorpione periit et deorum miseratione relatus inter sidera collocatus est.*

32. Fábula de Enópion¹¹⁴

1 Como o rei Enópion não teve filhos e, tendo recebido com hospitalidade a Júpiter, Mercúrio e Netuno, foi incentivado a fazer um pedido de alguma coisa, e então ele pediu para que lhe concedessem filhos. Eles, tendo solicitado que Enópion urinasse dentro do couro do boi que havia sido sacrificado para eles,

¹¹³ Cf. Sêrvio (*Aen.*, 1, 323), que se baseou em Lactânncio Plácido (*theb.* 4, 658); cf. tb. Higino (*fab.* 259; 1, 10).

¹¹⁴ Cf. Sêrvio (*Aen.* 1, 535).

ordenaram para que o cobrisse com terra por completo e que fosse aberto após os meses de gestação de uma mulher. 3 Com isso, uma criança foi encontrada; a esta se deu o nome de Oríon, por causa da urina¹¹⁵. 4 Posteriormente a este fato, como ele queria dormir com Diana, como diz Horácio¹¹⁶, ele foi morto por suas flechas, como diz Lucano¹¹⁷, morreu por causa de um escorpião que foi enviado contra ele e, por misericórdia dos deuses, diz-se que ele foi colocado entre as estrelas.

33. *Fabula Orionis*

1 Orion, praedictus filius Neptuni, uenator acerrimus fuit. 2 Is abiens ad Minopionem, Cretensium regem, hospitio susceptus est et temptauit filias eius uiolenter rapere. 3 At uero Minopes Libero patri, cuius filius uidebatur, immolauit; inde Liber[o] pater misit Satyros, qui Orionem ebriosum ligauerunt et uinctum Minopioni tradiderunt, ut ipse eum puniret. 4 Tunc ille oculos eius eruit. 5 Postea uero Orion didicit responso lumina se recepturum, si ad orientem uenisset. 6 At ille sonum cyclopum, fulmina fabricantium, auribus secutus, unum ex ipsis rapuit <et> eum humeris impositum rogauit ut se ad orientem dirigeret; sic perductus ad orientem lumen recepit.

33. Fábula de Oríon¹¹⁸

1 Oríon, proclamado filho de Netuno, era um excelente caçador. 2 Esse, tendo partido para perto de Minopion¹¹⁹, rei dos Cretenses, foi recebido com hospitalidade, mas tentou com violência agarrar as suas filhas. 3 Então, Minopes o deu em sacrifício ao divino Liber, de quem Oríon passou a ser visto como filho; daí, o divino Liber enviou os Sátiros que amarraram Oríon que estava embriagado

¹¹⁵ Diferentemente do Primeiro Mitógrafo, Sérvio traz uma extensa explicação a respeito da relação do nome *Ὠρίων* ('Oríon') com *οὔρον* ('urina') e assevera que isso está intimamente ligado com a mudança de uma vogal por outra, como é o caso do grego em que uma vogal breve inicial pode alongar-se.

¹¹⁶ Cf. Horácio (*od.* 3, 4, 71); Horácio (*od.* 3, 4, 72); Lucano (*phars.* 9, 836).

¹¹⁷ O mitógrafo, em sua narrativa, não deixa claro quem foi colocado entre as estrelas, se o escorpião ou Oríon. Contudo, uma das versões mais difundida nos relata que Diana, em grego *Ártemis*, teria enviado um escorpião para matar Oríon, já que este tentou violentá-la. Assim, Diana, agradecida pelo serviço prestado pelo escorpião, o transformou em uma estrela, sendo que Oríon teve o mesmo destino do animal (GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Órion*).

¹¹⁸ A base dessa narrativa é Sérvio (*Aen.* 10, 763), mas a fonte é desconhecida para a passagem 3.

¹¹⁹ Na parte 3, o compilador utilizou o nome Minopion ao invés de Eópion, é possível que seja uma alteração feita devido ao manuscrito corrompido.

e, tendo sido este vencido, o entregaram a Minopion, para que o próprio lhe punisse¹²⁰. 4 Então, ele lhe arrancou os olhos. 5 Posteriormente, Oríon foi informado por um oráculo que ele recuperaria os olhos, se ele fosse para o oriente. 6 Sem dúvida, ele, com seus ouvidos atentos, seguindo o som dos ciclopes que produziam raios, arrebatou um dos raios e, colocando em seus ombros, pediu que o levasse em direção ao oriente; assim, conduzido até o oriente, ele recuperou a visão¹²¹.

34. *Fabula Amaraci*

1 Amaracus regius unguentarius fuit, qui casu lapsus, dum ferret unguenta, maiorem ex confusione odorem creavit; unde optima unguenta amaracina dicuntur. 2 Hic postea in herbam samsucum uersus est, quam nunc et amaracum dicunt.

34. Fábula de Amáraco¹²²

1 Amáraco era o perfumista de um rei que, tendo caído enquanto produzia perfumes, criou um novo cheiro por causa da mistura; daí o excelente perfume foi chamado de manjerona. 2 Posteriormente, este tornou-se uma planta manjerona, que agora é chamada de amáraco¹²³.

35. *Historia Palamedis*

1 Palamedis cum delectum per Graeciam ageret, simulantem insaniam Vlixen duxit inuitum. 2 Cum enim ille iunctis dissimilis naturae animalibus salem sereret, filium ei

¹²⁰ Sobre a parte 3, cf. Higino (*astr.* 2, 34,2) e Apollodoro (1, 4, 3).

¹²¹ De acordo com a tradição grega, Oríon foi levado até o sol nascente por uma criança chamada Cedálion.

¹²² Cf. Sérvio (*Aen.* 1, 693); *Mythogr.* 2 (209).

¹²³ As palavras *samsucum* (σάμψυχον) e *amaracus* (ἀμάραχον) são de origem grega. Conforme Dain (1995) nos apresenta, esta narrativa teve como fonte o autor Sérvio, logo podemos perceber que no século IV d. C, o que conhecemos atualmente por manjerona era denominada *samsucum* ou *amaracus*; já em 1250, essa planta tornou-se manjerona no latim medieval, acrescida de uma alteração, isto é, a mistura dos cheiros de fato pode explicar sua transformação.

Palamedis opposuit: quo uiso Vlixes aratra suspendit et ad bellum ductus habuit iustam causam doloris. 3 Postea cum Vlixes frumentatum missus ad Thraciam nihil aduexisset, a Palamede est uehementer increpatus et cum diceret adeo non esse negligentiam suam, <ut> ne ipse quidem, si pergeret, quicquam posset aduehere, profectus Palamedis infinita frumenta deuexit. 4 Qua inuidia Vlixes auctis inimic<it>iis fictam epistulam Priami nomine ad Palamedem, per [transmissum dedit captiuo] <quam agebat gratias prodicionis> et commemorabat secretum auri pondus esse, transmissum dedit captiuo et eum in itinere fecit occidi. 5 Haec inuenta more militiae regi allata[t] est et <l>e<cta> principibus conuocatis; tunc Vlixes, cum se Palamedi <adesse> simularet, ait: «Si uerum esse creditis, in tentorio eius aurum quaeratur! ». 6 Quo facto inuento auro, quod ipse per noctem corruptis seruis absconderat, Palamedis lapidibus interemptus est. 7 Hunc autem constat fuisse prudentem; nam et tabulam ipse inuenit ad comprimendas otiosi seditiones exercitus. 8 Secundum quosdam ipse repperit litteras, quae res forte sit dubia, tamen certum est χ ab hoc inuentum cum aspiratione.

35. História de Palamedes¹²⁴

1 Quando Palamedes levantava as tropas na Grécia, ele a conduziu contra a vontade de Ulisses, que simulava loucura. 2 Na verdade, como ele semeava o sal com dois animais de natureza distintas atrelados juntos¹²⁵, Palamedes colocou seu filho diante dele: com essa visão, Ulisses interrompeu o arado e, conduzido à guerra, considerou justo o motivo do sofrimento. 3 Posteriormente, como Ulisses enviado à Trácia para encontrar trigo, não tivesse trazido nada, ele foi fortemente repreendido por Palamedes e como disse que não tinha sido negligência sua, pois se ele fosse até lá, certamente não teria trazido coisa alguma, Palamedes, tendo ido, voltou com muito trigo. 4 Ulisses, com inveja, aumentando ainda mais sua inimizade, tinha feito uma carta falsa com o nome de Príamo para Palamedes, por meio da qual o felicitava pela traição e mencionava-lhe o lugar secreto de uma quantidade de ouro que estava escondido, Ulisses o enviou como armadilha e ele

¹²⁴ Cf. Sêrvio (*Aen.* 2, 81); Mythogr. 2 (228, 5-28). Em relação a Palamedes (*Παλαμήδης*), este era filho de Náuplio e de Clímene, filha de Crateu. Com Aquiles, Ájax e Héracles, Palamedes é representado como sendo um dos discípulos do Centauro Quíron e participou do plano para a guerra de Troia. Ele, sendo primo-irmão de Meneleu, o consolou quando sua esposa Helena foi raptada. Além disso, Palamedes participou de duas embaixadas de seu primo para Troia, que junto com Ulisses tentou solucionar o caso de forma pacífica (GRIMAL, *DMGR*, s.v. *Palamedes*).

¹²⁵ Os dois animais de natureza distinta eram um burro e um boi (GRIMAL, *DMGR*, s.v. *Palamedes*).

foi morto no caminho¹²⁶. 5 Esta carta foi descoberta e, de acordo com as leis militares, entregue ao rei e lida na reunião com os príncipes; então Ulisses, como se mantivesse escondido de Palamedes, disse¹²⁷: Se acreditas que é verdade, procuras o ouro na tenda. 6 Com esse fato do ouro encontrado – porque o próprio Ulisses o tinha escondido durante a noite com ajuda de escravos corruptos – Palamedes foi apedrejado. 7 Ora, Palamedes era um homem sábio, pois foi ele quem inventou a tábua de jogo para conter as revoltas de um exército ocioso¹²⁸. 8 Segundo alguns, foi ele próprio também quem inventou as letras do alfabeto, o que é muito duvidoso, embora seja certo que a letra χ (com aspiração) foi de fato sua invenção¹²⁹.

36. *Fabula Achillis*

1 *Achilles, a matre tinctus in Stygiam paludem, toto corpore inuulnerabilis fuit, excepta ea parte qua tentus fuit.* 2 *Qui cum amatam Polyxenam ut in templo acciperet statuisset, insidiis Paridis post simulacrum latentis occisus est.* 2 *Vnde fingitur quod tenente Apolline Paris di<re>xerit tela.*

36. Fábula de Aquiles¹³⁰

1 Aquiles, mergulhado por sua mãe na água do Estige, era invulnerável em todo corpo, exceto na parte pela qual ela o havia segurado. 2 Este, como tivesse

¹²⁶ Esse texto foi modificado por Mai (1831), pois esta narrativa era incompreensível. Contudo, Bode, que foi o segundo a editar e publicar essa compilação de mitos, em 1834, não concordou com as modificações feitas por Mai e se recusou a publicá-la. Assim, Bode passou a substituir as passagens corrompidas por pontos (cf. Dain, 1995, p. 37, n. 3)

¹²⁷ Na parte 5, acolhemos a lição proposta por Zorzetti e Berlioz (2003, p. 22) para *Palamedi <adesse> simularet*. Entretanto, é possível encontrar na versão de Sérvio o seguinte trecho: *Palamedi adssimularet*. Provavelmente, o compilador, ao consultar a fonte, já tivesse encontrado esse texto alterado.

¹²⁸ Trata-se de uma *tabula* lusória utilizada no jogo de dados (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003).

¹²⁹ A Palamedes são atribuídas muitas invenções, como, por exemplo, a criação de um ou mais caracteres do alfabeto, a invenção dos números (que partilha tal glória com Museu ou Prometeu), o estabelecimento do uso da moeda, o cálculo da duração dos meses, o jogo das damas, o jogo de dados, entre outras invenções (v.d GRIMAL, op. cit., s.v. *Palamedes*).

¹³⁰ Cf. Sérvio (*Aen.* 6, 57); Mythogr. 2 (27). Nos escólios à *Aquileida* (1, 134), há uma passagem bem parecida com essa narrativa, que foram retiradas de Sérvio (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 23, n. 99).

decidido tomar para si Políxena, por que tinha se apaixonado, em um templo, foi morto por uma emboscada de Páris, escondido atrás de uma estátua¹³¹. 3 Daí se diz que, guiado por Apolo, Páris lançara suas flechas¹³².

37. Fabula Latonae et Astaris

1 Post uitiatam Latonam Iuppiter, cum etiam eius sororem Astaris uitiare uellet, illa optauit a diis, ut in auem conuerteretur, uersaque in coturnice fuit. 2 Et cum uellet mare transfretare, quod est coturnicum, affiata a Ioue et in lapidem conuersa diu sub fluctibus latuit; postea supplicante Ioui Latona eleuata superferri aquis coepit. 3 Haec primo Neptuno et Doridi fuit consecrata. 4 Postea cum Iuno grauidam Pythone immisso Latonam persequeretur, terris omnibus expulsa, tandem aliquando applicante se litoribus sorore suscepta <est> et illic Dianam primo, post Apollinem peperit; qui statim occiso Pythone ultus est matris iniuriam. 5 Sane nata Diana parturienti Apollinem matri dicitur praebuisse obstetricis officium; unde, cum Diana sit uirgo, tamen a parturientibus inuocatur; haec namque est Iuno Diana Proserpina. 6 Nata igitur duo numina terram sibi natalem errare non passa sunt, sed eam duabus insulis religauerunt. 7 Veritas uero longe alia fuit: nam haec insula cum terrae motu laboraret, qui fit sub terris latentibus uentis, oraculo Apollinis terrae motu caruit; nam praecepit ne illic motus sepeliretur et iussit quaedam sacrificia fieri. 8 Postea e Mycono Egyaroque uicinis insulis populi uenerunt, qui eam tenerent. 9 Quod autem dicimus Dianam primo natam rationis est; nam constat primam noctem fuisse, cuius instrumentum est luna, id est Diana, post diem, quem sol efficit, qui est Apollo. 10 Vt autem Delos primo Ortygia diceretur, factum est a coturnice, quae graece OPTYX uocatur; Delus autem, quia diu latuit et postea apparuit; nam delon Graeci manifestum dicunt. 11 Vel, quod uerius fuit, quia cum ubique Apollinis

¹³¹ Políxena (Πολυξένη) era filha de Hécuba e Príamo, que era inimigo dos gregos. Assim, podemos perceber o motivo pelo qual seu irmão Páris teve tal estratégia. Em uma das versões, Aquiles teria prometido a Príamo que abandonaria os Gregos, caso tivesse a mão de Políxena em casamento. Para selar sua promessa, um encontro foi marcado no templo de Apolo Timbreu, mas Aquiles foi morto com uma flecha por Páris, que estava escondido atrás de uma estátua de Apolo (cf. GRIMAL, *DMGR*, s.v. *Políxena*).

¹³² Nessa narrativa, é apresentado que Aquiles, em grego Ἀχιλλεύς, foi morto por Páris, que estava escondido atrás de uma estátua, mas não menciona de quem era o *simulacrum* ('estátua'). Contudo, em outras versões, como na passagem de Virgílio, comentada por Sérvio, aparece que foi uma estátua de Apolo (cf. *Aen.* 6, 57). Além disso, numa outra versão, diz-se que Aquiles foi morto por uma flecha atirada por Páris, mas quem a teria direcionado até seu calcanhar foi Apolo, pois só o deus sabia onde era a vulnerabilidade do mortal (cf. GRIMAL, *DMGR*, s.v. *Páris*). Sobre essa narrativa ver também Sérvio (*Aen.* 3, 321); *Mythogr.* 1 (137); *Mythogr.* 2 (248).

responsa obscura sint, manifesta illic responsa dantur. 12 Delos autem et ciuitas dicitur et <in>sula; unde interdum recipit praepositionem.

37. Fábulas de Latona e Astéria¹³³

1 Depois que Júpiter violou Latona, ele também queria violar sua irmã Astéria, mas ela pediu aos deuses para que a transformasse em uma ave e foi transformada em uma codorniz. 2 E como queria atravessar o mar, como uma codorniz, ela foi atingida por Júpiter, transformada em uma pedra e permaneceu escondida nas ondas por muito tempo; depois, por súplica de Latona a Júpiter, ela conseguiu voltar à superfície da água. 3 Ela primeiro foi consagrada a Netuno e Dóris. 4 Posteriormente, um dia, enquanto Juno, tendo enviado Píton, perseguia a grávida Latona, expulsa da terra por todos, ela finalmente, tendo desembarcado em uma costa, foi amparada por sua irmã. Latona deu à luz primeiro a Diana, naquele lugar, depois a Apolo, que imediatamente matou Píton para vingar as injustiças feitas a sua mãe. 5 Dizem que Diana, uma vez nascida, com a função de parteira, ajudou a mãe que estava prestes a dar à luz; daí, Diana, embora seja virgem, é invocada pelas parturientes; o fato é que não somente ela é Diana, como também representa Juno e Prosérpina. 6 Então, os dois deuses que haviam nascido não aceitaram a terra natal, mas a anexaram a duas ilhas. 7 Certamente a verdade é outra: de fato, essa ilha estava sujeita a terremoto, que ocorria devido aos ventos misteriosos dentro da terra, e, após um oráculo de Apolo, ela foi liberada dos terremotos; o deus recomendou que não enterrasse nenhum morto ali e ordenou que se fizessem certos sacrifícios. 8 Posteriormente, os povos das ilhas vizinhas de Mícono e Giaros passaram a ocupá-la. 9 Dizemos que Diana nasceu primeiro por esta razão: na verdade, está firmemente estabelecido que a noite existiu primeiro, cujo instrumento é a lua, que é Diana, depois o dia, que produz o sol, que é Apolo. 10 Quanto ao fato de Delos ser chamado primeiro de Ortígia, é por causa da codorniz, que em grego é chamada *Ortyx*; porque Delos ficou escondido por muito tempo e depois apareceu; na verdade, os gregos dizem *delon* para o que é aparente. 11 Ou, isso foi verdade, porque os oráculos de Apolo são obscuros em qualquer lugar, as respostas ali dadas são aparentes. 12 Na verdade, Delos é chamado cidade e ilha; daí recebeu por vezes uma preferência.

¹³³ Essa narrativa foi baseada em Sérvio (*Aen.* 3, 73). Cf. tb. *achill.* (1, 206); *Mythogr.* 2 (27).

38. Fabula Hesperidum

1 *Hesperides, Atlantis filiae, nymph[e]ae, secundum fabulam hortum habuerunt, in quo erant mala aurea Veneri consecrata; quae Hercules missus ab E<u>rystheo occiso peruigili dracone sustulit. 2 Reuera autem nobiles fuerunt puellae, quarum greges abegit Hercules occiso eorum custode. 3 Vnde mala fingitur sustulisse, hoc est oues; nam mala dicuntur oues et melonomos dicitur pastor ouium.*

38. Fábula das Hespérides¹³⁴

1 As Hespérides, filhas de Atlas, eram ninfas que, segundo a fábula, tinham um jardim onde havia maçãs douradas consagradas a Vênus¹³⁵. Hércules, enviado por Euristeu, as pegou depois de ter matado o dragão que nunca dormia. 2 Mas, na realidade, as jovens eram nobres, das quais Hércules roubou os rebanhos e matou o guardião deles. 3 Daí representa-se com a imagem de que ele pegou maçãs, isto é, ovelhas. Na verdade, *mala* querem dizer ‘ovelhas’ e *melonomos* quer dizer ‘pastor de ovelhas’¹³⁶.

39. Fabula At<a>lantes et Hippomene<s>

1 *Schoenos ciuitas est; exinde uirgo fuit Atalante, praepotens cursu adeo, ut sponsos prouocatos ac uictos occideret. 2 Postea Hippomenes Venerem ut sibi adesset rogauit; a qua cum accepisset de horto Hesperidum tria mala aurea, prouocauit puellam et singula coepit iacere; tunc Atalante, cupiditate colligendorum malorum retenta, superata est. 3 Sed Hippomenes potitus uictoria in luco matris deum amoris impatientia cum ui[n]cta*

¹³⁴ Cf. Sérvio (*Aen.* 4, 484); Mythogr. 2 (186, 8-11). Ao retomar a fonte, observa-se que há um glosa, não utilizada pelo compilador, de Remi d’Auxerre para Boécio (*const.* 4, *metr.* 7, 17).

¹³⁵ Em Hesíodo, as Hespérides (Ἑσπερίδες) são as filhas da Noite (v.d Hes. *teog.* v. 215sq). Contudo, mais tarde elas se tornam filhas de Zeus e de Témis, de Fórcis e de Ceto, e depois de Atlas (cf. GRIMAL, *DMGR*, s.v. *Hesperides*). No livro II do Primeiro Mitógrafo, há uma outra versão do mito em que as maçãs são atribuídas a Juno e não mais a Vênus (2, 5); vd. tb. Mythogr. 2 (186).

¹³⁶ Em grego, μῆλα pode significar (‘maçã, rebanho de ovelhas’), daí é possível perceber aqui um jogo de palavras, uma relação com μηλονόμος (melonomos) que significa ‘pastor de ovelhas’.

Atalante concubuit; unde irata dea in leones eos conuertit et suo currui subiugauit et praecepit ne umquam leones coirent. 4 Nam et Plinius in naturali historia dicit leonem cum parda et pardum cum leaena concumbere. 5 Ideo autem mater deum curru uehi dicitur, quia ipsa est terra, quae pendet in aere; ideo sustinetur rotis, quia mundus rotatur et reuolubilis est; ideo ei subiugantur leones, ut ostendatur maternam pietatem totum posse superare; ideo Corybantes eius ministri cum strictis gladiis esse finguntur, ut significetur omnes pro terra sua debere pugnare; quod autem turritam gestat coronam, ostendit superpositas terrae esse ciuitates, quas insignitas turribus constat.

39. Fábula de Atalanta e Hipómenes¹³⁷

1 Schoenos era uma cidade¹³⁸. Nesse lugar, viveu uma virgem, Atalanta, sendo tão poderosa na corrida que matava seus pretendentes após desafiá-los e derrotá-los. Depois Hipómenes pediu a Vênus para que ela o favorecesse; como ele tinha recebido dela três maçãs douradas do jardim das Hespérides, desafiou a garota e começou a arremessar uma após a outra. Então Atalanta, retida pelo desejo de recolher as maçãs, foi vencida. 3 Mas Hipómenes, tendo se apoderado de sua vitória e impaciente de amor, deitou-se com a vencida Atalanta no bosque sagrado da mãe do deus¹³⁹; daí a irada deusa os transformou em leões, subjugou-os em sua carruagem e ordenou que os leões nunca se uniriam. 4 Na verdade, em sua *História Natural*, Plínio diz que o leão cruza com a leoparda e a leoa com o leopardo¹⁴⁰. 5 Ora, por esse motivo, diz-se que a mãe do deus é transportada em uma carruagem, porque ela própria é a terra, que paira no ar; ela é sustentada pelas rodas, porque o mundo é movido circularmente e é renovado; por essa razão, se os leões são subjugados a ela, mostra-se que o amor de uma mãe pode superar todas as coisas¹⁴¹; por isso, os Corybantes, seus servos, são representados com espadas desembainhadas, e isso significa que os homens devem lutar em

¹³⁷ Cf. Sêrvio (*Aen.* 3, 113); Mythogr. 2 (58-59).

¹³⁸ Segundo Dain (1995), Schoenos (Σχοῖνος) é uma cidade da Beócia que fica localizada próximo a um rio, de onde o nome é derivado da palavra Schoenus (σχοῖνος), que significa ‘junco’. Daí também teria derivado o nome Esqueneu (Σχοινεύς), filho de Átamas e Temisto.

¹³⁹ Em Virgílio, Ceres é representada como a mãe dos deuses (cf. Virg. *Aen.* 6, 784; Lucr. *de nat. rerum*, 2, 601).

¹⁴⁰ Cf. Plínio (*nat.* 8, 41).

¹⁴¹ Como nos lembra Dain (1995, p. 42, n. 3), nesse excerto, é possível observar uma conotação cristã, em que podemos relacionar o seguinte período: *ut ostendatur maternam pietatem totum posse superare* (“é mostrado que o amor de uma mãe pode superar todas as coisas”) com a veneração à Virgem Maria.

defesa de sua terra¹⁴²; e, porque ela traz consigo uma coroa em forma de torre, isso mostra que na terra foram fundadas cidades que são reconhecidas por suas torres¹⁴³.

40. *Fabula Heleni*

1 *Helenus apud Arisbam captus a Graecis fuit et indicavit coactus fa[c]ta Troiana, in quibus et de Palladio; unde dicitur a Pyrrho meruisse regna, quamquam praestiterat Pyrrho ut per terram rediret, dicens omnes Graecos — quod et contigit — naufragio esse perituros. 2 Tunc Diomedes et Vlixes — ut alii dicunt, cuniculis, ut alii, cloacis — ascenderunt arcem et occisis custodibus sustulere simulacrum; ideo autem hoc negotium his potissimum datur, quia cultores fuerunt Mineruae. 3 Hoc cum postea Diomedes haberet, credens sibi non esse aptum propter sua pericula transeunti[a] Aeneae offerre conatus est. 4 Sed cum se ille uelato capite sacrificans conuertisset, Nautae quidam accepit simulacrum; unde Mineruae sacra non Iulia gens habuit, sed Nautarum. 5 Quamquam alii dicant simulacrum hoc a Troianis absconditum fuisse intra exstructum parietem, postquam agnouerant Troiam esse perituram. 6 Quod postea bello Mithridatico dicitur Fimbria quidam Romanus inuentum indicasse, quod Romam constat aduectum; et cum responsum fuisset illic imperium fore ubi et Palladium, adhibito Mamurio fabro multa similia facta sunt. 7 Verum tamen agnoscitur hastae oculorumque mobilitate, sed ab una tantum sacerdote. 8 Dicunt sane alii unum simulacrum caelo lapsum apud Athenas tantum fuisse; alii duo uolunt, hoc de quo diximus et illud Atheniense.*

40. Fábula de Heleno¹⁴⁴

1 Heleno foi capturado perto de Arisba pelo Gregos e, coagido, fez revelações sobre Troia, entre as quais sobre o Paládio¹⁴⁵; daí, se diz que ele recebeu um reino

¹⁴² Conforme Dain (1995, p. 42), os Corybantes eram filhos de Apolo e Talia; eles eram demônios que faziam parte das celebrações dionisíacas, em Roma. Muitas vezes, estes Corybantes são confundidos com os Curetes, que eram filhos da Terra. Em relação a sua origem, esta é muito diversa, porém, em uma das versões conhecidas, os Curetes aparecem como os que acompanharam a infância de Júpiter (Zeus) em Creta (cf. GRIMAL, *DMGR*, s.v. *Curetes*).

¹⁴³ Como assevera Dain (1995, p. 42), possivelmente há uma relação com a Tabula Peutingeriana, que era um mapa no qual se via a rede de estradas do império Romano, sendo muito conhecido durante a Idade Média.

¹⁴⁴ Essa narrativa foi baseada em Sêrvio (*Aen.* 2, 166). Sobre a profecia de Heleno, cf. *fab.* 2, 38, 3; 2, 40.

de Pirro, que tinha respondido a Pirro para que voltasse à terra, dizendo que todos os Gregos – e foi isso que aconteceu – pereceriam em um naufrágio¹⁴⁶. 2 Então Diomedes e Ulisses, depois de terem criado uma passagem pelo túnel, para uns, para outros, pelos esgotos, conquistaram à cidadela e, tendo matado os guardas, pegaram uma estátua; na verdade essa operação é atribuída principalmente a eles, porque eram adoradores de Minerva. 3 Posteriormente, Diomedes teve a estátua em seu poder, mas crendo que não estava apto para mantê-la, por causa dos perigos que enfrentaria, tentou oferecê-la a Enéias. 4 Mas como ele estava prestando sacrifício, com a cabeça velada, um certo Nautes aceitou a estátua; daí o culto a Minerva não foi mantido pela família Júlia, mas pela família Nautes. 5 Outros dizem que a estátua tinha sido escondida pelos Troianos dentro de uma parede que eles haviam construído depois de saberem que Troia pereceria. 6 Posteriormente, durante a guerra dos Mitridates, diz-se que um Romano, por nome Fímbria, encontrou e revelou sua presença, e consta que ela foi levada a Roma. Como um oráculo ali tinha respondido que o poder seria designado a Palas, um artesão chamado Mamúrio fabricou muitas cópias. 7 A verdadeira estátua era reconhecida pela mobilidade do dardo e dos olhos, mas era conhecida somente por uma sacerdotisa. 8 Alguns dizem que somente uma estátua teria caído do céu junto de Atenas; outros sustentam que teriam caído duas: esta de que falamos e aquela dos Atenienses.

41. *Fabula Andromachae et Molosi*

1 Consuetudinis regiae fuit ut legitimam uxorem non habentes aliquam licet captiuam tamen pro legitima haberent, adeo ut liberi ex ipsa nati succederent. 2 Itaque Pirrhus captiuam Andromachen quasi legitimam habuit et ex ea filium Molosum suscepit. 3 Postea cum uellet Hermionem, Menelai et Helenae filiam, Oresti iam ante desponsatam, ducere uxorem, Orestis insidiis in templo Delphici Apollinis occisus est. 4 Verum moriens praecepit ut Andromachae, quae apud eum coniugis locum tenuerat, Heleno daretur propter beneficium, quo eum a nauigatione prohibuerat. 5 Inde factum est ut teneret regnum priuigni, qui successerat patri. 6 A quo Molosia dicta est pars Epiri, quam Helenus postea a fratre Chaone, quem in uenatu per ignorantiam dicitur occidisse, Chaoniam nominauit, quasi ad solacium fratris extincti.

¹⁴⁵ *Arisba* ou *Arisbe* é uma cidade da Tróade. O Paládio era a estátua de Palas (Minerva), que era cultuada como protetora da cidade.

¹⁴⁶ Cf. no *Mythog.* 1, Livro I, a *fab.* 41, 4 e, no Livro II, a *fab.* 38.

41. Fábula de Andrômaca e Molosso¹⁴⁷

1 Era costume entre os reis que aqueles que não tinham uma esposa legítima, embora tivessem uma cativa como legítima, pudessem ter como sucessores os nascidos dessa relação. 2 Dessa maneira, Pirro teve em sua posse a cativa Andrômaca como sua legítima esposa e, dela, teve o filho Molosso. 3 Depois, como quisesse se casar com Hermione, filha de Menelau e Helena, já prometida a Orestes antes, foi morto por uma armadilha de Orestes no templo de Apolo em Delfos¹⁴⁸. 4 Mas, quando estava morrendo, Pirro ordenou que Andrômaca – que junto a ele tinha assegurado o lugar de sua esposa – fosse dada para Heleno, por causa do serviço prestado, que o tinha desviado de sua viagem no mar¹⁴⁹. 5 Por essa razão, foi feito isso, para que ele ocupasse o trono do enteado, que havia sucedido seu pai. 6 A partir disso, foi chamada de Molóssia uma parte do Epiro, que mais tarde Heleno chamou de Chaone, por causa de seu irmão, que teria sido morto pelo próprio Heleno sem saber durante uma caçada; nomeou Chaone, como forma de consolação por causa do irmão morto.

42. *Fabula Sirenum*

1 *Sirenes secundum fabulam tres parte uirgines fuerunt, parte uolucres, Acheloi fluminis et Calliope Musae filiae; harum una uoce, altera tibiis, alia lyra canebant; et primo iuxta Pelorum, post in Capreis habitauerunt.* 2 *Quae illectos suo cantu in naufragia deducebant.* 3 *Secundum ueritatem meretrices fuerunt, quae transeuntes quoniam deducebant ad egestatem, his fictae sunt inferre naufragia.* 4 *Has Vlixes contemnendo deduxit ad mortem.*

¹⁴⁷ Cf. Sérvio (*Aen.* 3, 297); Mythogr. 1 (137); Mythogr. 2 (252).

¹⁴⁸ Orestes (*Ορέστης*) era filho de Agamêmnon e de Clitemnestra, a quem, quando ainda criança, foi dado pelo seu pai uma noiva por nome Hermione, sua prima. Contudo, em Troia, Menelau esqueceu do acordo firmado e deu a mão de sua filha a Pirro ou Neoptólemo. Diz-se que Orestes o matou no templo de Delfos a mando de Hermione, por ciúmes do marido que tinha acolhido e reconhecido Andrômaca e seu filho Molosso. Assim, Orestes desposou Hermione e teve com esta um filho chamado Tisâmeno (cf. GRIMAL, *DMGR*, s.v. *Orestes, Molosso e Hermione*).

¹⁴⁹ Esse assunto aqui foi narrado na fábula anterior (cf. *fab.* 40).

42. Fábula das Sirenes¹⁵⁰

1 Segundo a fábula, havia três Sirenes que tinham uma parte como mulheres e uma parte como pássaros; eram filhas do rio Aqueloo e da Musa Calíope¹⁵¹; elas cantavam, uma destas com sua voz, outra com a flauta e a terceira com a lira; elas viveram primeiro junto ao Peloro, depois na ilha Cápreas¹⁵². 2 Essas Sirenes conduziam ao naufrágio aqueles que eram seduzidos pelo seu canto. 3 De acordo com a verdade, elas foram meretrizes, desde o momento que conduziam os transeuntes à necessidade, estes eram levados ao naufrágio por essas falsas. 4 Ulisses, considerando-as desprezíveis, as conduziu à morte¹⁵³.

43. *Fabula Veneris et Pasiph<a>e<s>*

1 Indicato a Sole adulterio Martis et Veneris, Vulcanus mi<nu>tissimis catenis lectulum cinxit, quibus Mars et Venus ignorantes implicati sunt et cum ingenti turpitudine resoluti sub testimonio cunctorum deorum. 2 Quod factum Venus uehementer dolens stirpem omnem Solis persequi infandis amoribus coepit. 3 Igitur Pasiph<a>e, Solis filia, Minois regis Cretae uxor, tauri amore flagrabat et arte Daedali inclusa intra uaccam ligneam saeptam corio iuuencae pulcherrimae cum tauro concubuit; unde natus est Minotaurus, qui intra laborinthum inclusus humanis carnibus uescebatur. 4 Sed Minos de Pasyph<a>e habuit liberos plurimos: Androgeum, A[d]riadnen, Phaedram. 5 Sed Androgeus cum esset athleta fortissimus et superaret in agonibus cunctos apud Athenas, ab Atheniensibus et uicinis Megarensibus coniuratis occisus est. 6 Quod Minos dolens collectis nauibus bella commouit et uictis Atheniensibus poenam hanc statuit, ut singulis quibusque annis

¹⁵⁰ Cf. Sérvio (*Aen.* 5, 864); Mythogr. 2 (123).

¹⁵¹ As Sirenes (Σειρῆνες) são vistas por vezes como filhas de Aqueloo ou filhas do deus marinho Fórcis. Contudo, as versões dos mitos variam muito no que se refere ao nome de sua mãe, sendo elas filhas de Aqueloo e de Estérope, filha de Portáon e Êurite, da Musa Melpómene, de Terpsícore ou de Callíope. Conforme Dain (1995, p. 47), é possível notar a relação dos progenitores com as qualidades das Sirenes, que possuíam um canto atraente a ponto de seduzir os marinheiros que passavam próximo a elas.

¹⁵² O Peloro (*Pelorus*) é um promontório que se localiza ao leste da Sicília. Cápreas é uma ilha localizada no mar Tirreno, atualmente chamada de Capri.

¹⁵³ Em umas das versões dessa narrativa, conta-se que Ulisses, orientado pelos conselhos de Circe, pediu aos marinheiros que tapassem seus ouvidos com cera e o amarrassem no navio, proibindo que eles o soltassem de maneira alguma. Todavia, quando Ulisses começou a ouvir o canto das Sirenes, ele quis ir ao seu encontro, porém foi impedido por seus marinheiros. Assim, diz-se que as Sirenes, por não terem conseguido o que desejavam, se atiraram ao mar e morreram (cf. GRIMAL, *DMGR*, s.v. *Sirenes*).

septem de filiis et septem de filiabus suis edendos Minotauro mitterent. 7 Sed tertio anno Aegei filius Theseus missus est, potens < tam > uirtute quam forma; qui cum ab A[d]riadne, regis filia, amatus fuisset, Daedali consilio filo iter direxit et necato Minotauro cum rapta A[d]riadne uictor aufugit. 8 Quae cum omnia factione Daedali Minos deprehendisset effecta, eum cum Icaro filio seruandum in laborinthum trusit. 9 Sed Daedalus corruptis custodibus sub faciendi muneris specie, quo simulabat posse regem placari, ceram accepit et pennas; et inde tam sibi quam filio alis impositis euolauit. 10 Icarus altiora petens pennis solis calore resolutis mari, in quo cecidit, nomen imposuit. 11 Daedalus uero primo Sardiniam, post delatus est Cumas et in templo Apollini condito filii sui casum depinxit. 12 Veritas autem haec est: nam Taurus notarius Minois fuit, quem Pasiph<a>e adamauit, cum quo in domo Daedali concubuit; et quia geminos peperit, unum de Minoe et alium de Tauro enixa esse Minotaurum dicitur; sed inclusum Daedalum regina corruptis relaxauit custodibus, qui amisso in mari filio nauis delatus est Cumas. 13 Quod Virgilius tangit dicens remigio alarum; alae enim et uolucrum sunt, et nauium (ut uelorum pandimus alas).

43. Fábula de Vênus e Pasífae¹⁵⁴

1 Vulcano, sendo informado pelo Sol do adultério de Marte e Vênus, cercou seu leito com pequenas correntes, nas quais Marte e Vênus, não sabendo de nada, foram pegos e, para sua enorme torpeza, foram descobertos diante do testemunho de todos os deuses. 2 Vênus, fortemente abalada com essa situação, começou a perseguir todos os descendentes do Sol com amores abomináveis. 3 Então Pasífae, filha do Sol e esposa de Minos, rei de Creta, ardia de amor por um Touro e, devido a arte de Dédalo, estando presa dentro de uma vaca de madeira coberta com a pele de uma belíssima novilha, deitou-se com o touro; daí nasceu o Minotauro, que, preso no labirinto, se alimentava de carne humana. 4 Mas, Minos teve muitos filhos com Pasífae: Androgeu, Ariadne e Fedra. 5 Contudo, Androgeu era um atleta fortíssimo e superava todos os seus adversários em jogos dentro de Atenas; ele foi morto por causa de um estratagema realizado pelos Atenienses e pelos seus vizinhos Megarenses. 6 Minos, abalado com isso, após juntar seus navios, declarou guerra aos atenienses e, tendo vencido, deu-lhes um castigo: todos os anos cada um deles enviaria sete de seus filhos e sete de suas filhas para alimentar o Minotauro. 7 Mas, no terceiro ano, foi enviado Teseu, filho de Egeu, que era

¹⁵⁴ Essa narrativa foi baseada em Sêrvio (*Aen.* 6, 14). Cf. *Mythogr.* 2 (144-145; 147-149).

poderoso tanto na coragem quanto na sua aparência; como ele foi amado por Ariadne, filha do rei, ele encontrou seu caminho com um fio, por meio do conselho de Dédalo, e, tendo matado o Minotauro, escapou vitorioso raptando Ariadne. 8 Como Minos descobriu que todas essas coisas foram executadas por intriga de Dédalo, aprisionou ele e seu filho Ícaro no labirinto para levar uma vida de escravo. 9 Mas Dédalo, tendo corrompido os guardas sob o pretexto de fazer um presente, que fingia poder apaziguar o rei, recebeu cera e penas; e daí, tendo colocado as asas tanto sobre si quanto seu filho, voou. 10 Ícaro, tendo subido tão alto e com suas penas se soltando por causa do calor do sol, caiu no mar e lhe deu seu nome. 11 Quanto a Dédalo, primeiro ele foi levado para a Sardenha, depois foi visto em Cumas e, no templo construído para Apolo, pintou a desgraça de seu filho¹⁵⁵. 12. Contudo, esta é a verdade: de fato, Tauro era secretário de Minos, por quem Pasífae se apaixonou; ela se deitou com ele na casa de Dédalo, e, porque deu à luz gêmeos, um de Minos e o outro de Tauro, diz-se que ela teria dado à luz ao Minotauro; mas a rainha, tendo corrompido os guardas, libertou o prisioneiro Dédalo, que, depois ter perdido o filho no mar, foi levado a Cumas em um navio. 13 Virgílio, dizendo isso, fala sobre o movimento das asas: de fato as asas são para os pássaros e para os navios (quando estendemos as asas das velas).

44. Fabula Procridis

1 Procrin <filia> Iphili et uxor Cephali fuit, qui cum uenandi studio teneretur, labore fessus ad locum quendam ire consueuerat et illic ad se recreandum auram uocare. 2 Quod cum saepe faceret, amorem in se mouit Aurorae, quae ei canem uelocissimum Lelepam nomine donauit et duo hastilia ineuitabilia eumque in amplexibus rogauit, ut sprete uxore sua eam amet. 3 Ille ait iusiurandum se habere cum coniuge mutuae castitatis; quo audito respondit Aurora: «Vt probes coniugis castitatem, muta te in mercatorem! ». 4 Quo facto ille iuit ad Procrin et oblati muneribus impetratoque coitu confessus est se esse maritum. 5 Quod dolens illa, cum audisset a rustico amare eum Auroram quam inuocare consueuerat, ad siluas profecta est et in fructis latuit ad deprehendendum maritum. 6 Qui cum more solito Auroram uocaret, Procris egredi cupiens fructa commouit; sperans Cephalus feram, hastam ineuitabilem iecit et interfecit uxorem.

¹⁵⁵ Há aqui uma citação de Virgílio (*Aen.* 6, 19).

44. Fábula de Prócris¹⁵⁶

1 Prócris era filha de Íficlo e esposa de Céfalos e, como estava possuído pela paixão à caçada, cansado do trabalho, tinha se acostumado a ir para um certo lugar e a chamar a brisa para se reestabelecer¹⁵⁷. 2 Como ele costumava fazer isso muitas vezes, fez nascer na Aurora um amor por ele; esta deu-lhe um cachorro muito veloz por nome Lélape, além de dois dardos invencíveis e pediu-lhe um abraço, e que, desprezando a sua esposa, a amasse¹⁵⁸. 3 Ele disse para ela que tinha feito um juramento mútuo de castidade com sua esposa; ouvindo isso, Aurora o respondeu: «se tu queres provar a castidade de tua esposa, transforme-se em um comerciante!». 4 Feito isso, ele foi até Prócris e, tendo oferecido presentes e tendo obtido o coito, confessou que era seu esposo. 5 Como, sofrendo essas coisas, tinha ouvido de um camponês que seu esposo amava a Aurora, a quem ele costumava invocar, ela entrou na floresta e se escondeu entre os arbustos para surpreender o marido. 6 Como de costume este invocou Aurora, desejando sair, Prócris agitou os arbustos; Céfalos esperando um animal, lançou o dardo e matou sua esposa.

45. Fabula Amymones et Palamedis

1 Amymones, Danae filia, dum studiose in insula iaculo exerceret, imprudens satyrum percussit et cum satyris eam uiolare uellet, illa Neptuni auxilium implorauit. 2 Quod cum Neptunus uidisset, fugato satyro ipse eam compressit, ex quo coitu natus est Nauplius <pater> Palamedis; unde Virgilius: Belidae nomen Palamedis. 3 Neptunus uero dicitur cuspide locum, in quo Amymonem compresserat, percussisse; unde cum aqua flueret, Lernaeus est fons dictus et Amymones fluuius.

¹⁵⁶ Cf. Sérvio (*Aen.* 6, 445); Mythogr. 2 (260).

¹⁵⁷ Nessa passagem, Sérvio mantém a palavra Procrin de Virgílio, que está no caso acusativo. No que se refere à Prócris (*Πρόκρις*), esta é muitas vezes vista como filha de Erecteu, de Cécrops ou de Pandíon. Contudo, na narrativa, ela aparece como filha Íflico (*Iphiclus*). Para Zorzetti e Berlioz (2003, p. 29), esta alteração no nome do pai de Prócris remonta à tradição manuscrita de Sérvio. Com relação ao nome *aura* ('brisa'), é possível que seja uma alteração do nome *Aurora* (Aurora), pois na versão do mito apresentada em Ovídio (cf. *met.* 7, 661) não aparece essa palavra *aura*. Assim, o compilador provavelmente encontrou, em Sérvio, o vocábulo já alterado.

¹⁵⁸ O compilador parece ter alterado o texto de Sérvio, pois é possível perceber que onde se lê: *eumque in amplexibus rogauit* ("e ela pediu-lhe um abraço"), na versão do Primeiro mitógrafo, têm-se: *eumque in amplexibus rogauit, ut spreta uxore sua eam amet* ("e pediu-lhe um abraço, e que, desprezando a sua esposa, a amasse"). Assim, é possível notar que esse acréscimo aqui no texto não aparece em Sérvio nem no Segundo mitógrafo, que também utiliza este autor como fonte para a composição de seus mitos (DAIN, 1995, p. 51, n. 4).

45. Fábula Amimone e Palamedes¹⁵⁹

1 Enquanto Amimone, filha de Dánao, praticava dardos com paixão em uma ilha, feriu um sátiro sem intenção e como o sátiro queria violá-la, ela pediu ajuda para Netuno¹⁶⁰. 2 Como Netuno tinha visto isso, ele próprio, tendo afastado o sátiro, a violentou, e a partir do coito nasceu Náuplio, pai de Palamedes; por essa razão Virgílio diz¹⁶¹: “o nome Palamedes, um descendente de Belo”. Certamente é dito que Netuno atingiu o lugar com seu tridente, no qual tinha violentado Amimone; daí, surgiu, juntamente com água, a fonte que foi chamada fonte de Lerna, chamada também rio Amimone¹⁶².

46. *Fabula Thesei et Hippolyti*

1 *Theseus mortua Hippole Phaedram, Minois et Pasyphae filiam, superduxit <nouercam> Hippolyto.* 2 *Qui cum de stupro illam interpellantem contempsisset, falso delatus ad patrem est, quod ei uim uellet inferre.* 3 *Theseus Aegeum patrem <rogauit> ut se ulcisceretur; qui agitanti curru<s> Hippolyto inmisit phocam in litore, qua equi territi eum distraxerunt.* 4 *Tunc Diana, eius castitate commota, reuocauit eum in uitam per Aesculapium, filium Apollinis et Coronidis.* 5 *Qui natus erat exsecto matris uentre, ideo quia, cum Apollo audisset a coruo eius custode eam adulterium committere, iratus Coronidem maturo iam partu confixit sagittis — coruum uero nigrum fecit ex albo — et exsecto uentre Coronidis produxit Aesculapium, qui factus est medicinae peritus.* 6 *Hunc postea Iuppiter propter reuocatum Hippolytum interemit; unde Apollo iratus Cyclopas fabri<ca>tores fulminum confixit sagittis, ob quam rem a Ioue iussus est Admeti regis*

¹⁵⁹ Essa narrativa é parte de um comentário a Estácio de Lactâncio Plácido (*theb.* 2, 433). Cf. também Mythogr. 2 (228) e Higino (*fab.* 169).

¹⁶⁰ Amimone (*Ἀμμυώνη*) era uma das cinquenta filhas do rei Dánao. Esta o acompanhou até Argos, onde seu pai se tornou rei.

¹⁶¹ Nessa narrativa, Sêrvio cita Virgílio (cf. *Aen.* 2, 82).

¹⁶² Sobre essa narrativa, existem outras versões. Em uma delas, conta-se que Amimone de tanto caminhar a procura de água para seu pai, pois este foi privado por Netuno, acabou adormecendo. Enquanto dormia, ela foi surpreendida por um sátiro que tentou violentá-la. Entretanto, ela suplicou ajuda a Netuno, tendo ele a ajudado. Daí, diz-se que Amimone concedeu a Netuno o que tinha recusado ao sátiro. Numa outra versão, conta-se que Netuno era apaixonado por Amimone, que, depois de tê-la salvado do sátiro, mostrou a existência da fonte de Lerna (GRIMAL, *DMGR*, s.v. *Amimone*).

nouem annis armenta pascere diuinitate deposita. 7 Sed Diana Hippolytum reuocatum ab inferis nymphae commendauit Egeriae et eum Virbium, quasi bis uir[i]um, iussit uocari.

46. Fábula de Teseu e Hipólito¹⁶³

1 Com a morte de Hipólita, Teseu deu Fedra, filha de Minos e Pasífae, como madrasta para Hipólito. 2 Como ele desprezou o coração daquela, ele foi falsamente denunciado de estupro ao pai, que queria lançar contra seu filho sua força. 3 Teseu pediu ao pai Egeu para que o vingasse; este lançou no litoral uma foca contra Hipólito, que estava conduzindo sua carruagem, pelo lugar em que os cavalos assustados destroçaram ele. 4 Então Diana, movida pela sua castidade, o fez voltar à vida com a ajuda de Asclépio, filho de Apolo e Corónis. 5 Este nasceu através do útero exposto de sua mãe, porque – como Apolo tivesse sido informado pelo corvo que fazia a vigilância de Corónis de que estava cometendo adultério – com raiva, ele perfurou, com suas flechas, Corónis já com a criança prematura, e certamente tornou o corvo branco a partir do negro. Apolo arrancou-lhe Asclépio de seu útero exposto, o qual se tornou perito em medicina. 6 Posteriormente, por conta de Hipólito ter retornado a vida, Júpiter o matou; por esse motivo, o irado Apolo perfurou com suas flechas os Ciclopes, criadores de raio; por causa disso ele foi ordenado por Júpiter que pastasse os rebanhos por nove anos no reino de Admeto, tendo renunciado seu poder divino¹⁶⁴. 7 Mas Diana, tendo retornado Hipólito dos infernos, o confiou à ninfa Egéria e ordenou que o nomeasse de *Virbius*, como se fosse homem duas vezes¹⁶⁵.

¹⁶³ Cf. Sérvio (*Aen.* 7, 761); Mythogr. 2 (151, 2-27). Hipólita, filha de Marte e Otrere, era a rainha das Amazonas. Ela é considerada a mãe de Hipólito, filho de Teseu, um jovem apaixonado pela caça e pela violência. A deusa Vênus o odiava por ele ter escolhido Diana, então ela fez com que Fedra, esposa do seu pai Teseu, despertasse uma paixão louca por ele. Todavia, Hipólito a rejeitou. Ela, irada por sido rejeitada, acusa o próprio enteado de tentar violentá-la. Teseu, acometido pela cólera, pediu ao deus Netuno que provocasse a morte de seu filho. Assim, o deus enviou um monstro marinho enorme que assustou os cavalos que o jovem conduzia e provocou sua morte. Fedra, não aguentando a desgraça que tinha provocado, enforcou-se (GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Hipólita* e *Hipólito*).

¹⁶⁴ Admeto, filho de Feres, era o rei de Feres, na Tessália. Quando era jovem, participou da caça ao javali em Cálidon e da expedição dos Argonautas. Devido à morte de seu pai, ele assumiu o reino e teve Apolo como seu boieiro (GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Admeto*).

¹⁶⁵ *Virbius* era um gênio que tinha seu culto ligado ao de Diana no bosque sagrado de Numi (Arícia). Devido à proibição de os cavalos penetrarem no bosque, isso fez com que *Virbius* fosse identificado como Hipólito, filho de Teseu, morto por seus cavalos. Na verdade, essa interpretação se apoiava no trocadilho do vocábulo formado pelo substantivo *vir* ('homem') e

47. Fabula Minois et Tauri et Herculis

1 Minos, Iouis filius et Europae, cum patri sacrificaturus accederet ad aras, orauit potentiam numinis ut dignam aris suis hostiam praeberet. 2 Itaque subito taurus apparuit nimio candore perfusus, quem admiratus Minos, religionis oblitus, armenti sui maluit esse ductorem; cuius etiam amore Pasiph^aae fertur arsisse. 3 Igitur contemptus a filio Iuppiter indignatus furorem tauro subiecit et Cretensium non solum agros, sed etiam uniuersa moenia uastauit. 4 Hunc Hercules, missus ab Eurystheo, superauit uictumque Argos perduxit; ibique consecratus ab Eurystheo est Iunoni. 5 Sed Iuno exosa munus, quod ad Herculis gloriam pertinebat, taurum in Atticam regionem expulit, ubi et Marathoni^{us} appellatus est; quem postea Theseus <Aegei> filius interemit.

47. Fábula de Minos, Tauro e Hércules¹⁶⁶

1 Como Minos, filho de Júpiter e Europa, tinha se aproximado do altar dos deuses para oferecer um sacrifício ao seu pai, ele pediu um poder divino para que pudesse apresentar uma vítima digna de seu altar. 2 Dessa maneira, apareceu de súbito um touro coberto de cabelos brancos: com admiração, Minos, esquecido da religião, preferiu fazê-lo líder de seu rebanho; por tal touro, diz-se que Pasífae ardia de amor. 3 Então, Júpiter, indignado com o desprezo de seu filho, lançou um furor no touro, que não só devastou os campos, mas também todas as muralhas de Creta. 4 Hércules, enviado por Euristeu, o dominou e, tendo vencido, o levou para Argos; e naquele lugar ele foi consagrado a Juno por Euristeu. 5 Mas Juno, tendo odiado o presente, cuja glória recaia sobre Hércules, atirou o touro na região da Ática, onde também foi chamada de Maratona; posteriormente, o touro foi morto por Teseu, filho de Egeu¹⁶⁷.

pelo advérbio *bis* ('duas vezes'): 'o que foi morto duas vezes', aludindo à ressurreição de Hipólito (GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Virbio*). Quanto à ninfa Egéria, diz-se que esta era uma deusa das fontes ligada ao culto de Diana na região de Nemi. Egéria também teria sido conselheira do rei Numa (GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Egéria*).

¹⁶⁶ Essa narrativa é parte de um comentário a Estácio de Lactânio Plácido (*theb.* 5, 431). Cf. tb. *Mythogr.* 2 (143).

¹⁶⁷ Há várias interpretações sobre o mito do Touro (*Tauros*) de Creta, pai do Minotauro. Para racionalizar o mito, os mitógrafos evemeristas o denominaram de Tauro, que se referia a supostos heróis cretenses. Contudo, é importante destacar a diferença entre Tauro e o

48. Fabula Thesei et Pirithoi et Herculis

1 Theseus, Aegei filius et Aethnae, cum <a> matre sua educatus esset et ad puerilem uenisset aetatem, petiit Atticam regionem ad cognoscendum patrem. 2 Et sine laude ne ad eum peruenisset, latrociniis Graeciam liberauit. 3 Medea autem, repudiata ab Iasone, Aegeo nupta, persuasit aduenientem iuuenem tauro obponere, qui uastabat Atticam regionem, dicens futurum ut ab eo privaretur regno. 4 Theseus uero tauro interfecto duplicauit regi timorem; dein inuitatum ad epulas eum perdere uoluit. 5 Tandem agnito gladio, quem apud Aethnam olim reliquerat, libens agnouit filium et Medeam, quae fuerat <in>sidiarum causa, profugere coegit. 6 Post mortem uero patris ipse Athenis regnum obtinuit; consensitque Piritho, Ixionis filio, faciente uirtute fiduciam, ut Proserpinam raperent. 7 Qui cum descendissent ad inferos, ad saxum religatus est Pirithous nexibus trecentis; quas in perpetuum patitur poenas. 8 Hercules uero pro Cerbero ad infernum descendens, cum comperisset Theseum carissimum sibi iuuenem haerentem in saxo poenas luere, ut quidam dicunt, exorato Dite ei ueniam impetrauit, ut alii uero, tam ualde euellit eum a saxo, ut pars natum eius haereret in saxo.

48. Fábula de Teseu, Pirríto e Hércules¹⁶⁸

1 Teseu, filho de Egeu e de Etra, foi criado pela mãe¹⁶⁹. Quando chegou a adolescência, ele foi para a região da Ática conhecer seu pai. 2 E para que ele não

Minotauro, pois as vezes pode haver uma certa confusão entre os dois. Em uma outra versão do mito, conta-se que Tauro era um jovem de grande beleza por quem Pasífae se apaixonou. Diz-se que ela se entregou a Tauro e engravidou no momento em que Minos estava doente. Minos, tendo descoberto que o filho não era seu, a enviou para uma montanha para ter e criar o filho por lá, mas já crescido o Minotauro, assim chamado pela semelhança com Tauro, não obedecia aos pastores. Assim, Minos o mandou prender, mas ele conseguiu se esconder em uma gruta, de forma que ninguém conseguia pegá-lo, até o momento em que Minos enviou Teseu para matá-lo (cf. GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Tauro*).

¹⁶⁸ A fonte dessa narrativa parece ser desconhecida, mas podemos encontrar o assunto em outros autores. Sobre a primeira parte da narrativa, a adolescência de Teseu (1-5), podemos encontrar em Apolodoro (*epit.* 1, 1-6) e nos autores latinos, como em Ovídio (*met.*, 7: para as passagens ~~es~~ 1-2, cf. v. 404-405, para as 3-5 v. 433 sqq). No que se refere à segunda parte (§§ 6-8), sobre o rapto de Prosérpina cf. Gélio (10, 16, 13); Horácio (*od.* 3, 4, 79-80), Lactânio (*theb.* 1, 47. 2, 473. 8, 53); Sérvio (*Aen.* 6, 617); Remi d'Auxerre (*Boet. cons.*, 4, *metr.* 7, 19, cf. ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 32 n. 143).

chegasse sem nenhuma glória, libertou a Grécia dos ladrões¹⁷⁰. 3 Mas Medeia, rejeitada por Jasão e casada com Egeu, convenceu este a se opor ao jovem, que acabara de chegar com o touro que devastava a região da Ática, predizendo o futuro: que seria privado de seu reino por ele¹⁷¹. 4 De fato, Teseu, tendo matado o touro, redobrou o medo do rei; depois, tendo sido convidado para um banquete, preferiu perder para ele nas refeições. 5 Finalmente, tendo reconhecido a espada que tinha deixado há muito tempo no Etna, ele reconheceu o filho com muita alegria e obrigou Medeia a fugir, pois ela tinha sido a causadora da cilada. 6 Na verdade, após a morte do pai, o próprio Teseu obteve o reino de Atenas e se deu bem com Pirríto, filho de Ixíon, tendo posto confiança em sua bravura, para que raptassem Prosérpina. 7 Como eles tinham descido aos infernos, Pirríto foi atado a uma pedra por laços, e suportou o castigo pela eternidade. 8 Como Hércules, tendo descido aos infernos à procura de Cérbero, tinha sido informado por Teseu que havia um jovem muito querido para si atado a uma pedra, então o resgatou do castigo; alguns dizem, que ele obteve seu perdão implorado por Dis, para outros, ele o arrancou tão fortemente da pedra, que uma parte de suas nádegas teria ficado presa na pedra¹⁷².

¹⁶⁹ Sobre a alteração da palavra *Aethra* para *Aethna*, conforme Zorzetti e Berlioz (2003, p. 32, n. 144), não é possível afirmar se ela retoma a fonte ou a tradição manuscrita do mitógrafo.

¹⁷⁰ Sobre a origem de Teseu (*Θησεύς*), pode-se mencionar as principais fontes, que relatam a respeito de sua vida, como Plutarco, Apolodoro e Diodoro. Teseu era um grande herói da Ática, que participou da expedição dos Argonautas à procura do velo de ouro. Para a origem de sua infância, há duas tradições, a humana e a divina. Na tradição humana, Teseu é filho de Egeu e de Etra. Diz-se que Egeu, não podendo ter filho, fora consultar o oráculo de Delfos, que lhe respondera de forma obscura. Então Teseu, não compreendendo aquilo, foi até o rei de Trezénia, Piteu, que compreendeu o que o oráculo tinha falado. Assim, durante a noite, Piteu, antes de colocá-lo ao lado de sua própria filha, Etra, o embriagou com vinho. Egeu dormiu com Etra e desta união nasceu Teseu. Contudo, na tradição divina, Teseu era considerado filho de Posídon. Diz-se que, na mesma noite que Egeu e Etra se uniram, ela teria sido enganada, por um sonho enviado por Atena, a prestar um sacrifício numa ilha, onde teria sido violentada por Posídon, daí gerou um filho que Egeu acreditava ser seu. Independentemente das duas versões que a tradição nos conta, Teseu viveu em Terezénia com seu avó Piteu. Egeu temia levá-lo para Atenas por causa de seus sobrinhos, os Palântidas. Então escondeu uma espada e um par de sandálias atrás de uma rocha e pediu para que Etra só mostrasse para seu filho Teseu quando ele pudesse ter forças para deslocá-la e pegar os objetos escondidos. Quando Teseu, portanto, cresceu e conseguiu pegar seus pertences, o par de sandálias e a espada, ele partiu a procura de seu pai (cf. GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Teseu*).

¹⁷¹ Esse assunto é narrado em 1, 48.

¹⁷² *Dis* é um outro nome para Plutão, em grego *Πλούτων*. Na edição de Kulcsár, a palavra utilizada para determinar o tempo do castigo destinado a Pirríto é *imperpetuum* ('que não é eterno'); já a leitura de Zorzetti e Berlioz é *in perpetuum* ('pela eternidade'). Para Dain (1995, p. 56, n. 4), Kulcsár faz uma leitura equivocada, já que, nas diferentes variantes do mito, Pirríto não consegue se livrar do castigo, como podemos notar na versão evemerista de Pausanias. Diz-se

49. Fabula Herculis et Hylae

1 Hercules cum accessisset comes Argonautis, Hylan Thiodamantis filium secum duxit armigerum, admirandae pulchritudinis iuuenem. 2 Ipse uero fregerat remum in mari, dum pro suis remigat uiribus, cuius reparandi gratia Mysiam petens siluam fertur ingressus. 3 Hylas uero cum aquatum perrexisset, conspectus a Nymphis receptus est; quem dum Hercules quaerit, relictus ab Argonautis est in Mysia.

49. Fábula de Hércules e Hilas¹⁷³

1 Como Hércules seguia com os companheiros Argonautas, levou consigo Hilas, filho de Teódamas como seu escudeiro, um jovem de grande beleza. 2 Certamente, Hilas tinha quebrado o remo no mar, enquanto remava com todas as suas forças; e com sua boa vontade entrou na floresta de Mísia para obter um novo. Na verdade, como Hilas tivesse se dirigido para buscar água, foi visto por uma Ninfa que o acolheu; enquanto Hércules procurava por ele, foi abandonado em Mísia pelos Argonautas.

50. Fabula Herculis et Alcmenae

1 Herculis ortus fuit talis: Iuppiter cum Alcmena uxore Amphitryonis in specie eius concubuit; ex qua natus est Hercules. 2 Cuius ut ortus Iunoni celatus esset, quae natos de pellicibus odio habuit, geminata est nox. 3 Sed cum non latuisset Iunonem, immisit duos serpentes, qui Herculem deuorarent in cunis iacentem. 4 Erant duo pueri, Iphiclus de Amphitryone, Hercules de Ioue; Iphiclus, ab aduentu serpentium territus de cunis cecidit et uagitu suo parentes dormientes excitauit, qui surgentes uiderunt Herculem angues elidentem et eorum guttura praefocantem.

que Teseu e Pirrítou ficaram presos nos infernos, mas Teseu conseguiu ser salvo por Hércules. Quanto a Pirrítou, este foi devorado pelo Cão Cérbero (cf. GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Pirrítou*). Ainda sobre a punição de Pirrítou, cf. Horácio (*od.* 3, 4, 79-80); e Sérvio (*Aen.* 6, 617).

¹⁷³ Essa narrativa é parte de um comentário a Estácio por Lactânio Plácido (*theb.* 5, 443). Cf. também *Mythogr.* 2 (227, 2-9).

50. Fábula de Hércules e Alcmena¹⁷⁴

1 Foi assim que Hércules nasceu: Júpiter dormiu com Alcmena, a esposa de Anfitrião, tendo tomado a aparência dele; por causa disso nasceu Hércules¹⁷⁵. 2 Para que o nascimento deste fosse escondido de Juno – que tratava com ódio os filhos nascidos das concumbinas de seu marido – a noite foi duplicada. 3 Mas como não tivesse escondido de Juno, ela enviou duas serpentes, para que devorassem Hércules que estava deitado no berço. 4 Havia dois garotos, Íficles, filho de Anfitrião, e Hércules, filho de Júpiter; Íficles, aterrorizado com a chegada das cobras, caiu do berço e, com seu grito, chamou a atenção de seus pais que estavam dormindo, os quais, tendo se levantado da cama, viram Hércules sufocando as serpentes e estrangulando a sua garganta¹⁷⁶.

51. *Fabula Herculis et Nemei leonis*

1 *Hercules missus ab Eurystheo, Thebanorum rege, Nemeum leonem interfecit. 2 Cuius pelle[m] cum unguibus pro spoliis utebatur.*

51. Fábula de Hércules e o leão de Nemeia¹⁷⁷

1 Hércules, enviado por Euristeu, rei de Tebas, matou o leão de Nemeia¹⁷⁸. 2 Ele usava a pele com as garras deste como troféu.

¹⁷⁴ Essa parte é de um comentário a Marciano Capella por Remi d'Auxerre (66, 14). Supõe-se que Remi pode ter recorrido, sobre a história do nascimento de Hércules, a um comentário a Estácio de Lactânio Plácido (*theb.* 4, 147). A respeito do incidente das cobras, o compilador teve como fonte Sêrvio (*Aen.* 8, 288 e 289, cf. ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 33 n. 147). Cf. também *Mythogr.* 2 (172).

¹⁷⁵ Sobre a narrativa, o compilador adicionou o seguinte: *Herculis ortus fuit talis*. Além do mais, as palavras *in specie eius* foram mais uma adição feita por ele. Cf. Lactânio Plácido (*theb.* 4, 147).

¹⁷⁶ Íficles (*Ἰφικλῆς*) é o filho de Alcmena com Anfitrião, que em latim é *Iphiclus*. Conforme Dain (1995, p. 57, n. 3), não podemos confundir Íficles com Ífito (*Iphytos*), filho de Êurito, que participou da expedição dos Argonautas com Jasão.

Com relação a passagem *uiderunt Herculem angues elidentem et eorum guttura praefocantem* ('viram Hércules sufocando as serpentes e estrangulando a garganta delas'), é possível perceber que há uma redundância no sentido. Segundo Zorzetti e Berlioz (2003, p. 34, n. 153), essa redundância é devido à adição da palavra *praefocantem* por Remi.

¹⁷⁷ Conforme Zorzetti e Berlioz (2003, p. 34, n. 154), essa passagem foi retirada de uma glosa de Remi d'Auxerre a Boécio (*cons.*, 4, metr. 7, 15). Para esses estudiosos, provavelmente Remi estivesse descrevendo as roupas de Hércules, como em Ovídio (*met.* 9, 235-236). Cf. também Higino (*fab.* 30, 2) e *Mythog.* 2 (183).

¹⁷⁸ A palavra *Thebanorum* foi uma adição feita pelo compilador. Todavia, essa alteração é equivocada, uma vez que Euristeu era rei de Tirinto, Micenas e Mídea, na Argólida (GRIMAL,

52. *Fabula Molorchi*¹⁷⁹

1 *Molorchus quidam pastor fuit. 2 Qui Herculem uenientem ad Nemeum leonem occidendum liberaliter suscepit hospitio.*

52. Fábula de Molorco

1 Molorco foi um pastor. 2 Este recebeu Hércules com uma generosa hospitalidade, quando ele veio matar o leão de Nemeia¹⁸⁰.

53. *Fabula Erycis et Herculis*

1 *Eryx Veneris et Butae filius fuit, qui occisus ab Hercule ex sepultura sua monti nomen imposuit, in quo matri fecerat templum. 2 Quod Aeneae adscribit poeta dicens: tum uicina astris Erycino in uertice sedes.*

53. Fábula de Érice e Hércules¹⁸¹

1 Érice foi o filho de Vênus e Butes. Este foi morto por Hércules e, por causa de sua sepultura deu o nome ao monte, no qual tinha construído um templo para sua mãe¹⁸². 2 Em relação a isso, o poeta de Enéias acrescenta dizendo: “então com Érice no monte mais alto próximo das estrelas”¹⁸³.

DMGR, s. v. *Euristeu*). Quanto a *Nemea* (Nêmea), esta é uma vila da Argólida (FARIA, *DELP*, s. v. *Nemea*).

¹⁷⁹ Essa narrativa foi retirada de Sêrvio (*georg.* 3, 19); Cf. *Mythogr.* 2 (183).

¹⁸⁰ Sobre o palavra latina *liberaliter*, essa foi uma adição feita pelo compilador. Conforme Dain (1995, p. 58, n. 1), esse advérbio não aparece em Lactânio (*theb.* 4, 160), nem na narrativa do Segundo Mitógrafo (2, 183) que tem como fonte Lactânio.

¹⁸¹ Esse texto teve como fonte Sêrvio (*Aen.* 1, 570); cf. tb. *Mythog.* 2, 179. Além do mais, a *fab.* 260 de Higino foi retirada de um escólio de Sêrvio. Em outras versões, Érice era filho de Netuno (em grego Posídon) e de Vênus (Afrodite) (GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Érice*).

¹⁸² Érice é uma montanha Siciliana (GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Érice*).

¹⁸³ A expressão “o poeta de Eneias” se refere ao poeta Vêrgílio (*Aen.* 5, 759) que é citado por Sêrvio.

54. Fabula Herculis et Cimini lacus

1 Hercules aliquando uenit ad populos, qui dicebantur Cimini uel a monte uel a lacu, et, cum a singulis prouocaretur ad ostendendam uirtutem, defixisse dicitur uectem ferreum, quo exercebatur. 2 Qui cum terrae esset affixus et a nullo posset auferri, eum rogatus sustulit; unde immensa uis aquae secuta est, quae Ciminum lacum fecit.

54. Fábula de Hércules e do lago Címino¹⁸⁴

1 Um dia, Hércules chegou aos povos que eram chamados de Címinio ou por causa de uma montanha ou de um lago¹⁸⁵. E, como cada um foi desafiado a expor sua virtude, diz-se que ele enterrou uma barra de ferro, com a qual costumava se exercitar. 2 Ninguém pôde arrancá-la da terra onde estava fixada; tendo sido solicitado, ele a removeu; daí a água jorrou com uma enorme quantidade, que formou o lago Címino.

55. Fabula Antaei et Herculis

1 Antaeus fuit rex Libyae, filius Terrae. 2 Ad quem cum uenisset Hercules, coepit cum eo luctari, sed non poterat eum superare; fingebat enim se cadere et ex matre Terra uires sumebat et forti[ci]or surgebat. 3 Hoc cognoscens Hercules suspensum i[n] aere[m] eliso gutture suffocauit.

55. Fabula de Anteu e Hércules¹⁸⁶

1 Anteu, filho da Terra, era o rei da Líbia. 2 Como Hércules chegou até ele, uma luta teve início, mas o herói não pôde superá-lo; de fato, Anteu fingia cair e, em

¹⁸⁴ Cf. Sérvio (*Aen.* 7, 697).

¹⁸⁵ De acordo com Dain (1995, p. 60), citando R. Schulz, não houve nenhum povo chamado Címinio. Na verdade, essa criação parece ter sido de Sérvio, motivado pelo nome de uma montanha e um lago que tinham o mesmo nome, *Ciminus* ou *Ciminius*, na Etrúria.

¹⁸⁶ Essa narrativa parece ter sido retirada de uma glosa de Remi d'Auxerre a Boécio (*cons.*, metr. 7, 25). Parece que Remí teria se inspirado em Lucano (4, 589 et sqq., conforme ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 35, n. 164). Cf. tb. Estácio (*theb.* 4, 893); Lactâncio (*theb.* 6, 869); Apolodoro (2, 4, 3); Mythogr. 2 (189).

contato com sua mãe Terra, obtinha forças e levantava-se mais forte¹⁸⁷. 3 Sabendo disso, Hércules o manteve suspenso no ar e o sufocou apertando sua garganta.

56. *Fabula Herculis et Alcinoi et Harpyiarum*

1 *Alcinous, Phaeacum rex, laborabat [ab] Harpyiis. 2 Ad quem Hercules ueniens, cum hoc agnouisset, praestolatus est earum aduentum ad mensam solito more uenientium; quas uulneratas reppulit a regno. 3 Has Ouidius Stymphalidas uocat.*

56. Fábula de Hércules, Alcino e das Harpias¹⁸⁸

1 Alcino, rei dos Feácios, era atormentado pelas Harpias. 2 Tendo chegado à sua casa e tendo tomado conhecimento disso, Hércules esperou a chegada delas, que costumavam vir exatamente na hora da refeição; ele as feriu e as expulsou do reino. 3 Ovídio as chamava de *Stymphalidis*¹⁸⁹.

57. *Fabula Herculis et Tricerberi*

1 *Hercules ad inferos descendens rapturus Theseum timuit ne Tricerberus in illum transiens laceraret illum; qua[m] propter insiliens in Cerberum traxit eum ab inferis. 2 Cumque insolitam lucem uidisset superiorum, spumam a[r]b ore eiecit; e qua spuma dicitur nata fuisse herba uenenifera nomine acon<i>ta. 3 Nam Cerberus terra est, quae omnium corporum consumptrix est; unde Cerberus dicitur, quasi creoboros, id est carnem uorans.*

¹⁸⁷ O compilador adicionou as seguintes palavras: *forti[ci]or surgebat*.

¹⁸⁸ Essa narrativa parece ter sido retirada de uma glosa de Remi d'Auxerre a Boécio (*cons.*, 4, metr., 7, 16).

¹⁸⁹ Essa citação é bem próxima a de Remi. Cf. Ovídio (*met.* 9, 187; *fast.* 2, 273) e também Mythogr. 2 (271). As Estinfálides eram filhas de Estínfalo, em grego Στύμφαλος, um herói epônimo da cidade de Estínfalo, localizada no Peloponeso, próximo ao lago que recebe o mesmo nome (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 35, n. 166). Conforme a tradição obscura, essas jovens foram mortas por Hércules em razão de elas terem abrigado os Moliónidas (cf. GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Estinfálo*). Além do mais, é possível perceber algumas semelhanças dessa fábula no que se refere à história de Fineu, que foi narrada anteriormente (cf. *fab.* 27). Contudo, Bode (*apud* Dain, 1995, p. 82, n. 1) destaca que o mitógrafo parece ter inventado essa história sobre Alcino ter sido atormentado pelas Harpias. De acordo com o autor, essa confusão também aparece em Higino (*fab.* 20).

57. Fábula de Hércules e de Cérbero com três cabeças¹⁹⁰

1 Hércules, descendo aos infernos para arrebatá-lo, temeu que Cérbero o dilaceraria, quando passasse perto dele¹⁹¹; então, ele saltou sobre Cérbero e o arrastou para fora dos infernos. 2 Como Cérbero viu a luz do dia, com o que não estava acostumado, vomitou uma espuma verde; a partir dessa espuma, diz-se que nasceu uma erva venenosa por nome acônito¹⁹². 3 Na verdade, Cérbero é a própria terra, que consome todos os corpos; daí diz-se Cérbero, da mesma forma que *creoboros*, isto é, aquele que devora carne¹⁹³.

58. *Fabula Herculis et Deianirae et Oenei et Centauri*

1 Oeneus, Parthaonis filius, rex Aetoliae regⁿique sedem habens in Calydone, Deianiram filiam habuit. 2 Quam Hercules et Alpheus — qui et Achelous — dum peterent in coniugium, pater opposuit illis hanc legem, ut inuicem conluctantes, qui in certamine alterum uinceret, ille Deianiram uxorem duceret. 3 Qui cum certamen inirent, Achelous, magicae artis potens, in uarias se ferarum formas mutauit et tandem in tauri speciem mutatus ab Hercule est uictus et dextro cornu absciso est turpatus; quod Nymphae accipientes Fortunae pro dono obtulerunt. 4 Quod Fortuna omnibus bonis implens Copiae, ministrae suae, tradidit, ut quos Fortuna fouere uellet, copia illis exinde ad plenum manaret; unde Horatius: Hinc tibi copia ad plenum benigno cornu manabit bonorum opulenta ruris. 5 Alpheus — seu Achelous — confusus Alcidis uirtute, mutatus est in amnem; elapsus hostilibus palmis et timens semper ne usquam appareat inimici praesentia, per concaua terrarum undis Siciliae affluit. 6 Hercules postea Deianiram in suam potestatem accipiens ad quendam fluuium peruenit nimiae profunditatis, quem cum transire non posset, eam deposuit clauamque cum reliquis armis secum transuexit, ut post exoneratus eam expedite ferret, et interim eam Nesso centauro commendauit. 7 Cum ergo ad illam transportandam uellet reuerti, uidit eundem Nessim centaurum cum ea

¹⁹⁰ De acordo com Zorzetti e Berlioz (2003), os §§ 1-2 foram retirados de uma glosa de Remí d'Auxerre a Boécio (*const.* 4, *metr.* 7, 19). Cf. Ovídio (*met.* 7, 406 sqq; *narrationes fabularum ouidianarum*, 7, 23) e Sérvio (*georg.* 2, 152). Já o § 3 foi retirado de Sérvio (cf. *Aen.* 6, 395).

¹⁹¹ Sobre Teseu ter sido preso nos infernos e resgatado por Hércules, esse episódio já foi narrado na fábula anterior (cf. *fab.* 48).

¹⁹² A origem da palavra *aconitum* (ἀχόνιτον), segundo Dain (1995, p. 62, n. 2), é duvidosa. Contudo, Ovídio (*met.* 7, 408-409) já apresenta essa versão de que a planta venenosa originou-se de uma espuma na boca do Cérbero, o cão de três cabeças.

¹⁹³ O vocábulo *creoboros*, em grego χρεοβόρος, quer dizer: “aquele que come carne crua”.

concurrere; feruens igitur ira, emissa sagitta toxicata uulnerauit eum, cuius cruor in uenenum conuersus est. 8 Moriens autem Nessus dixit Deianirae: «Collige tibi cruorem istum eritque tibi pro munere a me datum; nam, si quando Herculis animus a te declinauerit, uestem — hoc cruore infectam — uiro tribuens eius amorem reuocabis tibi!». 9 Cum igitur Hercules quandam meretricem amaret, exosa Deianira misit ei uestem illo ueneno infectam mandans per Licham famulum eius, ut hora sacrificii illam indueret; qua indutus, adhaesit cuti illius cepitque uenenum artus illius infundere et incendere. 10 Tunc Licham, qui ei uestem detulerat, in Euboicas proiecit undas. 11 Se ipsum in Oet[hn]ae montis incendium misit et sic inter deos translatus est.

58. Fábula de Hércules, Dejanira, Eneu e o Centauro¹⁹⁴

1 Eneu, filho de Paorteu, era rei da Etólia e vivia no reino de Cálidon¹⁹⁵; ele teve uma filha chamada Dejanira. 2 Quando Hércules e Alfeu, que é Aqueloo, pediram Dejanira em casamento, o pai propôs uma luta entre eles; colocados um contra o outro, ao que vencesse na luta o outro, ele daria Dejanira em casamento¹⁹⁶. 3 Eles começaram a luta: Aqueloo, que era poderoso na arte da mágica, se transformou em várias formas de animais e, finalmente, tendo se transformado em uma espécie de touro, foi vencido por Hércules e foi desonrado pela perda do chifre direito. As Ninfas o recolheram e o ofereceram para a Fortuna como presente. 4 A Fortuna, tendo-o enchido de todas as coisas boas, deu o chifre à Abundância, sua ministra, para aqueles que a Fortuna queria favorecer; depois disso a abundância se espalharia por completo; para Horácio: “aqui a abundância se espalharia por completo, esbanjando os bens ricos dos campos com seu generoso chifre”¹⁹⁷. 5 Alfeu, ou Aqueloo, confuso sobre o valor de Alcides, foi transformado em um

¹⁹⁴ Para esse mito, o compilador se baseou em diferentes fontes (conforme nota de Zorzetti e Berlioz, 2003, p. 36). Para a primeira parte da narrativa, é possível observar várias passagens do comentário a Estácio de Lactância Plácido (*theb.* 2, 165; 2, 481; 4, 106). Na segunda parte, o compilador utilizou uma glosa de Remi a Boécio (*cons.*, 2, metr. 2, 6). Cf. Ovídio (*met.* 9, 1); e a glosa de Remi a *cons.*, 4, metr. 7, 23; e Horácio (*od.* 10, 17, 14-16). Quanto à terceira parte, ela também foi baseada em uma glosa de Remi d'Auxerre a Boécio (*cons.* 4, metr. 7, 29). Cf. tb. Ovídio (*met.*, 9, 98 sqq.).

¹⁹⁵ *Calydon* é uma cidade da Etólia.

¹⁹⁶ *Alpheus* (Alfeu) é um rio localizado na Árcadia (cf. Lact. Plac. *theb.* 1, 271; 6, 653). O *Achelous* (Aqueloo) é um rio da Etólia (cf. Lact. Plac. *theb.* 2, 165).

¹⁹⁷ Vd. Horácio (*od.* 1, 17, 14).

rio¹⁹⁸; escapando das mãos de seus adversários e sempre temendo que seu inimigo apareça em algum lugar, ele correu para dentro das cavidades da terra para junto das águas da Sicília. 6 Posteriormente Hércules, tendo aceito Dejanira como esposa, chegou a um rio muito profundo; como ele não podia atravessá-lo, a deixou e passou sozinho com sua clava e todas as suas armas, a fim de poder conduzi-la facilmente; depois de libertado, e por um instante, ele confiou Dejanira ao centauro Nesso. 7 Quando eles quis voltar para transportá-la, viu o próprio centauro Nesso violando-a. Então ele, queimando de raiva, feriu o centauro com sua flecha lançada e envenenada, tendo sido o sangue transformado em veneno. 8 Mas Nesso, morrendo, disse a Dejanira: “Guarde este sangue para ti; ele será como um presente dado por mim; na verdade, se o amor de Hércules diminuir por ti, dê uma roupa ao seu marido, impregnada com esse sangue e o amor dele por ti será restabelecido”. 9 Então como Hércules se apaixonou por uma meretriz, com ódio Dejanira lhe enviou uma roupa, impregnada com aquele veneno, pelo seu escravo Licas, para que Hércules colocasse no momento do sacrifício¹⁹⁹; após tê-la vestido, ela se fixou em sua pele e o veneno começou a se espalhar e a incendiar seu corpo inteiro. 10 Então, ele lançou Licas, que tinha levado a roupa para ele, nas águas do Eubóico. 11 Mas levou a si próprio para um incêndio no monte Eta e assim foi transportado para junto dos deuses.

59. *Fabula Philoctetis et Herculis*

1 *Philoctetes fuit Phiantis filius, Herculis comes; quem Hercules, cum hominem in <O>et[hn]a monte deponeret, petiit, ne alicui sui corporis reliquias indicaret; de qua re eum iurare compulit et ei pro munere dedit sagittas, Hydrae felle tinctas. 2 Postea Troiano bello responsum est sagittis Herculis opus esse ad Troiae — seu Ilii — expugnationem. 3 Inuentus itaque Philoctetes, cum ab eo Hercules quaere<re>tur, et negaret primo se [se]*

¹⁹⁸ Alcides é o primeiro nome dado a Hércules em homenagem ao seu avô paterno, Alceu, nome derivado da palavra ἀλχη ('força'). Depois, seu segundo nome - Hércules (Ἡρακλῆς) - foi dado por Apolo, esse vocábulo é formado por Ἥρα ('Hera') e pelo substantivo κλέος ('glória'), ou seja, Ἡρακλῆς significa 'a glória de Hera'. Hércules recebeu esse nome, porque os trabalhos que ele realizava, a glória caía sobre Hera, a qual impunha as tarefas por ciúme da traição de seu marido, Zeus (GRIMAL, DMGR, s. v. *Héracles*).

¹⁹⁹ Consta que Hércules não se apaixonou por uma meretriz, mas sim por Iole (Ἰόλη), filha do rei de Écalia, Eurito. Depois de ter tomado a cidade de Écalia, Iole foi raptada por Hércules porque seu pai não cumpriu o prometido, que se Hércules ganhasse o concurso de tiro ao arco, teria sua filha como prêmio (GRIMAL, DMGR, s. v. *Iole*).

scire ubi esset Hercules, tandem confessus est mortuum esse; inde cum acriter ad indicandum sepulcrum eius cogeretur, pede locum percussit, cum nollet dicere. 4 Postea pergens ad bellum, cum exerceretur, sagittae unius casu uulneratus est in pede, quo percusserat tumulum. 5 Ergo cum foetorem insanabilis uulneris Graeci ferre non possent, diu equidem pro oraculi ne[sc]cessitate ductum tandem apud Lemnum sublatis reliquerunt sagittis. 6 Hic postea horrore sui uulneris ad patriam redire neglexit, sed sibi paruam Petiliam in Calabriae partibus fecit.

59. Fábula de Filoctetes e Hércules²⁰⁰

1 Filoctetes, filho de Peante, era companheiro de Hércules. Quando Hércules estava se despindo de sua condição de homem no Monte Eta, ele pediu a Filoctetes para que não revelasse a ninguém os restos do seu corpo²⁰¹. Ele o obrigou a jurar sobre aquele fato e, em agradecimento, deu-lhe suas flechas, banhadas com o veneno da Hidra. 2 Posteriormente, durante a guerra de Troia, um oráculo informou que as flechas de Hércules seriam necessárias para capturar os Troianos²⁰². 3 Assim, tendo sido procurado e interrogado sobre o paradeiro de Hércules, Filoctetes negou saber onde ele estava, mas finalmente confessou que Hércules estava morto. Daí, por insistência, Filoctetes foi obrigado a revelar seu túmulo, mas como ele não queria dizer, bateu os pés no chão. 4 Posteriormente, indo para guerra, enquanto ele praticava, foi ferido por uma de suas flechas que caiu em seu pé, com a qual atingira o túmulo. 5 Assim, embora os Gregos não pudessem suportar o mau cheiro de sua ferida incurável, evidentemente eles transportaram Filoctetes por muito tempo por necessidade do oráculo; finalmente eles o abandonaram perto de Lemnos, após terem tomado suas flechas. 6 Filoctetes, devido ao horror de sua ferida, deixou de regressar para sua terra natal, mas fundou para si a pequena Petélia na Calábria²⁰³.

²⁰⁰ A base desta narrativa é Sêrvio (*Aen.* 3, 402). Cf. Mythogr. 2 (193).

²⁰¹ A passagem *cum hominem in <O>et[hn]a monte deponeret* ("quando ele estava se despindo de sua condição de homem no Monte Eta") pode ser vista como uma alusão àquela encontrada na Epístola aos Efésios (4, 22), que se refere a uma citação de São Paulo, em que se diz: "você devem deixar de viver como viviam antes, como homem velho que se corrompe com paixões enganadoras". Assim, nesse mito, é possível perceber uma interpretação cristã do mitógrafo (DAIN, 1995, p. 65). Quanto à palavra <O>et[hn]a, o manuscrito oferece *Ethna*. Sobre isso, cf. a nota da *fab.* 1 (85, 11), de Zorzetti e Berlioz (2003).

²⁰² O compilador inseriu a glosa *seu Ilii*.

²⁰³ *Petelia* ou *Petilia* é uma cidade da Magna Grécia, atualmente é chamada de Strongoli. A Filoctetes (Φιλοκτήτης) é atribuída a fundação dessa cidade.

60. Fabula nepotum Herculis

1 *Postquam Hercules migravit e terris, nepotes eius, timentes insidias eorum, quos avus Hercules afflixerat multipliciter, Athenis sibi primi asylum, hoc est templum Mineruae, collocarunt, unde nullus posset abduci.* 2 *Quod et Staius dicit, ut Herculeos fama est fundasse nepotes; ideo ergo ait: Quod Romulus acer asylum retulit, hoc est templum fecit ad imitationem Atheniensis asyli.* 3 *Quod ideo Romulus fecit, ut haberet aduenas plures, cum quibus conderet Romam; unde Iuuenalis: Et tamen ut longe repetas longeque reuoluas nomen, ab infami gente deducis asylo.*

60. Fábula dos descendentes de Hércules²⁰⁴

1 Depois que Hércules deixou a terra, seus descendentes – temendo as armadilhas daqueles que o avô Hércules destruiu de várias maneiras – foram os primeiros a estabelecer para si um asilo em Atenas, isto é, o templo de Minerva, do qual ninguém poderia ser retirado²⁰⁵. 2 Quanto a este fato, Estácio diz: “a tradição conta que os netos de Hércules o fundaram”; por isso certamente diz: “o vigoroso Rômulo fez um asilo”, isto é, construiu um templo imitando os asilos Atenienses. 3 Por essa razão, Rômulo fez isso, para que tivesse muitos estrangeiros, com os quais fundaria Roma. Daí Juvenal diz: “e além disso, para que você volte de longe, busque seu nome longe e obtenha sua raça de um asilo infame”²⁰⁶.

61. Fabula Pholi et Herculis

1 *Pholoe, silua Thessaliae, dicta a Pholo centauro qui eam incolebat, quia Pholus tempore, quo ab Eurystheo rege missus est Hercules in Thraciam, ut Diomedis equos adduceret, qui humanis carnibus uescebantur, eum hospitio recepit.* 2 *Alii, qui dicunt quod Hercules*

²⁰⁴ A base desta narrativa é Sêrvio (*Aen.* 8, 342). Cf. Mythogr. 2 (193).

²⁰⁵ O compilador adicionou o advérbio *multipliciter*. Conforme Dain (1995, p. 65, n. 5), o *asylum* era uma madeira que interligava o Monte Palatino ao Capitólio, que provavelmente, na época de Enéias, era um local para as pessoas se refugiarem. No que se refere à palavra *Mineruae*, ela se registra no manuscrito, mas na versão de Sêrvio e Apolodoro a encontramos alterada para *Misericordiae*. Sobre isso, cf. Zorzetti; Berlioz (2003, p.135, n. 185).

²⁰⁶ Sêrvio cita os seguintes autores: Estácio (*theb.* 12, 497); Virgílio (*Aen.* 8, 342); e Juvenal (8, 272).

eum occidit, susceptus ab eo hospitio, errant; sed uerius Asper Longus Pholum tradit aduersum Centauros ab Hercule adductum, cum Herculem hospitio recepisset. 3 Asper et Pholum tradit, dum sagittas Herculis stupet, qui tot Centauros occiderat, unam ex illis in pedem cecidisse, cuius uulnere sanari non potuit; ideo credunt nonnulli ab Hercule occisum.

61. Fábula de Folo e Hércules²⁰⁷

1 Fólloe, uma floresta da Tessália, era chamada assim porque o centauro Folo lá morava. Folo recebeu com hospitalidade Hércules quando ele foi enviado à Trácia pelo rei Euristeu para trazer de volta os cavalos de Diomedes, que se alimentavam de carne humana²⁰⁸. 2 Alguns dizem que Hércules o matou após ser recebido com hospitalidade, mas estão errados. *Velius Asper Longus* diz que Folo foi levado por Hércules para combater os Centauros, quando ele recebeu Hércules com hospitalidade²⁰⁹. 3 *Asper* diz também que Folo, enquanto admirava as flechas de Hércules as quais tinham matado tantos Centauros, foi atingido com uma delas que caiu em seu pé, cuja ferida não pôde sarar. Por esse motivo, alguns acreditam que ele foi morto por Hércules.

62. *Fabula Hydrae et Herculis*

1 Hydra fuit in Lerna, Argiuorum palude, serpens quinquaginta habens capita, uel, ut quidam dicunt, septem, qui omnem regionem deuorabat. 2 Quod cum audisset Hercules, adiens eum expugnabat. 3 Et uno caeso tria capita crescebant, unde et latine excetra est dicta. 4 Quam postea Hydram Hercules deuicit. 5 Sed constat Hydram locum fuisse euomentem aquas uastante[n]s uicinam ciuitatem, in quo meatu uno clauso multi

²⁰⁷ Essa narrativa foi retirada de um escólio a Estácio (*achill.* 1, 238).

²⁰⁸ Sobre as aventuras de Folo e a luta contra os centauros, esses dois fatos estão muitas vezes relacionadas com a caça ao javali de Erimanto. Diz-se que Folo recebeu Hércules com hospitalidade quando este foi visitá-lo. No momento da refeição, Hércules pediu-lhe vinho, mas Folo informou que o vinho era de todos os centauros. Contudo, Hércules mesmo assim pediu-lhe para abrir o jarro. Quando Folo abriu, todos os Centauros sentiram o cheiro e vieram até Folo armados de rochedos, árvores e tochas, o que ocasionou uma luta de Hércules contra eles (GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Folo*).

²⁰⁹ O compilador ao invés de *aliqui dicunt* escreveu *alii qui dicunt*. Também escreveu *uerius* ao invés de *uelius*, que se refere a *Velius Asper Longo*, um gramático comentarista da *Eneida* de Virgílio (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 134, n. 190).

erumpebant; quod Hercules uidens, ipsa loca exussit et sic meatum aquae clausit; nam Hydra ab aqua est dicta. 6 Potuisse autem haec fieri, ille indicat locus ubi dicit: Excoquitur uitium atque exu[n]dat inutilis humor.

62. Fábula da Hidra e Hércules²¹⁰

1 A Hidra era uma serpente de cinquenta cabeças ou, como dizem alguns, uma serpente que morava em Lerna, um pântano dos Argivos; ela devastava toda a região²¹¹. 2 Como Hércules tinha sido informado disso, dirigiu-se para lá e lutou contra ela. 3 Mas, tendo decepado a cabeça, outras três nasceram no lugar, daí diz-se *excetra* em latim²¹². Posteriormente, Hércules venceu completamente aquela Hidra. 5 Mas é evidente que a Hidra era um lugar de onde águas jorravam, destruindo a cidade vizinha; quando rompia uma passagem muitas outras surgiam. Hércules, tendo visto isso, incendiou o lugar e assim cortou a passagem da água; na verdade, Hidra quer dizer água²¹³. 6 Ora, indica que essas coisas podem acontecer o local onde se lê: “o defeito é queimado e a umidade inútil escorre”²¹⁴.

63. *Fabula erumnarum Herculis*

1 Aliae quaedam, praeter has quae hic continentur, fabulae de Hercule finguntur. 2 Nam fertur et Eryma<n>theum quendam aprum occidisse, et ceruo cuidam aurea cornua abstulisse, et Amazonam balteo <spoliasse>, et de equis Diomedis uictoriam rapuisse, et — Lucano attestante — Ossam monte<m> superpositum a gigantibus Olympo deiecisse. 3

²¹⁰ A base dessa narrativa é Sêrvio (*Aen.* 6, 287). Cf. Mythogr. 2 (188). Segundo Zorzetti e Berlioz (2003, p. 39, n.191), as passagens (*serpens...expugnabat e quam postea...deuicit*) foram adicionadas pelo compilador com base nos escólios a Lucano (4, 634).

²¹¹ O número de cabeças da Hidra de Lerna varia muito. Sobre isso, cf. Sêrvio (*Aen.* 7, 575; 8, 658).

²¹² Conforme Zorzetti e Berlioz (2003, p. 39, n. 192), a origem da palavra *excetra* é incerta. Contudo, Dain (1995, p. 68, n. 2) afirma que essa palavra latina parece ter sido um empréstimo do grego e optou por não traduzi-la, mantendo *excedra*, como consta na versão do Segundo Mitógrafo e de Sêrvio. De acordo com Dain (2003, p. 68), com a evolução do latim tardio, o grupo de palavras com -tr- passaram a -dr-; com essa transformação é possível perceber que a palavra *excetra* ('serpente') é anterior a *excedra*. Sobre essa transformação, cf. Dain (1995, p. 68, n. 2).

²¹³ O vocábulo grego ὕδωρ quer dizer 'água'.

²¹⁴ Sêrvio cita Virgílio (*georg.* 1, 87-88).

Sub uno anhelitu CXXV passus cursu pedum percurrebat. 4 Quae tamen praedictae fabulae ideo hic non plene scribuntur, quia raro inueniuntur.

63. Fábula dos trabalhos de Hércules²¹⁵

1 Existem outras fábulas apresentadas sobre Hércules, além destas que são conservadas aqui. 2 De fato, diz-se que ele matou um certo javali de Erimanto, e retirou os chifres dourados de um cervo, arrebatou o cinturão da Amazona, conquistou a vitória sobre os cavalos de Diomedes e, como atesta Lucano, derrubou o monte Ossa, que os gigantes haviam levantado no Olimpo²¹⁶. 3 Sob uma só respiração, ele percorreu, correndo de pé, uma distância de 125 passos²¹⁷. 4 Contudo, essas fábulas mencionadas não são contadas aqui por completo, porque raramente as encontramos.

64. *Fabula Eurysthei et Herculis*

Eurystheus rex fuit Graeciae, Persei genus, qui Iunonis instinctu imperabat Herculi ut uaria monstra superaret, quibus posset perire; unde eum durum appellauit, qui potuit ad complendum odium nouercae sufficere.

64. Fábula de Euristeu e Hércules²¹⁸

Euristeu era o rei da Grécia, descendente de Perseu, que, empellido por Juno, forçou Hércules a derrotar vários monstros, por causa dos quais poderia perecer; daí que o chamou cruel: aquele que pôde satisfazer inteiramente o ódio de uma madrasta²¹⁹.

²¹⁵ O compilador escreveu os as partes 1 e 4. Esse texto apresenta, de forma bem sucinta, as aventuras realizadas por Hércules. De acordo com Zorzetti e Berlioz (2003, p. 39, n. 195), o compilador se baseou em Ausônio (*ecl.* 24, 3. 4. 6. 8: uma tradução do grego da Antologia Palatina, 16, 92), em uma citação de Lucano e em Isidoro (*orig.* 11, 3, 36: §3).

²¹⁶ Cf. Lucano (6, 347).

²¹⁷ Conforme Bode (1934), esta façanha não faz parte dos trabalhos de Hércules, por isso que os escritores omitem essa parte. Sobre isso, cf. Bode (*Notae Criticae in Mythogr.* 1, p. 24, *fab.* 63)

²¹⁸ A base desta narrativa é Sérvio (*georg.* 3, 4).

²¹⁹ Essa passagem é um comentário dos escólios de Sérvio a Virgílio (*georg.* 3, 4). Diz-se que Juno, movida pelo ciúme contra Hércules, isto é, *odium nouercalis*, fez com que Euristeu impusesse os trabalhos a Hércules para se vingar de Júpiter (GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Euristeu*).

65. *Fabula Busiridis et Herculis*

Busiris rex fuit Aegypti, qui cum susceptos hospites immolaret, ab Hercule interemptus est, cum etiam eum uoluisset occidere.

65. Fábula de Busíris e Hércules²²⁰

Busíris era o rei do Egito que matava os hóspedes que recebia e que, quando tentou também matar Hércules, este o matou²²¹.

66. *Fabula Caci et Herculis*

1 Cacus filius Vulcani fuit, ignem ore uomens, qui uicina omnia populabat<ur>; quem Hercules occidit. 2 Secundum ueritatem fuit Euandri seruus pessimus et fur et ideo cacus dicitur, quod graece malum sonat; ignem ore uomere dicitur, quia agros igne uastabat.

3 Cacus Iouis, cum in arbore fici formicas — id est myrmicas — uidisset, optauit tot sibi socios euenire et statim formicae in homines uersae sunt. 4 Sed hoc fabula est; nam, ut <Erat>osthenes dicit, Myrmidonae dicti sunt a rege Myrmidono.

66. Fábula de Cacus e Hércules²²²

1 *Cacus* era o filho de Vulcano que, lançando fogo pela boca, devastou toda a população vizinha; Hércules o matou. 2 Segundo a verdade, ele era um péssimo servo de Evandro e um ladrão; e é por isso que se chama *Cacus*, porque em grego

²²⁰ A base desta narrativa é Sêrvio (*georg.* 3, 5). Cf. *Mythogr.* 2 (180).

²²¹ Na verdade, Busíris não sacrificou todos os seus convidados, mas apenas um estrangeiro por ano, aconselhado pelo adivinho de Chipre, Frásio, para aplacar uma série de más colheitas que havia atingido o Egito (GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Busíris*).

²²² A primeira parte dessa narrativa (1-2) se refere à fábula de *Cacus* (Caco), que foi retirada de Sêrvio (*Aen.* 8, 190); cf. também Fulgêncio (*myth.* 2, 3). A segunda parte (3-4) também foi retirada de Sêrvio (*Aen.* 2, 7), mas nos remete a uma outra fábula, que é a de *Aeacus* (Éaco). Na verdade, o compilador confundiu as duas narrativas por conta da confusão dos nomes dos personagens.

quer dizer *mal*²²³. Diz-se que ele lançava fogo pela boca, porque devastou os campos com fogo.

3 Como *Cacus*, filho de Júpiter, tinha visto formigas na figueira, isto é, *myrmicas*²²⁴, desejou ter para si tantos companheiros que as formigas imediatamente se transformaram em homens²²⁵. 4 Mas isso é uma fábula; na verdade, como diz Erastótenes, eles são chamados de Mirmídones por causa do rei *Myrmidon*²²⁶.

67. Fabula Geryonis et Herculis

1 *Geryon rex insulae Eryth[im]iae — uel Hispaniae — fuit. 2 Et ideo tergeminus — uel tricorpor — dicitur, quia tria capita habuit uel, secundum alios, quinquaginta: tria capita, uel quia tribus insulis imperauit, uel quia tres fratres concordissimi fuerunt. 3 Ad quem interficiendum Eurystheus Iunonis instinctu Herculem misit, sperans eum ibidem interiturum. 4 Illuc pergens Hercules cum aerea olla et bicipiti cane — aerea olla ob aeratas naues, bicipiti cane, quia nauali et terrestri proelio plurimum ualuit — uenit ad oceanum et nulla naue inuenta alnum conscendit et in insulam Erith[im]iam peruenit. 5 Vbi primum canem Othrum interfecit et <Er>ythi[mi]am filiam eius, deinde Erytionem pastorem, filium Martis, nouissime ipsum Geryonem interfecit et sic uictor armenta eius in Graeciam adduxit.*

67. Fábula de Gerião e Hércules²²⁷

1 Gerião era o rei da ilha de Eritéia, ou Hispânia²²⁸. 2 Ele é chamado de tergemino, ou de três corpos, porque tinha três cabeças, ou, para outros, cinquenta²²⁹: três

²²³ O adjetivo semelhante a *malum*, em grego, é *κακόν*.

²²⁴ A palavra *Myrmicas* (*μύρμηκας*) grega corresponde ao vocábulo latino *formica*.

²²⁵ Em Sêrvio (*Aen.* 2, 7), encontramos *Aeacus, Iovis et Aeginae filius*, isso indica que a glosa se refere à fábula de *Aeacus*.

²²⁶ De acordo com Zorzetti e Berlioz (2003, p. 41, n. 202), Sêrvio escreveu Erastótenes, mas no manuscrito a forma encontrada é *Sostenes*. No que diz respeito a Mirmídon (*Μυρμιδών*), este era filho de Zeus e Eurimedusa (v.d Grimal, *DMGR*, s. v. *Mírmidon*).

²²⁷ Essa narrativa apresenta uma mistura de um escólio de Sêrvio (*Aen.* 7, 662) com uma glosa de Remi a Boécio (*const.*, 4, *metr.*, 7, 26). De acordo com Zorzetti e Berlioz (2003, p. 41, n. 203), Remi d'Auxerre utilizou elementos de Sêrvio, mas também utilizou elementos que são de fontes desconhecidas, pois alguns desses elementos são considerados raros e não vistos em outros autores, como a referência à ilha de Eritéia e o relato a respeito do acontecimento de Hércules contra Gerião. Cf. também Apolodoro (2, 4, 10); Plínio (*nat.*, 4, 22); *Mythogr.* 2 (175, 2-9).

cabeças, ou porque teve o domínio de três ilhas, ou porque eles eram três irmãos muito unidos²³⁰. 3 Euristeu, instigado por Juno, enviou Hércules para matá-lo, tendo esperança de que ele aí fosse morto. 4 Hércules partiu para lá com uma panela de bronze e um cachorro de duas cabeças; a panela de bronze para navegar, e o cachorro de duas cabeças, porque era bastante forte no combate tanto no mar quanto na terra; ele chegou próximo ao oceano e, não tendo encontrado um navio, subiu em algo feito de madeira de álamo e chegou à ilha de Eritéia. 5 Aí, primeiramente matou o cachorro Ortro e a filha dele, Eritéia, depois o pastor Eurition, filho de Marte, e finalmente matou o próprio Gerião²³¹. Assim vitorioso, ele conduziu o seu rebanho de gado até a Grécia.

68. *Fabula Euandri et Herculis*

1 Hercules primum ab Euandro non est susceptus, postea cum filium Iouis <se> diceret et morte Caci uirtutem probaret, susceptus et pro numine habitus est; denique Aram Maximam ei constituit. 2 Cum ergo Hercules quaedam capita de armentis Geryonis patri suo immolare statuisset, inuenti sunt duo senes, Pinarius et Potitius; quibus Hercules ostendit, quali ritu se coli uellet, scilicet ut mane et uespere ei sacrificaretur. 3 Itaque perfecto matutino sacrificio, cum ad sacrificium uespertinum prior Potitius perueniret, iratus Hercules iussit ut Pinarii domus ministra esset epulantibus Potitiis [ministraret].

68. Fábula de Evandro e Hércules²³²

²²⁸ Quanto à localização da ilha de Eritéia, há muitas identificações. Essa ilha, provavelmente, faz parte da Espanha, próxima a Gades. A Eritéia parece estar localizada na região Oeste, uma região denominada de “País Vermelho”. Contudo, uma outra tradição relata que está situada na região da Ambrácia, no Epiro (GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Gérion*).

²²⁹ O epíteto “três corpos” aparece em Virgílio (*Aen.* 7, 662), Cf. também Lucrécio (*De nat. rerum.*, 5, 28) e Virgílio (*Aen.*, 6, 289; 8, 202). Em relação à representação que é feita de Gerião contendo cinquenta cabeças, conforme Zorzetti e Berlioz (2003, p. 41, n. 205), parece haver uma confusão com o mito da hidra, uma vez que a tradição parece não relatar Gerião com cinquenta cabeças.

²³⁰ No que diz respeito a *tres fratres* (“três irmãos”), essa é uma alteração feita pelo compilador tendo como base Isidoro (*orig.*, 11, 3, 28), que também acaba retomando Justiniano (44, 4, 16, cf. ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 41, n. 205).

²³¹ As palavras *Othrus* (ou *Orthrus*) e *Erytion* (ou *Eurythion*) são alterações que retomam a fonte. Com relação ao trecho <Er>ythi[mi]am filiam eius, podemos observar que a narrativa apresenta o nome <Er>ythi[mi]am corrompido, mas Zorzetti e Berlioz (2003, p. 41, n. 208) supõem que a palavra poderia ser reconhecida por meio do nome de Eritéia, filha de Gerião e mãe de Erition. Contudo, tais estudiosos também supõem que deveríamos associar a palavra corrompida ao nome de Equidna (*Echidna*), mãe de Ortro.

²³² A base desta narrativa é Sérvio (*Aen.* 8, 269). Cf. *Mythogr.* 2 (176, 24-33).

1 Primeiramente, Hércules não foi recebido por Evandro. Depois, como Hércules disse que era filho de Júpiter e provou seu valor com a morte de *Cacus*, ele foi recebido e considerado um deus; Evandro finalmente fundou para ele a *Ara Maxima*²³³. 2 Como Hércules tinha decidido sacrificar algumas cabeças do rebanho de Gerião em honra ao seu pai, dois velhos foram encontrados, Pinário e Potício²³⁴; Hércules mostrou-lhes de que maneira ele queria ser honrado, evidentemente que ele queria um sacrifício pela manhã e outro à tarde. Assim, o sacrifício matinal foi realizado, mas Potício chegou primeiro para o sacrifício vespertino; o irado Hércules ordenou que a casa Pinária serviria a Potícia durante as refeições²³⁵.

69. *Fabula Euandri*

1 *Euander nepos Pallantis, regis Arcadiae, fuit. 2 Hic patrem suum occidit et matre suadente Nicostrata, quae postea Carmentis dicta est, expulsis ueteribus colonis loca obtinuit, ubi postea Roma constructa est, et modicum oppidum fundauit in monte Palanteo, qui nomen habuit de Pallante proauo Euandri.*

69. Fábula de Evandro²³⁶

1 Evandro era o neto de Pallas, rei da Arcádia. Ele matou seu pai e, aconselhado por sua mãe Nicostrata, que depois foi chamada de Carmenta²³⁷, tendo expulsado os antigos habitantes, teve posse da região, onde depois Roma foi construída, e fundou uma pequena cidade no monte Palatino, que teve o nome a partir de Pallas, ancestral de Evandro.

²³³ O *Ara Maxima* era um altar localizado entre o Palatino e o Aventino em Roma (GRIMAL, DMGR, s.v. *Evandro*).

²³⁴ O vocábulo *Geryon* é uma alteração feita pelo compilador, que provavelmente se baseou em Virgílio (*Aen.* 8, 202).

²³⁵ A narrativa parece estar um pouco incompreensível, já que o mitógrafo apresenta um resumo do texto de Sérvio em que elimina todas as passagens nas quais consta o motivo pelo qual Hércules ficou irado com os Pinários e resolveu puni-los. Sobre isso, cf. Dain (1995, p. 75, n. 2).

²³⁶ A base desta narrativa é Sérvio (*Aen.* 8, 51). Cf. Mythogr. 2 (176, 2-10).

²³⁷ *Carmenta* era uma ninfa, filha do rio Ládôn. Ela foi uma divindade venerada em Roma e recebeu esse nome por possuir o dom da profecia (GRIMAL, DMGR, s. v. *Carmenta* e *Evandro*).

70. Fabula Bellerophontis, qui et Perseus

1 Bellerophons, qui et Perseus, Glauci filius, cum ignarus ad Proetum in hospitium uenisset et uxor Proeti Sthenoboea — siue Antia — illum amaret, nec ab eo impetrare potuisset, ut secum concumberet, mentita est apud uirum ab eo se compellatam pro stupro fuisse. 2 Proetus uero ad Iuuatem socerum suum misit eum et de eadem re Bellerophonti dedit tabulas perferendas socero; quibus ille lectis, interficere talem uolebat uirum. 3 Sed cum ille prudentia sua et castitatis auxilio se ab instanti periculo liberasset, tamen, ut pudicitiam periculi probaret inmanitas, ad interficiendum Chimaeram missus est: quam Pegas[go] iuuante prostrauit. 4 Denuo eum misit, ut Calydonas uinceret. 5 Etiam illos cum uicisset, nouissime Iuuates agnouit, quae sibi fuisset causa tanta mala patiendi criminaque, quae in eum conficta erant, aboleuit. 6 Virtute quoque magnifice collaudata filiam suam Alcimenen dedit ei uxorem. 7 At Sthenoboea — quae et Antia — re cognita propria manu interiit.

70. Fábula de Belerofonte, que também é Perseu²³⁸

1 Como Belerofonte, que também é Perseu, filho de Glauco, tinha recebido a hospitalidade de Preto sem saber²³⁹, e a esposa de Preto, Estenebeia, ou Anteia, se apaixonou por ele, diante de seu fracasso em não ter conseguido que ele dormisse com ela, mentiu para o esposo acusando Belerofonte de ter tentado violentá-la²⁴⁰. 2 Na verdade, Preto enviou Belerofonte ao seu sogro Ióbates e deu-lhe uma carta para ser entregue ao sogro com todas as coisas sobre ele²⁴¹; tendo lido a carta, depois queria matar o homem. 3 Mas ele, como sua prudência e sabedoria, conseguiu libertar-se do perigo que o ameaçava. Contudo, para que ele provasse sua virtude, deveria enfrentar um perigo terrível: ele foi enviado para matar a

²³⁸ Essa fábula foi extraída de um comentário a Estácio de Lactâncio Plácido (*theb.* 4, 589). Cf. Mythogr. 2 (154, 2-14); Fulgêncio (*myth.* 3, 1).

²³⁹ A glosa *qui et Perseus* provavelmente é uma confusão feita pelo compilador entre os dois personagens (cf. também *fab.* 2, 55; ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 42, n. 215). Além disso, de acordo com Dain (1995, p. 77, n. 1), a única relação entre Belerofonte e Perseu é o cavalo alado, Pégaso, que nasceu do pescoço da Medusa após ser decapitado por Perseu. Sobre isso, cf. Dain (1995, p. 77, n. 1).

²⁴⁰ Estenebeia é nomeada por Homero como a divina Anteia (cf. *Iliada*, 6, 160).

²⁴¹ A alteração na palavra *Iuuates* remonta à tradição manuscrita de Lactâncio Plácido (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 43, n. 216).

Quimera, a quem derrotou com a ajuda de Pégaso²⁴². 4 Ióbates o enviou novamente para que triunfasse em Calidonieses²⁴³. Como ele tinha vencido aqueles, Ióbates finalmente entendeu o porquê de Belorofonte ter sofrido tais provocações e retirou todas as acusações falsas contra ele. 6 Além disso, Ióbates, tendo elogiado seu valor com magnificência, deu-lhe em casamento sua filha Alcímene. 7 Quanto a Estenebeia, que é Anteia, ela, tendo tomado conhecimento do fato, se matou com as próprias mãos.

71. *Fabula Chimerae et Bellerophontis*

1 *Chimaera, monstrum, Tyronis et Achemenidae filia fuit. 2 Cuius triplex dicitur forma: prima namque leonis horrebat facie, media caprae, cauda imitabatur draconem. 3 Haec cum in Lycia iuxta Gargarum montem popularetur terras, a Bellerophonte interfecta est. 4 Quidam Chimaeram dicunt non animal, sed montem Lyciae, quibusdam locis leones et capras nutrientem, quibusdam ard[er]entem, quibusdam plenum serpentibus. 5 Hunc Bellerophons habitabilem reddidit, unde et Chimaeram occidisse dicitur.*

71. Fábula da Quimera e Belerofonte²⁴⁴

1 A Quimera era um monstro, filha de Tífon e de Aquemênida²⁴⁵. 2 Diz-se que tinha três partes: pela frente, na verdade, ela assustava por conta da face de leão, pela parte central, como uma cabra, e pela cauda imitava uma serpente. 3 Como ela devastava as regiões da Lícia, próximo ao monte Gárgaros, foi morta por

²⁴² A Quimera (*Χίμαιρα*) era um animal fabuloso que tinha seu corpo formado por três animais: leão, cabra e cobra. Ela nasceu da união entre Tífon e a víbora Equidna (GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Quimera*)

²⁴³ Os Calidonieses são habitantes de Cálidon, uma cidade da Etólia.

²⁴⁴ Para essa fábula, Zorzetti e Berlioz (2003, p. 43) propõem a mudança do título do texto de Belerofonte por Hércules, já que esta é uma continuação da narrativa anterior. Quanto à fonte desse texto, a maior parte dele é derivada de Isidoro (*orig.*, 11, 3, 36). Para a composição da parte 3, o mitógrafo se baseou em Higino (*astr.* 2, 18, 1). Cf. também Sêrvio (*Aen.* 6, 288); Higino (*fab.* 151); e Apolodoro (2, 3, 1). Além disso, a narrativa apresenta uma leitura equivocada de uma glosa (*iuxta Gargarum montem*) que pode ter sido de uma leitura imperfeita de Virgílio (*georg.* 1, 103-04; cf. ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 43, n. 217).

²⁴⁵ As palavras *Tyron* e *Achemenida* aparecem alteradas no manuscrito. Contudo, Angelo Mai alterou *Tyron* em *Chiron*.

Belerofonte²⁴⁶. 4 Alguns dizem que a Quimera não era um animal, mas um monte da Lícia; com pontos nos quais os leões e as cabras se alimentavam, com outros que eram quentes e com outros que eram cheios de serpentes. 5 Belerofonte transformou o monte em um lugar habitável, daí se diz que ele matou a Quimera.

72. Fabula Persei

1 Perseus, per Aethiopiam iter faciens, postquam Andromeden propter superbiam matris, quae se nympharum pulchritudini praetulerat, saxo illigatam ac marinae beluae obiectam uidit, captus specie eius exarsit. 2 Pactusque est a Cepheo et Cassiopia, parentibus uirginis, ut sibi matrimonio iungerent, si beluam interemisset. 3 Perfecto igitur <a> Perseo pollicito, cum fides promissa a Cepheo esset praestita et nuptiarum coniugalium epulis principes interessent, Phineus, cui Andromeda ante fuerat desponsata, contumeliam sibi existimans grauiss<im>am iniunctam, quod aduenae consanguineus postpositus esset, uescentium animos pugna confu[n]dit. 4 Et cum res miserabilis dimicantium ageretur in regia ac multi ex utraque parte armis, quae casus obtulisset, cecidissent, nouissime Perseus, pertimescens multitudinem aduersariorum, caput Gorgonis extulit; quo uiso Phineus cum auxiliantibus dirigit.

72. Fábula de Perseu²⁴⁷

1 Perseu estava a caminho da Etiópia, quando viu Andrômeda presa a uma rocha e oferecida a um monstro marinho, por causa do orgulho de sua mãe, que pretendia ser mais bela que as ninfas; ele então se apaixonou, seduzido por sua beleza²⁴⁸. 2 Ele fez um acordo com Cefeu e Casiopeia, os pais da virgem: ele mataria o monstro, se eles consentissem em dar-lhe Andrômeda como sua esposa. 3 Então, depois que Perseu havia terminado o prometido, a noiva apalavrada por Cefeu foi garantida e os nobres participaram da festa do casamento. Mas Fineu – a quem Andrômeda havia sido prometida antes –, pensando que ele havia sofrido um insulto muito grave, porque um estrangeiro foi preferido em lugar de um

²⁴⁶ O Monte Gágaros é um pico do Monte Ida que está localizado no noroeste da Ásia Menor em Mysia.

²⁴⁷ Essa narrativa foi baseada nas *Narrationes fabularum Ouidianarum* (4, 19 et 5, 1).

²⁴⁸ Na realidade, as ninfas eram as Nereides, com cuja beleza Casiopeia quis disputar. Mas, enciumadas por tamanha ofensa, elas pediram a Netuno que se vingasse de Casiopeia. Daí Netuno fez surgir um monstro marinho (GRIMAL, DMGR, s. v. *Andrômeda*).

consanguíneo, começou uma confusão entre os convidados²⁴⁹. 4 Essa luta lamentável começou no palácio e muitos morreram de ambos os lados com as armas que o acaso lhes possibilitou. Finalmente Perseu, temendo ao grande número de adversários, ergueu a cabeça da Górgona; com essa visão, Fineu e seus ajudantes foram petrificados²⁵⁰.

73. Fabula Tarquinii et Lucretiae

1 Tarquinius Superbus habuit perditos filios, inter quos Arruntem. 2 Qui dum in castris esset patre suo Ardeam obsidente et ortus esset inter eum et Collatinum, maritum Lucretiae, de uxoribus sermo, eoque processit contentio, ut ad probandos earum mores arreptis equis statim in domos suas simul proficiscerentur. 3 Ingressi itaque ciuitatem Collatiam, ubi fuit Lucretiae domus, inuenerunt eam lanificio dare operam et tristem propter mariti absentiam. 4 Inde ad Arruntis domum profecti, cum uxorem eius inuenissent cantilenis et saltationibus indulgentem, reuersi ad castra sunt. 5 Quod Arruns dolens, cum de expugnabili Lucretiae castitate cogitaret, mariti eius nomine epistolam finxit et dedit Lucretiae; in qua hoc continebatur ut Arruns susciperetur hospicio. 6 Quo facto per noctem stricto gladio eius ingressus cubiculum cum Aethiope hac arte egit, ut secum coiret, dicens: «Nisi mecum concubueris, Aethiopem tecum interimo, tamquam in adulterio deprehensam!» 7 Timens itaque Lucretia ne famam castitatis amore perderet, quippe quam sine purgatione futuram esse cernebat, inuita turpibus imperiis paruit. 8 Et altero die conuocatis propinquis, marito Collatino, patre Tricipitino, Bruto auunculo, qui tribunus equitum celerum fuerat, rem indicans, petiit ne uiolatus pudor neue inultus eius <esset> interitus et eiecto gladio se interemit. 9 Quem Brutus de eius corpore extractum tenens, processit ad populum et multa conquestus de Tarquinii superbia et filiorum eius turpitudine egit, ne in urbem reciperentur, auctoritate qua plurimum poterat; nam, ut supra diximus, Brutus tribunus equitum fuerat. 10 Sed cum non susciperetur, Tarquinius contulit se ad regem Tusciae Porsennam; qui pro Tarquinio cum ingentibus copiis capto Ianiculo et illic castris positus Romam uehementer obsedit. 11 Et cum per Sublicium pontem — hoc est ligneum — transire conaretur, solus Cocles hostilem impetum

²⁴⁹ Fineu era irmão de Cefeu, pai de Andrômeda. Ele cortejava a sobrinha, pois pretendia se casar com ela. Mas seu irmão parecia não aprovar essa união, então prometeu a filha em casamento para Fénix (GRIMAL, DMGR, s. v. *Andrômeda*).

²⁵⁰ Perseu, em grego Περσεύς, utiliza a cabeça da Medusa aqui para transformar seus inimigos em pedra, depois ela aparecerá no escudo ou égide de Minerva (Atena), que também será usada para petrificar os inimigos da deusa (GRIMAL, DMGR, s. v. *Górgona*).

sustinuit, donec a tergo pons solueretur a sociis. 12 Quo soluto se cum armis praecipitavit in Tiberim et licet laesus in coxa, tamen fluenta superavit; unde est illud ab eo dictum, cum ei in comitiis coxae uitium obiceretur: «Per singulos gradus admoneor triumphi mei! ». 13 In tantam autem obsidionis necessitatem populus uenerat ut et obsides daret; ex quibus Cloelia inuenta occasione transnatauit fluuium et Romam reuersa est redditaque rursus est pacis lege, eam Porsenna repetente. 14 Qui admiratus uirtutem puellae, dedit ei optionem ut cum quibus uellet rediret; illa elegit uirgines. 15 Vnde Porsenna, hoc quoque miratus, concessit et rogauit per litteras populum Romanum ut ei aliquid uirile decerneretur; cui data est statua equestris, quam in sacra uia hodie conspiciamus.

73. Fábula de Tarquínio e Lucrecia²⁵¹

1 Tarquínio Soberbo teve filhos perversos, entre eles Arunte. 2 Ele estava no acampamento, enquanto seu pai sitiava Árdea, e surgiu uma conversa entre ele e Colatino, marido de Lucrecia, sobre suas esposas. A discussão prologou-se ao ponto de, para testar o caráter de suas esposas, eles montaram em seus cavalos e imediatamente partiram juntos para suas casas. 3 Assim, tendo chegado à cidade de Colatia, onde ficava a casa de Lucrecia, eles a encontraram fiando lã e triste por causa da ausência de seu marido. 4 Então eles, tendo partido para casa de Arunte, como encontraram sua esposa dedicada às canções e às danças, voltaram para o acampamento. 5 Arunte, sofrendo com isso, pensou em como conquistar a castidade de Lucrecia; ele, então, escreveu uma carta com o nome de seu marido e levou para Lucrecia: nela, se dizia que Arunte deveria ser recebido com hospitalidade. 6 Com isso, durante a noite, com a espada desembainhada, tendo entrado no quarto com um Etíope, ele agiu com sua lábia, dizendo que ela deveria se unir a ele: “se não dormires comigo, eu mato esse Etíope junto contigo, de forma a que pareça que foste apanhada em adultério!” 7 Assim, temendo perder completamente a reputação, por amor à sua castidade, que ela via que não deveria certamente acontecer com purgação, Lucrecia se submeteu às ordens vergonhosas contra sua vontade. 8 No outro dia, tendo reunido seus parentes, seu marido Colatino, seu pai Triciptino, seu tio Bruto, um tribuno que tinha sido um célere cavaleiro, e tendo revelado as coisas, ela lhes pediu que nem sua honra violada nem sua morte permanecessem impunes e, depois de pegar uma espada, se matou. 9 Bruto, removendo a espada de dentro do corpo e segurando-a, foi ao

²⁵¹ Essa narrativa foi baseada em Sêrvio (*Aen.* 8, 646).

povo e, tendo se queixado muito sobre o orgulhoso Tarquínio e sobre a vergonha de seus filhos, fez com que eles não os recebessem na cidade, onde tinha muito poder como autoridade; na verdade, como mencionamos acima, Bruto tinha sido tribuno dos cavaleiros. 10 Mas, como a cidade não o recebeu, Tarquínio foi até Porsena, rei da Etrúria, o qual, por meio de Tarquínio, conquistou Janículo com um grande número de tropas e, tendo reunido os soldados, sitiou Roma com violência. 11 E, enquanto tentavam atravessar a Ponte Sublício, isto é, a ponte de madeira, Cocles conteve o exército inimigo sozinho, até ao momento em que, de costas, a ponte teria sido cortada por seus companheiros. 12 Com isso, ele correu com sua arma para o rio Tibre e ficou ferido no quadril, mas superou as correntes d'água. Daí, quando nos comícios o defeito físico da coxa era apresentado contra ele, isto era dito por ele: "cada passo me lembra meu triunfo!" 13 Mas o povo esteve em uma situação de cerco tão severa que gerava reféns; uma dessas, Clélia, aproveitando a ocasião, atravessou o rio a nado e voltou a Roma, mas foi entregue novamente, de acordo com a convenção de paz, a Porsena que pediu seu retorno. 14 Ele, admirado com a coragem da jovem, deu-lhe a escolha de regressar com quem quisesse; ela escolheu as virgens. 15 Daí Porsena, olhando também com admiração, aceitou a proposta e pediu, por meio de uma carta ao povo Romano, que se concedesse a ela alguém como um homem forte²⁵²; a ela foi criada uma estátua equestre, que vemos hoje na via sacra.

74. *Fabula Hymenaei*

1 *Hymenaeus, puer formosissimus, genere Atheniensis fuit.* 2 *Is cum annos puerilis aetatis excederet neque adhuc uirum implere posset, ea pulchritudine praeditus fuisse dicitur, ut feminam mentiretur.* 3 *Istum cum una ex ciuibus suis, uirgo nobilis, adamasset, ipse mediocribus ortus parentibus, quia nuptias desperabat, quod poterat tamen, puellam extrema amoris linea diligens, eius animo solo satisfaciebat aspectu.* 4 *Cumque nobiles feminae cum uirginibus sacra Cereris Eleu[sin]ae celebrarent, subito aduentu piratarum raptae sunt.* 5 *Inter quas et Hymenaeus, qui illo amatam subsecutus fuerat, cum puella abripitur.* 6 *Cum igitur per longinqua maria praedam piratae uexissent, ad quandam regionem tandem perueniunt, ubi et somno pressi ab insequentibus sunt perempti.* 7 *Hymenaeus relictis ibi uirginibus, reuersus Athenas, pactus est a ciuibus dilectae suae*

²⁵² Zorzetti e Berlioz (2003, p. 46, n. 221) propõem a mudança do predicador verbal *concedo* ('retirar') para *accipio* ('aceitar').

nuptias, si eis filias suas restitueret. 8 Quas ubi pro uoto restituit, exoptatam accepit uxorem. 9 Quod coniugium quia felix fuerat, placuit Atheniensibus nomen nuptiis Hymenaei miscere.

74. Fábula de Himeneu²⁵³

1 Himeneu era um garoto muito bonito de descendência ateniense. 2 Como ele havia passado pelos anos da idade pueril e sem ter atingido a idade adulta, dizia-se que ele era tão belo que parecia uma garota. 3 Como uma de suas compatriotas, uma virgem nobre, se apaixonou por ele, mas como o próprio era de uma família de origem humilde, ele perdeu a esperança de se casar com ela. No entanto, o que podia fazer, amando a garota ao extremo, era satisfazer somente seu coração com seu olhar atento. 4 Como as mulheres nobres estavam celebrando o culto de Ceres com as virgens em Elêusis, de repente com a chegada de piratas, elas foram sequestradas²⁵⁴. 5 E entre elas estava Himeneu, que tinha seguido a amada até lá e que foi levado a força com a jovem. 6 Como os piratas transportaram suas cativas por mares distantes, finalmente chegaram a um certo lugar, onde foram mortos, enquanto dormiam, por perseguidores. 7 Himeneu, deixando as virgens nesse lugar e tendo retornado a Atenas, fez um acordo com os cidadãos: se ele devolvesse suas filhas, se casaria com sua amada. 8 Ele as devolveu ao lugar, como prometido, e se casou com a desejada. 9 Como esse casamento foi feliz, pareceu bem aos Atenienses ligar o nome de Himeneu à cerimônia de casamento.

75. *Fabula Orphei et Eurydices*

1 Orpheus, Oeagri et Caliopae Musae filius, ut quidam putant, Apollinis filia[m] habuit uxorem Eurydicen. 2 Quam dum Aristaeus, Cyrenis filius, pastor, cupidus persequitur uolens eam stuprare, illa fugiens concubitus serpentem non deuitauit et haec ei causa mortis fuit. 3 Orpheus coactus desiderio coniugis temptauit dulcedine cantus citharae lenire Ditem et Proserpinam, si posset Eurydicen ad superos reuocare. 4 Descendit igitur ad inferos et in miserationem eos cantu suo compulit; acceptaque lege impetrauit Eurydicen

²⁵³ Essa narrativa teve como base um comentário à Estácio de Lactânio Plácido (*theb.* 3, 283). Cf. também Mythogr. 2, 263, 5-21.

²⁵⁴ No mito, parece haver uma confusão com os mistérios de Elêusis, um culto dedicado a Ceres (Demeter) e a Prosérpina (Perséfone), dos quais, diferentemente de outros mistérios, somente as mulheres poderiam participar. Sobre essa confusão, cf. Dain (1995, p. 82-83, n. 2).

ita demum, si non ante respexisset quam ad superos perueniret. 5 Vt deinde est dura amantium perseuerantia, Orpheus timens ne non inesset pollicitis Di[c]tis fides, respexit et irritum fecit suum laborem. 6 Reuersus deinde ad superos, qui parum prosperas expertus erat nuptias, perosus omne genus femineum solitudinibus se dedit.

75. Fábula de Orfeu e Eurídice²⁵⁵

1 Orfeu, filho de Eagro e da Musa Calíope, casou-se com Eurídice, como alguns contam, filha de Apolo. 2 Enquanto o pastor Aristeu, filho de Cirene, a perseguia, louco de desejo, querendo violentá-la, ela, fugindo dessa união, não conseguiu evitar uma serpente, que foi a causa de sua morte. 3 Orfeu, impulsionado pelo desejo de ver sua esposa, tentou acalmar Plutão e Prosérpina pelo seu canto suave com a cítara, a fim de trazer de volta Eurídice à terra. 4 Finalmente, ele desceu aos infernos e, com seu canto, conseguiu que os deuses tivessem misericórdia; enfim ele conseguiu encontrar Eurídice, com a condição de não olhar para ela até chegar à terra. Mas, como é difícil a perseverança dos amantes, Orfeu, temendo que não concluísse o que foi prometido por Plutão, olhou para trás e tornou seu trabalho ineficaz. Depois de retornar à terra, Orfeu, que teve uma experiência matrimonial pouco feliz, odiando então todo sexo feminino, se entregou à solidão.

76. Fabula Castoris et Pollucis

1 Castor et Pollux Iouis et Ladae filii fuerunt; qui cum adamassent Phoeben et Dianisam, coniuges Linci et Idei, Aphar<e>i filiorum, et uellent eas rapere, Lincus — omnia cui uidendi potestas erat — Idam fratrem in uindictam concitauit. 2 Qui telum habebat, quod diuini teli similitudinem habebat ita ut nullus posset illud euadere; itaque eo misso interfecit Castorem; <ultor adest Pollux et Lincum perforat hasta . . .; ibat in hunc Idas>, cumque iam Pollucem uellet occidere, ab Ioue et fulmine percussus est. 3 Pollux uero uidens suum fratrem mortuum ad inferos descendit; inde cum fratre recepto ad superos euasit et Iouem orauit, ut caelestem honorem sibi traderet. 4 Inde inter astra collocati sunt et caelestem honorem habuerunt.

²⁵⁵ Essa narrativa foi retirada de uma glosa (tipo k) de Remi d'Auxerre a Boécio (*const.* 3, *metr.* 12, 17). Além disso, ela provavelmente teve como base Sêrvio (*Aen.* 6, 645), Virgílio (*georg.* 4, 454-503) e os *Scholia Bernensia* (*georg.* 4, 493) (ZORZETTI; BERLIOZ, p. 47, n. 223). Cf. tb. *Mythogr.* 2, 56.

76. Fábula de Castor e Pólux²⁵⁶

1 Castor e Pólux eram filhos de Júpiter e Leda. Como eles se apaixonaram por Febe e Dianisa, esposas de Linceu e Idas, filhos de Afareu, quiseram violentá-las²⁵⁷. Mas Linceu, que podia ver tudo, incitou seu irmão Idas a protegê-las. 2 Idas tinha um dardo, que era semelhante ao dardo dos deuses, porque ninguém poderia evitá-lo. Então, ele o lançou e matou Castor. <Pólux se vingou e perfurou Linceu com uma lança. . .; Idas correu contra ela e, enquanto se preparava para matar Pólux>, foi morto por Júpiter com um raio²⁵⁸. 3 Na verdade, Pólux, vendo seu irmão morto, desceu aos infernos; tendo recuperado seu irmão, escapou dos infernos e suplicou a Júpiter que lhe desse a honra celestial. 4 Daí eles foram colocados entre as estrelas e obtiveram a honra celestial.

77. *Fabula cygni et Leda*

1 Iuppiter, amorem Leda uirginis affectans, conuersus in cygnum finxit se fugere aquilam; sed Mercurium in aquilam transmutauit. 2 Sic in gremio Leda receptus, cum ea concubuit, quae peperit ouum, unde nati sunt tres: Castor, Pollux et Helena.

77. Fábula do cisne e Leda²⁵⁹

1 Júpiter, apaixonado pela virgem Leda, transformado em um cisne, fingiu estar fugindo de uma águia; mas foi Mercúrio que ele transformou em uma águia²⁶⁰.

²⁵⁶ A fonte dessa narrativa é desconhecida, mas podemos encontrar outras versões dessa história em Apolodoro (*bibl.* 3, 11, 2), Ovídio (*fast.* 5), Higino (*fab.* 80) entre outros autores. Além do mais, conforme se lê nos estudiosos franceses, a narrativa apresenta uma estrutura e assuntos que não aparecem em outras versões. Sobre isso, cf. Zorzetti; Berlioz (2003, p. 48, n. 225). Cf. também Higino (*astr.* 2, 22).

²⁵⁷ Em relação à *Phoeben et Dianisam*, a tradição nos relata que elas eram filhas de Leucipo, denominadas Febe e Hilaíra, e estavam noivas de seus primos Linceu e Idas. A respeito das palavras *Linci, Idei et Aphar<e>i*, essas são modificadas no manuscrito (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 48, n. 226).

²⁵⁸ Zorzetti e Berlioz (2003) acrescentam aqui uma passagem do texto de Ovídio para suprir a lacuna presente na fábula e indicar o conteúdo que estava ausente.

²⁵⁹ Nessa narrativa, há uma mistura do mito de Leda com o de Nêmesis, provavelmente o compilador se baseou em Fulgêncio (*myth.* 2, 13) e em Higino (*astr.* 2, 8) para produzir sua história. Cf. também Sêrvio (*Aen.* 3, 328); Higino (*fab.* 77); Mythogr. 2 (155, 2-4).

Assim, recebido no colo de Leda, ele dormiu com ela, que pariu um ovo, de onde nasceram três: Castor, Pólux e Helena²⁶¹.

78. *Fabula Api<dis>*

1 Refert Solinus quod inter omnia, quae Aegyptus <habet> digna memoratu, praecipue mirentur bouem, quem Apin uocant, insignem albae macula notae, quae dextro lateri eius ingenitam refert corniculatae lunae faciem. 2 Hunc Aegyptus ad instar numinis colit, eo quod de futuris det quaedam manifesta signa; apparet e<nim> in Memphis. 3 Cui statutum aevi spatium est; nam immersus profundo sacri fontis necatur, ne diem longius trahat quam licebit; mox alter sine publico luctu requiritur. 4 Hunc etenim centum antistites Memphim prosecuntur et repente, uelut lymphatici, praecinunt. 5 Dat omina manifestantia de futuris: illud maximum, si de c<onsu>ll[i]entis manu cibum capiat. 6 Huius capitis imaginem sibi in heremo Iudaei fecerunt.

78. Fábula de Ápis²⁶²

1 Solino relata que, entre todas as coisas pelas quais o Egito deve ser digno de ser lembrado, é sobretudo a admiração por um boi, que chamam de Ápis, reconhecido por um sinal na forma de uma mancha branca, que, gravada no lado direito dele, representa a forma da cornícula da lua²⁶³. 2 O Egito o adora como uma divindade, porque ele dá alguns sinais óbvios sobre o futuro. Na verdade, ele aparece em

²⁶⁰ De acordo com Zorzetti e Berlioz (2003, p. 49, n. 229), a tradição relata que, no mito de Nêmesis, Júpiter se transformou em um cisne e Vênus em uma águia.

²⁶¹ Há muitas versões quanto ao número de ovos e de irmãos gerados por Leda. A tradição nos conta que Leda tinha colocado um ovo (ou dois), de onde saíram dois casais: de um Pólux e Clitmnestra e do outro Helena e Castor. Uma outra versão relata que Helena era filha de Nêmesis com Júpiter e que ela, para fugir de seu amor, se transformou numa gansa, mas Júpiter se transformou num cisne e se uniu a ela. Assim, Nêmesis colocou um ovo e em seguida o abandonou. Um pastor encontrou e guardou o ovo, mas, quando Helena saiu, ele fez Leda crer que Helena era sua filha (GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Leda*).

²⁶² De acordo com Zorzetti e Berlioz (2003 p. 49, n. 230), essa narrativa foi baseada no comentário para Lucano (*Commentaria Bernensia* para Lucano, 8, 479). Cf. também Solino (32, 17-19); Idísoro (*orig.*, 11, 86-87) e Plínio (*nat.* 8, 70)

²⁶³ Solino (32-17) é citado na *Commentaria Bernensia* a Lucano. A alteração do *quam* para *quae* foi proposta por Zorzetti e Berlioz (2003, p. 49, n. 232). Conforme a edição francesa, o texto de Solino apresenta *quae*, porém na glosa a Lucano *quae* foi alterado para *quem*. Posteriormente, segundo Zorzetti e Berlioz (2003), foi alterado para *quam* no manuscrito do mitógrafo.

Mênfis. 3 A sua duração de vida foi estabelecida; de fato, para que não viva mais um dia, ele é mergulhado no fundo de uma fonte sagrada para ser morto; sem que haja luto oficial, logo um outro é procurado. 4 Esse é oferecido a Mênfis e, de repente, cem sacerdotes profetizam, como loucos. 5 E o boi revela todas as coisas sobre o futuro: o máximo disso se dá quando ele toma a comida da mão de quem faz a consulta. 6 Os Judeus fizeram para si uma imagem de sua cabeça no deserto.

79. *Fabula Tydei et Polynicis*

1 *Tydeus, Oenei filius et Passiopae, Diomedis pater; is cum Menippum filium suum interfecisset, exul ad Argos peruenit et amicitia Adrasto regi iunctus est.* 2 *Ipsa tempore Polynices regno expulsus est a fratre suo Eteocle, qui Thebis imperavit, et exul quoque ad Adrastum uenit.* 3 *Cum autem animaduertisset Adrastus responsum, quod ei Apollo dederat, futurum ut filias suas daret apro et leoni — nam Polynices et Tydeus earum ferarum pellibus tecti erant —, existimauit rex eis debere filias suas in matrimonium dare.* 4 *Hinc Adrastus adscitis ciuibus suis auxilium Polynici aduersum Eteoclem tulit; ibi Tydeus interfectus est, Polynices cum fratre mutuis uulneribus cecidit.*

79. Fábula de Tideu e Polinices²⁶⁴

1 Tideu, filho de Eneu e Passiopa, era pai de Diomedes²⁶⁵; como ele matou seu filho Menalipo²⁶⁶, foi para o exílio em Argos e foi ligado ao rei Adrasto por uma amizade. 2 Nesse tempo, Polinices foi expulso do trono por seu irmão Eteócles, que reinou em Tebas, e assim veio até Adrasto para o exílio. 3 Como Adrasto prestou atenção na resposta oracular que Apolo havia lhe dado, segundo a qual deveria dar suas filhas a um javali e um leão – na verdade, Polinices e Tideu estavam vestidos com a pele desses animais selvagens – o rei pensou que devia dar a eles suas filhas como esposas. 4 Adrasto, tendo reunido seus cidadãos, trouxe ajuda para Polinices contra Eteócles. Nesse caso Tideu foi morto, e Polinices

²⁶⁴ Essa narrativa foi baseada na *Thebaida* de Estácio (cf. *theb.* 1, 401) e em Lactâncio Plácido (*theb.* 1, 401; 402; 669). Cf. também Higino (*fab.* 69-69A) e Apolodoro (3, 6, 1).

²⁶⁵ Em outras fontes, registra-se a palavra *Passiopae* como *Periboea* (Peribeia) ou *Althaeae*, como em Apolodoro (*bibl.*, 1, 8, 4), que apresenta a forma *Periboea*; já em Lactâncio (*theb.* 1, 402) consta *Althaea*. Segundo Zorzetti e Berlioz (2003, p. 50), provavelmente deve ter ocorrido uma confusão com *Cassiope* ou *Cassiopeia*, esposa de Cefeu e mãe de Andrômeda.

²⁶⁶ A palavra que consta no manuscrito é *Maniplum* (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 50, n. 234).

também caiu morto com o irmão, devido aos ferimentos que infligiram um ao outro.

80. *Fabula Smicronis et Branchi*

1 *Cius quidam rex cum in peregrinatione pranderet in litore ac deinde proficisceretur, oblitus est filium, nomine Smicronem; ille peruenit in saltum patroni cuiusdam et cum esset receptus coepit cum suis pueris capras pascere. 2 Aliquando prendiderunt cy[n]gnum et illum ueste cooperuerunt; dum ipsi pugnant ut illum patrono munus offererent et, cum iam essent fatigati certamine, reiecta ueste mulierem inuenerunt. 3 Et cum fugerent, reuocati ab ea moniti sunt ut patronus unice Smicronem diligeret puerum; illi quae audierunt patrono indicauerunt. 4 Tunc patronus Smicronem pro suo filio nimio dilexit affectu eique filiam suam ducendam locauit uxorem. 5 Illa cum praegnans ex eo esset, uidit in somnis per fauces suas introisse solem et exisse per uentrem; infans editus ideo Branchus uocatus est, quia mater eius per fauces sibi uiderat uterum penetrasse. 6 Hic cum in siluis Apollinem osculatus esset, comprehensus est ab eo et accepta corona uirgaque uaticinari coepit et subito nusquam comparuit. 7 Templum ei factum est, quod Branchiadon nominatur; et Apollini pariter Philesia consecrata sunt templa, quae ab osculo Branchi, siue certamine puerorum, Philesia nuncupantur.*

80. Fábula de Esmicro e Branco²⁶⁷

1 Um rei, chamado Cio, enquanto viajava, parou na praia para almoçar e depois partiu, esquecendo seu filho, por nome Esmicro²⁶⁸. Este chegou à terra de um patrono e, como foi bem recebido, começou a pastorear as cabras com os filhos dele²⁶⁹. 2 Um dia eles capturaram um cisne e o cobriram completamente com uma

²⁶⁷ Essa narrativa foi retirada de um comentário de Lactâncio Plácido (*theb.* 8, 198) a Estácio. Segundo Zorzetti e Berlioz (2003, p. 50, n. 35), Lactâncio utilizou um fragmento da *Antiquitates rerum diuinarum* de Varrão. Além disso, destacam que podemos encontrar em Conon uma versão grega desse mito. Sobre isso, cf. Zorzetti; Berlioz (2003, p. 50, n. 35). Cf. também Mythogr. 2 (107).

²⁶⁸ O nome do rei na cópia de Lactâncio já tinha sido alterado em *Clus*. Posteriormente foi alterado para *Cius* no manuscrito do mitógrafo. Quanto ao nome *Smicron*, este também foi alterado para *Sinichron* (ZORZETTI; BERLIOZ 2003, p. 50, n. 36 e 37).

²⁶⁹ De acordo com Zorzetti e Berlioz (2003, p. 50, n. 38), o mitógrafo pode ter considerado o substantivo *patronus* como sendo um nome próprio, pois, como eles nos apresentam, em Conon, o nome é Eritarses. Além do mais, a palavra *patronus*, em grego é *πότρων* ('protetor', 'chefe'), derivada da palavra pai (*πατήρ*), que apresenta um sentido parecido.

roupa. Eles próprios começaram a lutar para ver quem deles ofereceria o presente ao patrono e, como já estavam cansados da luta, eles, tendo retirado a roupa, descobriram uma mulher. 3 Eles fugiram, mas tendo retornado, foram aconselhados por ela no sentido de que o patrono deveria cuidar especialmente do garoto Esmicro; eles relataram ao patrono o que tinham ouvido. 4 Então, o patrono considerou Esmicro como seu filho com grande estima e deu-lhe sua filha em casamento. 5 Como ela estava grávida dele, viu em um sonho que o sol entrava por sua boca e saía pelo seu ventre; por esse motivo, a criança gerada foi chamada Branco, porque a mãe dele o tinha visto entrar em seu ventre através de sua boca²⁷⁰. 6 Como Branco beijou Apolo na floresta, foi agarrado por ele, e tendo recebido uma coroa e um caduceu, começou a profetizar e, de repente, não apareceu em nenhuma parte. 7 Foi construído um templo para ele, o qual chamaram de *Branchiadon*; os templos *Philesia* também foram consagrados a Apolo, e receberam o nome de *Philesia* por causa do beijo de Branco ou por conta do combate dos jovens²⁷¹.

81. *Fabula Salmonei*

1 Salmoneus Elidorum rex fuit. 2 Qui, nimia felicitate elatus, suos ciues sacerdotes et sacra Iouis ad se transferre iussit sibique religiones illius et sacra impendi. 3 Hic uectus per aera curru imitabatur tonitrua et fa[s]ces <agitabat> in modum fulminis. 4 At Iouis uerum <fulmen torquens praecipitem in Tartara adegit.

81. Fábula de Salmoneu²⁷²

1 Salmoneu era o rei de Élide. 2 Ele, orgulhoso de tanta felicidade, ordenou que seus cidadãos sacerdotes transferissem o culto dedicado a Júpiter e as honras dele para si, impedindo a adoração. 3 Ele, transportado em sua carruagem em bronze,

²⁷⁰ O vocábulo *Branchus* (βράγχος) em grego significa 'ronquidão'.

²⁷¹ A palavra *Branchiadon* se refere aos Brânquidas, os descendentes de Branco e sacerdotes de Apolo. Com relação ao vocábulo *Philesius*, esse é um epíteto a Apolo, que deriva do predicador verbal grego *φιλεῖν*, em que dentre várias acepções significa 'amar', quando esse é formado pela preposição *κατά* mais o predicador verbal *φιλεῖν*, resulta no verbo *κατάφιλεῖν* que pode significar 'beijar'.

²⁷² Essa narrativa provavelmente pode ter sido baseada em Virgílio (*Aen.* 6, 585-94) e Sêrvio (*Aen.* 6, 585 e 588). Cf. também Apolodoro (1, 9, 7); *Mythogr.* 2 (74).

imitava trovões e lançava tochas como raios²⁷³. 4 Mas Júpiter, lançando o verdadeiro raio, jogou-o, precipitando para o Tártaro.

82. *Fabula Aloeï, Oti et Ephialtes*

1 Aloeus Iphimediam uxorem habuit; quae compressa a Neptuno duos peperit, Otum et Ephialtem, qui digitis nouem per singulos menses crescebant. 2 Freti namque altitudine, caelum uoluerunt subuertere, sed confixi sunt Dianae et Apollinis telis.

82. Fábula de Aloeu, Oto e Efiates²⁷⁴

1 Aloeu era casado com Ifimedia. Ela foi violentada por Netuno e pariu dois, Oto e Efiates, que cresciam nove dedos a cada mês. 2 Na verdade, confiantes em seu tamanho, eles queriam destruir o céu, mas foram perfurados pelas flechas de Diana e Apolo.

83. *Fabula Caeculi*

1 Quidam enim infans, expositus a quodam famulo iuxta focum, in quo soliti erant pastores ignem accendere, calore ductus sese in calentes cineres misit inuentusque a pastoribus Vulcani filius creditus est et ab illis educatus; Caeculus est appellatus, quia paruulos ex igne habebat oculos. 2 Qui ad puberem aetatem ueniens, ciuitatem in montibus construxit, quam Praeneste uocauit; uidensque illam frequentari, extruxit theatrum ligneum, ut finitimae gentes ad eam urbem concurrerent. 3 Praeneste oppidum eo tempore a Caeculo est constructum. 4 Cumque nullus eum filium crederet Vulcani, faces tradidit amicis suis et signo dato spectatores flamma circumseptos inuasit; rogatusque et probatus filius esse Vulcani, flammam exstinxit.

²⁷³ Em Sêrvio, temos: *fabricato ponte aereo* (“fabricada uma ponte em bronze”).

²⁷⁴ Essa narrativa foi baseada em Sêrvio (*Aen.* 6, 582). Cf. *Mythogr.* 2 (73).

83. Fábula de *Caeculus*²⁷⁵

1 Um dia uma criança foi abandonada por um servo próximo a uma lareira, onde os pastores costumavam ascender fogo; atraída pelo calor, ela se atirou nas cinzas quentes. Os pastores que a haviam encontrado acreditavam que a criança era filha de Vulcano e a criaram; ela foi chamada de *Caeculus*, porque tinha os olhos muito pequenos devido ao fogo²⁷⁶. 2 Quando chegou a adolescência, fundou uma cidade nas montanhas, que chamou de Preneste²⁷⁷. *Caeculus*, vendo que ela era frequentada, construiu um teatro de madeira para que os povos vizinhos para lá se dirigissem. 3 Naquela época, a cidade de Preneste foi fundada por *Caeculus*. 4 Como ninguém acreditava que era filho de Vulcano, ele entregou tochas a seus amigos e, com o sinal dado, ele avançou entre os expectadores então cercados pela chama; e, suplicado e aprovado como filho de Vulcano, fez desaparecer as chamas.

84. *Fabula trium Proetidum*

1 *Proetides Proeti, regis Argiuorum, de Sanabilia siue Sthenoboea uxore eius filiae natae fuerunt; quarum haec sunt nomina: Cresipe, E[tl]finoe, Efianasa.* 2 *Quae insolentius gloriantes Iunoni suam formam praetulerunt et hoc sentiens Iuno in insaniam conuertit eas, quod putabant se uaccas esse et quaerebant in capitibus cornua et non inueniebant et dabant mugitus confusos usque dum a quodam Melampode sanatae sunt.*

²⁷⁵ A fonte dessa narrativa parece ser desconhecida. Contudo, podemos notar que ela foi construída a partir de diferentes fontes. Para as partes de 2-4, é possível que o autor tenha se baseado em Sêrvio (*Aen.* 7, 678) apesar de se perceber a existência de outras fontes. Já a parte 1, parece ter sido baseado nos *Scholia Veronensia* (*Aen.* 1, 1) entre outras fontes. Sobre isso, cf. Zorzetti e Berlioz (2003, p. 52, n. 246). Cf. tb. *Probus Aen.* (7, 681); *Mythogr.* 2 (211).

²⁷⁶ Nessa narrativa, é possível perceber a relação de *Caeculus* (Céculo) com a palavra *caecus* ('cego'). Na verdade, como a criança havia sido encontrada próximo ao fogo, diz-se que Céculo recebeu este nome por causa da fumaça do fogo, que tinha provocado uma irritação nos seus olhos.

²⁷⁷ *Praeneste*, a atual Palestrina, é uma cidade localizada no Lácio. A fundação dessa cidade é atribuída a Céculo, filho de Vulcano (GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Céculo*).

84. Fábula das três Prétides²⁷⁸

1 As Prétides eram filhas de Preto, rei dos Argivos, que nasceram de sua esposa Sanabila ou Estenebeia; elas eram chamadas de Crisipe, Ifínoe, Ifianassa²⁷⁹. 2 Elas, se vangloriando com arrogância, pretendiam superar Juno em beleza. Juno, percebendo isso, atingiu-as com a loucura: elas pensavam que eram vacas e procuravam chifres em suas cabeças, mas não os encontravam. Então elas deram mugidos confusos, até que foram curadas por alguém chamado Melampo²⁸⁰.

85. *Fabula Pieridum*

1 Pieri, regis Macedoniae, et Enipae nouem filiae insolentius dum gloriantur, Musas in certamina prouocauerunt cantus. 2 Quarum una carmen exorsa est, quod gigantes aduersus deos contenderint, ex quibus Typhoeus terrigena deformitate terruisset deos compulsos in Aegyptum. 3 Ibi Iuppiter ob metum in arietem uersus est, Apollo in coruum, Liber in caprum, Diana in felem, Iuno in uaccam, Venus in piscem. 4 Inuicem autem Musae cum Cereris laudem cecinissent et qualiter Typhoeus Aetnae, monti[s] Siciliae, subiectus esset, Pierides uictae in picas sunt transfiguratae.

85. Fábula das Piérides²⁸¹

1 Como as filhas de Piero, rei da Macedônia, e de Evipe se vangloriavam com arrogância, elas chamaram as Musas para um concurso de canto²⁸². 2 Uma delas

²⁷⁸ De acordo com Zorzetti e Berlioz (2003, p. 52, n. 248), essa narrativa é parecida com a de Sérvio (*buc.* 6, 48), porém parece que o mitógrafo faz uso de outras fontes, como de um comentário a Virgílio, provavelmente o mesmo comentário utilizado em outras narrativas (cf., *fab.*, 1, 24; 1, 86; 1, 88; 1, 96; 2, 74; 2, 75; 2, 77). Cf. também Lactâncio (*theb.* 3, 453); Phirlarg. (*buc.* 6, 48); Mythogr., 2 (86).

²⁷⁹ O nome *Sanabilia* remonta à fonte, ele foi alterado por Mai para *Antia*. Quanto às palavras corrompidas, Zorzetti e Berlioz (2003 p. 52) as mantiveram no texto.

²⁸⁰ Melampo, filho de Amitáon e Idómene, era um adivinho e esposo de uma das filhas de Preto. Diz-se que Melampo quando ainda criança adquiriu o dom da adivinhação por prestar honras fúnebres a uma serpente fêmea morta. Os filhos da serpente, em agradecimento, purificaram os ouvidos de Melampo com a língua, que passou a ter o dom de ouvir a linguagem dos pássaros e de todos os animais. Esse adivinho foi quem curou as filhas de Preto, quando elas foram acometidas pela loucura de Juno (GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Melampo*).

²⁸¹ Essa narrativa foi baseada nas *Narrationes fabularum Ouidianarum* (5, 5)

começou a cantar um poema, que fazia lembrar a luta dos gigantes contra os deuses: Tífon, nascido da terra, tinha aterrorizado os deuses – por sua aparência monstruosa – que foram levados ao Egito. Chegando lá, por medo, Júpiter se transformou em um carneiro, Apolo em um corvo, Liber em um bode, Diana em um gato, Juno em uma vaca, Vênus em um peixe. 4 Mas, como as Musas, por sua vez, tinham cantado a glória de Ceres e como Tífon tinha sido enterrado no Eta, monte da Sicília²⁸³, as Piérides, derrotadas, foram transformadas em pegas²⁸⁴.

86. *Fabula Ouistae*

1 *Ouista, pastor, filius Ynen regis, cum uideret caprum, a <g>rege saepius discedentem, eum secutus uuam depascentem inuenit in ripa Acheloi fluminis. 2 Quam statim expressit ac de aqua Acheloi fluminis, iuxta quam fuerat inuenta, commiscuit obtulitque regi; qui suo nomine graeco sermone ynen, id est uinum, appellauit.*

86. Fábula de Orista²⁸⁵

1 Como o pastor Orista, filho do rei *Ynen*, percebeu que sua cabra se afastava muitas vezes do rebanho²⁸⁶, tendo-a seguido, encontrou-a nas margens do rio Aqueloo comendo cachos de uva²⁸⁷. 2 Orista imediatamente apertou as uvas e misturou com a água do rio Aqueloo, próximo ao lugar onde havia encontrado as

²⁸² O nome *Enipae* é uma forma corrompida da palavra *Eoipe*. Esse nome provavelmente já estava alterado nas *Narrationes fabularum Ouidianarum*, fonte que foi utilizada pelo mitógrafo. (ZORZETTI; BERLIOZ 2003, p. 53, n. 253)

²⁸³ Zorzetti e Berlioz (2003, p. 53, n. 253) propuseram a modificação da palavra *montis* para *monti*. Contudo, conforme orientam, o mitógrafo manteve a forma alterada da palavra encontrada na fonte.

²⁸⁴ No mito, é relatado que as Piérides foram transformadas em pegas, que são uma espécie de pássaro.

²⁸⁵ A fonte dessa narrativa é desconhecida. É possível que o mitógrafo tenha utilizado um comentário a Virgílio, o mesmo utilizado como fonte em outras fábulas (cf. *fab.* 1, 24; 1, 84; 1, 88; 2, 75; 2, 77). Além do mais, essa história é encontrada em outras fontes com as mesmas alterações. Em *Seruius auctus* (*georg.* 1, 8), podemos encontrar uma versão parecida com essa do mitógrafo (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 53, n. 255). Cf. tb. *Exp. georg.* (1, 9).

²⁸⁶ O mitógrafo já teria encontrado a alteração de *enim Oenei* para *Ynen*. Na verdade, *Oenei* é Eneu, rei de Cálidon, uma cidade localizada na Etólia (ZORZETTI; BERLIOZ, 2003, p. 53, n. 255).

²⁸⁷ O Aqueloo é um rio da Grécia que separa a Etólia da Acarnânia.

uvas. Ele trouxe isso ao rei que chamou, pelo seu nome no idioma grego, *Ynen*, que é o vinho²⁸⁸.

87. *Fabula Liberi, Sileni et Midae regis et Pactoli fluuii*

1 *Liber Thracia digressus, cum in Tmolo monte iter ageret, Silenus nutritor eius a Phrygibus captus ad Midam regem ductus est. 2 Silenus autem, agnitus ab eo, acceptus est et Libero aduenienti redditus; et ob beneficium optandi deus arbitrium ei dedit, si quid uellet, a se petere. 3 Ille uero petit ut quae contigisset aurum fierent, quod inutile fuit. 4 Nam coepit sui uoti effectum torqueri, quia quicquid tetigerat, aurum statim efficiebatur. 5 Cui petenti, ut restitueretur sibi, fecit; iussit enim ut ad flumen Pactolum perueniret ibique <se> subponeret et sic rediret in pristinum statum. 6 Quo facto Pactolus deinceps arenas aureas trahere dicitur.*

87. Fábula de Liber, Silene, rei Midas e o rio Pactolo²⁸⁹

1 Quando Liber, saindo da Trácia, passava pelo monte Tmolos, Silene, que o criou, foi capturado pelos Frígios e levado para o rei Midas²⁹⁰. 2 Mas Silene, sendo reconhecido pelo rei, foi recebido com hospitalidade e foi devolvido quando Liber chegou. O deus, em agradecimento, deu-lhe a oportunidade de pedir o que ele queria. 3 O rei pediu para que todas as coisas se transformassem imediatamente em ouro quando ele tocasse, o que foi algo vão. 4 De fato, Midas começou a sofrer as consequências de seu desejo, porque qualquer coisa que tocava, imediatamente se tornava ouro. 5 Ao seu pedido, para que tudo voltasse ao que era antes, Liber concedeu. O deus ordenou que o rei Midas fosse ao rio Pactolo e mergulhasse, assim recuperaria imediatamente seu estado primitivo. 6 A partir disso, se diz que Pactolo carrega areias douradas.

²⁸⁸ A palavra *ynen*, ou melhor *onion*. Em grego οἶνος, que significa 'vinho', está intimamente relacionada com *Oineus* (Eneu).

²⁸⁹ Para essa narrativa, o mitógrafo misturou as histórias das *Narrationes Fabularum Ouidianarum* (11, 3: 1-3 et 5, 6) e das *Mythologiae* de Fulgêncio (*myth.* 2, 10: 4). Cf. também *Seruius auctus* (*Aen.* 10, 142); *Mythogr.* 2 (140).

²⁹⁰ Tmolo é uma montanha localizada na Lídia.

88. *De ortu Pan<is>*

1 *Post mortem Vlixis Mercurius cum uxore eius Penelope concubuit, quae sibi iuxta oppidum Tegeum peperit filium, Pan nomine. 2 Vnde et Tegeus dicitur.*

88. Sobre o nascimento de Pã²⁹¹

1 Após a morte de Ulisses, Mercúrio se deitou com a esposa dele, Penélope, que deu à luz a um filho de nome Pã perto da cidade de Tégea²⁹². Por essa razão, Pã também é chamado Tégea²⁹³.

89. *Fabula Pan<is>*

1 *Pan cum Tmolum, montem Lydiae, frequentans fistula se oblectaret, Apollinem in certamen euocauit iudice Tmolo, cuius mons erat. 2 Itaque cum Apollini uictoria esset adiudicata, Midae regi assidenti soli displicuit; quam ob causam deus iratus aures eius asininas fecit. 3 Ille criminis sui notam tonsori tantum ostendit, praecipiens ei ut [ut], si crimen eius celaret, participem eum regni efficeret. 4 Ille in terram fodit et secretum domini sui in defosso terrae dixit et operuit; in eodem loco calamus est natus. 5 Vnde sibi pastor tibiam faciens, quae cum percutiebatur dicebat «Mida rex aures asininas habet! » — nihilominus quod ex terra conceperat. 6 Quidam tradunt non Pan, sed Marsyam cum Apolline certasse.*

²⁹¹ A fonte dessa narrativa parece que é desconhecida. Contudo, parece que ela foi construída a partir de um comentário a Virgílio, provavelmente o mesmo comentário utilizado em outras narrativas (cf., *fab.* 1, 24; 1, 86; 1, 96; 2, 74; 2, 75; 2, 77). Sobre isso, cf. Zorzetti e Berlioz (2003, p. 54, n. 261). Cf. também *Breuis expositio* (*georg.* 1, 17) et *Seruius auctus* (*georg.* 1,16; *Aen.* 2, 44).

²⁹² Cidade da Árcadia.

²⁹³ Tégea é um epíteto de Pã que aparece nas *Geórgicas* (1, 18) de Virgílio.

89. Fábula de Pã²⁹⁴

1 Enquanto Pã frequentava o Tmolos, monte da Lídia, se divertindo com sua flauta, ele desafiou Apolo para uma luta, tendo como juiz Tmolo, que era o monte. 2 Como a vitória foi atribuída a Apolo, o rei Midas, tendo assistido sozinho, ficou aborrecido; por causa disso, o deus irado deu-lhe orelhas de burro. 3 Midas mostrou a marca de seu crime somente ao barbeiro, tendo avisado a ele que, se mantivesse em silêncio o seu crime, prometeria associá-lo ao poder. 4 O barbeiro cavou a terra, contou o segredo de seu mestre ao buraco na terra e o tampou. Naquele lugar nasceu uma cana. 5 Daí o pastor tendo feito com ela uma flauta para si, quando a tocava, ela cantava: “O rei Midas tem orelhas de burro!”; aquelas coisas ele recebeu da terra. 6 Alguns contam que não foi Pã, mas Midas quem enfrentou Apolo²⁹⁵.

90. *Fabula Arachne<s> et Mineruae*

1 *Arachne Lydia, Idmonis et Ippopis filia, studio lanificii famam quae>sierat.* 2 *Cumque materna industria cunctas praecessisset in opere faciendo, festis diebus insolentius gloriata est quam mortalem decuerat; nam Mineruam in certamen prouocauit.* 3 *Quae in anum uersa in hoc ad eam uenit, ut eius audaciam compesceret; quam cum uidisset in certamine permanentem, reuersa in suam speciem opere proposito in certamen descendit.* 4 *Sed uicta Arachne cum contumeliose a Minerua pulsa esset, suspendio se affecit; propter studium autem, quod a Minerua acceperat, in araneam uersa est, ut opere inutili nullum sui effectum capere posset.*

90. Fábula de Aracne e Minerva²⁹⁶

²⁹⁴ Para essa narrativa, o mitógrafo misturou as histórias das *Narrationes Fabularum Ouidianarum* (11, 4: 1-2) e das *Mythologiae* de Fulgêncio (*myth.* 3, 9: 3-5). Contudo, as versões da história não são parecidas, pois enquanto encontramos Pã e o juiz Tmolos nessa narrativa, em Fulgêncio encontramos Mársias e Midas. Além disso, conforme Zorzetti e Berlioz (2003, p. 54, n. 264), o compilador possivelmente não utilizou as *Narrationes Fabularum Ouidianarum* para o final da história, devido à cópia do texto estar corrompida. Cf. *Mythogr.* 1 (122); *Mythogr.* 2 (138 e 139).

²⁹⁵ Sobre isso, cf. Fulgêncio (*myth.*, 3, 9).

²⁹⁶ Essa narrativa foi baseada nas *Narrationes Fabularum Ouidianarum* (6, 1).

1 Aracne era uma jovem da Lídia, filha de Ídmon e de *Ippopis*²⁹⁷; ela adquiriu fama na arte de tecer lã. 2 Com o zelo materno, ela superou a todos na realização desse tipo de trabalho. Durante os dias festivos, ela se vangloriava com orgulho mais do que convinha a um mortal; na verdade, ela desafiou Minerva para uma disputa. 3 Minerva, transformada em uma velha, foi até ela, para conter a sua audácia. Como viu que Aracne persistia em sua disputa, ela retornou a sua aparência para competir e, com a tarefa proposta, entrou na disputa. 4 Mas Aracne, derrotada, foi expulsa com desprezo por Minerva e se enforcou. No entanto, devido ao seu talento, que recebera de Minerva, ela foi transformada em uma aranha, para que ela não pudesse obter nenhum sucesso com seu trabalho inútil.

91. *Fabula Alcestae*

1 Admetus, rex Graeciae, Alcestam in coniugio petit. 2 Cuius pater edictum proposuerat, ut, si quis duas feras sibi dispares suo curru iungeret, ipse illam in coniugio acciperet. 3 Is Admetus Apollinem atque Herculem petit et ei ad currum leonem et aprum iunxerunt; itaque Alcestam in coniugium accepit. 4 Cum in infirmitatem cecidisset Admetus et mori se comperisset, Apollinem deprecatus est; ille uero dixit se ei aliquid non posse praestare, nisi si quis se de eius propinquis ad mortem pro eo uoluntarie obtulisset, quod uxor effecit. 5 Itaque Hercules dum ad Tricerberum canem abstrahendum descenderet, etiam ipsam de inferis leuat. 6 Admetum [de]posuerunt in modum menti<s>, sed Alcestam pro praesumptione.

91. Fábula de Alceste²⁹⁸

1 Admeto, rei da Grécia, pediu Alceste em casamento. 2 O pai dela anunciou que daria sua filha em casamento para quem colocasse dois animais diferentes sob o mesmo jugo em sua carruagem. 3 Admeto pediu ajuda a Apolo e Hércules, e eles atrelaram um leão e um javali em sua carruagem; e assim ele se casou com Alceste. 4 Como Admeto adoeceu e sua morte estava se aproximando, ele pediu ajuda a

²⁹⁷ De acordo com Zorzetti e Berlioz (2003, p. 55, n. 267), a palavra que aparece no manuscrito é *Edomnis*. *Hypaepa* é o nome cidade da Lídia, o lugar onde nasceu a mãe de Aracne. Sobre isso, cf. Zorzetti e Berlioz (2003, p. 55, n. 268).

²⁹⁸ Essa narrativa foi baseada nas *Mytologiae (myth. 1, 22)* de Fulgêncio. Cf. *Mythogr. 2 (177, 2-14)*.

Apolo; este lhe disse que não poderia fazer nada por ele, a menos que alguém de seus parentes se oferecesse voluntariamente para morrer por ele, o que Alceste fez. 5 Assim, quando Hércules desceu aos infernos para arrancar o cachorro de três cabeças, Cérbero, ele também a tirou dos infernos. 6 Costuma-se, pois, compreender Admeto como alegoria para a razão e Alceste como alegoria para coragem²⁹⁹.

92. *Fabula Neptuni et Amyci*

1 Neptunus, cum incidere in amorem Melopae nymphae, habuit ex ea[m] filium Amycum, Bebryciorum regem. 2 Qui effracta lege solitus erat uenientes hospites ad se recipere et cogebat eos cestibus secum dimicare uictorque existens interficiebat eos. 3 Hanc eius feritatem cum multi essent perpessi, nouissime in eodem certamine superatus morte multatus est a Polluce, qui cum Argonautis pellem auream Colchis petebat.

92. Fábula de Netuno e Âmico³⁰⁰

1 Como Netuno era apaixonado de amor pela ninfa Melopeia, ele teve com ela o filho Âmico, rei dos Bébrices³⁰¹. 2 Este, violando a regra da hospitalidade, estava acostumado a receber os estrangeiros que chegavam até ele forçando-os a lutar consigo, e quando saía vitorioso, os matava. 3 Muitos tinham sofrido com sua crueldade, mas finalmente ele foi superado em uma dessas lutas e foi morto por Pólux, que seguia com os Argonautas para a Cólquida à procura do velo de ouro.

²⁹⁹ Fulgêncio parte da etimologia da palavra refletindo sobre a *métis*, em grego *μητις* ('razão'), e a *ἀλκή* ('força').

³⁰⁰ Essa narrativa foi baseada em um comentário de Estácio a Lactâncio Plácido (*theb.* 3, 353). Cf. Apollod. 1, 9, 20); Mythogr. 2, 163.

³⁰¹ A mãe de Âmico nessa narrativa é *Melopeia*. Contudo, Zorzetti e Berzlioz (2003, p. 56, n. 272) afirmam que a forma correta é *Melie* e que, possivelmente o compilador tenha encontrado esse nome já alterado para *Melope* em Lactâncio. Em relação aos Bébrices, estes eram os habitantes da Bebrícia, uma região localizada na Ásia Menor que posteriormente foi chamada de Bitínia.

93. *Fabula Neptuni et Erycis*

1 *Cum animaduertisset Neptunus Venerem spatiantem in litore Siculi maris, eam compressit; ex quo grauida facta filium peperit, quem nominauit Erycem.* 2 *Qui cum in Sicilia regnaret, uiribus suis fidens legem posuit uenientibus ad se ut secum cestibus decertarent.* 3 *Quo cum uenisset Hercules et ex Hispania ageret armenta Gery[gi]lonis, cum eo congressus est eumque superatum interfecit.* 4 *A cuius nomine mons Siciliae Eryx nominatur.*

93. Fábula de Netuno e Érice³⁰²

1 Como Netuno tinha visto Vênus caminhado nas margens do mar da Sicília, ele a violentou; estando grávida dele, ela deu à luz um filho, que chamou Érice³⁰³. 2 Enquanto ele reinou na Sicília, confiante em suas forças, ele impôs aos que chegavam até ele a obrigação de lutar consigo. 3 Hércules, passando por lá enquanto trazia da Espanha o rebanho de Gerião, lutou com ele e, tendo vencido, o matou. O monte Érice, na Sicília, é chamado pelo seu nome.

94. *Fabula Arion<is> et delphini*

1 *Arion autem inter delphinas: Lesbios citharoedus optimus fuit.* 2 *Qui cum Tarento Corinthum cum multis opibus peteret et uideret sibi in mari tendi insidias a nautis, petit ut paululum cithara caneret.* 3 *Ad cuius sonum cum delphini conuenissent, se excussit supra unum et ita imminens uitauit periculum.*

94. Fábula de Aríon e os golfinhos³⁰⁴

1 Aríon, entre os golfinhos, foi um excelente citaredo de Lesbos³⁰⁵. 2 Quando saiu de Tarento, ele foi para Corinto com muitas riquezas e viu que, no mar, os

³⁰² A fonte dessa narrativa é desconhecida, mas é possível perceber que há umas passagens parecidas com a versão de outros autores, como a alusão à luta entre Hércules e Érice que aparece em Virgílio (*Aen.* 5, 24 e 410-414). Cf. Sérvio (*Aen.* 1, 570 e 5, 24); Higino (*fab.* 260); Mythogr. 2 (179).

³⁰³ Em outras versões do mito, a paternidade de Érice é atribuída a *Butae* (Butes). Cf. *fab.* 1, 53.

³⁰⁴ Essa narrativa foi baseada em Sérvio (*buc.* 8, 55). Cf. Mythogr. 2 (199).

marinheiros lhe puseram uma armadilha. Então ele pediu para cantar um pouco, acompanhado de sua cítara. 3 Como os golfinhos se reuniram para ouvir seu canto, ele se jogou em cima de um deles e assim escapou do perigo que o ameaçava.

95. <De oraculo columbarum>

1 *In Epiro dicitur nemus fuisse, in quo responsa dabant columbae.* 2 *Quod ideo fingitur, quia lingua Thessall[i]a peliades et columbae et uaticinatrices dicuntur.*

95. Sobre o oráculo das pombas³⁰⁶

1 Dizem que no Epiro havia um bosque, em que as pombas davam oráculo. 2 Tudo isso é imaginado assim porque, na linguagem dos Téssalos, *pelíades* querem dizer pombas ou advinhos³⁰⁷.

96. *Fabula Antiopae, Zethi et Amphion<is>*

1 *Antiopa, Nyctei filia, ab Epapho per dolum est stuprata; quae ob id a uiro Lyco est uieiecta; qua pulsa, Dircen duxit uxorem, <cui suspicio incidit uirum suum clam cum Antiopa concubuisse> imperauitque famulis, ut Antiopam uinctam in tenebras clauderent.* 2 *Cui cum partus instaret, Iouis uoluntate effugit uincula et in monte Cithaerone — seu Aracyntho — partum exposuit natosque Zethum et Amphionem proiecit.* 3 *Hos pastor quidam pro suis educauit; quos postea cum mater agnouisset, illi iniurias eius exsecuti Lycum interfecerunt; Dircen uero tauro indomito religatam uita priuauerunt.* 4 *De cuius sanguine palus Dirce[n], quae est Thebis, facta esse dicitur.* 5 *Quorum unus Amphion studium citharae habuit et sic citharizare dicitur, ut montes et siluas ac saxa ad se uocare dicatur; quae saxa ac lapides Zethus, frater eius, ad Thebas duxit; diciturque earum Thebarum inde struxisse muros.* 6 *Dircaeus uero Amphion a Dirca fonte[m] appellatus,*

³⁰⁵ A passagem *Arion autem inter delphinas* é uma paráfrase baseada em Vigílio (*buc.* 8, 55).

³⁰⁶ Essa narrativa foi baseada em Sêrvio (*buc.* 9, 13). Quanto ao oráculo das pombas, esse também é conhecido como o oráculo de Dodona, localizado na cidade do Epiro.

³⁰⁷ A palavra grega *πελειάδες*, em latim *pelíades*, pode significar tanto ‘pomba’ quanto o nome do ritual das sacerdotisas de Dodona. Sobre isso, cf. Dain (1995, p. 99, n. 1).

quia matrem eius dii in fontem Dircam mutauerint; qui est Thebis ortus sanguine matris eius, in Actaeo Aracyntho.

96. Fábula de Antíope, Zeto e Anfião³⁰⁸

1 Antíope, filha de Nictaide, foi violada devido a um ardil de Épafo; por conta disso, ela foi violentamente perseguida por seu esposo Lico³⁰⁹; ele, tendo-a expulsado, se casou com Dirce – que suspeitava que seu esposo a tivesse traído às escondidas com Antíope – e ordenou aos seus escravos que prendessem e escondessem Antíope na escuridão. 2 Mas quando estava prestes a dar à luz, ela escapou das correntes, conforme a vontade de Júpiter, e foi dar à luz no monte Citéron, ou Aracinto, e abandonou seus filhos nascidos Zeto e Anfião³¹⁰. 3 Um pastor os criou como seus filhos. Posteriormente, como sua mãe os reconheceu, eles mataram Lico, tendo vingado as injustiças que sua mãe havia sofrido dele; eles tiraram a vida de Dirce amarrando-a a um touro selvagem. 4 A partir do sangue dela é dito que foi formado o pântano de Dirce, que está localizado em Tebas. 5 Um dos filhos, Anfião, era apaixonado pela cítara e assim diz-se que ele tocava para chamar os montes, as florestas e as rochas para si. Seu irmão Zeto transportou essas rochas para Tebas e diz-se que teria erguido os muros da cidade Tebas. Na verdade, Anfião foi chamado Dirceu por causa da fonte de Dirce, porque os deuses haviam transformado sua mãe na fonte Dirce, que surgiu do sangue da mãe dele em Tebas, no Aracinto Ático³¹¹.

³⁰⁸ Para as partes de 1-3, o compilador utilizou Lactâncio Plácido (*theb.* 4, 570; 3, 205). Já as partes de 5-6 são de fontes desconhecidas. Contudo, é provável que o compilador tenha utilizado um comentário a Virgílio, provavelmente o mesmo utilizado em outras narrativas (cf. *fab* 1, 24, 1, 84, 1, 86, 1, 88, 2, 74, 2, 75, 2, 77). Cf. tb. Virgílio (*buc.* 2, 24); Higino (*fab.* 7); Mythogr. 2 (92).

³⁰⁹ A narrativa parece apresentar uma lacuna aqui, pois Antíope foi perseguida por Dirce, não por Lico.

³¹⁰ A passagem seu Aracyntho é uma alteração realizada pelo compilador. Na versão grega da narrativa, Dirce é associada a Citéron, uma montanha localizada entre a Ática e a Beócia.

³¹¹ *Dircaeus* (Dirceu) é um epíteto de Anfião. Sobre isso, cf. Virgílio (*buc.* 2, 24) e Estácio (*achill.* 1, 12). É possível perceber aqui uma confusão na história, pois Anfião era filho de Antíope, não de Dirce.

97. *Fabula Nyctimone<s>*

1 *Nyctimone, postquam cum patre concubuit et agnouit facinus, se in siluis abdidit et lucem refugit; ubi deorum miseratione conuersa est in auem.* 2 *Quae pro tanto facinore auibus est ammirationi.*

97. Fábula de Nictímene³¹²

1 Nictímene, depois que dormiu com o pai e percebeu o crime que cometera, se escondeu na floresta e se afastou da luz do dia; onde, por misericórdia dos deuses foi transformada em um pássaro³¹³. Por causa de tamanho crime, os pássaros a veem com espanto.

98. *Fabula Glauci*

1 *Glaucus piscator fuit de Anthedone ciuitate.* 2 *Qui cum captos pisces super herbam posuisset in litore et illi recepto spiritu maria petissent, sensit quandam herbarum potentiam; quibus esis conuersus est in numen marinum.*

98. Fábula de Glauco³¹⁴

1 Glauco era um pescador da cidade de Antédon³¹⁵. 2 Depois de pescar no litoral, ele pôs os peixes sobre a erva, e eles, tendo recuperado sua vida, retornaram ao mar. Ele entendeu o poder de certas ervas; após comê-las, foi transformado em um deus marinho.

99. *Fabula Glauci et Veneris*

1 *<P>otnia ciuitas est, de qua fuit Glaucus.* 2 *Qui cum sacra Veneris sperneret, illa irata equalibus inmisit furorem, quibus utebatur ad currum, et eum morsibus dilacerauerunt.*

³¹² Esse texto teve como fonte Sérvio (*georg.* 1, 403).

³¹³ Em outras versões, Nictímene aparece transformada em uma coruja. Sobre isso, cf. Ovídio (*met.* 2, 590 sqq) e Higino (*fab.* 204).

³¹⁴ Essa narrativa foi baseada em Sérvio (*georg.* 1, 437). Cf. tb. Mythog. 1 (1, 3); Mythogr. 2 (195).

³¹⁵ *Anthedone* é uma cidade da Beócia. Glauco era um pescador, filho de Atédon e Alcíone; outros dizem que ele era filho de Posídon e de uma Náíade (GRIMAL, *DMGR*, s. v. *Glauco*).

3 *Hoc ideo fingitur, quod eis furorem Venus immiserit, quia dilaniatus est Glaucus effrenatis nimia cupiditate equalibus, cum eas prohiberet a coitu, ut essent uelociores.*

99. Fábula de Glauco e Vênus³¹⁶

1 Pótnia é a cidade de onde veio Glauco³¹⁷. 2 Como ele não aceitava os dias de festa de Vênus, ela irada enviou um furor para as éguas que ele prendia à sua carruagem: Elas o fizeram em pedaços. 3 Imagina-se que Vênus enviou o furor às éguas apenas por uma razão: porque Glauco foi despedaçado por éguas desenfreadas pelo excessivo desejo, uma vez que ele proibiu que elas se acasalassem, para que fossem mais velozes.

100. *Fabula Chelone* et Mercurii

1 *Virgo quaedam Chelone nomine linguae impatientis fuit. 2 Verum cum Iuppiter Iunonem sibi nuptiis iungeret, praecepit Mercurio ut omnes deos et homines atque animalia ad nuptias uocaret. 3 Quibus sola Chelone irridens et detrahens nuptiis uenire contempsit. 4 Quam cum Mercurius non uenire notaret, denuo descendit ad terras et aedes Chelonis, super fluuium positas, praecipitavit in mare; ipsam Chelonem in animal sui nominis conuertit, quam nos testudinem dicimus, fecitque ut pro poena dorso tectum prona portaret. Vnde incuruatis aedificiis hoc est nomen impositum.*

100. Fábula de Quelone e Mercúrio³¹⁸

1 Uma virgem por nome Quelone não conseguia segurar sua língua. 2 Enquanto Júpiter se preparava para se casar com Juno, ele ordenou a Mercúrio que convidasse todos os deuses, homens e até os animais para seu casamento. 3 Somente Quelone, tendo zombado e menosprezado do casamento, desdenhou em ir até lá. 4 Como Mercúrio percebeu que ela não veio, ele desceu novamente a terra e lançou a casa de Quelone no mar, que foi construída sobre um rio; depois

³¹⁶ Essa narrativa foi baseada em Sêrvio (*georg.* 3, 268). Cf. tb. *Mythogr.* 2 (90).

³¹⁷ *Potnia* ou *Potniae* é uma cidade da Beócia. Glauco era filho de Sísifo.

³¹⁸ A fonte dessa narrativa é desconhecida. Essa mesma história pode ser encontrada em *Servius auctus* (*Aen.* 1, 505).

transformou Quelone em um animal com seu nome, que nós chamamos de tartaruga, e, como punição, ele a fez carregar o teto nas costas, inclinando-se para a frente³¹⁹. Daí esse nome foi dado às construções curvadas.

³¹⁹ A palavra *Chelone* no idioma grego (χελώνη) significa 'tartaruga'.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta dissertação consistiu em um estudo introdutório, tradução e notas do Livro I do *Primeiro Mitógrafo do Vaticano* e esperamos ter podido chegar a esse objetivo com êxito. Embora saibamos que a pesquisa de que decorreu este trabalho sobre o Primeiro Mitógrafo é provavelmente a primeira a ser realizada no Brasil, a tradução aqui proposta é apenas uma dentre todas as que possam surgir a partir desta. Assim, podemos pensar e considerar que essa tradução para a língua portuguesa é a primeira a evocar novos trabalhos que poderão surgir na área do Estudos Clássicos acerca dos três Mitógrafos do Vaticano.

Tendo em vista que o mitógrafo objeto desta dissertação não é situado como parte do rol de autores considerados cânones nos Estudos Clássicos, o estudo e a tradução de uma obra como essa, composta durante a Idade Média, sendo o autor anônimo, cristão e considerado marginal na área, são tarefas que podem ser vistas como um “estudo menor” por não fazerem parte dos autores considerados clássicos. No entanto, acreditamos que seja uma considerável conquista para a Universidade, especialmente para área de Clássicas.

Em um primeiro momento, abordamos sobre o estabelecimento da mitologia, do que entendemos por mito, e da mitografia, com a descrição dos principais autores considerados mitógrafos e as principais obras mitográficas. Em seguida, apresentamos de que forma a mitografia e a mitologia influenciaram na manutenção dos mitos clássicos por meio de diversas formas de interpretação: a histórico-racionalista ou evemerista, a física, a psicológica e a moral.

Discutimos, também, sobre os denominados Mitógrafos do Vaticano, principalmente acerca do Primeiro Mitógrafo, que foi o objeto dessa pesquisa. Ademais, relatamos os principais autores que serviram de fonte para a composição das narrativas mitológicas; discutimos sobre a tradição manuscrita, em que evidenciamos a descrição do manuscrito que aparece os mitos do Livro I; e a tradição impressa da obra, descrevendo as edições e traduções existentes do Primeiro Mitógrafo.

Logo após a discussão acerca dos Mitógrafos do Vaticano, expomos nosso processo e escolhas tradutórias que foram agenciadas ao longo da tradução. Além do mais, apresentamos a tradução propriamente dita acompanhada do texto em latim, ou seja, o texto de partida. Como já mencionado, elegemos a edição crítica de Zorzetti e

Berlioz, que conta com a tradução realizada por Jacques Berlioz e com notas produzidas por Nevio Zorzetti, elementos que contribuíram para nossa tradução. Além do mais, outras traduções também foram acionadas, principalmente para a produção da notas explicativas que foram compostas a partir das duas edições francesas: a edição crítica dos autores supramencionados e a tradução de Philippe Dain, de 1995. Quanto à consulta de outras fontes, também utilizamos a edição de Péter Kulcsár, de 1987, e a tradução de *O livro das Mitologias de Fulgêncio*, de José Amarante, de 2019.

Sobre nossa tradução, podemos dizer que tivemos algumas dificuldades durante o processo tradutório por conta de o texto parecer uma “colagem” ou melhor um “mosaico”. O Primeiro Mitógrafo, para a construção de sua narrativa, faz uso de várias fontes em uma única narrativa, o que, muitas vezes, torna o texto difícil; em outros momentos, apresenta lacunas ou acréscimos para manter a relação temática entre as narrativas. Apesar dessas dificuldades durante o processo tradutório, procuramos realizar uma tradução levando em consideração o estilo do autor. Nos momentos de maior dificuldade para a tradução de determinadas estruturas, que nos exigiu uma atenção mais acurada, consultamos outras traduções do Livro I do *Primeiro Mitógrafo*, em outras línguas, para observar como os outros tradutores lidaram com essas dificuldades, para assim poder tomar uma posição diante de nossa tradução.

Assim, acreditamos que o objetivo a que nos propusemos foi alcançado e esperamos que esse trabalho sirva para dar acesso aos leitores de língua portuguesa à leitura de uma obra pouco conhecida no nosso país, bem como para fomentar outras traduções, a fim de suplementar as traduções existentes do Livro I do *Primeiro Mitógrafo* e dos demais Mitógrafos do Vaticano. Esta dissertação, portanto, quer se configurar como uma contribuição, pequena que seja, para possíveis futuros trabalhos a serem desenvolvidos na área de Estudos Clássicos no Brasil, em especial na Universidade Federal da Bahia.

Referências

AGAMBEN, G. **O que é contemporâneo?** Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009, p. 55-73.

ALGANZA ROLDÁN, M. La mitografía como género de la prosa helenística: Cuestiones previas. **Florentia Iliberritana**, n. 17, p. 9-37, 2006.

ALMEIDA, S. P. S. N. A “**Expositio sermonum antiquorum**” de **Fulgêncio, o mitógrafo**: estudo introdutório, tradução e notas. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. Salvador-Bahia, 2018.

AMARANTE, J. **O livro das mitologias de Fulgêncio**: os mitos clássicos e a filosofia moral cristã. Salvador: EDUFBA, 2019.

APOLODORO. **Apollodorus, The Library, with an English Translation by Sir James George Frazer** (includes Frazer's notes). F.B.A., F.R.S. Vol. 2. Cambridge, MA, Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd., 1921.

APOLODORO. **Biblioteca**. Introdução de Javier Arce, tradução de Margarita R. Sepúlveda. Madri: Editorial Gredos, 1995 (Biblioteca Clásica Gredos, 85)*.

BASILE, B. **Mitografi Vaticani**: cento “fabulae”, a cura di Bruno Basile. Roma: Carocci, 2013.

BENJAMIN, W. **Escritos sobre mito e linguagem** (1915-1921). São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2011.

BETTINI, M. “As reescritas do mito”. In: CAVALLO, G., FEDELI, P., GIARDINA, A. **O espaço literário da Roma Antiga**: a produção do texto. Vol. I. Tradução de Daniel Peluci Carrara e Fernanda Messeder Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010, p. 19-39.

BODE, G. H. (ed.). **Scriptores rerum mythicarum latini tres Romae nuper reperti**. 2 vol. Cellis: Impensis E. H. C. Schulze, 1834 (repr. Hildesheim: Georg Olms, 1968).

BÖLTING, R. **Dicionário Grego-Português**. Fac-símile da edição de 1941. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1953.

BRANDÃO, J. L. As Musas ensinam a mentir (Hesíodo, Teogonia, 27-28). In: **Ágora. Estudos Clássicos em Debate**. Vol. 2, Belo Horizonte: UFMG, p. 7-20, 2000.

BRISSON, L. **Introdução à filosofia do mito**. 2ª ed. Tradução de José Carlos Baracat Junior. São Paulo: Paulus, 2014.

CABRAL, L. A. M. **A Biblioteca do Pseudo Apolodoro e o estatuto da mitografia**. Tese (doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2013.

CAMPANHOLO, P. O. **Os Comentários de Sérvio Honorato ao “Canto VI” da Eneida**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CARVALHO, L. H. R. A. **Elementos de permanência do gênero silva da Antiguidade romana à Modernidade espanhola: Estácio e Quevedo (sécs. I-XVII)**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2018.

DAIN, Ph. **Mythographes du Vatican I. Traduction et commentaire** Ph. Dain. Besançon: Université de Franche-Comté, 1995, p. 5-245. (Annales littéraires de l'Université de Besançon, 579).

DUARTE, A. S. A Revolução da escrita na Grécia e suas conseqüências culturais. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, Vol. 2, n. 2, p. 205-206, 1998.

FARIA, E. **Dicionário Latino-Português**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1962.

FRANCO DURÁN, M. J. Los manuales mitográficos medievales como fuente de transmisión de las fábulas antiguas. Münster Universität. **Scriptura** 13, p. 139-149, 1997.

FURLAN, M. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: I. Os Romanos. **Cadernos de Tradução**, Vol. 2, n. 8, p. 11-28, 2001.

GENTZLER, E. Desconstrução. In: GENTZLER, E. **Teorias contemporâneas da tradução**. Tradução de Marcos Malevezzi. 2ª ed. São Paulo: Madras, 2009, p. 182-207.

GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Tradução de Victor Jabouille. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

GRIMAL, P. **Dicionário da mitologia grega e romana (DMGR)**. Tradução de Victor Jabouille. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

GUIDORIZZI, G. Introduzione. In: APOLLODORO. **Biblioteca**. Milano: Adelphi Edizioni, p. IX-XLVI, 1995.

HESÍODO. **Teogonia: A origem dos deuses**. Edição revisada e acrescida do original grego. Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminarius, 1991.

HOMERO. **Iliada**. Traducción, prólogo y notas de Emilio Crespo Güemes. Sánchez Pacheco. Madrid: Gredos, 1996.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

HORACE, Odes. **Texte établi et traduit par Francois Villeneuve**. Introduction et notes d'Odile Ricoux. Deuxième tirage. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

HYGIN. Fables. **Texte établi et traduit par Jean-Ynes Boriaud**. Troisième tirage. Paris: Les Belles Lettres, 2012.

IGLESIAS, R. M.; ÁLVAREZ, M. C. Los manuales mitológicos del Renacimiento. **Auster**, n. 3, p. 83-99, 1998.

JAKOBSON, R. Aspectos lingüísticos da tradução. In: **Lingüística e comunicação**. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2003, p. 63-72.

JUAN SEZNEC. **Los dioses de la Antigüedad em la Edad media y el Renacimiento**. Tradução de Juan Aranzadi. Madrid: Taurus Edições, 1983.

KULCSÁR, P. (ed.). **Mythographi Vaticani I et II**. Turnhout: Brepols, 1987.

LAGES, L. Apontamentos acerca da Biblioteca de Apolodoro. In: AMARANTE, J.; LAGES, Luciene. **Mosaico Clássico: variações acerca do mundo antigo**. Salvador: UFBA, p. 79-91, 2012.

LEITE, L. R. Silvas em três tempos: emulação e engenho em estácio, poliziano. **Alea: Estudos Neolatinos**, Vol. 19 n. 3, p. 525-537, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alea/v19n3/1807-0299-alea-19-03-525.pdf>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2020.

MAGNUS, Hugo. **Metamorphoseon Libri XV: Lactanti Placidi qui dicitur narrationes fabularum ovidianarum**. Alemanha, Berolini: Apud Weidmannos, 1894.

MAI, A. **Classicorum Auctorum E Vaticanis Codicibus Editorum, tomus 3**: complectens Mythographos tres, Fabulas Phaedri ut aiunt novas, Boethii Opuscula duo, Cassiodorii supplementum, Epigrammata vetera, Geographum veterem, Gargilii Martialis Fragmentum de Pomis, Placidi Glossas, et alia quaedam. Roma: Typis Vaticanis, 1931.

MAURUS, S. H. **In Vergilii carmina comentarii. Servii Grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii; recensuerunt Georgius Thilo et Hermannus Hagen**. Georgius Thilo. Leipzig: B. G. Teubner, 1881.

MOREIRA, R. O. **A exposição dos conteúdos de Virgílio, de Fulgêncio**: estudo introdutório e tradução anotada. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2018.

MOURA, F. M. **O apelo e a unidade épica na Tebaida de Estácio**. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

OVÍDIO. **As Metamorfoses**. Tradução de Antônio Feliciano de Castilho. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1959.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução e notas de Bocage. São Paulo: Hedra, 1959.

PEPIN, R. E. **The Vatican mythographers**. New York: Fordham University Press, 2008.

QUETGLAS NICOLAU, P. J. La filologia Latina. In: QUETGLAS NICOLAU, P. J. **Elementos básicos de filología e lingüística latinas**. Barcelona: Publicações i edicions de la Universitat de Barcelona, 2006, p. 13-44.

PIACENTE, L. H. **O encontro do cristianismo com a cultura clássica**: a questão em Irineu de Lião. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Campinas: PUC – Campinas, 2019.

PLINIUS S. G. C. **Plinii Secundi Naturalis Historiae Libri XXXVII - Naturkunde. Lateinisch-deutsch. Buch I: Widmung, Inhaltsverzeichnis, Zeugnisse, Fragmente**. V.1. München und Zürich: Heimeran und Artemis & Winkler, 1997.

PLINIUS SECUNDUS, G. C. **Plinii Secundi Naturalis Historiae Libri XXXVII - Naturkunde. Lateinisch-deutsch. Buch II: Widmung, Inhaltsverzeichnis, Zeugnisse, Fragmente**. V. II. München und Zürich: Heimeran und Artemis & Winkler, 1997.

PORTO, E. **Dicionário de Latim Português**. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 2001.

QUINET, A.; HARVAT P. Prometeu entre dois mitos: tragédia e psicanálise. **Phoénix**. Rio de Janeiro, 19-2, p. 85-106, 2013.

ROCHA, E. **O que é mito**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

RODRIGUES, C. C. Literatura e tradução. In: RODRIGUES, C. C. **Tradução e diferença**. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 97-161.

RUIZ DE ELVIRA, A. **Mitología clásica**. 2ª ed. Madrid: Gredos, 1982.

RUIZ DE ELVIRA, A. Estado actual de los estudios de mitología: análisis mitográfico y síntesis mitológica. **Actas del III congreso espanhol de estudios clássicos**, p.142-172, 1996.

RUTHVEN, K. K. **O mito**. Tradução de Esther Eva Horivitz de Beermann. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SARAIVA, F. R. S.; QUICHERAT, L. M. **Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.**, no qual são aproveitados os trabalhos de filologia e lexicografia mais recentes. 12^a ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Garnier, 2006.

STATIUS. **Stattus With an English translation by J. H. Mozley M. A.** In two volumes. Vol. I. Silvae et Thebaid I-IV. London: William Heinemann LTD. New York: G. P. Putnam's Sons, 1928.

STATIUS. **Stattus with an English translation by J.H. Mozley, M.A.** In two volumes. Vol. II. Thebaid V-XII et Achilleid. London: William Heinemann LTD. New York: G. P. Putnam's Sons, 1928.

TALAVERA ESTESO, F. Tradición clásica y mitografía: pervivencia del mito de Cibele em algunos textos latinos de la Edad Media del Renascimento. Universidad de Málaga. **Revista de Estudos Latinos (RELat)**, Vol. 5, p. 225-244, 2005.

ThLL. **Thesaurus linguae Latinae**. Lipsiae: In aedibus B.G. Teubneri, 1904-.

TIGGES JÚNIOR, P. R. **História, memória e identidade no século IV d.C.: Lactância e a ação da Providência na construção de uma ordem política cristã**. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2007.

THOMAS, R. Poesia Oral. In: THOMAS, Rosalind. **Letramento e oralidade na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2005, p. 41-70.

VENUTI, L. A formação de identidades culturais. In: VENUTI, L. **Escândalos da tradução**. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. Bauru, São Paulo: EUSC, 2002, p. 129-165.

VERNANT, J. P. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. Tradução de Joana Angélica D'Avila Melo. 2^a ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

VIRGÍLIO; GREENOUGH, J. B. **The Bucolics, Aeneid, and Georgics Of Vergil**. Boston: Ginn & Co, 1900.

WENDEL, C. Mythographie, **RE XVI**, 2, cols. 1352-1374, 1935.

ZORZETTI, N.; BERLIOZ, J. **Premier Mythographe du Vatican** texte établi par N. Zorzetti et traduit par J. Berlioz. Paris: Les Belles Lettres, 1995.

ZORZETTI, N.; BERLIOZ, J. **Primer Mythographe du Vatican**, texte établi par N. Zorzetti et traduit par J. Berlioz. 2^a ed. Paris: Les Belles Lettres, 2003.